

U. PORTO



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

O Modelo de jogo enquanto referencial orientador da tomada de decisão do jogador de Futebol

Estudo da congruência da transição defesa-ataque da equipa do
FC Porto a partir das perspectivas do treinador Jesualdo Ferreira
e do jogador Lucho González

António Manuel Pereira Costa Dias

Porto, Outubro 2009

O Modelo de jogo enquanto referencial orientador da tomada de decisão do jogador de Futebol

Estudo da congruência da transição defesa-ataque da equipa do FC Porto a partir das perspectivas do treinador Jesualdo Ferreira e do jogador Lucho González

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Alto Rendimento opção de Futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Orientador: Prof. Doutor Júlio Garganta

António Manuel Pereira Costa Dias

Porto, 2009

Dias, A. (2009). O Modelo de jogo enquanto referencial orientador da tomada de decisão do jogador de Futebol. Estudo da congruência da transição defesa-ataque da equipa do FC Porto a partir das perspectivas do treinador Jesualdo Ferreira e do jogador Lucho González. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-Chave: FUTEBOL, MODELO DE JOGO, TRANSIÇÃO DEFESA-ATAQUE, TOMADA DE DECISÃO, TAREFAS INDIVIDUAIS.

Agradecimentos

Algumas pessoas contribuíram para que esta monografia passassem de uma simples ideia a um projecto realizado e, como tal, não poderia deixar de referenciar:

Ao Professor Júlio Garganta pela forma como me ajudou ao longo destes últimos anos a manter viva a intenção e a motivação para terminar este prolongado trabalho. Pela incansável disponibilidade para me ouvir e orientar em muitos dos desafios profissionais com que me venho deparando.

Ao Treinador Jesualdo Ferreira e ao Lucho González pela forma apaixonada e aprofundada com que se disponibilizaram a partilhar os seus conhecimentos e as suas concepções quase até à exaustão! O meu obrigado acima de tudo mais pelos constantes ensinamentos do que é estar, treinar e viver no futebol com excelência.

Ao Luís André por ter percorrido este longo caminho comigo, ajudando a abrir muitas portas do conhecimento, lançando dúvidas, colocando questões, enfim, fomentado um permanentemente imensurável desejo de aprender.

Ao Professor Amândio pela ajuda e amabilidade preciosa, imprescindíveis para a elaboração do estudo.

Ao Professor Cruz pela sua muito particular capacidade de transformar os problemas em soluções.

Ao João pela disponibilidade e capacidade para ajudar, terei todo o gosto de pagar o prometido...

Ao Luís, à Li, à Daniela e ao Raul, e muito especialmente aos “Quadras” pela dedicação e disponibilidade com que contribuíram para este trabalho.

A todos os meus amigos que me ajudaram a percorrer o meu caminho e a crescer ao longo desta sonhadora vida, mais do que os agradecimentos, lanço-lhes o desafio de continuarem a estar presentes, a partilharem comigo as suas alegrias e a reflectirem em mim as suas vidas. Obrigado “Quadras”.

Ao Mário, por tão fiel prova de amizade, fico-te em dívida!

À minha sempre presente família(s) gostaria de agradecer o apoio incondicional bem como a compreensão e o amor transmitidos pela alegria de viver.

E em último e por ser sempre a primeira, à Xana, estrela que brilha forte em mim, consagrando-me a essência e a chama, com que me guia quando o caminho se perfila obscuro, brilhando com mais encanto, mais calor e tão... perto...

A todos, o meu OBRIGADO por toda a ajuda prestada e pelo carinho que me ofereceram dia após dia.

Índice Geral

Agradecimentos.....	III
Índice Geral.....	V
Índice de figuras.....	IX
Resumo	XIII
Abstract.....	XV
Résumé.....	XVII
Lista de Abreviaturas/Legenda	XIX
Ponto prévio.....	XXI
1. Introdução.....	1
2. Revisão da Literatura.....	7
2.1. Da dimensão tática como dominante no jogo de Futebol à Tomada de Decisão.....	7
2.2. Decidir em jogo.....	9
2.2.1. O estudo da tomada de decisão.....	17
2.2.1.1. Tomar decisões em situações reais significativas e familiares.....	20
2.2.1.2. <i>Recognition-primed decision making (RPD)</i>	27
2.3. O modelo de jogo, elemento constituinte da base de sustentação para tomar decisões num contexto de dinâmica relacional colectiva.....	36
2.3.1. A comunicação em acção, os princípios de jogo, regras base de coordenação/gestão.....	39
2.3.2. A comunicação através da acção em jogo: Jogar em Equipa tendo como horizonte comum o modelo de jogo.....	43
2.3.3. Modelo de jogo, uma concepção do treinador reconstruída e enriquecida com os seus jogadores, equipa, treino e competição.....	45
2.3.4. Do modelo de jogo à construção “da equipa do treinador”.....	47
2.3.5. A interacção de macro-estruturas enquanto indutoras da dinâmica do jogo de Futebol.....	52
2.3.5.1. Macro-estrutura Espaço.....	53
2.3.5.2. Macro-estrutura Tempo.....	54
2.3.5.3. Macro-estrutura Tarefa.....	56
2.3.6. Fases/momentos do jogo.....	57

3. Metodologia	61
3.1. Procedimentos Metodológicos.....	61
4. Apresentação e discussão dos resultados	67
4.1. Interdependência dos diferentes momentos/fases do jogo.....	67
4.2. “Defender bem para atacar bem”	68
4.3. “Princípios que suportam o método defensivo”.....	71
4.3.1. “O que é a zona?”.....	74
4.4. “Transição defesa-ataque.”.....	89
4.4.1. “Transição é apenas a definição de momentos”.....	93
4.4.2. “Diminuir o tempo de transição”.....	95
4.4.3. No momento da transição é fundamental ter os jogadores bem posicionados.....	104
4.4.4. “Há espaços no jogo que só o jogo os vai definir”.....	109
4.4.5. Condicionantes da transição.....	116
4.4.5.1. Ganhar a bola por pressão ou por intercepção implica comportamentos diferentes.....	117
4.4.5.2. Recuperar a bola em diferentes zonas tem diferentes implicações.....	121
4.5. “Se na intercepção o adversário está fechado (...) terei de fazer qualquer coisa de diferente (...) jogar no controlo”.....	124
4.6. “A forma de atacar bem”.....	127
4.7. No momento em que se perde a bola é vital diminuir o tempo em que a equipa reagrupa.....	135
4.8. Bolas Paradas/ Esquemas tácticos.....	137
4.8.1. Bolas Paradas/ Esquemas tácticos Defensivos.....	138
4.8.2. Bolas Paradas/ Esquemas tácticos Ofensivos.....	139
4.9. Pressupostos para as tarefas de Lucho González e possíveis indicadores para decidir no momento da transição defesa-ataque?.....	140
4.9.1. A importância do posicionamento defensivo.....	143
4.9.2. “Os movimentos de Lucho González no momento em que a equipa ganha a bola”.....	146
4.9.2.1. Indicadores para decidir - Espaços livres.....	148
4.9.2.2. Indicadores para decidir – A segurança.....	158
4.9.2.3. Indicadores para decidir – A Criatividade.....	159

4.9.2.3.1. A Criatividade – As características individuais de Lucho González	160
4.9.2.3.2. O jogar de Lucho González em função das características dos colegas.....	163
4.9.2.3.3. A Criatividade - Decidir pela 1ª boa ou pela melhor opção ou.....	168
4.9.2.3.4. A Criatividade - Restrições induzidas pela “pressão”.....	170
4.10. Exemplos de abordagens estratégicas perante diferentes adversários.....	172
5. Conclusões.....	177
6. Sugestões para futuros estudos.....	181
7. Referências Bibliográficas.....	183
8. Anexos.....	XXVII
Anexo I - Guião da Entrevista ao treinador Jesualdo Ferreira.....	XXIX
Anexo II -Transcrição da Entrevista realizada a Lucho González.....	XXXV

Índice de figuras

Figura 1. Tipos de tomada de decisão e seus componentes cognitivos correspondentes (Adaptado de Tenenbaum, 2003)	11
Figura 2. Versão integrada do modelo RPD (Adaptado de Klein, 1998).....	31
Figura 3. Modelo avançado de tomada de decisão em equipa (Adaptado de Klein, 1998)....	48
Figura 4. Defender bem para atacar melhor (TJF).....	70
Figura 5. Movimentação colectiva defensiva em função do lado da bola (TJF).....	72
Figura 6. Regra de acção dos centrais perante movimentos de ruptura (TJF).....	74
Figura 7. Regra de acção dos centrais perante movimentos entre-linhas (TJF).....	75
Figura 8. Movimento tipo dos avançados do Atlético de Madrid (TJF).....	75
Figura 9. Erro de leitura dos centrais no jogo contra o Atlético de Madrid (TJF).....	76
Figura 10. Referências de posicionamento defensivo dos centrais e médio defensivo (TJF).....	76
Figura 11. Perda de posicionamento defensivo por parte do defesa central (TJF).....	77
Figura 12. Coberturas defensivas da defesa em triângulos (TJF).....	77
Figura 13. Acompanhamento dos movimentos de ruptura por parte do lateral (TJF)..	78
Figura 14. Posicionamentos defensivos dos médios (TJF).....	80
Figura 15. Acção defensiva desajustada de um médio interior (LG).....	81
Figura 16. Ajudas defensivas que são correcções (TJF).....	82
Figura 17. Defender respeitando triângulos defensivos (TJF).....	84
Figura 18. Movimentos para pressionar defensivamente (LG).....	87
Figura 19. Exploração de espaços preparados ofensivamente (TJF).....	90
Figura 20. Princípio defensivo mais importante: concentração (TJF).....	91
Figura 21. Protecção do eixo frontal (TJF).....	92
Figura 22. Recepção orientada (TJF).....	98
Figura 23. Espaços preparados ofensivamente (TJF).....	101
Figura 24. Jogadores melhor posicionados para atacar no momento da recuperação da posse de bola (TJF).....	102
Figura 25. Ideia de recuperar a bola num lado e procurar sair pelo outro (TJF).....	103
Figura 26. Posicionamento do ala no momento da recuperação da posse de bola (TJF).....	104
Figura 27. Implicações de diferentes posicionamentos do ala no momento da recuperação da posse de bola (TJF).....	105
Figura 28. Movimentos do ala a partir do posicionamento pretendido no momento da recuperação da posse de bola (TJF).....	106

Figura 29. Limitação no desenvolvimento da transição defesa-ataque pelo incumprimento do posicionamento pretendido para o ala (TJF).....	107
Figura 30. Conceito de largura no ataque (TJF).....	107
Figura 31. Espaço decisório mais utilizado (TJF).....	109
Figura 32. Exemplo 1 de leitura no espaço decisório mais utilizado (TJF).....	112
Figura 33. Exemplo 2 de leitura no espaço decisório mais utilizado (TJF).....	112
Figura 34. Exemplo 3 de leitura no espaço decisório mais utilizado (TJF).....	113
Figura 35. Importância das características dos jogadores envolvidos na transição defesa-ataque (LG).....	113
Figura 36. O resto do campo é a zona privilegiada para jogar (TJF).....	115
Figura 37. Ganho por pressão (TJF).....	118
Figura 38. Ganho por pressão (i) (TJF).....	118
Figura 39. Ganho por interceptação (TJF).....	119
Figura 40. Ganho por interceptação (i) (TJF).....	119
Figura 41. Ganho por pressão – progredir (TJF).....	120
Figura 42. Implicações de recuperar a posse de bola em diferentes zonas (TJF)....	122
Figura 43. Leitura dos espaços após recuperação no meio campo ofensivo (TJF)...	123
Figura 44. Jogadores fundamentais para sair após recuperação no corredor lateral da zona defensiva (TJF).....	124
Figura 45. Jogadores bem posicionados mas sem espaço para jogar no momento da transição defesa-ataque (TJF).....	127
Figura 46. Possíveis movimentos do LG após recuperação de Sapunaru no corredor lateral em zona defensiva (TJF).....	128
Figura 47. Triângulo como referência para os posicionamentos ofensivos dos médios (TJF).....	129
Figura 48. Quebrar linhas (TJF).....	130
Figura 49. Quebrar linhas (i) (TJF).....	130
Figura 50. Movimento tipo do Lisandro em zona de finalização (LG).....	131
Figura 51. Ocupação das zonas de finalização (TJF).....	131
Figura 52. Ocupação das zonas de finalização (i) (TJF).....	132
Figura 53. Atacar contra defesa individual (TJF).....	134
Figura 54. Exploração do jogo exterior (TJF).....	135
Figura 55. Garantir a transição defensiva enquanto em posse de bola (TJF).....	136
Figura 56. Livres laterais em situação defensiva (TJF).....	138
Figura 57. Livres laterais em situação defensiva (TJF).....	139
Figura 58. Cantos em situação ofensiva (TJF).....	140
Figura 59. Posicionamento defensivo de LG (TJF).....	144

Figura 60. Posicionamento defensivo de LG (i) (TJF).....	145
Figura 61. Posicionamento defensivo de LG (ii) (TJF).....	145
Figura 62. Indicadores para descobrir as situações mais favoráveis (TJF).....	147
Figura 63. Espaços a explorar por LG no momento da transição defesa-ataque (TJF).....	148
Figura 64. Espaços a explorar por LG no momento da transição defesa-ataque (i) (TJF).....	149
Figura 65. Espaços a explorar por LG no momento da transição defesa-ataque (ii) (TJF).....	149
Figura 66. Espaços a explorar por LG no momento da transição defesa-ataque (iii) (TJF).....	150
Figura 67. Espaços a explorar por LG no momento da transição defesa-ataque (LG).....	150
Figura 68. Princípios de acção entre o extremo e LG após recuperação de Sapunaru no corredor lateral no meio campo defensivo (TJF).....	151
Figura 69. Princípios de acção entre o extremo e LG após recuperação de Sapunaru no corredor lateral no meio campo defensivo (i) (TJF).....	152
Figura 70. Princípios de acção entre o extremo e LG após recuperação de Sapunaru no corredor lateral no meio campo defensivo (ii) (TJF).....	152
Figura 71. Princípios de acção entre o extremo e LG após recuperação de Sapunaru no corredor lateral no meio campo defensivo (iii) (TJF).....	153
Figura 72. Movimento de LG na procura de largura. (TJF).....	153
Figura 73. Espaços a explorar por LG no momento da transição defesa-ataque (i) (LG).....	154
Figura 74. Exploração do jogo exterior (i) (TJF).....	155
Figura 75. Espaços a explorar por LG no momento da transição defesa-ataque (ii) (LG).....	156
Figura 76. Coordenação da diagonal de LG e o passe de Raul Meireles.....	164
Figura 77. A forma de LG jogar em função das características dos colegas (LG)....	165
Figura 78. Restrições induzidas pela “pressão do jogo” (LG).....	171
Figura 79. Exemplos de abordagens estratégicas – Benfica (TJF).....	173
Figura 80. Exemplos de abordagens estratégicas – Atlético de Madrid (TJF).....	173
Figura 81. Exemplos de abordagens estratégicas – Manchester United (TJF).....	174
Figura 82. Exemplos de abordagens estratégicas – Manchester United (i) (TJF)....	175
Figura 83. Exemplos de abordagens estratégicas – Manchester United (ii) (TJF)....	175
Figura 84. Exemplos de abordagens estratégicas – Manchester United (iii) (TJF)....	176

Resumo

A evolução do Futebol patenteia um aumento da intensidade do jogo que se reflecte na redução do tempo e do espaço disponível para os jogadores tomarem decisões. Como tal, a capacidade de tomar decisões de forma rápida e taticamente ajustada, tendo em conta os contextos do jogo e o modo como se pretende que a equipa jogue (modelo de jogo), é apontada como uma característica dos melhores jogadores.

O presente estudo foi desenvolvido com o intuito de perceber a forma como um jogador perito percebe as suas estratégias para decidir em jogo e a importância que o modelo de jogo poderá ter na orientação das suas decisões. Neste sentido, procurou-se compreender o modelo de jogo desenvolvido para uma equipa de topo, explorando as concepções do seu treinador e a percepção que um dos seus jogadores tem desse modelo, mais especificamente no que respeita às suas tarefas e à forma como deve decidir no momento da transição defesa-ataque.

Para além de uma pesquisa bibliográfica e documental, recorreu-se à realização de entrevistas semi-estruturadas ao treinador Jesualdo Ferreira e ao jogador Lucho González, ambos do FC Porto.

De forma conclusiva, é possível destacar os seguintes aspectos: (i) a concepção do treinador entrevistado decorre de uma ideia de jogo bem definida que estrutura todo o jogo da equipa, dando nexos à definição dos princípios estruturantes que integram o modelo de jogo para a equipa; (ii) o jogador estudado revelou uma percepção muito aproximada dessa ideia e da maioria dos princípios preconizados e revelados pelo treinador; (iii) foi possível perceber um conjunto de regras de gestão e de princípios de acção com carácter mais vinculativo quando associados ao jogo defensivo e com maior flexibilidade quando associados ao jogo ofensivo. Ainda no que concerne ao jogador em estudo foi identificada, para o momento da transição defesa-ataque, a concepção de respostas-tipo em função de contextos-tipo de jogo, o que se afigura compaginável com o modelo *Recognition Primed Decision Making* expresso na revisão da literatura.

Palavras-Chave: FUTEBOL, MODELO DE JOGO, TRANSIÇÃO DEFESA-ATAQUE, TOMADA DE DECISÃO, TAREFAS INDIVIDUAIS

Abstract

Football's evolution displays an increase in the game's intensity, which reflects itself on the time's reduction and space's availability for players to make decisions. So, the ability to make decisions, both quickly and tactically adjusted, bearing in mind the match's contexts and the way it is supposed for the team to play (game's model), is seen as a characteristic of the best of players.

The present study was developed aiming to understand the manner how an expert player foresees his strategies to decide, while playing, and the importance that the game's model can have in the orientation of his decision-making.

Therefore, we aimed to understand the game's model developed for a top team, exploring its coach's conceptions and the perception that one of its players has of that same model, more specifically in what concerns his tasks and the way he should decide in the transition moment from defense to attack.

Besides having done a bibliographic and documental research, we have made semi-structured interviews to Coach Jesualdo Ferreira and to the player Lucho González, both from FC Porto.

In a conclusive way, it is possible to enhance the following aspects: (i) the interviewed coach's conception comes from a well defined idea of the game, which structures the team's whole game, making thus sense of the structural principles that integrate the team's game model; (ii) the studied player revealed a very close perception of that same idea and of the main principles revealed and defended by the coach; (iii) it was possible to understand a range of management rules and action principles with more vinculative character, when associated to the offensive game. Still, concerning the player in question, it has been identified, for the moment of the transition defense-attack, the presence of model-answers in function of model-contexts of the game, which complies with the model *Recognition Primed Decision Making* expressed in literature review.

Key-words: FOOTBALL, GAME MODEL, DEFENCE-ATTACK TRANSITION, DECISION MAKING, INDIVIDUAL TASKS

Résumé

L'évolution du jeu de football révèle une augmentation de l'intensité du jeu qui se reflète dans la diminution du temps et de l'espace disponibles pour que les joueurs prennent des décisions. Ainsi, la capacité de prendre des décisions rapides et tactiquement ajustées, tenant compte des contextes du jeu et de la façon dont on veut que l'équipe joue (modèle du jeu), est considérée comme une caractéristique des meilleurs joueurs.

Nous avons développé cette étude dans le but de comprendre la façon dont un joueur expert perçoit ses stratégies de décision pendant le jeu, ainsi que l'importance que le type de jeu peut avoir dans l'orientation de ses décisions. Dans cette intention, nous avons cherché à comprendre le type de jeu développé pour une équipe de pointe, en exploitant les conceptions de son entraîneur ainsi que la perception qu'un de ses joueurs a de ce modèle (de jeu), insistant plus particulièrement sur ses tâches et sur la façon dont il doit décider au moment de la transition défense-attaque.

D'une part, nous avons fait une recherche bibliographique et documentaire, et d'autre part, une interview semi-structurée avec le professeur Jesualdo Ferreira, entraîneur-chef du Club de Football de Porto, ainsi qu'avec Lucho Gonzalez, joueur du Club de Football de Porto.

En conclusion, nous mettons en évidence les aspects suivants: la conception du jeu de l'entraîneur interviewé provient d'une idée du jeu bien définie qui structure tout le jeu de l'équipe, donnant suite à la définition des principes structurants qui intègrent le modèle de jeu pour l'équipe; le joueur analysé a révélé une perception très proche du modèle conceptuel envisagé par l'entraîneur et de la plupart des principes promulgués et mis au point par lui; il a été possible de constater un ensemble de règles et de principes d'action plus serrés associés au jeu défensif et plus souples associés au jeu offensif. Par ailleurs, en nous basant sur le joueur étudié, nous avons identifié la conception de réponses-type selon le contexte-type de jeu au moment de la défense-attaque, ce qui semble compatible avec le modèle de la *Recognition Primed Decision Making* tel qu'il paraît dans la révision de la littérature.

Mots-clés: FOOTBALL, MODÈLE DE JEU, TRANSITION DÉFENSE-ATTAQUE, PRISE DE DÉCISION, TÂCHES INDIVIDUELLES

Lista de Abreviaturas/Legenda

JDC - Jogos Desportivos Colectivos

TDC - Tomada de Decisão Clássica

TDN - Tomada de Decisão Naturalista

RPD - Recognition-Primed Decision Making (Tomada de Decisão por Reconhecimento de Situações/Padrões)

TJF - Treinador Jesualdo Ferreira

LG - Lucho González

→ Passe

----> Movimento sem bola

~> Condução de bola

● Jogador do FC Porto

● Jogador da equipa adversária

⚽ Bola

Ponto prévio

Gelsenkirchen, vinte e seis de Maio de 2004, Final da Liga dos Campeões. F.C. Porto vencedor da última edição da Taça UEFA defronta o Mónaco, campeão francês. Joga-se n' O Arena Auf Schalke, um estádio moderno e envolvente, vestido a rigor; metade de vermelho, outra metade de azul e branco, as cores dos adeptos que lhe emprestam beleza e euforia transpirando uma enorme sede de conquistar o tão sonhado Troféu...

Estão 70' e 3" jogados, a equipa Portuguesa vence por 1 a 0. O Campeão francês tem, nos últimos minutos, assumido o jogo na busca do tão importante golo do empate. Morientes, jogador do Mónaco, depois de uma boa recepção, tem a bola perfeitamente controlada e, em condução na zona central, já no meio campo defensivo do F.C. do Porto, encaminha-se para a entrada da grande-área. O Jornalista da R.T.P.1 que acompanha o jogo em directo afirma: "*O Mónaco está a arriscar muito*" e continua sugerindo: "*Se o Porto conseguisse ter alguns momentos de tranquilidade e Posse de Bola poderia fazer movimentos de ruptura...*" O seu raciocínio é subitamente interrompido! 70' e 8" Pedro Mendes faz um *tackle* com o pé direito e rouba a bola a Morientes. Dá um toque suave no esférico que o colocou jogável, bem ao jeito do pé direito do seu companheiro de equipa Jorge Costa (70' e 7"). Este encontra-se colocado de frente para a baliza adversária, não tendo nenhum adversário muito próximo, o que lhe dá tempo e espaço para decidir onde e como vai querer que a sua equipa saia a jogar após a recuperação de mais uma posse de bola.

E Deco, onde está ele? *É Jogador de qualidade soberba conhecido e reconhecido no Porto, em Portugal, bem como a nível internacional. Famoso pela sua qualidade, pela qualidade que dá ao jogo, pelo ritmo alto que impõe nas partidas mas, acima de tudo, fruto dos momentos de magia que elevam o valor estético do jogo e enchem de satisfação e orgulho os adeptos da sua equipa.*

Neste jogo, para além da vitória, perseguia certamente outros objectivos, ainda que secundários ou até mesmo subconscientes: procurava uma afirmação, uma vitória pessoal, queria revelar-se, de uma vez por todas, como um Mágico (futebolístico) ao mundo.

Eram seguramente muitos os milhões de espectadores espalhados por todo o Globo que assistam a esta final. Ele teria nos seus pés a possibilidade de, com um

bom jogo nesta final vir a ser, tal como sucedeu, o melhor jogar da competição, relançando a sua carreira profissional e financeiramente para outros patamares, bem mais elevados e dignos da sua excelência futebolística.

Dele sempre se espera e neste jogo muito em particular se ansiava que fizesse o inesperado, tirasse uns coelhos da cartola e, num dos seus rasgos de lucidez mágica fundida com criatividade, resolvesse o jogo, a Final, a Liga dos Campeões, a Época, um Ciclo... carimbando o nome do Clube na história do desporto mas, também, deixando uma assinatura de alegria, fervor e paixão no coração dos adeptos do F.C. Porto.

Onde está Deco? O que anda ele a fazer? O que inventará desta vez para ludibriar os adversários? Que caminhos vai percorrer para fazer chegar a chama, o calor do perigo, à baliza dos adversários e à alma dos seus adeptos?

Encontra-se na zona central ligeiramente descaído para o lado esquerdo, entre a grande área defendida pela sua equipa e o círculo central. Parece que pressente a recuperação.

O que faz ele no momento em que a bola vai para o Jorge Costa? Opta por ficar parado. Será que teve a clara percepção de que estava sozinho naquela posição e de que o seu colega tinha a linha de passe aberta? Talvez. Apenas parece adivinhar que a bola lhe vai chegar aos pés. Adota uma postura mais dinâmica.

Qual será o objectivo de Deco para esta Posse de Bola? O que será o pretendido pela equipa e qual a estratégia adoptada pelo treinador a aplicar no momento da recuperação da bola? Querá ele, o treinador e todos os seus jogadores, a sua equipa, manter o controlo da Posse de Bola e serenar o Jogo, tal como sugere o comentador? Ou privilegiará a aceleração do jogo, aproveitando uma eventual desorganização adversária na procura do segundo golo em Contra-ataque? O que irá Deco fazer com a bola? Vai passá-la de primeira para algum companheiro? Vai recebê-la para a conduzir? Como irá fazer a recepção? Pé direito ou pé esquerdo, parte interna ou externa, para onde a vai orientar? Para o corredor lateral direito, para o esquerdo, para a frente?

Acarinha a bola com um ligeiro toque de controlo com a parte exterior do seu pé direito já virado para o meio campo adversário, a bola rola para frente ficando com um vasto leque de opções.

O que vai fazer agora? Vai conduzir a bola? Para onde? Como? Acelerando o jogo ou temporizando? Vai passá-la? Para quem? Como?

Opta por dar um toque em progressão acelerando a sua velocidade de deslocamento. Está criada uma situação de 3x3, tem Alenichev à sua esquerda e Derlei à sua direita. 70' e 10" Quando já está próximo da bola para dar mais um toque, o defensor adversário que se encontrava mais à sua esquerda aproxima-se, tentando o duelo.

E agora? Vai evitar o adversário passando a bola a um colega? Para quem e como? Irá driblar o adversário, de que forma? Vai desacelerar o jogo procurando outra solução?

Dá mais um toque com o pé direito em progressão desviando ligeiramente para a direita, deixando o adversário nas suas costas e entrando no meio campo adversário.

Será que se apercebeu pela proximidade, trajectória, forma e velocidade de deslocamento do adversário que conseguiria, tão facilmente, ultrapassá-lo?

Está criada uma situação de três contra dois mais um com o terceiro defensor a perseguir Deco. A ocupação espacial relativa dos três atacantes do campeão português mantém-se. Deco no corredor central, Derlei na meia direita e Alenichev na zona interior do corredor lateral esquerdo. Avançam os três velozmente em direcção à baliza adversária. Ambos os defensores se encontram no corredor central e recuam.

E agora? Deco dá mais um toque atacando o espaço entre os dois defensores, entretanto o adversário que o perseguia encontra-se agora muito perto dele. Os seus colegas continuam abertos e com boas linhas de passe.

Vai tentar o lance individual aproximando-se para tentar o remate, vai passar para um dos seus colegas, para qual, para onde, para a frente, para trás? Irá tentar ganhar uma falta?

Estão jogados 70' e 12", antes que o adversário tenha tempo de tentar interceptar a bola ou fazer falta, Deco opta por passar a bola para Alenichev. Este recebe-a com a parte interior do seu pé esquerdo no preciso momento em que entra na grande-área pisando o seu canto direito.

O que vai Deco fazer? Vai parar para dar uma linha de passe de segurança para a manutenção da Posse de Bola? Vai procurar uma linha de passe para uma situação de finalização? Onde? Atacando o 1º Poste, o 2º, o espaço entre os 2 defesas? Como é que ele vai decidir? Estará definido pelo treinador? Terão esta situação treinada e rotinada? Será que a sua movimentação depende do que fizer o

seu companheiro em posse de bola ou o seu outro companheiro que já está dentro da área do lado oposto? Irá movimentar-se em função do que fazem os defensores adversários?

Alenitchev entra na área e, com os toques curtos que caracterizam a sua forma de conduzir a bola, aproxima-se de um dos defensores. Os outros dois adversários entram a grande velocidade na grande-área tal como Derlei que, ao levantar o seu braço direito, parece estar a solicitar um passe para a Zona do 2º Poste.

E Deco? Quando todos aceleram em direcção à baliza este parece ter decidido desacelerar de forma paciente, ficando para trás à entrada da área dentro da meia-lua.

70' e 16": Alenitchev parece aperceber-se que os três defensores estão alinhados e passa a bola a Deco, com o pé esquerdo, para que ele a receba já no interior da área, naquela que parece ser a zona de maior permeabilidade do adversário. Os defesas parecem ter sido apanhados em contra-pé no momento em que o passe foi feito. Tentam agora, todos eles, emendar os seus deslocamentos correndo na direcção de Deco.

O que vai ele fazer? Finalizar de 1ª com que pé e para onde? Vai tentar passar a bola a um dos seus colegas, a quem? Vai dominar a bola, como?

70' e 17": opta por fazer uma recepção com a parte interior do pé direito ficando com ela bem ao jeito do pé direito para um segundo toque de finalização, de condução, de drible ou de passe.

Vai tentar o golo?

Aproxima-se agora Maniche, aparece solto dentro da meia-lua ligeiramente atrás e à direita de Deco. Estão agora em vantagem numérica 4x3+G.R.

Ele opta por dar mais um toque, ajeitando ainda mais a bola, parece esperar algo, talvez espere pelo surgir de uma "clareira", do "buraco da agulha", por onde fazer chegar a bola ao fundo da tão almejada rede. Os três adversários aproximam-se, reduzindo cada vez mais o espaço, o tempo começa a escassear...

70' e 18": parece ter decidido. Vai rematar à baliza.

Será que já perdeu muito tempo? Como vai finalizar? Mais em força, mais em jeito, rasteiro, média altura... para a direita, para o centro, para a esquerda?

A forma como executa a fase preparatória do gesto de remate, balançando pronunciadamente a perna atrás e a forma como orienta o corpo, parece dizer a "todo o mundo" e muito em particular aos dois defensores que estão à sua frente e

ao guarda-redes, que vai rematar com alguma força para a sua direita. Os defensores procuram, com o corpo, proteger a baliza nessa direcao, o guarda-redes lança-se para o seu lado esquerdo e a bola... como que por Arte Mágica, após um gesto firme mas simultaneamente suave e subtil, sobrevoa o espaço entre o ecrã dos dois defensores e, no sentido oposto para o qual se lanara o guarda-redes adversário, atravessa a linha de baliza. Estava inventado o “buraco da agulha” que tardava em aparecer.

70’ e 19’’: a bola termina estes frenéticos 12’’ beijando aprazivelmente o interior das redes. Enganou toda a gente e parece ter resolvido o jogo... o mágico objecto repousa ruidosamente sobre a rede no fundo da Baliza,  Golo do Porto!

1. Introdução

Partindo destas palavras iniciais para reviver mentalmente esta situação de jogo percebe-se que as decisões que o jogador em causa teve de tomar em apenas 12", desde o momento da recuperação de bola até à conclusão da jogada, são numerosas e aparentemente todas elas muito ajustadas acabando, inclusive, em golo. Sisto e Greco (1995) parecem corroborar esta ideia ao sugerirem que ao jogo está associada a necessidade não só de decidir mas, também, de consumir as decisões, exteriorizando o raciocínio. Este constante desafio de elevada exigência no que respeita à tomada de decisão vem sendo apontado como um dos principais constrangimentos do jogo (Gréhaigne, Godbout e Bouthier, 2001).

O estudo da tomada de decisão tática e estratégica no desporto, tal como se pode perceber nos trabalhos de Ward e Williams (2003), vem sendo um tema muito estudado nos últimos anos. Neste contexto surge a ideia de estudar as concepções de um treinador de excelência, numa equipa de topo, a sua ideia/filosofia de jogo, o modelo de jogo, os princípios de jogo, bem como as tarefas a desempenhar por um jogador específico na transição defesa-ataque e, por outro lado, estudar a percepção desse mesmo jogador em relação a estes aspectos.

No entanto e de acordo com Johnson e Raab (2007) permanecem muitas dúvidas acerca dos componentes do processo de tomada de decisão em situações reais, nomeadamente no que respeita à forma como os peritos lidam com esse processo, desde a avaliação da situação à consumação de uma acção.

No sentido de procurar algum entendimento sobre como decidem os melhores, os peritos, em situações reais, em contextos naturais que lhes são familiares, foi lançada, de acordo com Lipshitz *et al.* (2001), uma teoria/modelo, apelidada de tomada de decisão naturalista. Os mesmos autores apontam algumas características como criadoras de dificuldade acrescida para quem tem de decidir em situações naturais, nomeadamente, o facto de terem de lidar com a pressão do tempo, uma constante no jogo de Futebol, não só pela pressão do tempo de jogo (90'), mas também pela forma como se procura,

insistentemente tirar não só o espaço, mas também o tempo ao adversário para jogar, tal como pode-se perceber das palavras de Castelo (1996: 159): “o *objectivo básico da defesa é de restringir o tempo e o espaço disponível dos atacantes, mantendo-os sobre pressão e negando-lhes a possibilidade de progredir no terreno de jogo.*” Outros pontos considerados chave no aumento da dificuldade de decidir com qualidade em contextos reais são a confrontação com a incerteza e os objectivos mal definidos (Lipshitz *et al.*, 2001), sendo que ambos parecem condimentos incontornáveis do jogo de Futebol. Como Valdano (1997) refere, sublinhando a inerência do acaso no Futebol, sendo que a matéria-prima do jogo são as pessoas, não os robôs e o objecto, a bola, os seus caprichos não se negociam, acontecem.

Na sequência dos estudos realizados no âmbito da Tomada de Decisão Naturalista em diferentes domínios foi-se desenvolvendo o modelo de tomada de decisão por reconhecimento de situações/padrões - ***Recognition-primed decision making (RPD)*** (Klein, 1998) que consta de três variações que procuram explicar como decidem os peritos neste tipo de situações. A base do modelo e a sua primeira variação sugere que a maioria das decisões decorrem da capacidade do perito de reconhecer a situação como típica, o que, subsequentemente, o leva a reconhecer e a associar à situação um curso de acção capaz de ser bem sucedido. Oliveira (2004: 5) parece apontar no mesmo sentido ao afirmar que “*os jogadores com melhores prestações desportivas são aqueles que têm um reconhecimento de padrões de jogo mais rápido e eficaz.*”

Partindo de um entendimento do conceito de tática como “*modos de comportamento, acções e operações individuais e colectivas dos atletas e da equipa realizados tendo em conta as regras, o comportamento dos adversários e dos companheiros, bem como as condições externas, com o objectivo de obter o melhor resultado competitivo possível, ou uma prestação optimal*” (Barth 1994, cit. por Garganta, 1997:33), facilmente se pode associar à necessidade de decidir taticamente da forma mais ajustada possível em jogo a noção de um saber o que fazer em campo. Garganta e Pinto (1995) parecem partilhar a mesma opinião, afirmando que os jogadores têm que saber o que

fazer, para elegerem o como fazer, utilizando a resposta motora mais adequada à situação que lhe for apresentada.

Sublinhando a importância do modelo de jogo enquanto orientador do treino e de toda a prática de preparação da equipa sobressai a ideia de Oliveira (2004: 105) quando afirma que *“a variabilidade de prática deve ser direccionada e balizada pelas ideias de jogo que o treinador tem, tanto para a equipa como para os jogadores”*, propiciando a criação, por parte dos jogadores, de padrões de comportamento comuns no sentido de que, perante determinada situação, os jogadores pensem do mesmo modo.

Tendo em vista estudar o modelo de jogo enquanto um continente dos conteúdos que irão servir para a facilitar, acelerar e clarificar a criação e identificação de padrões/situações de jogo por parte dos jogadores e da equipa foi proposto estudar mais concretamente a transição defesa-ataque. Optou-se por estudar este momento/fase por um conjunto de razões, não só por ser recorrentemente apontado como um momento/fase chave para o desfecho de muitos jogos - Velásquez (2005) valoriza, também ele em grande escala, as “fases” de transição afirmando que estas definem as grandes equipas - mas também pelo facto de no caso em estudo, a equipa do Futebol Clube do Porto, a forma como lida com este momento/fase do jogo, ser recorrentemente apontada como um dos seus pontos fortes.

De igual modo alguns dos aspectos que caracterizam este momento/fase chamam particular atenção por irem ao encontro de algumas das características implicadas na aplicação do modelo de tomada de decisão por reconhecimento de situações/Padrões - ***Recognition-primed decision making (RPD) (Klein, 1998)***, nomeadamente o facto deste ser um momento do jogo onde a pressão do tempo muitas vezes se acentua. Oliveira (2004: 147) afirma que ele se caracteriza *“pelos comportamentos que se devem ter durante os segundos imediatos ao ganhar-se a posse de bola”*

A este momento/fase parece também estar associada mais intensamente a confrontação com a incerteza e com objectivos mal definidos, tal como se poderá corroborar das palavras de Barreira (2006:5), às *“Transições como processos em que o desequilíbrio e a desordem são dominantes.”*

Concordando com Lucas (2001), julgamos importante que os padrões de comportamento dos jogadores estejam de acordo com os padrões idealizados pelo treinador, criando desta forma uma conduta de comportamentos que seja entendida por ambas as partes, como a mais vantajosa para os conduzir ao sucesso e ao êxito, procuraremos, na presente dissertação, interpretar o modelo de jogo como bússola orientadora para a decisão em jogo. Propôs-se, neste contexto, estudar a percepção, não dos jogadores da equipa, mas de uma forma mais profunda de apenas um jogador sobre o modelo de jogo, os seus princípios e as tarefas que lhe estão especificamente incumbidas num momento/fase específico do jogo.

Com o este trabalho pretende-se partir para algo que se espera poder servir de complemento aos trabalhos já realizados contribuindo com alguns dados exemplificativos referentes a uma equipa de topo, relativamente ao seu modelo de jogo, os princípios, como os concebe o seu treinador e como os percebe um dos seus jogadores.

Face ao enunciado, definiram-se os seguintes objectivos gerais:

- Constatar a importância que o treinador atribui à concepção do modelo de jogo para a sua equipa e quais as suas concepções no que respeita à ideia/filosofia que deve reger o jogo da sua equipa;
- Verificar a congruência da percepção desse mesmo jogador acerca da ideia/filosofia que rege o jogo da equipa e o preconizado pelo treinador;

Aos quais se acrescem os seguintes objectivos específicos:

- Perceber alguns dos pressupostos gerais da dinâmica colectiva, princípios de funcionamento/regras de acção e de interacção que possam funcionar como referências orientadoras para a equipa, aprofundando os que se relacionem com a transição defesa-ataque;
- Perceber a concepção do treinador sobre as tarefas, e os princípios que devem servir de referências orientadoras da tomada de decisão de um jogador específico, no que respeita à transição defesa-ataque;
- Verificar a congruência da percepção do jogador em relação aos princípios de funcionamento/regras de acção e de interacção que devem reger

a equipa nos diferentes momentos/fase, mais especificamente na transição defesa-ataque e o preconizado pelo treinador;

- Verificar a congruência da percepção do jogador acerca das suas tarefas e dos princípios que possam funcionar como referências orientadoras às suas decisões e acções em jogo, particularmente na transição defesa-ataque, e o preconizado pelo treinador.

Com o intuito de cumprir os objectivos propostos, recorreu-se a uma metodologia que consistiu numa revisão bibliográfica e documental através da qual se procurou enquadrar o tema e evidenciar o estado actual do conhecimento que o sustenta.

Posteriormente, foram efectuadas duas entrevistas semi-estruturadas ao treinador principal da equipa do Futebol Clube do Porto, Jesualdo Ferreira e a um dos jogadores da equipa, Lucho González.

Assim, o presente estudo será estruturado pelos seguintes pontos:

1. O primeiro, a “introdução”, tem como objectivos: apresentar e justificar a pertinência do estudo, delimitar o problema e definir os objectivos;
2. O segundo ponto consiste numa revisão da literatura relacionada com o tema em apreço;
3. O terceiro ponto é a descrição do material e da metodologia adoptada.
4. No quarto ponto, apresentação e análise das entrevistas, estabelece-se uma relação entre a literatura e o que os entrevistados pronunciaram.
5. No quinto ponto, apresentar-se-ão as conclusões;
6. No sexto ponto, serão apresentadas algumas implicações práticas para o processo de ensino-aprendizagem no Futebol;
7. No sétimo ponto, serão dadas as considerações e recomendações para futuros estudos;
8. No oitavo ponto, serão indexadas todas as referências bibliográficas mencionadas no texto dos pontos anteriores;
9. No nono ponto, será anexado o guião da entrevista ao treinador, e a transcrição da entrevista efectuada ao jogador em estudo.

2. Revisão da Literatura

2.1. Da dimensão táctica como dominante no jogo de Futebol à Tomada de Decisão

“Para se jogar bem é necessário compreender, para se compreender é necessário saber, para compreender e saber é necessário definir princípios”

Tessie, 1970 (cit. por Castelo, 1996: 189)

O Futebol, como os demais jogos desportivos colectivos (JDC), vive de “habilidades de natureza aberta”, onde as situações de envolvimento imprevisível imperam. A interpretação de oportunidades e a execução dos participantes num espaço e tempo concreto estão, inevitavelmente, implicadas no que cada momento do jogo lhes proporciona (Graça 1994).

De igual modo Garganta em 2005 alerta para o facto de as partidas de Futebol implicarem a partilha do espaço de jogo e a participação simultânea de duas equipas que disputam objectivos comuns sendo que, no decorrer do jogo, ambas tentam tirar o máximo proveito desse mesmo espaço, desenvolvendo todo um conjunto de acções antagónicas (ataque versus defesa), que se constroem tendo por base relações de oposição e cooperação.

Pode-se, deste modo, perceber que o jogo apresenta inúmeros factores concorrentes para a obtenção de prestações de alto nível (Costa *et al.*, 2002) quer colectiva, quer individualmente. É manifesta a dificuldade em definir com precisão o peso específico dos diferentes factores que concorrem para o sucesso no jogo e, conseqüentemente, torna-se difícil eleger as variáveis mais substantivas a investigar para o estudo do Futebol.

Não obstante, e apesar das várias perspectivas no que se reporta à organização do jogo de Futebol, os factores tácticos têm sido referenciados como sendo os mais relevantes para atingir rendimentos superiores (Garganta, 1997). De facto, a dimensão táctica vem sendo frequentemente apontada por vários autores (Queiroz, 1983, 1986; Castelo, 1994, 1996; Oliveira, 2004) como

a dimensão unificadora que dá sentido e lógica a todas as outras e que condiciona a prestação dos jogadores e das equipas de Futebol.

A tática enquanto elemento central e coordenador dos jogos de oposição (Tavares e Faria, 1996; García, 2001) concretiza-se numa complexa combinação da percepção e análise da situação, englobando a decisão e a própria execução, o que pressupõe uma actividade cognitiva.

Costa *et al.* (2002) sugerem que, no domínio desportivo, as acções tácticas se destacam das restantes, uma vez que o seu aperfeiçoamento dá origem a processos mentais mais complexos e mais bem elaborados.

O jogo coloca, contínua e sucessivamente, ao jogador, uma imposição que passa não só pela necessidade de decidir mas, também, de consumir e exteriorizar o seu raciocínio mental ou a sua decisão cognitiva (Sisto e Greco, 1995). No mesmo sentido também Matveiev (1986) salienta que as qualidades básicas do raciocínio táctico se manifestam na habilidade do atleta para captar, avaliar, separar e trabalhar os dados informativos, essências para a resolução de problemas práticos durante a competição.

De igual modo Teodorescu (1984) sublinha a importância da dimensão táctica ao apontar o conceito de raciocínio táctico como o elemento que confere conteúdo táctico aos procedimentos tácticos e que para a eficiência da sua concretização é importante que o jogador possua uma base rica de procedimentos técnicos, de experiência de jogo e de preparação táctica adequada.

Assim, concordando com Costa *et al.* (2002) parece inevitável, dada a relevância da componente táctica do jogo, a necessidade de formar e procurar jogadores que manifestem de forma consistente comportamentos tácticos inteligentes, sejam eficazes a tomar decisões tácticas, isto é, capazes de tomar decisões que muitas vezes terão de ser necessariamente rápidas e, taticamente, o mais exactas possível. Esta característica vem sendo, inclusive, apontada como uma das responsáveis pelas diferenças na performance individual e colectiva.

2.2. Decidir em jogo

“os jogadores com melhores prestações desportivas são aqueles que têm um reconhecimento de padrões de jogo mais rápido e eficaz.”

Oliveira (2004:5)

Nos últimos anos muitos têm sido os investigadores a dedicar-se ao tema da Tomada de Decisão Tática e Estratégica no Desporto (French, Nevett, Spurgeon, *et al.*1996; McPherson, 1999; McPherson e Thomas, 1989; cit. por Ward e Williams 2003)

Tavares, Greco e Garganta em 2006 sublinham a importância que vem sendo dada, no âmbito dos JDC, às competências cognitivas, especialmente no que respeita às capacidades de antecipação e tomada de decisão que sustentam uma “leitura de jogo” de qualidade superior. Mais especificamente, relativamente ao Futebol enquanto JDC é considerado, também ele, um grande desafio em termos de tomada de decisão. Aliás, esta característica é apontada como uma das grandes riquezas do jogo (Gréhaigne, Godbout e Bouthier, 2001).

Tal como apresentam Contreras, De la Torre e Velázquez. (2001) as habilidades motoras a que recorrem os jogadores nos contextos dos JDC caracterizam-se, principalmente, pela necessidade de se adaptarem a um contexto em permanente modificação, todos os gestos e as tarefas que executam, para além da componente técnica da execução motora, exigem ao jogador a aplicação de comportamentos táticos que permitam uma actuação eficaz em cada instante de jogo.

Mas o que “se passa” e/ou “o que passa” na cabeça do jogador quando ele tem que decidir o decorrer de uma situação de jogo (cada curso de acção), em que se baseia?

De acordo com Johnson e Raab (2007) ainda há muitas dúvidas acerca dos componentes do processo de tomada de decisão em situações reais, nomeadamente, no que diz respeito ao conhecimento em relação à forma como os melhores, em diferentes âmbitos (os peritos) avaliam uma situação,

como criam opções e como escolhem uma, de entre as opções produzidas, continuam a ser processos bastante discutidos.

Apesar das dúvidas e porque algumas persistem, muitos autores têm estudado continuamente o tema. Os mesmos autores (2007), tendo por base o “protocolo de decisão” proposto por Orasanu e Connolly (1993), apontam o processo de decisão em contextos desportivos como uma sequência de sete fases que devem ser tidas em consideração, principalmente quando se trata de situações reais (no terreno).

A primeira é a “apresentação do problema de decisão”; a segunda, “identificação das limitações, recursos e objectivos (limites de tempo, informação disponível, resultado do jogo, etc.); terceira, “gerar possíveis soluções para o problema ou curso de acção”; quarta, “consideração de possíveis soluções”; quinta, “selecção de um curso de acção (o curso de acção eleito entre os formulados na fase anterior”; sexta, “iniciar a acção seleccionada”; e, por fim a sétima fase, “avaliação da decisão tomada” (Johnson e Raab, 2007).

Romero Cerezo (2000), sugere que em situação de jogo os jogadores, com o intuito de conseguirem resolver os problemas com que se deparam em cada contexto e em cada instante, deverão utilizar três mecanismos fundamentais de acção:

1º a percepção que lhes permitirá distinguir o acessório do essencial, daí Garganta (1997) sugerir que o jogo reclama que o jogador seja um *perceiver* – um hábil “percebedor”;

2º a decisão cujo objectivo passa por solicitar as capacidades cognitivas e seleccionar a resposta mais adequada;

3º a execução que corresponde à solicitação de habilidades técnicas e de capacidades físicas para executar o idealizado.

De igual modo Tenenbaum (2003), um dos investigadores que se tem dedicado a esta temática, particularmente no contexto desportivo, sugere que, por definição, se pode considerar a selecção de uma resposta em contexto desportivo como o indicador de um comportamento adaptativo baseado na capacidade de resolver problemas. O mesmo autor sugere que em termos de

processamento de informação, o comportamento motor, em situações competitivas, exige a codificação das pistas relevantes presentes no contexto, sendo que, as diferentes estratégias atencionais desempenham um papel fundamental. Paralelamente, o mesmo autor sugere que o processamento de informação implica interações permanentes entre a memória de trabalho e a memória a longo prazo. Tudo isto, para se poder tomar uma decisão associada à acção que será executada (ou não), mantendo sempre em aberto a possibilidade de refinamentos e/ou alterações.

Para uma melhor compreensão do seu modelo e clarificação dos tipos de decisões associados aos estágios de processamento de informação apresenta-se o seguinte esquema adaptado de Tenenbaum (2003).

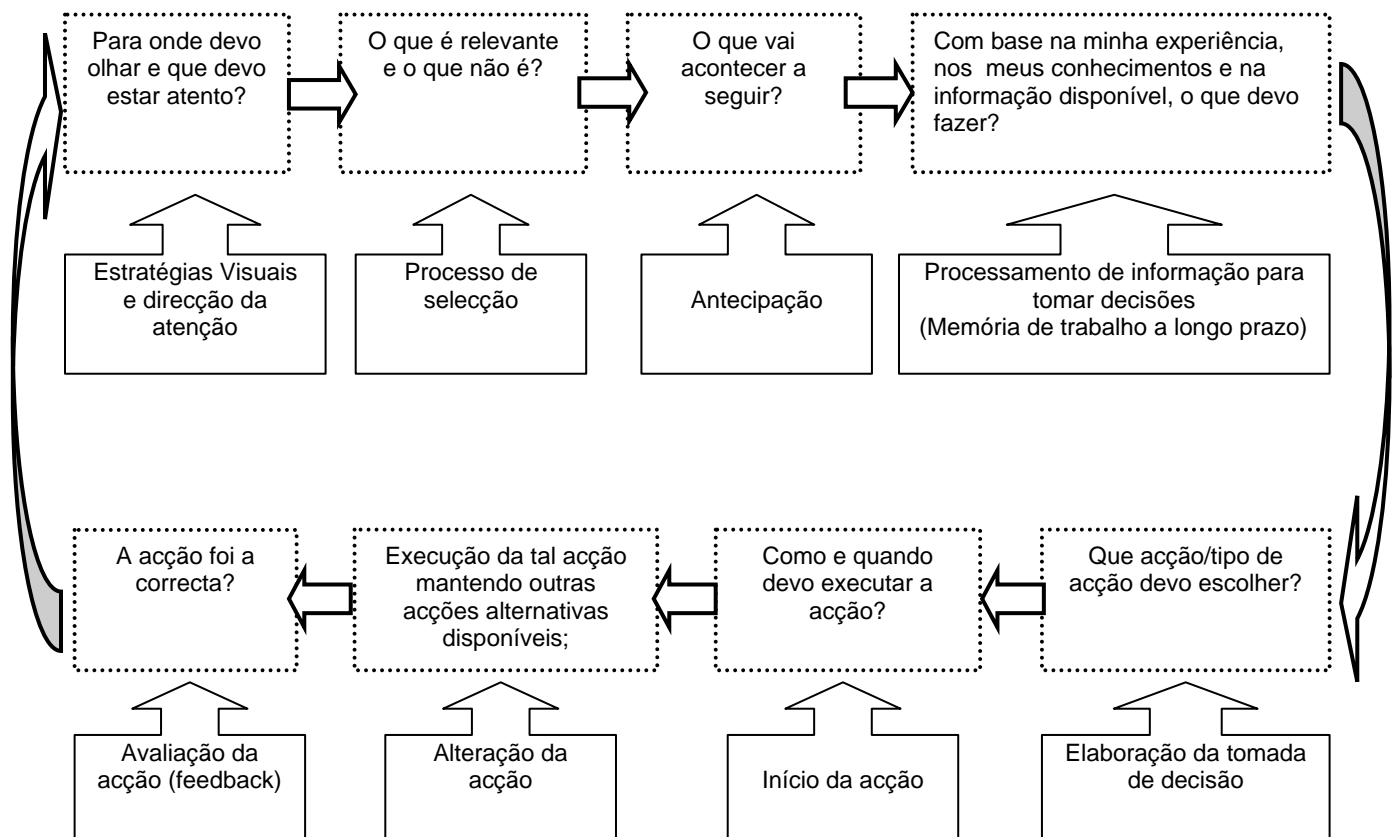


Figura 1. Tipos de tomada de decisão e seus componentes cognitivos correspondentes (Adaptado de Tenenbaum, 2003).

Pode-se subentender, que os diferentes passos implícitos em qualquer um destes modelos implicam um elevado grau de exigência cognitiva associada à tomada de decisão em contexto desportivo. Garganta e Pinto (1994) destacam, no caso concreto do Futebol, a solicitação de uma elevada capacidade perceptiva, sendo que Cárdenas (2000) distingue, inclusive, o Futebol de entre os demais JDC como aquele que maiores exigências coloca aos praticantes, nomeadamente em relação à componente visual, em função das suas características muito específicas.

De acordo com o modelo apresentado na Figura 1 a tomada de decisão associada a acção engloba uma série de decisões, sendo a primeira delas a decisão de “para onde dirigir o olhar” (atenção visual) de modo a recolher as informações mais relevantes presentes e disponíveis no meio (cenário). Segue-se a selecção, que permite ao atleta eliminar as informações irrelevantes e usar a mais relevante (atenção selectiva) de forma a permitir-lhe antecipar o que acontecerá de seguida.

A capacidade de antecipar é fruto de uma estreita e permanece construção interactiva entre a informação recolhida do meio envolvente e as estruturas de conhecimento armazenadas na memória de trabalho a longo prazo.

Com o aumento da especialização, de acordo com Tenenbaum (2003), a memória de trabalho a longo prazo assume-se como o factor determinante que permite ao atleta melhorar o processamento da informação, a capacidade de antecipação e de escolha de um curso de acção. O “timing” da acção e as possíveis alterações são decisões adicionais tomadas quando as condições assim o determinam. Já a avaliação da acção (feedback) serão de uma importância vital para o processo e a consolidação da aprendizagem.

Uma hipotética situação de jogo poderá servir de exemplo, clarificando os “passos” a “dar” (de acordo com o modelo proposto na Figura 1) por um jogador que ocupa a posição de médio interior no instante em que o lateral direito da sua equipa recupera a posse de bola, na zona interior do corredor direito no meio campo defensivo:

O jogador X acaba de recuperar a bola. O que irá fazer?

Partindo da Figura 1 pode-se especular a sequência dos seguintes processos:

1- Estratégias Visuais e direcção da atenção da qual poderiam surgir os seguintes produtos cognitivos: ...*“Para onde devo olhar para perceber a organização/desorganização da minha equipa e da equipa adversária? Estão a fazer pressão sobre a bola? Como se encontram as zonas/jogadores preferenciais para retirar a bola da zona de pressão quando a recuperamos nesta zona”* (Uso de estratégias de busca visual e direcção da atenção).

2- Processo de selecção: depois de olhar rapidamente para as zonas consideradas vitais o que será relevante? E o que é distractor (irrelevante)? Quais poderiam, então, ser os produtos do processo correspondente à selecção: *“O colega que recuperou a bola, está orientado para o meio campo adversário, têm-na controlada com a sola da bota do pé direito e com a perna esquerda protege-a de um adversário que se aproxima vindo da zona central...outro adversário que se encontra à frente (a um metro da linha lateral), adopta uma agressiva postura de pressão; No centro do jogo encontram-se, então, dois adversários, o jogador com bola e outro atacante (extremo direito) que está atrás do segundo adversário; “aproximadamente três metros à frente do círculo central está o ponta de lança, encostado à linha defensiva, no meio dos centrais... não parece pronto para receber a bola (a postura é de aparente passividade)”*. Tudo isto decorre num espaço muito reduzido (sensivelmente 5x4m).– Daqui se poderia supor que para o médio interior seria fundamental ele ter percebido e discriminado como relevantes informações sobre:

a) - a orientação espacial do companheiro em posse de bola e o facto de a ter controlada;

b)- as linha de passe para o extremo e para o central que estavam cortadas; o Ponta de lança que se manteve entre os centrais.

Por outro lado a **forma** como o colega domina a bola e a protege não parecem ser informações tão vitais.

3- Processo de Antecipação: o jogador tenta prever ou diminuir a incerteza sobre o que vai acontecer a seguir. Que tipo de produtos esperar desta situação? Partindo do pressuposto que, como princípio de jogo adoptado pela equipa, para a transição ofensiva se pretende preferencialmente fazer chegar a bola o mais rapidamente possível às “meias”.

O que poderia ele antecipar?

“Estando as linhas de passe para o extremo e o central fechadas e não havendo nenhum movimento de desmarcação por parte do ponta de lança a solução para tirar a bola da zona de pressão sou eu; vou recebê-la na zona alvo (meia direita); tenho que me desmarcar para a linha de passe entre os dois adversários que pressionam o jogador com bola (de forma a não ficar alinhado com nenhum deles e ter uma linha de passe mais clara)”.

4- Processamento de informação para tomar decisões (Memória de trabalho a longo prazo): com base na sua experiência, seus conhecimentos e informação disponível o que é que deverá o jogador fazer? Quais os produtos alcançados pelo jogador fruto deste processo?

Tendo em conta os princípios de jogo estabelecidos (conhecimentos/memória de longo prazo) *“a possibilidade de receber a bola na zona alvo (informação disponível) será a solução. Recebendo a bola nessa zona fico numa situação privilegiada para poder, logo de seguida, jogar em triângulo com o extremo (uma vez que ficaria ultrapassada a linha de pressão e teria essa linha de passe clara e aberta)”.*

- Esta solução permitiria ao extremo direito, que seria um jogador rápido e habilidoso em situações de 1x1 (conhecimentos/ memória de longo prazo), desenvolver uma jogada que poderia acabar numa conjuntura potencialmente perigosa para a baliza adversária pois permitiria a esse jogador explorar uma situação onde estariam aumentadas as suas possibilidades de sucesso -.

5- Elaboração da tomada de decisão: Que acção/tipo de acção devo escolher? Qual o produto?

“Vou-me desmarcar (deslocar) para receber a bola na linha de passe entre os dois jogadores que pressionam a bola e tentar dar sequência à jogada passando a bola ao extremo direito”;

6- Início da acção: Como e quando devo executar a acção?

Decidido para onde se deslocar importa saber como se deve deslocar, de que forma deve orientar o corpo para poder receber a bola em boas condições ficando com a possibilidade de dar a sequência desejada à jogada. Importa, também, definir qual será o *timing* certo para tudo isto, de forma a não queimar a linha de passe (ludibriando os adversários de forma a que estes não percebam as suas intenções) e permitir a comunicação e partilha de intenções com o companheiro em posse?

“Tenho que acelerar para ali (linha de passe entre os adversários) e vou preparado para recepcionar a bola de forma orientada para poder dar sequência à jogada no sentido de explorar aquela vantagem (que se descortina para o extremo direito)” (como executar a acção); “estando o jogador em posse treinado a interpretar a jogada da mesma forma que eu, provavelmente já se apercebeu que a sequência vantajosa será fazer chegar a bola, à posteriori ao extremo, devendo, para isso, se o conseguir, fazer-me o passe de forma a facilitar-me a execução desse curso de acção” (coordenação de equipa) “Ainda não posso ir, ele já se apercebeu que não pode jogar com o central nem com o extremo, mas só quando dirigir o olhar na minha direcção é que vai perceber que não pode jogar com o ponta-de-lança e esse será o instate para lhe dizer (início o deslocamento em aceleração para a zona alvo) que é a altura para dar sequência à jogada passando-me a bola entre os adversários” (timing, quando).

7- Alteração da acção: Execução da tal acção mantendo outras acções alternativas disponíveis; Quando se prepara para receber a bola deve manter a consciência do que se passa ao seu redor, dos ajustamentos que são feitos, de forma a garantir que o padrão identificado se mantém e continua a ser vantajoso ou se entretanto os adversários fecharam aquela linha de passe

roubando a bola ao colega, ou no momento da recepção os adversários ajustaram posicionamentos, fechado a linha de passe para o extremo, ou, inclusive, se o seu colega de equipa não se apercebeu da vantagem... Deve manter em aberto outras possibilidades:

“Tenho que estar pronto a ajudar defensivamente se ele perder a bola ou se interceptarem o passe; se no momento da recepção não conseguir jogar com o extremo posso dar um toque de controlo em direcção ao corredor central esperando a desmarcação do ponta-de-lança ou eliminar a pressão procurando uma linha de passe no outro corredor lateral...”

8- Processo de Avaliação da acção ou feed-back: Produtos: *“A acção foi boa? Foi tudo bem feito mas a posse de bola perdeu-se”* (o extremo falhou a recepção depois de um passe de primeira do médio interior); *“Temos que aprimorar este tipo de combinações com este extremo, ele ainda é novo na equipa”* (o que se notou na pouca coordenação nos movimentos. A hesitação do extremo em desmarcar-se levou-o a interceptar a trajectória da bola mais tarde, o que acabou por comprometer a recepção).

Aproveitando este exemplo para realçar a ideia transmitida por Tenenbaum (2003), salienta-se que os desportos abertos promovem um contexto dinâmico, baseado em movimentos e manobras que variam em velocidade, distância, espaço e complexidade, sendo de esperar que os atletas desenvolvam e ajustem diferentes estratégias e mecanismos para lhes permitam em cada situação a selecção, execução e alteração de uma resposta.

Realmente torna-se aparentemente fácil e intuitivo para quem segue com mais atenção o Futebol reconhecer quem são os melhores (peritos) e perceber que são diferentes dos restantes. Concordando com Johnson e Raab (2007) mais importante do que dizer, ou assumir que os peritos são diferentes dos restantes no que respeita a tomadas de decisões complexas, será tentar perceber, de forma mais aprofundada em que é que eles diferem, o que fazem e como fazem para conseguir, nos jogos de maior grau de dificuldade, mais vezes performances superiores, mantendo, a maioria das vezes, intacta a

capacidade para decidir bem, perante tantas expectativas, tanta pressão, stress, ansiedade, emoções tão intensas e variadas...

Afinal sob condições altamente exigentes e complexas, explícitas e implícitas nos jogos de mais alto nível, como é que os melhores decidem?

Orasanu e Connolly, 1993 afirmam que a característica chave das decisões no âmbito desportivo é o facto de serem naturalistas.

2.2.1. O estudo da tomada de decisão

O interesse pela tomada de decisão não é de agora e muitas têm sido as teorias e modelos propostos e desenvolvidos para o seu estudo, compreensão e treino (Lipshitz, *et al.* 2001).

Tomar decisões no contexto real, como as que decorrem em jogo por parte dos jogadores, coloca “questões” para as quais a maior parte das teorias e modelos, de acordo com os mesmos autores, não tem “resposta”. Referindo que mesmo as teorias e modelos aparentemente mais credíveis são postos em causa para utilização em situações reais, e em contextos reais com especificidades muito próprias (*idem*, 2001). A seguir serão apresentados alguns exemplos.

A Tomada de Decisão Clássica (TDC) é das mais postas em causa no contexto desportivo (Lipshitz, *et al.* 2001). Tendo por base as suas principais características será possível perceber porque razões esta teoria e o respectivo modelo não se aplica e/ou não explica o processo de tomada de decisões dos jogadores “no terreno”.

A primeira característica, a escolha, é a ideia de que tomar decisões é eger uma opção entre as alternativas concorrentes disponíveis (*idem*, 2001). Como por exemplo a situação de um jogador que ao receber a bola deverá escolher entre passar, fintar, rematar (...);

A segunda característica da TDC, a relação estímulo-resposta (*input-output*), sublinha a importância da capacidade que cada atleta deverá ter para prever qual a alternativa que será ou deverá ser a escolhida (a eleita) em

função das preferências de quem toma decisões (Funder, 1987 cit. por Lipshitz, *et al.*, 2001);

A terceira característica do modelo mais clássico, “a inteligibilidade” (*comprehensiveness*) descreve a tomada de decisão como um processo analítico e deliberado que implica uma busca de informação relativamente cuidada, principalmente, quando a intenção é otimizar desempenhos;

A quarta característica, seria “o formalismo”, que se baseia na possibilidade de, partindo desta teoria, ser possível o desenvolvimento de modelos abstractos tendo em vista a utilização de testes quantitativos independentemente do contexto (Coombs, Dawes, e Tversky, 1971, cit. por Lipshitz, *et al.*, 2001).

Será legítimo afirmar que Deco, na situação descrita no ponto prévio, não ponderou passar a bola a todos os seus companheiros, nem reflectiu sobre qual, do seu vasto repertório de gestos técnicos, fintas, dribles, tipos de passe (...), seria o mais ajustado à situação, isto sem mencionar que, quanto mais minucioso quisesse ser, maior seria o número de possibilidades de acção que a ser geradas por ele naquele contexto específico de jogo corrido.

Para Deco seria de todo impossível analisar tal vasta lista de hipóteses. Se, porventura, tentasse um raciocínio abrangente a esse ponto, para além de uma grande perda de tempo e energia, iria seguramente conseguir perder a posse de bola dada a velocidade do jogo, a qualidade, agressividade e proximidade dos adversários numa final da Liga dos Campeões.

Em jogo, particularmente nos deste tipo, para além de uma pressão competitiva, social e mediática tremenda, é clara a pressão exercida pela falta de tempo para ponderar as decisões, afinal as suas decisões naqueles instantes seguramente não foram assim tão inteligíveis, se o fossem os defesas e o guarda-redes iriam fechar-lhe o lado esquerdo para o remate, por exemplo.

Deco teve doze segundos uma performance óptima, conseguiu comunicar em acção de forma altamente clara e inteligível com os seus companheiros mas, ao mesmo tempo, dar estímulos dissimulados enganando, evidentemente, os adversários. Mostrou-se um verdadeiro mestre neste muito

peculiar jogo dos “enganadores”. Parece não haver uma relação clara e nem sempre directa entre o *input-output* – estímulo e resposta -, se assim fosse no jogo não haveria momentos de imprevisibilidade nem criatividade. Para uma determinada situação pode haver inúmeras boas respostas e os grandes jogadores dão, diversas vezes, a sensação de haver sempre a hipótese de tirar uns coelhos da cartola e fazer algo simultaneamente diferente, inesperado e positivo. Garganta e Cunha e Silva em 2000 referindo-se especificamente ao jogo de Futebol e aos momentos em que a sua dinâmica é caótica advertem para o facto de usar raciocínios inspirados na relação directa causa/efeito poderem ser pistas perigosas para uma escolha.

Por fim, nunca em laboratório se poderão replicar estas situações específicas, nem o jogo, sem o descontextualizar de tudo o que é um Jogo deste cariz e, neste caso particular, a competição que era, com toda a sua envolvência emocional, profissional, financeira...

Ou seja, destas quatro características apontadas como essenciais, no âmbito da TDC, concordando com Lipshitz, *et al.* (2001) percebe-se que nenhuma delas poderá ajudar muito no aumento do conhecimento sobre como tomam decisões os peritos em contextos reais, no caso os jogadores de Futebol de alto nível no decorrer das partidas.

Todo um conjunto de teorias foram surgindo e desenvolvendo tendo por base as limitações com que os investigadores se iam deparando na tentativa de aplicação desta teoria. Simon (1978) (cit. por Lipshitz, *et al.*, 2001) sugeriu que os problemas do mundo real estão, tipicamente, ainda que de forma ténue, associados o que permite a quem toma decisões fazê-lo de maneira ponderada e abordando-os de forma efectivamente sequencial.

Depreende-se que para uma adaptação efectiva do indivíduo aos problemas reais, mais do que uma análise exaustiva das situações, é-lhe exigida uma capacidade intelectual modesta e a habilidade para detectar e definir prioridades nos problemas, bem como a capacidade para aprender com a experiência (Lipshitz, *et al.*, 2001).

Percebe-se aqui que os problemas, como eles surgem no mundo real, e as exigências que são feitas aos indivíduos para decidir, são, na maioria dos

casos, significativamente diferentes dos que a Teoria Clássica propõe e do que se passa em laboratório.

Outras teorias foram sendo desenvolvidas pondo em causa a TDC, como sendo a **Teoria da Tomada de Decisão Comportamental e a Teoria da Tomada de Decisão por “Discernimento” (*judgement*)**, tendo a sua origem em Edwards (1954) e Meehl (1954) (cit. por Lipshitz, *et al.* 2001) estas teorias levaram a uma desestabilização da validade descritiva do modelo de TDC, mostrando que as pessoas tendem a desviar-se sistematicamente da escolha racional modelada mesmo perante tarefas relativamente simples. No entanto, estas teorias mantiveram as características essenciais da TDC aderindo aos seus modelos normativos como standards para avaliação da qualidade das decisões (Lipshitz, *et al.*, 2001).

Perante a incapacidade destas teorias em ligar o estudo de tomada de decisões em situações ideais ao estudo em situações reais com o intuito de ajudar a perceber como as pessoas tomam decisões em situações reais significativas e familiares surge a teoria da **Tomada de Decisão Naturalista (TDN)**. À luz desta teoria procura-se perceber como são os melhores decisores (“experts”); quais as regras de decisão que ligam as situações às acções, colocando o humano capaz de tomar boas decisões no seu centro de interesse e como a sua base de prescrição.

2.2.1.1. Tomar decisões em situações reais significativas e familiares

O modelo TDN foi-se desenvolvendo como resposta ao desafio que se colocava de construir modelos descritivos de quem toma decisões com qualidade (“*proficient decision makers*”) em contextos naturais (Lipshitz, *et al.*, 2001). Ou seja, estudando o comportamento dos peritos nos seus domínios específicos e reais.

De acordo com os mesmos autores entre os temas de investigação, destacam-se aqueles em que uma dificuldade acrescida se coloca pela existência de factores como:

A pressão do tempo, algo que parece evidente no Futebol, muito em particular nos jogos de alto nível competitivo (elevado grau de importância e dificuldade). Thomas e Thomas (1994) apontam como uma das dificuldades para a obtenção de altas performances no desporto, com actividades que envolvem movimento, o facto do sistema de processamento ser caracterizado por uma grande falta de tempo. O que parece claramente manifesto no jogo de Futebol onde os jogadores não podem, na maioria das vezes, parar para pensar, devendo tomar decisões rápidas (depressa e bem, ou seja, de forma eficiente) estando altamente pressionados pelo tempo. Os mesmos autores salientam que a estrutura temporal funciona, frequentemente, como um claro gerador de contingências.

A confrontação com a incerteza também ela parece clara e permanente no Futebol, nesse sentido parecem apontar Garganta e Cunha e Silva em 2000 quando se referem à imprevisibilidade do jogo como sendo simultaneamente uma “inimiga e aliada”. No decorrer do jogo, com tanta informação verbal e não verbal - estímulos ou pistas atencionais relevantes e/ou irrelevantes - disponível é, sem dúvida, um grande desafio filtrar que parte dessa informação terá de ser processada, sendo que a restante não serve mais do que para perturbar o processo de tomada de decisão. Lidar de forma produtiva com estes estímulos exige elevados recursos atencionais nomeadamente no que respeita a atenção distribuída e atenção selectiva (Moran, 2004). O próprio objecto central de jogo introduz, frequentemente um grau acrescido de incerteza, para além de ter momentos em que se torna efectivamente rápido, também ele é altamente incerto e enganador nos seus ressaltos e trajectórias. Tavares (1993) aponta, inclusive, este contexto de incerteza como a fonte de uma “magia” particular dos JDC.

Os objectivos mal definidos, outra característica da riqueza do jogo. Estes factores aparentam assumir presença no jogo, particularmente nas competições de mais alto nível com grande importância e projecção internacional.

Outra característica importante é apontada ao facto dos investigadores em TDN terem centrado grande parte dos seus trabalhos na performance real das equipas em tarefas reais em contextos reais.

A TDN direcciona-se para um campo de investigação centrado nos processos pelos quais as decisões são tomadas e a forma como é comunicada e coordenada a informação entre os membros de uma equipa. Será importante perceber como se desenvolve a comunicação em acção no decorrer do jogo, que tipo de comunicação utilizam os jogadores para comunicar e decidir em equipa.

Poderá ser interessante proceder ao estudo da tomada de decisão em situação real de jogo mediante os pressupostos da TDN, na qual se baseia o Modelo que expomos de seguida, o “**Recognition-Primed Decision Making**” (**RPD**) (Klein, 1998), tomada de decisão por reconhecimento de situações/padrões.

Em última instância a TDN tenta perceber como é que as pessoas usam a sua experiência para tomar decisões em contextos reais que lhes são familiares e significativos. A sua força assenta na ênfase dada à experiência e ao conhecimento. Para isso é preciso perceber como são os melhores a tomar decisões nestes contextos (Klein, 2008).

Neste âmbito de estudo dos peritos e de como eles tomam decisões em situações reais significativas e familiares a TDN propõe a substituição das quatro características consideradas essenciais para as Tomada de decisão clássica.

A escolha como algo inteligível a substituir pela correspondência; a orientação entre *input-output* pela orientação para o processo; os modelos formais descontextualizados a substituir pelo modelo informal intimamente associado ao contexto.

De seguida serão exploradas algumas das características apontadas por Lipshitz, *et al.* (2001) como essenciais à TDN.

1 - O estudo dos indivíduos mais eficazes a tomar decisões (*Proficient decision makers*):

Pessoas com experiências ou conhecimentos relevantes no domínio da Tomada de Decisões que confiam directamente na sua experiência. A tomada de decisões naturalista é a forma como essas pessoas usam e confiam na sua experiência para tomar decisões em contextos em que são peritos.

A importância do contexto é vital e incontornável, basta recordar um momento da carreira de Michael Jordan considerado o melhor jogador de sempre de Basquetebol. Após ter vencido o seu 3º anel de campeão e de ser considerado pela terceira vez consecutiva o M.V.P. (jogador mais valioso) das finais na N.B.A. deparou-se com um trágico incidente familiar: o assassinato do seu pai. Envolto em muita polémica a 6 de Outubro do mesmo ano (1993) decidiu abandonar o Basquetebol referindo uma perda de desejo de jogar. Acabou por se dedicar a outra que, em tempos, havia sido a sua modalidade de eleição realizando dessa forma o sonho do seu pai: jogar na Major League de Basebol Americana. Começou por jogar numa equipa de uma divisão inferior os Chicago White Sox mas o seu talento e disponibilidade atlética, mental e emocional que tão idolatrada fora nos pavilhões dissipara-se completamente ao serviço do basebol...

No entanto acabou por regressar à N.B.A. e demonstrar a sua reconhecida qualidade. Venceu por mais três vezes consecutivas o título de campeão da liga, sagrando-se, em todas elas, o M.V.P. das finais. Demonstrou ao mundo que o talento, qualidades e habilidades estavam todas preservadas e apenas à espera do local, momento e contexto ajustado (específico) para se manifestarem.

A especialização é de tal forma fundamental no âmbito do entendimento da TDN que Pruitt, Cannon-Bowers e Salas (1997) concluíram que este é o factor primário da sua definição.

2 - Orientação para o processo:

Segundo Lipshitz, *et al.* (2001) ao contrário dos modelos que defendem que as decisões dependem da relação entre o “input” (situação, contexto ou cenário “A”) e o “output” (opção, resposta ou solução “B”), o modelo TDN não tem como objectivo prever e ou prescrever qual a opção ou as opções mais

ajustadas. Em vez de dizer “para a situação A aplica-se a solução B”, os adeptos do modelo TDN centram-se na descrição dos processos cognitivos dos indivíduos mais eficazes a tomar decisões. Em termos de processo é fundamental perceber que informação é utilizada e considerada relevante, ou seja, o que procuram, como a interpretam e quais as “regras de decisão” que eles, os melhores, efectivamente utilizam?

3 - Regras de correspondência Situação-Acção para a tomada de decisões (*Situation-action matching decision rules*) (característica diferencial dos primeiros estudos em TDN do processo pelo qual os especialistas tomam decisões):

O Estudo dos indivíduos mais eficazes a tomar decisões levou à construção de um modelo de tomada de decisões como um sistema de correspondência mais do que de escolha. O modelo de correspondência baseia-se na ideia de “Fazer **A** porque é apropriado para a situação **S**” (Lipshitz, 1994), em contraste com o modelo de escolha concorrente: “Faz **A** porque dá melhores resultados do que as restantes alternativas”.

4 - Modelagem informal com base no contexto (*Context-bound informal modeling*):

Os peritos na tomada de decisões orientam-se pelo conhecimento intimamente associado à experiência. O que, só por si, limita ou põe em causa os modelos formais abstractos para o estudo de situações reais. Se, por um lado, o conhecimento dos peritos é específico e associado a um determinado domínio e contexto (Ericsson e Lehman, 1996). Por outro, quem toma decisões é sensível ao conteúdo semântico, bem como ao sintáctico de cada situação (Wagenaar, Keren, e Lichtenstein; Searle, 1988).

A importância da especificidade do contexto em que se desenrolam as actividades reais com tarefas reais e complexas - tal como nos contextos competitivos do Futebol - é incontornável para a resolução dos problemas.

“No Futebol, em muitos casos, a ordem parece nascer do caos” (Garganta e Cunha e Silva, 2000: 3), de acordo com os mesmos autores no momento em que o jogo se torna instável surge um outro tipo de organização, que decorre num contexto de não equilíbrio promovendo o aparecimento de estruturas que

apresentam uma certa ordem. Esta imagem que propiciada por Garganta e Cunha e Silva (2000) dá-os uma ideia de um contexto rico, altamente complexo, até mesmo caótico, onde a ordem existe, mas seguramente a sua leitura, em jogos ao mais alto nível, só estará disponível para quem tiver muito bem aprendida, treinada e estimulada a linguagem específica do jogo, enfim, quem for um perito nesse domínio específico.

Não será fácil recrear ou reproduzir estes contextos em situações laboratoriais, sendo seguramente impossível recrear o jogo e a sua complexa rede de relações de cooperação/oposição, em laboratório, sem mencionar a completa impossibilidade de recrear o cenário de um jogo de alto nível como os Jogos de Liga dos Campeões, em que a pressão sobre os atletas se exerce aos mais variados níveis e sob diferentes formas (sobrecarga provocada pelas críticas feitas pela comunicação social, os custos e consequências quer dos maus resultados, quer dos maus desempenhos, tudo isto e bem mais sem esquecer as tão variadas e intensas emoções experienciadas no contexto real).

5 - Prescrição com base empírica (*empirical-based prescription*):

Os investigadores no âmbito das TDN desvalorizam as opções ideais - tipo “devia ser feito assim”- que não possam ser aplicadas - tipo “não funciona”- . Na prática, acreditam que o “dever” não pode ser dissociado do “ser”, isto é, as prescrições que não podem ser implementadas, ainda que pareçam ideais, não têm valor (Lipshitz, *et al.* 2001).

O objectivo da prescrição com base empírica é listar e descrever, para que seja possível melhorar o modo como os peritos tomam decisões em vez de fazer demonstrações e usar modelos (receitas de como se faz) que ditem e prescrevam soluções.

A **Prescrição com base empírica** é consistente com a observação: quem toma decisões em condições naturais, num domínio específico, põe em prática acções concretas para resolver problemas, usando o conteúdo da situação para guiar os processos cognitivos (Klein, 1993).

Ao contrário dos modelos gerais que são não-específicos por definição e que não vão ao encontro das exigências peculiares do problema, a prescrição com base empírica será válida, ainda que apenas, mediante o desenvolvimento

de uma verdadeira especialização (“*expertise*”), isto é o acumular contínuo de “experiências ricas”, constituída por tarefas repetitivas e feedback válido e realista (Shanteau, 1992).

O reconhecimento das TDN pode ser contrastado com as abordagens mais clássicas. Talvez o mais conhecido destes modelos clássicos seja o de Janis e Mann (1977) que avisava que as pessoas evitavam tomar decisões para contornar o stress que advinha de um processo de análise. Os mesmos autores forneceram uma receita para melhorar a qualidade da tomada de decisões que passava por uma série de passos que implicavam preservar um vasto leque de opções, analisar uma grande panóplia de objectivos, ponderar de forma exaustiva os prós e contras de cada opção, procurar contínua e intensamente novas informações e assimilá-las, reexaminar e voltar a ponderar eventuais consequências...

Percebe-se que estas propostas, para além de implicarem ter toda a informação disponível e serem capazes de estabelecer ponderações claras e objectivas para os itens a avaliar, são incompatíveis perante situações em que há pouco tempo para decidir.

Em contrapartida, o Modelo de RPD para além de dar resposta em situações onde a pressão do tempo é grande, também prevalece nas situações onde há tempo para ponderar, fazer avaliações comparativas e decidir. Klein (1998) não visa, desta forma, descartar de todo o Modelo de Janis e Mann (1977), afirmando, inclusive, que este parece ser o conselho mais eficaz para iniciados, uma vez que eles, na maioria dos cenários, não vão estar em posição de fazer decisões críticas.

As receitas de Janis e Mann (1977) são um exemplo de estratégia de escolha racional. Às quais Klein (1998) aponta estas como algumas das suas vantagens:

- devem resultar decisões credíveis (isto é, o mesmo resultado para a mesma análise);
- é quantitativo;
- ajuda os iniciados a determinar o que querem saber;
- é rigoroso; não deixa nada de fora;

- é uma estratégia geral, que se pode aplicar em todo o tipo de situações

O problema é que as assunções da estratégia de escolha racional são geralmente demasiado restritivas. Raramente há tempo ou a informação necessária para fazer este tipo de estratégia funcionar.

Além do mais, não se podendo, de acordo com Jasmis e Mann (1977), confiar em alguém para tomar uma decisão importante, tal como qual é a melhor opção, porque se haveria de confiar em todos os pequenos julgamentos e ponderações que entram na estratégia de escolha racional? Claramente este método não garante aos iniciados fazer boas escolhas, e geralmente não ajudará decisores experientes em contextos reais, nomeadamente de jogo, onde a falta de tempo é uma realidade.

Em contrapartida e como forma de aplicação da TDN surge e vem sendo aplicado e desenvolvido o modelo RPD (Klein, 1993; 1998) que, de acordo com Lipshitz, *et al.* (2001), poderá servir como protótipo do modelo de TDN.

Este tipo de metodologia de estudo vem sendo aplicada também no âmbito do estudo de tomada de decisão em contexto desportivo, a título de exemplo, um estudo efectuado com jogadores de badminton considerados peritos por Macquet e Fleurance (2007), tendo em vista o estudo das decisões associadas a este desporto quando praticado por peritos que são frequentemente tomadas sobre pressão do tempo, sendo que no entanto normalmente levam a performances de sucesso, ou outro de Macquet (2007) com jogadores de Voleibol sobre a capacidade de tomada de decisão sobre a pressão do tempo onde se testou, de forma positiva, a possibilidade de aplicação do modelo RPD.

2.2.1.2. *Recognition-primed decision making (RPD)* - tomada de decisão por reconhecimento de situações/padrões

Sendo exemplo de Tomada de Decisão Naturalista (TDN) o Modelo RPD pretende descrever o que as pessoas fazem, efectivamente, sob a pressão do tempo, informação ambígua, objectivos mal definidos e condições em alteração permanente (Klein, 1989, 1998; Klein 2008);

Ele enquadra-se nos quatro critérios de Tomada de decisões naturalista apresentado por Zsombok (1997). Baseia-se (1) em agentes (atletas) especialistas (peritos), que trabalham em condições complexas e incertas, que (2) lidam com consequências pessoais pelas suas acções. (3) O modelo tenta descrever mais do que prescrever. (4) Está direccionado para a consciência da situação (*situation awareness*) e para a resolução do problema como uma parte do processo de tomada de decisões.

A principal função do modelo (RPD) é descrever o modo como as pessoas usam a sua experiência para chegar a boas decisões, sem terem de comparar cursos de acção alternativos. Algumas das decisões que tanta atenção chama nos mais variados âmbitos. Klein em 2008 refere, inclusive, que este tipo de tomada de decisões rápidas, características dos peritos, tem sido frequentemente denominada como “tomada de decisões intuitiva”.

Este modelo desenvolveu-se, tendo por base a análise cognitiva da tarefa, tendo sido aplicado inicialmente com Bombeiros (Klein, 1989).

As primeiras investigações nesta área foram feitas com o objectivo de compreender melhor como é que os melhores (em diferentes contextos e domínios) lidam com a pressão exercida pela falta de tempo para decidir (pressão do tempo) e a incerteza (Klein, 1989).

A hipótese avançada pelos investigadores defende que sob a pressão do tempo seria impossível gerar uma grande quantidade de opções de resposta mas que, mais provavelmente, a decisão seria baseada numa simples comparação entre uma opção mais favorável e uma outra de referência.

No entanto, os dados recolhidos nos estudos iniciais sugeriam que na maioria dos casos não havia comparação de opções. Os melhores normalmente seguem o primeiro curso de acção, a primeira hipótese sobre o que fazer, que identificam (Klein, 1998).

Isto levantou duas questões: Como é que eles podiam confiar na 1ª opção ponderada, e como é que eles avaliavam uma única opção, sem a comparem com outras (Klein, 1998).

De acordo com o mesmo autor, o modelo foi formulado através da síntese das descrições fornecidas pelos próprios comandantes dos bombeiros.

O modelo de RPD funde dois processos: a forma como quem decide com qualidade define a situação para reconhecer qual o curso de acção que faz sentido naquela situação concreta, e a forma como avaliam o curso de acção, imaginando-a (Klein, 1998).

O mesmo autor (1998) sugere três variações do modelo. A variação 1 corresponde à estratégia mais básica, sugerindo que quando os “peritos” têm de tomar decisões quando se deparam com uma situação que reconhecem como típica e familiar procedem ao curso de acção que lhe corresponde. Ou seja eles, muito rapidamente, percebem

- a) quais os tipos de objectivos que fazem sentido naquele contexto - de acordo com as prioridades estabelecidas;
- b) quais as pistas (informações) verdadeiramente importantes – de forma a não se sobrecarregarem com informação desnecessária;
- c) o que esperar de seguida - preparando-se para o que se irá suceder, bem como para eventuais surpresas que possam advir;
- d) quais são as respostas típicas que se enquadram nessa situação.

Reconhecendo a situação como típica, os peritos também reconhecem um curso de acção capaz de ser bem sucedido.

O reconhecimento dos objectivos, expectativas e acções é parte daquilo que significa reconhecer uma situação.

A variação 2 do modelo ocorre quando os peritos necessitam de mais tempo para fazer o diagnóstico da situação, isto porque a informação pode não se enquadrar num caso típico, ou pode incluir-se em mais do que um caso típico. Quem decide pode ter que reunir mais informação para poder diagnosticar a situação. Outra complicação advém do facto do indivíduo poder interpretar mal a situação e só se aperceber disso quando algumas expectativas não são correspondidas. Nestas alturas, quem tem que decidir terá de responder à anomalia ou ambiguidade, verificando qual a interpretação que melhor se encaixa nas características da situação. Para colmatar as inconsistências eles podem tentar construir uma história (recorrendo a processos de simulação mental).

A variação 3 explica como quem toma decisões avaliam opções únicas, isto é, sem as compararem com outras. Imaginam, em antecipação e por simulação mental como a situação se vai desenrolar. Um decisor capaz de o fazer previne-se em relação a possíveis dificuldades, o que lhe permitirá ajustar o curso de acção ou, inclusive, rejeitar a sua opção inicial e procurar outra.

Uma forma de pensar sobre estas 3 variações é que a variação 1 é, basicamente, uma reacção “Se...Então”, um antecedente seguido de uma resposta baseada numa regra. A “*expertise*” está em ser capaz de reconhecer quando é que a condição antecedente foi encontrada.

A variação 2 adquire a forma “Se (???)... então” – com quem decide: a deliberar de forma mais cuidada sobre a natureza da situação.

A variação 3 adquire a forma “Se....então(???)”- ao mesmo tempo quem decide: pondera sobre resultado da sua reacção (curso de acção pelo qual optou).

Será importante ter a noção que, em situação de jogo, qualquer um destes processos mentais deverá decorrer em fracções ínfimas de tempo.

Para facilitar a percepção do modelo será apresentado, de seguida, um esquema resumo que contempla de forma integrada as três variações.

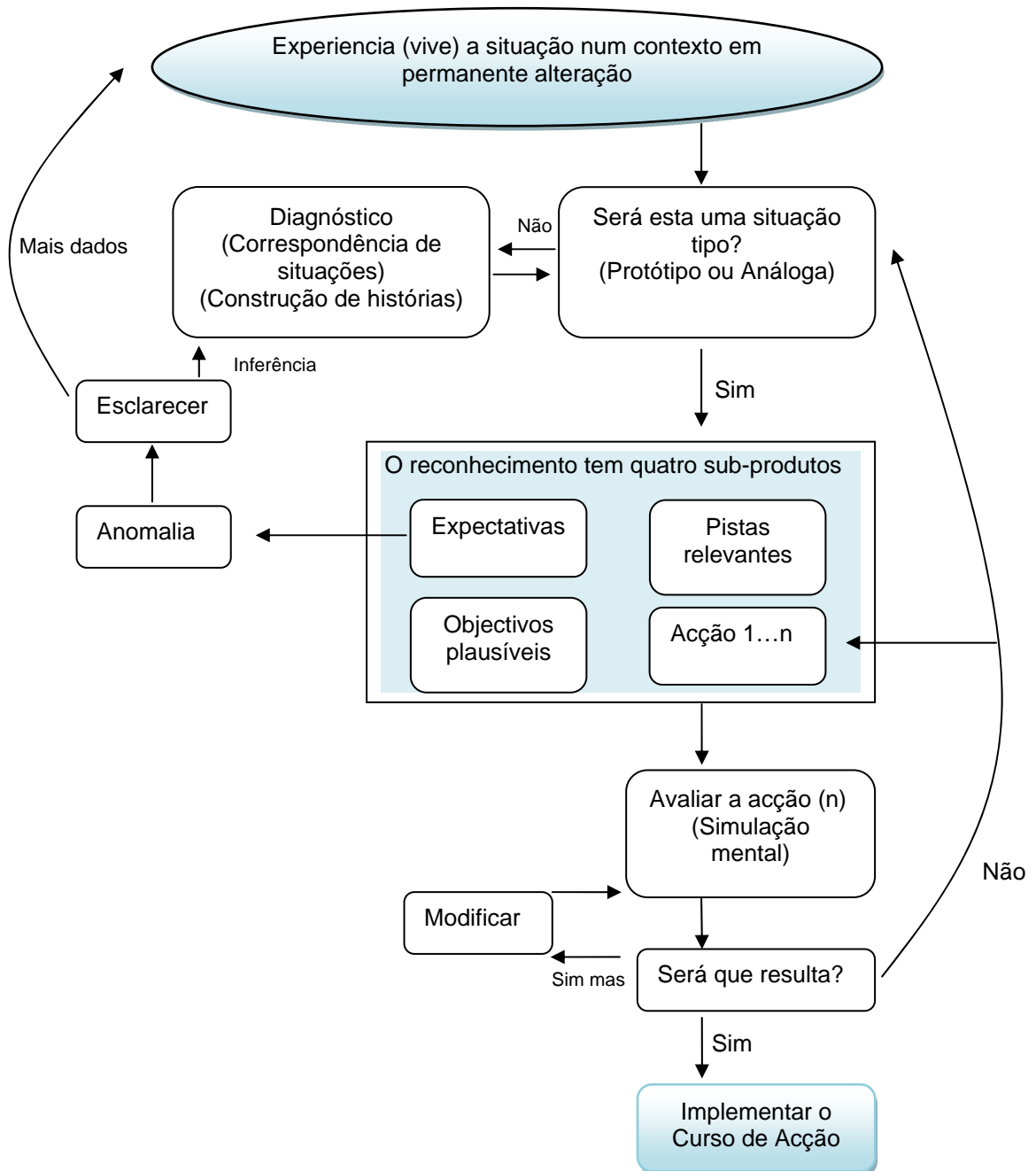


Figura 2. Versão integrada do modelo RPD (Adaptado de Klein, 1998)

Lipshitz, *et al.* (2001) salientam o acumular de experiência (“*expertise*”) como a chave para o sucesso na aplicação no modelo de RPD por parte de quem tem que tomar decisões em qualquer uma das variações:

No primeiro caso ela contribui para a criação de uma sensação de “tipicidade” que permite uma categorização rápida da situação e um reconhecer como reagir.

Na segunda, ela é necessária para construir os modelos mentais exigidos para encontrar uma explicação mais plausível e efectuar um bom diagnóstico.

Na terceira, a *expertise*, é definida como uma habilidade para simular mentalmente o curso de acção numa determinada situação e antecipar como ela se vai desenrolar.

As três variações explicam como quem toma decisões lida com os constrangimentos e as fontes de stress geralmente presentes nas situações reais. Sob a pressão extrema do tempo, a primeira variação resultará em reacções razoáveis sem a necessidade de ponderar ou analisar. Perante situações incertas, a segunda variação descreve como a plausibilidade das histórias alternativas pode ajudar quem decide a escolher uma interpretação e categorizar a situação. Na presença de condições irregulares ou em alteração permanente, os melhores a tomar decisões estão preparados para reagir rapidamente, sem terem de voltar a analisar (Klein, 1998).

Assim se explica que perante objectivos mal definidos o bom decisor não bloqueia porque, segundo o modelo RPD (Klein, 1998), está direccionado para continuar a trabalhar (para a frente), baseando-se nas condições existentes, em vez de andar para trás e regressar ao estágio de formulação de objectivos.

Esta capacidade de continuar sempre a trabalhar no sentido de concretizar as acções parece importante para quem está em situação de jogo, isto porque se o jogador não for capaz de o fazer ficará paralisado – bloqueado, originando aquilo a que geralmente se apelida de hesitações, e que poderão ser entendidas como (micro) paralisções e retrocessos no processo de tomada de decisão, o que será, em muitas vezes, o caminho para insucesso em muitas das acções de jogo.

Patel e Groen (1986) (cit. por Lipshitz, *et al.*, 2001) corroboram esta ideia ao afirmarem ser mais provável que os indivíduos com mais experiência usem raciocínios em cadeia direccionados para a frente (*forward-chained reasoning*), ao contrário dos novatos e intermédios que geralmente confiam em raciocínios mais do tipo de regressão em cadeia.

O Modelo RPD explica o facto de os melhores a tomarem decisões serem capazes de o fazer com qualidade sob estas condições pela sua efectividade no uso de correspondência de padrões, por orientarem para a frente o pensamento, formularem histórias – fazerem simulações mentais- (*Pattern matching; forward-directed reasoning, and storytelling*).

Alguns dos pontos-chave do modelo RPD apontados por Klein (1998) em relação à tomada de decisão dos peritos são os seguintes:

- O foco está no modo como eles percebem a situação e a julgam familiar, não no comparar de opções;
- Os cursos de acção podem ser rapidamente avaliados imaginando como se vão processar e não através de análise formal e comparação;
- Os peritos na tomada de decisões geralmente procuram a primeira boa opção (*workable*) - funcional - que encontram e não, necessariamente a melhor opção;
- Como a primeira opção ponderada é geralmente funcional, eles não têm que criar um vasto leque de opções para terem certeza de que optaram por uma boa;
- Geram e avaliam opções, uma de cada vez, e não se incomodam a comparar vantagens e desvantagens de alternativas;
- Imaginando a opção a ser levada a cabo, eles conseguem detectar fraquezas e encontrar maneiras de as evitar, fazendo assim a opção tornar-se mais forte. Os modelos convencionais apenas seleccionam a melhor, sem ver como pode ser melhorada.
- O ênfase está em ser impelido a agir, e não ficar paralisado até que as avaliações estejam completas.

Será importante sublinhar que as descobertas iniciais deste mesmo autor nas investigações com Comandantes de Bombeiros têm sido replicadas diversas vezes por diferentes equipas de investigação (ver Klein, 1998, para revisão) com comandantes navais de navios de superfície, líderes de pelotões de tanques de guerra, comandantes de bombeiros de combate a incêndios, pilotos de aviões comerciais, oficiais de infantaria... Os dados recolhidos nos diferentes estudos sobre os tipos de estratégias de decisão demonstram ser

frequentemente a aplicação do RPD, apontando-o, inclusive, como sendo a estratégia mais comum, representando 80 a 95% dos casos Klein (1998).

Readinger, Hutton, Klein (sd.) afirmam que é possível aplicar o "modelo de tomada de decisão por reconhecimento" ao desporto, sugerem, inclusive que se trata de uma estratégia que permite aumentar a qualidade das decisões feitas pelos atletas, treinadores e equipas.

Segundo os mesmos autores, este modelo tem sido utilizado para treinar e estudar diferentes áreas da performance desportiva que exigem rápidas tomadas de decisão, em alguns desportos colectivos com bola considerados rápidos, assim como o Futebol que vem sendo cada vez mais encarado como tal.

De entre as suas aplicações, destaca-se o uso para o treino individual de tomada de decisões, forçosamente céleres; o desenvolvimento de programas de capacitação de treinadores e a melhoria do treino de equipas para a utilização da sua habilidade para reconhecer situações e reagir de forma mais rápida e efectiva (Idem).

No que respeita à sua aplicação no âmbito desportivo, o modelo procura lançar a discussão sobre a vantagem da utilização de estratégias centradas na melhoria da capacidade de tomar de decisões como a base do treino desportivo em jogos de equipa ao mais alto nível.

Em última instância, o modelo visa fornecer orientações para treinar pessoas a tomar melhores decisões, assim como procura ajudar à criação de equipamento que suporte a tomada de decisões (Ibidem).

São sugeridas, pelos mesmos autores, algumas orientações para o contexto desportivo, que diferem das recomendações alternativas para melhorar a qualidade na tomada de decisões. Mais do que criar, usar ou sugerir estratégias para fazer escolhas racionais entre diferentes cursos de acção, eles apontam como factor chave para a melhoria da qualidade de tomada de decisões o desenvolvimento do processo de aumento da perícia (*expertise*) em lidar com situações.

Seguindo esta ideia, parece viável assumir que não será um objectivo claro do treino desenvolver nos atletas a capacidade de gerarem grandes e complexos processos mentais. Sugerindo-se que com o treino se pretenderá também ajudar o atleta a acelerar o processo de aumento da perícia, para que a sua habilidade de identificar as mais variadas situações de jogo melhore, ajudando-o a, mais frequentemente, ser capaz de tomar por uma opção mais válida, mais eficaz e de forma mais rápida.

Oliveira (2004) parece apontar no mesmo sentido ao afirmar que “os jogadores com melhores prestações desportivas são aqueles que têm um reconhecimento de padrões de jogo mais rápido e eficaz”. Nesse sentido será importante que a prática seja tão diversificada e ajustada quanto possível aos contextos reais de jogo, com o intuito de aumentar o leque de padrões possíveis de serem identificados.

Para isso acontecer o que se ambiciona será, essencialmente, construir e orientar a prática em situações, necessariamente de jogo, que sejam ricas, importantes e altamente específicas, de forma a ajuda-los a acumular experiências relevantes, promovendo o desenvolvimento da base de conhecimento e do processo de aumento da perícia.

Os mesmos autores acrescentam em relação à capacidade de decidir, que o objectivo do treino será ajudar os jogadores a desenvolver competências que lhes permitam tomar decisões de qualidade “de forma intuitiva”.

Tendo por base este modelo surgiram e têm-se desenvolvido uma série de programas de tipos de treino visando a melhoria da habilidade (*skills*) para tomar decisões rápidas e eficazes. Este tipo de treino tem sido designado de *Decision Skills Training* (McCloskey, Lake, Pliske, e Klein, 1998). Centra-se na melhoria da habilidade do atleta para mais rapidamente aceder às situações facilitando, dessa forma, o reconhecimento sobre o que fazer, tendo por base a sua experiência.

Tendo em vista a aceleração na aquisição de perícia no treino, os mesmos autores sugerem como factores chave: a inclusão da repetição de habilidades (*skills*) em níveis baixos - para a melhoria técnica - ; a simulação, entenda-se treino, de situações análogas às verificadas em jogo real, onde se

incluam as restrições/pressão do tempo; assim como uma presença prática deliberada e reflectida.

Na busca do desenvolvimento do jogador enquanto perito do jogo será importante dar-lhe a possibilidade de vivenciar muitas experiências ricas a esse nível. No entanto quando se fala na capacidade de um jogar para jogar ao mais alto nível fala-se, inevitavelmente, da sua prestação enquadrada num colectivo, à luz de uma especificidade própria de um funcionamento em equipa.

Para direccionar a sua prestação para patamares optimais será vital que ele vivencie o mais possível, com a maior qualidade possível, e nas intensidades mais ajustadas, o jogo e o jogar que se quer para a equipa, aperfeiçoando as suas competências nas mais variadas tarefas que terá de desenvolver no seio da equipa. Isso só será possível se as práticas de treino e de preparação da equipa forem balizadas por uma linha de pensamento clara, que contemple tudo isso procurando orientar os jogadores e a equipa em direcção, não a uma forma de jogar (qualquer), mas à forma de jogar (específica para a equipa) que se espera ser a melhor para a equipa. Valorizando esta importância Oliveira (2004) afirma que *“a variabilidade de prática deve ser direccionada e balizada pelas ideias de jogo que o treinador tem, tanto para a equipa como para os jogadores”*, propiciando a criação, por parte dos jogadores, de padrões de comportamento comuns no sentido de que, perante determinada situação, os jogadores pensem do mesmo modo.

2.3. O modelo de jogo, elemento constituinte da base de sustentação para tomar decisões num contexto de dinâmica relacional colectiva.

O êxito em Futebol pode ter mil receitas. O treinador tem de acreditar numa, e com ela seduzir os seus jogadores

Valdano (1998)

Tendo como referência Castelo (1994) por modelo, de um ponto de vista mais científico, pode entender-se uma representação simplificada, mais ou

menos abstracta e se possível matematizada, de uma ou várias relações, do tipo causal ou descritivo que reúne elementos de um sistema. Um modelo concebe uma rede de inter-relações entre unidades de um conjunto, simulando a realidade, ou parte dos aspectos dessa realidade que corresponde à pertinência do ponto de vista adoptado.

Strachan (2008) com as suas palavras ajuda a perceber a importância da dinâmica resultante da interacção dos jogadores em jogo quando afirma que os “sistemas (entenda-se estrutura ou *organização estrutural*¹) não ganham jogos, mas os jogadores sim”, mais importante que as estruturas será essa dinâmica de inter-relações que se estabelece entre os jogadores da equipa (relações de cooperação) e os adversários (relações de adversidade). Outro aspecto que sobressai desta afirmação é o papel central dos jogadores em relação ao modelo e ao jogo.

Quem assume esse modelo, o interpreta e o aplica com o intuito de o levar na direcção do êxito dentro do campo, serão sempre os jogadores, eles é que o terão de conduzir, passar, driblar e rematá-lo em direcção à vitória, daí que faça todo o sentido que os jogadores sejam a base, o quadro onde o treinador esboça, pinta e retoca a sua obra-prima, o Jogo e o Jogar da sua equipa.

Vingada (2000) salienta essa importância do modelo de jogo se alicerçar no jogador, devendo este ser a sua referência máxima, o objectivo do modelo de jogo será explorar e maximizar todas as potencialidades do jogador, não só como individualidade mas também no âmbito do seu relacionamento colectivo. Paralelamente o modelo de jogo deverá ter como propósito diminuir ou anular as capacidades do adversário.

As situações competitivas, na maioria das vezes, dão-se num quadro de mobilidade constante do objecto central do jogo, a bola, e um total de vinte e duas individualidades altamente activas e interactivas, com elaboradas ligações de cooperação e oposição entre elas, numa área total de jogo de aproximadamente sete mil metros quadrados... Perante este enquadramento será de esperar que surjam dificuldades para tomar decisões por parte dos

¹ Consideramos estrutura e organização estrutural a forma como os jogadores se dispõem em campo (ex: 1:4:3:3), pela forma como ocupam o espaço.

jogadores em situação real de jogo, tantos jogadores, numa área tão vasta, tantas possibilidades (...), enfim uma “deslumbrante” e enriquecedora incerteza e complexidade que surgem e se recria permanentemente em cada um dos mais variados contextos de jogo.

Garganta (2006) valoriza o facto de que quem joga deverá simultaneamente atender a uma intrincada rede informacional, tendo em conta o posicionamento da bola, aferindo a situação de colegas e adversários em relação às balizas a defender e a atacar, e operar nesse ambiente instável. Apesar da posição da baliza ser conhecida, já a localização dos adversários e colegas será de esperar que esteja em constante mutação em função da circulação da bola (Idem).

Tudo isto condiciona, constantemente, a tomada de decisão nos JDC, decisões essas que deverão ser vistas e interpretadas à luz de uma dinâmica relacional colectiva, pelo que cada acção deverá estar estreitamente relacionada à dos co-autores da situação (Schellenberger, 1990; Temprado, 1991).

Se por um lado não há forma de ter grandes certezas em relação aos ajustes posicionais e às movimentações pelas quais vão optar os adversários, nem de, por muitas das vezes, perceber atempadamente as trajectórias da bola, nomeadamente quando esta está na posse do adversário, por outro lado a relação dos colegas de uma mesma equipa será mais produtiva e eficaz quanto mais os jogadores forem capazes de antecipar com um grau de certeza tão alto quanto possível as suas intenções, movimentações e acções dentro de um pensamento comum e coordenado, enfim em equipa.

2.3.1. A comunicação em acção, os princípios de jogo, regras base de coordenação/gestão.

*“Sempre disse que o FC Porto tinha um **sistema** base, e tem, tem um **modelo** estabelecido que passa por um conjunto de **princípios** que regem a **organização táctica** da equipa e a configuração dos jogos e dos jogadores vai obrigar-nos algumas vezes a reposicionar os jogadores de tal forma que pareçam enquadrar outro sistema, mas o importante é que o modelo não mude, ou esteja cada vez mais forte e estável. E, independentemente do sistema, o importante é que os jogadores actuem de acordo com aqueles que são os nossos princípios quer a defender, quer a atacar.” – Jesualdo Ferreira (2009).*

O autor da frase acima citada reforça a importância do colectivo e valoriza a capacidade que uma equipa deverá ter para, a qualquer momento, estar preparada para funcionar *“independentemente de ser utilizado este ou aquele jogador”*. O funcionamento e a dinâmica da equipa deverá ir para além da capacidade de prestação individual, ideia esta que parece em sintonia com Tavares, Grecco e Garganta (2006) quando sugerem que o êxito da equipa, enquanto entidade colectiva, depende da coordenação das decisões efectuadas pelos seus jogadores.

Sendo o treinador o responsável máximo por todo o processo de treino e de preparação da equipa deverá, para além de assumir a liderança como criador e pensador da ideia de como a sua equipa deve jogar, consumir a sua acção como protagonista na construção e desenvolvimento do jogar da sua equipa à imagem desse modelo. Para isso deverá elaborar os princípios que pretende ver como orientadores dos comportamentos dos seus jogadores.

Princípios esses que serão a base para a obtenção de um funcionamento colectivo direccionado para o sucesso. Será imperativo que os indicadores produzidos pelos jogadores da mesma equipa possam ser indicadores de uns para os outros, funcionando como dados que lhes permitiam coordenar as suas decisões, reduzir a incerteza entre eles e, simultaneamente, gerar níveis mais elevados de incerteza aos adversários. Para o conseguirem será imprescindível que os jogadores da mesma equipa comuniquem na mesma

linguagem de uma forma íntima e eficaz, isto é, sejam capazes de reconhecer e dar o mesmo significado às acções de jogo (Tavares, Greco e Garganta, 2006).

Van Gaal (cit. por Kormelink e Seeverens, 1997) corrobora a importância desta comunicação ao afirmar que no Futebol, tudo depende do colectivo. Desse modo, é importante que cada jogador saiba o que pode ou não fazer. Têm que descobrir as características de cada um, e isso automaticamente leva a um bom entendimento, que é a base para o resultado.

Apenas desta forma se conseguirá entrar na construção do que Klein (1998) entende como uma equipa especializada que se pretende que seja uma entidade com inteligência própria.

Vilas-Boas (cit. por Sousa, 2009), por altura do Mundial de 2006, corrobora a importância desta inteligência de equipa quando no decorrer da interpretação da equipa do Brasil comentando acerca do seu funcionamento dinâmico no momento da perda da posse de bola e de como poderiam os seus adversários explorar, nesse momento do jogo, uma fragilidade, por ele apontada. Nesse sentido afirmava o seguinte “(...) *quando eles (equipa do Brasil) a perdem (a posse de bola) é preciso ter critério, certeza e segurança no passe e na posse, é preciso ser-se inteligente para perceber que a equipa brasileira está partida e posicionalmente desequilibrada em transição defensiva(...)*”

Este tipo de capacidade e premissa para o êxito colectivo depende das competências enquanto equipa demonstradas dentro de campo, em muito influenciadas pela qualidade da comunicação entre os seus elementos constituintes. Comunicação essa que deverá ser hiper-eficaz em dois sentidos, primeiro sendo altamente inteligível por parte dos elementos de uma mesma equipa e, ao mesmo tempo, num segundo sentido, de ser o mais dissuasora possível para os adversários, funcionando como aquilo a que Garganta e Gréhaigne (1999) apelidam de contra-comunicação para os jogadores da equipa contrária. No mesmo sentido Temprado (1989) demonstra um entendimento da decisão, não só como funcional, porque participa na

resolução da tarefa, mas também como significativa, pois informa colegas e adversários influenciando as suas próprias decisões.

Klein (1998) quando discorre sobre o tema do “Poder da Mente de Equipa” aponta como sendo um dos pontos-chave o desenvolvimento de uma série de competências básicas e rotinas, que contribuem para a formação de uma identidade clara, tornando-se (a equipa), dessa forma, capaz de adaptar o seu pensamento sempre que necessário.

Garganta e Gréhaigne (1999) transmitem a ideia de que para alcançar este tipo de comunicação será essencial desenvolver nos futebolistas competências associadas à assimilação de regras de acção e princípios de gestão do jogo, sendo que a geração e a corporificação dessas mesmas competências serão veiculadas pela estratégia e pela tática.

No âmbito do jogo de Futebol pode-se entender os *princípios de jogo* como “as regras de base segundo as quais os jogadores dirigem e coordenam a sua actividade – consideradas individualmente e em colectivo durante as fases.” (Queiroz, 1983:15).

Tavares, Greco e Garganta (2006) afirmam, que os princípios do jogo ao serem respeitados, integrados e coordenados simultaneamente por todos os jogadores da mesma equipa funcionarão como orientação da sua movimentação global indo ao encontro de um funcionamento mais efectivo da equipa.

Garganta (2005) tendo por base a vitalidade das interacções de jogadores/equipas para funcionarem de forma eficaz em situações de elevada instabilidade e variabilidade apresenta uma perspectiva do jogo e treino como sistemas acontecimentais dinâmicos, considerando as equipas de Futebol como sistemas especializados altamente dominados pelas competências estratégicas e heurísticas.

O mesmo autor valoriza em grande medida a importância de analisar e interpretar a equipa de um ponto de vista essencialmente qualitativo percebendo o seu funcionamento enquanto sistema, sugerindo que isso poderá ser conseguido havendo a capacidade de tornar perceptíveis os princípios que orientam o seu comportamento e definem a organização dos sistemas

implicados. Para tal a chave será identificar as regras de gestão e de funcionamento dos jogadores e das equipas, conseguindo assim interpretar de forma mais rica as regularidades e variações que ocorrem nas acções de jogo.

Klein (1998) no enquadramento do modelo de RPD refere a forma como os peritos regem as suas decisões afirmando que estas deverão, em grande escala, ser orientadas, nos casos mais simples, por regras de acção baseadas consumadas em raciocínios do género: se estou perante X (o contexto/a situação for X) então deverei optar pela acção Y (a resposta deverá ser Y) (ver modelo expresso na figura 2, p.31)

De igual modo Tavares em 1993 nos dá uma imagem muito rica do que é jogar tendo por base o respeito dos princípios em vez de adoptar sistemas estereotipados. Este será um tipo de jogo que permitirá aos jogadores maior liberdade e autonomia para tomarem decisões de acordo com o que lhes pareça mais ajustado a cada situação de jogo, sem fugirem e respeitando os princípios básicos que deverão nortear cada decisão. Deste ponto de vista importará propiciar ao jogador as condições para cumprir as suas decisões tácticas num contexto de respeito pela estrutura do jogo.

Queiroz (1986) refere que o sistema de relações estabelecido entre os diferentes elementos de uma dada situação de jogo deverá ser reproduzido de forma metódica e sistemática nos Modelos técnico-tácticos, definindo de forma precisa as tarefas e os comportamentos técnico-tácticos exigíveis aos jogadores, de acordo com os seus níveis de aptidão e capacidade.

Tavares (1993) reforça esta ideia apesar de, aparentemente, ter uma perspectiva, que insinua uma maior flexibilidade por parte dos jogadores na interpretação dos princípios; sugere que apesar de estar implicado o desenvolvimento de uma relação de dependência com o treinador durante o processo de aprendizagem e treino, existirá a necessidade de ser criada uma autonomia do jogador em termos de decisão para a realização das acções de jogo. Em última instância será, sempre ele, o jogador a consumir todo o processo, assumindo-se como o agente activo de cada decisão, “o artista que se espera que pinte com o maior requinte e genialidade possível, de preferência para além do imaginável, a tela que está em Jogo”.

2.3.2. A comunicação através da acção em jogo: Jogar em Equipa tendo como horizonte comum o modelo de jogo

“O mais importante numa equipa é ter um determinado modelo, determinados princípios, conhecê-los bem, interpretá-los bem, independentemente de ser utilizado este ou aquele jogador” Mourinho, 2003 (cit. por Amieiro, 2004).

Depois da reflexão sobre a importância dos princípios de jogo será interessante perceber a interpretação e incorporação feita pelos jogadores nessa permanente, não só, comunicação em jogo, mas também na constante operacionalização do jogo da comunicação: “o que estão a fazer os meus colegas”; “o que devo fazer (qual será o comportamento) que mais se ajusta em função do que eles fazem (a equipa)”; “em função de qual dos meus colegas faz o quê”; enfim de todo o contexto dinâmico em interacção.

Como exemplo dessa leitura e operacionalização do ajuste de comportamentos em função dos colegas de equipa apresentam-se as declarações de Assunção (2006), na altura em que representava o F.C. Porto: “Quando o Lucho sai, fico na cobertura, se o Quaresma, que é muito habilidoso, leva a bola, tento ficar um pouco atrás para o caso de ele a perder.” Este tipo de comunicação entre os jogadores de uma mesma equipa constituir-se-á, em certa medida, como um contributo para reduzir a incerteza inicial nas diferentes situações de jogo e, conseqüentemente, irá contribuir para que o jogador possa organizar as suas decisões de forma mais lógica (Tavares, Greco e Garganta, 2006) permitindo-lhe, inclusive, em circunstâncias óptimas poder antecipar mais vezes e de forma mais acertada acções concretas de jogo.

Para conseguir reduzir essa incerteza no âmbito de dinâmicas de jogo que implicam uma elevada complexidade da tomada de decisão por parte do jogador, os mesmos autores sublinham, a importância de haver um projecto de jogo previamente estabelecido pelo treinador que deverá funcionar como a base para a autonomia de decisão por parte do jogador, uma vez que a

responsabilidade de iniciar, desenvolver e finalizar de forma eficiente as acções, em jogo, serão em grande parte suas.

Mourinho, 2003 (cit. por Amieiro, 2004) parece, também ele, valorizar no jogo posicional a possibilidade de antecipação das acções por parte dos jogadores e a “sensação de segurança” partilhada entre jogadores quando sabem as posições a ser ocupadas e têm consciência de que há algo construído a priori: “(...) Eu vou mais por um bom jogo posicional, pela segurança que todos os jogadores têm ao saber que em determinada posição há um jogador, que sob o ponto de vista geométrico há algo construído no terreno de jogo que lhes permite antecipar a acção.”

Especulando um pouco a partir das palavras de Assunção (2006) infere-se um exemplo da capacidade de redução de incerteza, dúvidas e hesitações por parte dos jogadores no momento de tomarem iniciativas ofensivas. Pegando nas suas palavras parece óbvio que o que ele afirma estava bem definido e claro, não só na sua “cabeça”, mas também na dos seus companheiros e muito provavelmente na do seu treinador que terá, seguramente, tido um papel chave no desenvolver desta ideia de jogo e forma jogar. Só com esta íntima partilha de ideias e regras de funcionamento Lucho González poderia “sair” com muita mais certeza, sem necessidade de, eventualmente, perder o timing da sua movimentação a confirmar os equilíbrios posicionais da equipa pois sabia que o seu colega se encarregaria de os garantir; com esta ligação de pensamentos entre Assunção e Quaresma garantia-se que este pudesse ser tão agressivo e acutilante quanto necessário na condução e drible em situações de 1x1 ou 1x2... pois sabia que a equipa desencadeara, nesse preciso momento, os mecanismos colectivos para uma boa transição defensiva no caso de uma perda de posse de bola, assumindo desta forma o risco da sua iniciativa individual de uma forma colectiva.

2.3.3. Modelo de jogo, uma concepção do treinador reconstruída e enriquecida com os seus jogadores, equipa, treino e competição

Oliveira (2003) refere-se aos princípios de jogo como sendo os comportamentos e padrões de comportamento que os treinadores esperam ver os seus jogadores e as suas equipas consumar nos diferentes momentos do jogo.

Uma vez mais, parece explícito nas ideias do mesmo autor de Oliveira (2003) que caberá ao treinador enquanto líder no processo de preparação avançar com uma ideia de jogo, e um projecto do como jogar para a sua equipa, delineando “O Jogo” e o “Jogar” que irá apontar como alvo em cada partida, idealizando e traçando o destino(s) e o(s) caminho(s) dos “seus jogadores” e da “sua equipa” para avançar na direcção, por ele, pretendida.

Para tal o treinador deverá pensar, construir, desenvolver e actualizar permanentemente o modelo de jogo pretendido para a sua equipa. O modelo de jogo deverá constituir-se como o alicerce, o ponto de partida para a preparação dos jogadores, para a preparação da equipa e inevitavelmente terá um papel chave na preparação da competição.

Perspectivando o treino e as diferentes estratégias de preparação e construção da equipa (palestras, sessões vídeos, reuniões, demonstrações...) como um meio de transporte para levar um conjunto de jogadores que constituem uma equipa (num início de época por exemplo) com uma forma de jogar “mais primária” (entenda-se menos elaborada) para o Jogo que o seu treinador quer, para a ideia que ele tem de como pretende que os seus jogadores interajam, interpretem, joguem e corporifiquem aquela que será a “sua equipa” (no decorrer da temporada) facilmente poderão ser aceites algumas expressões frequentes no Futebol que salientam esta interdependência do jogar com o treinar:

Expressões como “Mostra-me como Treinas, dir-te-ei como jogas” (Vingada, 2000), ou “conforme se quer jogar assim se deve treinar”, sugerem a reciprocidade entre a preparação e a competição (Garganta, 1997). Queiroz (1986) corrobora a importância desta relação sublinhando a sua afinidade com

o sucesso, quando refere que melhores e mais eficazes serão os resultados do treino quanto maior for o seu grau de correspondência entre os modelos utilizados e o jogo.

Garganta em 2005 reforça a importância de se perspectivar o jogo e o treino como sistemas acontecimentais dinâmicos, reconhecendo a importância das interações dos jogadores/equipas para, perante situações de elevada instabilidade e variabilidade agirem eficazmente.

A elaboração e adopção de modelos cognitivos (de jogo e de treino) tem como função fornecer representações dos sistemas (jogo, treino, preparação) que evidenciem as propriedades dos sistemas que se pretendem conhecer, em detrimento de outras propriedades consideradas menos importantes (Pinto e Garganta, 1996).

Este processo de elaboração/desenvolvimento do modelo de jogo deverá ajudar o treinador a definir mais claramente as suas ideias e os comportamentos que deseja dos seus jogadores, de tal forma que um modelo de jogo a adoptar/ desenvolver, com princípios bem definidos e as suas respectivas características de aplicação táctica, será um instrumento para projectar a preparação dos jogadores e da equipa em congruência com os objectivos estabelecidos (Silva, 1998).

No mesmo sentido parece apontar Klein (1998), que estudou o funcionamento de diferentes tipos de equipas em variados contextos sociais. Apesar de não se referir especificamente ao processo de preparação de jogadores e de equipas de Futebol o autor afirma que o treino de uma equipa exige um certo processo, que deve passar, inevitavelmente, por definir as funções e os processos que as equipas devem dominar num determinado contexto, nomeadamente, e como exemplo, a capacidade de como comunicar intenções, ou de compensar os colegas de forma a se ajudarem uns aos outros.

Garganta (2005) tendo por base um entendimento do jogo de Futebol como uma sequência de situações-problema de cooperação e oposição originando um fluxo constante de comportamentos de contornos variáveis, salienta a necessidade dos colectivos em confronto se organizarem “em torno

de lógicas particulares, em função de regras, princípios e prescrições, operando em contextos de elevada imprevisibilidade e aleatoriedade”.

2.3.4. Do modelo de jogo à construção “da equipa do treinador”

Será de esperar que o treinador controle e avalie todo o processo de treino e de competição à luz do modelo de jogo adoptado para a equipa. A própria observação do jogo deverá ser dirigida a esse modelo, no sentido de aferir a consumação ou não dos princípios e dos comportamentos planeados por parte dos jogadores e da equipa no decorrer da competição (Silva, 1998).

Klein (1998), ainda em referência às características do processo de treino de equipas sublinha a necessidade de avaliar quão bem a equipa é capaz de desempenhar as funções e processos identificados como chave, num determinado contexto (específico); o mesmo autor salienta também a importância de identificar pontos de fraqueza no sentido de se poder treinar a equipa de forma a melhorá-los ou evitá-los.

Também nesta linha de raciocínio aponta Garganta (2005, p.5) ao afirmar que na busca da identificação e interpretação dos comportamentos críticos do jogo, se deverá valorizar mais o registo e a interpretação, “não tanto das quantidades *per si*, mas sobretudo das **quantidades da qualidade**”

No entanto, não basta ao treinador ter e desenvolver uma ideia o mais clara possível de jogo e do que pretende para obter “essa qualidade”, um modelo mental da forma como quer que a sua equipa jogue substanciada, ajustada à realidade do contexto, coerente com os objectivos, cultura do clube e direccionando-a para a vitória. Tão ou mais importante será transmiti-la conseguindo que os seus jogadores a partilhem intimamente consigo.

Em situação de jogo cada equipa deverá comportar-se como um sistema dinâmico vivendo da organização, o que quer dizer que a eficácia depende do compromisso entre a sua identidade e a sua integridade.

O que faz o jogo é a transformação da causalidade em casualidade, ou seja, aproveitar o momento; e quem ensina a aproveitar o momento são a estratégia e a tática. Nessa medida, é requerido aos jogadores uma

permanente disposição estratégico-táctica, cuja qualidade depende do conhecimento que o jogador tem do jogo (Garganta e Cunha e Silva, 2000) e, também, da forma como entendem o projecto de Jogo que se quer para a equipa.

Podendo recorrer às mais variadas técnicas, estratégias e tecnologias o treinador deverá conseguir que a sua equipa/jogadores cresça, se desenvolva e mature no sentido de funcionar como um todo, consistente, organizado e direccionado para os objectivos propostos conseguindo que como um todo a equipa funcione bem para além do somatório das partes constituintes.

O modelo de tomada de decisão em equipa proposto por Klein (1998) aponta um resumo sob a forma de esquema de uma série de características que o treinador deverá conseguir no âmbito do desenvolvimento da tomada de decisão em equipa. De seguida será desenvolvida cada uma delas:

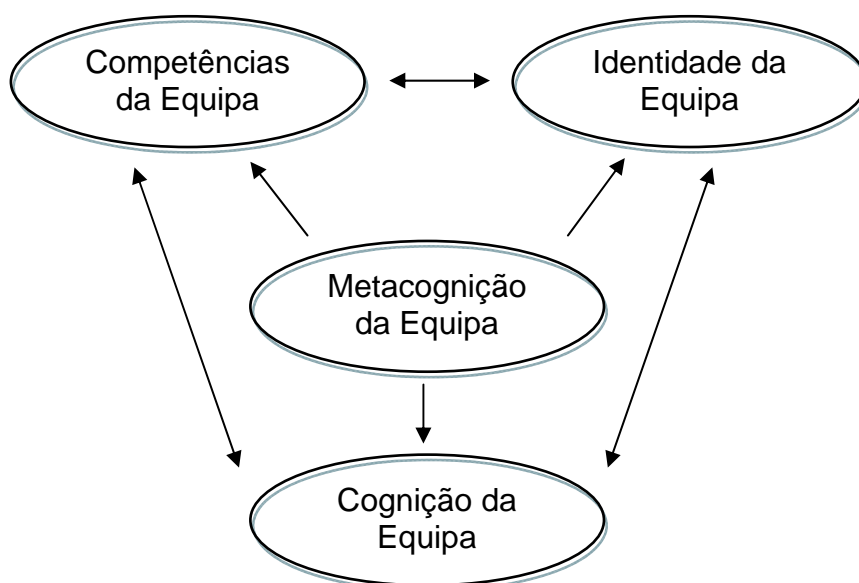


Figura 3. Modelo avançado de tomada de decisão em equipa (Adaptado de Klein, 1998)

O mesmo autor (1999) afirma que para o bom funcionamento da equipa se deverá garantir o desenvolvimento de **Competências de Equipa**: a equipa deverá apresentar, adquirir e desenvolver competências, para isso será importante que o treinador perceba quão bons são os membros da equipa e se ainda têm dificuldades com os procedimentos básicos;

Garganta (2005, p.3) corrobora essa necessidade de desenvolver um conjunto de competências, não só no treino de jogadores, mas também na preparação e construção de equipas. Dentro dessas competências realça as que se encontram directamente relacionadas com: “a) as capacidades de leitura e interpretação do jogo, e com b) a produção e vivência de situações de exercitação que permitam um elevado efeito de transferência, associado a c) consideráveis níveis de autonomia e criatividade”.

Outro aspecto que o treinador de verá apontar será o desenvolvimento e consolidação da **Identidade de Equipa**: todos os jogadores se identificam com o proposto, deverão saber quem faz o quê, ser capazes de se entre-ajudarem, isto é, desenvolver uma Identidade de Equipa, conseguindo que ninguém “fique fora” desta e sem que haja alguns elementos preocupados unicamente em ter sucesso individual, ou seja, concentrados apenas nas suas próprias tarefas (“*micromanaging*”) (Klein, 1998).

Paulo Assunção enquanto jogador do Porto foi sendo, recorrentemente, reconhecido por ser um jogador com um forte jogo colectivo, intuindo-se essas suas características nas suas palavras sobre as suas funções na equipa e o facto de não lhe ser permitido falhar, demonstrando bem a sua integração, a sua “entrega à causa”, a identidade com a equipa e a capacidade de, em certa medida, subjugar a sua forma de jogar em prol de objectivos superiores, o funcionamento optimal da equipa: “É uma tarefa muito complicada. Se eu falhar um passe ponho em risco os meus companheiros da defesa; (...) Não posso errar e é por isso que procuro jogar sempre de uma forma muito simples.” (cit. por Sousa, 2009).

Considerando que a acção de um jogador de Futebol desemboca, obrigatoriamente, na interacção dos demais elementos em jogo, cada uma das equipas que se enfrentam comporta-se como um agregado cujas relações entre os seus elementos se sobrepõem às mais-valias individuais. É nas articulações do sistema que este tece a sua identidade e é igualmente nelas, e através delas, que cria condições para a manter ou alterar, em função das circunstâncias e das respectivas debilidades e mais valias dos intervenientes (Garganta, 2005).

Klein (1998) aponta alguns aspectos importantes para o desenvolvimento da identidade de equipa, começando por afirmar que os membros de uma equipa têm, a priori, de aprender os seus próprios trabalhos (tarefas). Depois os elementos de uma equipa deverão perceber algo acerca do trabalho (tarefas) dos companheiros, prosseguindo posteriormente com o desenvolvimento de automatismos no sentido de se coordenarem e de trabalharem em conjunto. Finalmente, e apenas quando têm o básico assegurado podem descentrar a sua atenção para perceber os desafios com que a equipa enquanto um todo se depara.

Um jogador que não tenha domínio sobre as suas tarefas básicas ou tenha permanentemente dúvidas sobre quais serão os comportamentos da sua equipa estará constantemente preocupado em aferir o seu desempenho descontextualizado do da, procurando não cometer erros que lhe possam ser apontados individualmente. Em relação à equipa terá necessidade, a todo o instante, de despender mais energia para perceber o que se está a passar, tendo necessidade de ajustar constantemente os seus comportamentos em vez de funcionar de forma fluida e com maior possibilidade de antecipação. Só assim, dominando as suas tarefas específicas, percebendo o funcionamento geral da equipa e sabendo algo sobre as funções dos companheiros os jogadores poderão “entregar-se por inteiro à equipa”, assumindo individualmente os objectivos comuns.

Klein (1998) salienta a importância, para a tomada de decisão em equipa, da **Metacognição da Equipa**: relaciona-se com o conceito de pensar acerca de pensar. Em todos os elementos deverá haver consciência do que se passa com a equipa a cada momento e nos mais variados contextos, quais são os problemas com que se deparam e como os solucionar, quais as limitações da equipa e quais os seus pontos fortes. Todos os elementos devem perceber, em cada momento, quem deve assumir as responsabilidades, o mesmo autor afirma ainda que será importante haver consciência do efeito da pressão do tempo sob a equipa;

Por fim e sendo, também este um aspecto determinante para Klein (1998) a **Cognição de Equipa**: a equipa deve perceber o que o treinador quer, isto é,

todos os jogadores deverão ter a mesma imagem do que é pretendido, tendo, também uma ideia global de quais são os objectivos e as intenções, conseguindo que os jogadores partilhem o entendimento das diferentes situações sem que fiquem paralisados pela incerteza. Reconhecer cada situação é um factor chave e as equipas devem ser capazes de comunicar esse reconhecimento de forma a alcançar um entendimento partilhado.

Também Queiroz (2006, cit. por Almeida 2006) salienta a importância do jogador compreender exactamente o que a equipa espera dele e depois saber qual deverá ser o seu contributo para a equipa, isto é, em função da especificidade da sua equipa, o jogador deverá perceber claramente a dinâmica de funcionamento do colectivo e a partir daí saber qual(is) a(s) sua(s) função/tarefa(s).

Van Gaal (cit. por Kormelink e Seeverens, 1997) corrobora esta importância do “sentimento de equipa” para um bom funcionamento colectivo ao afirmar que no Futebol, dependendo tudo do colectivo, os jogadores devem aprender a colocar os interesses da equipa como prioridade.

Também os autores Tavares e Faria (1996) afirmam ser a sua convicção de que a fonte mais importante de vantagem competitiva reside nos modelos existentes na mente dos jogadores e no modo como eles desenvolvem continuamente esses modelos para lidar com situações altamente incertas através de raciocínios analógicos.

Concordando com Araújo (1987) (cit. por Garganta, 1997), destaca-se a importância que o ensino e treino das modalidades colectivas deverá ser desenvolvido segundo planeamentos e programações positivamente relacionados e influenciadas pelos modelos de jogo, de preparação e de jogador.

No mesmo sentido os modelos técnico-tácticos deverão reproduzir de uma forma metódica e sistemática todo o sistema de relações que se pretendem ver estabelecidas entre os diferentes elementos de uma dada situação de jogo, contribuindo para uma definição tão precisa quanto possível das tarefas e dos comportamentos exigíveis aos jogadores, em função dos seus níveis de aptidão e de capacidade (Queiroz, 1986).

Assim sendo e seguindo a lógica do que deverá ser a construção da atitude táctica contextualizada à equipa, reforçamos a ideia de Garganta e Pinto (1998) em relação ao desenvolvimento das diferentes possibilidades de escolha por parte do jogador ser altamente depende do conhecimento que este tem do jogo. A sua prestação será, sempre, influenciada pelos seus modelos de explicação, isto é, pelo modo com concebe e percebe o jogo. Modelos estes que funcionarão como orientação para as respectivas decisões em jogo, condicionando a organização da percepção, a compreensão das informações e a resposta motora.

Apenas neste contexto de inter-acção, de pertença ao colectivo como parte integrante e estruturante da mente da equipa os jogadores estarão prontos para contribuir em grande escala e de forma consistente para a supressão dos pontos de debilidade e maximização das possíveis vantagens da equipa, ajudando na procura de soluções, enquanto indivíduos, tendo como horizonte o “ser colectivo”, adaptando as suas decisões e acções a cada momento do jogo enquadrando-as na especificidade da sua equipa e nas características dos companheiros.

2.3.5. A interacção de macro-estruturas enquanto indutoras da dinâmica do jogo de Futebol

“Nas partidas de Futebol, as equipas disputam objectivos comuns, lutando para gerir em proveito próprio, o tempo e o espaço, através da realização de acções de sinal contrário (ataque versus defesa) alicerçadas em relações de oposição e de cooperação.”

(Garganta, 2005: 179)

Partindo das palavras de Garganta (2005) infere-se a forma como os jogadores e a equipa gerem o espaço, tempo, tarefas e a forma como conjugam a sua interacção se apresenta como um factor chave, interacção essa, nas diferentes fases do jogo, apontada por Pino Ortega (2001) como a

indutora da sua dinâmica. De seguida procurar-se explorar e esclarecer de forma sucinta cada das designadas Macro-estruturas.

2.3.5.1. Macro-estrutura Espaço

“O Futebol, é inconscientemente, sempre sobre o espaço. É sempre sobre criar e ocupar espaço. E se a bola não vem, o jogador deixa o espaço e outro jogador o ocupará. É uma espécie de arquitectura do espaço. É sobre esse movimento, mas continua a ser sobre o Espaço, sobre organizar Espaço”

Michler (cit. por Sousa 2009)

Toda a acção desenvolvida no espaço de jogo não pode ser perspectivada apenas como uma produção motora, isto é, através de deslocamentos e da projecção das técnicas numa estrutura geométrica. O espaço assume-se, sobretudo, como um quadro referencial de pensamento e acção (Garganta, 1997). Será indispensável enquadrar no espaço toda o tipo de acções de jogo.

Para ter um bom exemplo desse funcionamento do espaço como referencial de pensamento e acção bastará ouvir alguns treinadores, principalmente em jogos de escalões etários mais baixos, quando os jogadores não conhecem de forma tão aprofundada o jogo ou não valorizam muito o risco de algumas acções, comentarem com os seus jogadores que determinados tipos de acções, nomeadamente 1x1, 1x2 ou determinados tipos de passe ou recepções não deverão ser feitas em algumas zonas do campo, mas sim noutras.

No sentido de compreender o espaço de jogo como um espaço efectivamente físico, mas essencialmente interactivo Tissié (cit. por Pino Ortega, 1997), demonstra uma perspectiva do espaço de jogo numa dupla dimensão correspondente a dois subespaços: as zonas fixas e as zonas variáveis. Uma dimensão física caracterizada por um espaço formal, estável e estandardizado (*idem*, 1997), delimitado pelas normas do regulamento de jogo.

Este subespaço é considerado através das marcações visíveis no terreno de jogo.

De acordo com o mesmo autor a outra dimensão – subespaço de zona variável, reflecte a natureza invasiva do jogo de Futebol, isto é, duas equipas interagem num mesmo espaço, em busca de um mesmo objectivo. Falar-se de espaço de jogo impõe, desde logo, uma ligação ao factor interacção (Castellano, 2000), pelo que um bom comportamento se orienta também no comportamento do adversário, sendo este um parâmetro relevante da acção.

De igual modo Garganta (1997) refere-se ao espaço indo para além da sua dimensão física, acrescentando a ideia de espaço configuracional², ou informacional.

Espaço este rico em zonas de referência que, apesar de muitas das vezes, não serem visíveis no espaço físico, deverão ser perspectiváveis por cada jogador, como são os casos dos corredores ou sectores em que o campo é comumente dividido. Trata-se assim de um espaço informacional que decorre da interacção do jogador com o contexto de jogo e os demais intervenientes.

2.3.5.2. Macro-estrutura Tempo

O Futebol, enquanto disciplina desportiva depende do factor tempo (*time-dependent*, cf. Franks e McGarry cit. por Garganta, 2005), é interactivo, integra cadeias de acontecimentos descontínuos altamente relacionados, não apenas com os acontecimentos antecedentes, mas também com as probabilidades de ocorrência de acontecimentos subsequentes, considerada a respectiva aleatoriedade (Garganta, 1997).

Esta macro-estrutura que implica fortes constrangimentos no que respeita à tomada de decisão por parte dos jogadores uma vez que implica uma intensa

² O termo Configuração significa o aspecto / formato exterior de um sistema (jogo - equipa) percebido por um sujeito, num dado momento, não apenas a partir da posição dos jogadores no terreno e na constelação equipa, mas também de acordo com as "linhas de força" do jogo (fase de ataque ou defesa; relação de superioridade, igualdade ou inferioridade numérica; zona do terreno de jogo; posição da bola, ...) e as suas possibilidades de evolução (Harris e Reilly; Gréhaigne; cit. por Garganta, 1997).

pressão acrescida, nomeadamente, à utilização de espaços, recolha de pistas, interpretação dos contextos, realização de tarefas...

Da mesma forma que o espaço de jogo, também o tempo de jogo poderá ser perspectivado através de uma dupla significação. A forma como é vivenciado reflecte aspectos relevantes do jogador e da equipa (Oliveira, 2003) e, logicamente, o sucesso ou o insucesso.

Para além de ser entendido de acordo com as medidas que o regulamento do jogo estabelece, como, por exemplo, a duração total do jogo. A partir da conciliação do factor tempo será possível estudar algumas variáveis do rendimento como o tempo de posse de bola, participação efectiva dos jogadores, duração de acções ofensivas/defensivas, etc. (Vélasquez, 2005). Variáveis essas que podem ser relevantes ou até mesmo chave para a compreensão da dinâmica do jogo.

Em jogo o ideal será que os jogadores consigam resolver de forma óptima os problemas que este lhes propicia em cada contexto e em cada instante, utilizando para isso, segundo Romero Cerezo (2000), três mecanismos fundamentais de acção, a percepção, a decisão e a execução.

Associado a cada um destes mecanismos está o espaço temporal em que eles decorrem, ao qual surge, inevitavelmente, associada a noção de velocidade. No entanto e concordando com Balash (1998) no âmbito do jogo de Futebol será importante valorizar esta velocidade à luz do necessário ajuste temporal e espacial das acções, bem como das características da tarefa a realizar, por isso o mesmo autor sugere que se deverá ponderar mais como uma *velocidade táctico-técnica*.

O que se espera do jogador de Futebol é que consiga realizar acções de jogo indo ao encontro da solução dos problemas da forma o mais ajustada possível o que muitas vezes implica uma elevada velocidade, que poderá ser solicitada a diferentes níveis, partindo do exemplo de Romero Cerezo (2000), velocidade perceptiva, velocidade decisional e/ou velocidade de execução. No entanto e apesar da(s) velocidade(s) ser muitas vezes determinante a dimensão qualitativa da sua intervenção no jogo não deverá, nunca, passar para segundo plano. Assim, no jogo de Futebol as noções de espaço e de

tempo aparecem estreitamente intrincadas, pelo que limitar o espaço disponível para jogar implica diminuir o tempo para agir. Neste âmbito, poderá compreender-se no jogo uma luta incessante pelo tempo e pelo espaço (Garganta, 1997).

Estas duas noções (Tempo/Espaço) tornam-se, em grade escala, vitais para o entendimento do jogo. A sua interpretação implica nitidamente a sua interligação com a dos factores que permitem configurar a lógica de actuação dos jogadores e das equipas, ou seja, a realização das tarefas (*idem*, 1997).

2.3.5.3. Macro-estrutura Tarefa

Garganta, em 1997, apresenta esta macro-estrutura referenciada à acção ou às acções desempenhadas pelos jogadores nas diferentes fases do jogo, em função dos constrangimentos provocados pelas macro-estruturas espaço e tempo que se lhes deparam.

A realização de toda e qualquer tarefa ou comportamento em situação de jogo pressupõe um contexto que será em certa medida consumado no seu enquadramento espacial, de criação de espaços livres, aproveitamento desses espaços, super-povoação de outros (...), e no seu timing de execução. Realizar uma acção que, a priori, seria considerada ajustada mas numa zona imprópria, num momento inoportuno ou com uma velocidade de execução desajustada poderá ser tanto ou mais prejudicial como optar e executar uma acção que, supostamente, não fosse tão adequada a essa mesma situação de jogo.

Da interacção destas três macro-estruturas inferimos uma outra, que se poderá considerar como o objectivo para o qual as três concorrem em todas as fases/momentos do jogo – a *organização colectiva*, que se constrói a partir das acções resultantes da tão almejada optimização de comportamentos colectivos (Barreira 2006).

Poderá depreender-se esta sensação de optimização colectiva associada a estas 3 macro estruturas. A partir das palavras de Castelo (1994) ao sugerir que logo que a bola entra em movimento se efectuam com uma certa liberdade, de sector para sector e de corredor para corredor, movimentos

compensatórios, em que a ocupação é a cada instante adaptada consoante as situações momentâneas de jogo, onde se procuram assegurar as respostas tácticas específicas – imediatas e prementes, à consecução dos objectivos da equipa.

2.3.6. Fases/momentos do jogo

O jogo de Futebol assenta grande parte da sua riqueza na diversidade dos contextos e das acções de jogo (não existem situações absolutamente idênticas). No entanto para mapeamento do jogo, para criar de um modelo de jogo e de uma forma de jogar, para a construção dos exercícios para o aprender e treinar, será importante a configuração de modelos explicativos e interpretativos, que possibilitem a representação dos respectivos conteúdos e lógica, partido das dimensões percebidas como essenciais (Garganta 2005). As situações deverão ser categorizáveis, isto é, reconvertíveis em categorias ou tipos de situações.

Nesse sentido será possível identificação de Fases/momentos do jogo.

Apesar de não haver na literatura uma grande consonância em relação à utilização do termo *fase* ou do termo *momento* (Barreira, 2006), já em relação à sua quantificação parece que a distinção de quatro momentos/fases poderá ser considerada uma contagem para além de frequente, também ela relativamente unânime.

Garganta (2006) sugere quatro grandes fases, sendo que em cada uma delas as equipas perseguem objectivos antagónicos: *“a fase de ataque, quando a equipa tem a posse da bola e, procurando mantê-la, tenta criar situações de finalização e marcar golo; a fase de defesa, quando a equipa não tem a posse da bola e, procurando apoderar-se dela, tenta impedir a criação de situações de finalização e a marcação do golo; as transições de posse da bola, quando ela é conquistada (ataque/defesa) ou perdida (defesa/ataque), e em que a alteração rápida e eficaz de comportamentos e atitudes permite surpreender o*

adversário, fazendo com que o mesmo não consiga organizar-se a contento” (Garganta, 2006).

Fases estas que têm um elevado grau de correspondência com os 4 momentos propostos por alguns treinadores (Louis Van Gaal, in Kormelink e Seeverens, 1997; Mourinho, 1999 (cit. por Faria, 1999); Oliveira, 2004; Vélasquez, 2005):

(1) *Organização ofensiva*, considerado como o conjunto de comportamentos que a equipa deverá avocar quando adquire a posse de bola, com o objectivo de preparar, criar e consumir as situações ofensivas, tendo como objectivo máximo marcar golo; Garganta (2006) associa a esta fase em que a equipa tem a bola os seguintes constrangimentos típicos e finalidades: “Criar espaço (amplitude; profundidade) para “aumentar” o tamanho relativo do campo; Manter o equilíbrio espacial, oferecendo linhas de passe (apoio); Construir jogo para marcar golos”.

(2) *Transição ataque/defesa*, será caracterizado pelos comportamentos a assumir nos segundos após perda de posse de bola, estando, provavelmente, ambas as equipas desorganizadas ou pelo menos não tão bem organizadas; Garganta (2006) associa a esta fase em que a bola é perdida os seguintes constrangimentos típicos e finalidades: Mudar o sentido do fluxo do jogo tão depressa quanto possível (passando do ataque à defesa); pressionar o portador da bola para permitir a recuperação defensiva.

(3) *Organização defensiva*, que visa contrariar a organização ofensiva, isto é, quando não se está em posse da bola, a equipa deverá organizar-se de forma a criar dificuldades ao adversário na preparação e criação de situações de golo e evitar que marque golos; Garganta (2006) associa a esta fase em que a equipa adversária tem a bola os seguintes constrangimentos típicos e finalidades: “Adensar o espaço, para diminuir o tamanho relativo do campo; Movimentar-se em direcção à bola (pressing) para retirar tempo/espaço ao adversário; Movimentar-se em direcção à própria baliza (fall back) para proteger a própria baliza”

(4) *Transição defesa/ataque*, que se caracteriza pelos comportamentos a adoptar nos segundos que sucedem a recuperação da posse de bola.

Garganta (2006) associa a esta fase em que a equipa ganha a bola os seguintes constrangimentos típicos e finalidades: Mudar o sentido do fluxo do jogo tão depressa quanto possível (passando do ataque à defesa); retirar a bola da zona de pressão;

Sendo que a estes 4 momentos Sousa (2005) acrescenta os denominados *fragmentos constantes de jogo*, frequentemente apelidados de lances de bola parada.

Os momentos/fases de transições defesa/ataque e ataque/defesa são ricos em variações marcantes na dinâmica do jogo, a sua importância poderá ser fundamental para a eficácia da dinâmica do jogo de uma equipa, isto porque induzem desequilíbrios importantes implicando muitas das vezes desorganizações nas equipas em confronto.

Vários treinadores de excelência vêm salientando a importância dos momentos de transição – Mourinho, 2003 (cit. por Amieiro, 2004); Wenger, 2008, Queiroz, 2003 (cit. por Almeida 2006).

Oliveira em 2004 aponta que a tónica destes momentos de transição será o aproveitamento iminente da desorganização das equipas nos instantes imediatos à perda ou recuperação da posse de bola. Também Garganta (2006) aponta as transições de fase como sendo fases críticas do jogo com grande importância para a eficácia da dinâmica de jogo.

Explorando um pouco mais aprofundadamente o tema da transição após recuperação de bola, facilmente se percebe que a forma como ela decorre e é aproveitada pela equipa depende de um sem número de factores que vão desde a zona onde a bola é recuperada, à capacidade do jogador que a recuperou para lidar de forma técnica/táctica eficaz com uma situação de pressão/não pressão imediata por parte dos adversários, passando pelos níveis de organização da equipa e da equipa adversária no momento em que se dá a recuperação, o próprio tempo decorrido de jogo e até mesmo o resultado poderão ter influência directa na forma como é encarada e explorada essa mesma transição. Portando o contexto, o “como”, o “quando”, o “onde”, o

“quem”, etc. irão seguramente ser factores a condicionar e propiciar todo um conjunto de diferentes transições.

Será importante, no entanto e concordando com Garganta (2006), alertar para o facto de que com a identificação de diferentes fases/momentos não se pretender fragmentar o jogo em elementos, mas sim “entretecer os respectivos ingredientes específicos”, facilitando a criação de cenários de organização que envolvam o “gérmen do jogo”.

Percebe-se esta importância de interligação e interdependência dos diferentes momentos do jogo nas palavras de alguns autores, Queiroz (2006) “(...) *com bola se defende e ataca e sem bola se defende e ataca(...)* O equilíbrio defensivo é o argumento fundamental de um bom ataque.”; ou Mourinho, 2003 (cit. por Amieiro 2004) “(...) *quando se possui a bola, também se tem que pensar defensivamente o jogo, da mesma forma que, quando se está sem ela e se está numa situação defensiva, também se tem que estar a pensar no jogo de uma forma ofensiva e a preparar o momento em que se recupera a posse de bola.*”

3. Metodologia

“Se a investigação quantitativa se pode definir pela procura do conhecimento tecnológico ou teórico, a investigação qualitativa, pode-se pensar em termos de uma orientação que visa o conhecimento prático. Para construirmos um quadro de referência, não temos de estar presos a nenhuma idolatria do método científico ou de outro método qualquer”.

Greene (1999)

3.1. Procedimentos metodológicos

No sentido de cumprir os objectivos propostos no âmbito deste estudo, utilizaram-se os seguintes procedimentos metodológicos:

a) Recolha de dados;

Procedeu-se à realização de uma entrevista ao treinador principal do Futebol Clube do Porto, Jesualdo Ferreira e outra a um dos médios interiores e capitães da equipa do Futebol Clube do Porto, Lucho González;

A entrevista é uma das técnicas de recolha de dados utilizadas na investigação qualitativa. Consiste numa forma oral de inquérito que poderá ser mais ou menos estruturada e directiva. Visa a recolha de opiniões e ideias dos entrevistados sobre um determinado tema. O objectivo central será o de perceber a opinião dos entrevistados sobre o assunto a investigar.

Denzin (2000), perspectiva a entrevista como sendo uma das formas mais poderosas e comuns através da qual se procura entender o ser humano.

De entre um leque de diferentes tipos de entrevistas existentes – estruturadas, semi-estruturadas ou não estruturadas - a opção recaiu sobre as entrevistas semi-estruturadas por parecerem as mais ajustadas ao estudo de caso proposto com o qual se pretende aceder aos modelos mentais e à sua percepção relativamente a alguns aspectos directamente relacionados com o modelo de jogo e tomada de decisão.

Este tipo de entrevistas contemplando sua orientação possibilita uma maior liberdade para os entrevistados exporem e aprofundarem as suas ideias e os seus pensamentos facilitando respostas sem grandes constrangimentos. Assim e na tentativa de não se incorrer no risco de nos desviarmos da informação que à partida, e em função do tema do trabalho, teria maior relevância procedeu-se à elaboração de um roteiro para a entrevista do treinador e partindo desse roteiro foi construído outro adaptado para a entrevista a Lucho González. Esses roteiros apesar de construídos de forma um pouco exaustiva não foram encarados de forma regida mas sim com a possibilidade de ajustarem de forma flexível ao desenrolar das entrevistas. Não sendo exactamente iguais os guiões foram concebidos com base nas mesmas linhas gerais e tendo em mente a possibilidade de, a posteriori, permitir o cruzamento do pensamento dos entrevistados.

Foram realizadas individualmente no local escolhido pelos entrevistados, locais suficientemente reservados onde foi possível conseguir um ambiente calmo e sem grandes perturbações às entrevistas. A entrevista ao treinador Jesualdo Ferreira teve uma duração aproximada de duas horas tendo sido terminada após alguns sinais de saturação do tema da parte do entrevistado. A entrevista de Lucho González teve, tal como previamente acordado, uma duração aproximada de uma hora.

b) Análise de Conteúdo da transcrição das entrevistas ao treinador Jesualdo Ferreira e a Lucho González, respectivamente, treinador e um dos capitães da equipa do Futebol Clube do Porto;

Uma vez que, como justificam diversos autores (Poirier *et al.*, 1999; Ghiglione e Matalon, 2001), não parece ser o mais ajustado confiar apenas nas notas recolhidas bem como na memória que se tem da entrevista, será recomendável o uso da gravação para posterior transcrição. Assim sendo, as entrevistas foram gravadas, através de um sistema de gravação por filmagem com recurso a uma câmara de filmar, que para além da captação vídeo e áudio se encontrava centrada para a captação dos diagramas desenhados pelos

entrevistados num bloco de notas constituídos por esquemas de campos de Futebol. O material foi transcrito tendo em consideração apenas o conteúdo verbal e os esquemas ilustrados pelos entrevistados, esquemas esses que foram adaptados e transcritos, tendo em vista o seu posterior tratamento analítico, nomeadamente através da análise do seu conteúdo (Bardin, 1995; Grawitz, 1993). De referir que em relação à entrevista do treinador Jesualdo Ferreira ficou acordada a possibilidade da sua utilização para análise de conteúdo, ficando igualmente definido que a entrevista deveria permanecer confidencial.

O objectivo da análise de conteúdo é o de “efectuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas” (Vala, 1986, p.104).

Segundo Bardin (1995, p.42), a análise de conteúdo pode ser definida como sendo “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”, ou seja, permitem descrever e inferir sobre o conteúdo das mensagens. Para o autor, a análise de conteúdo desempenha duas funções: a função heurística e a função de administração de prova.

No presente estudo recorreu-se à complementaridade dessas duas funções, pois pretendia-se, por um lado, explorar o conhecimento específico dos entrevistados sobre o jogo, a forma como concebem o jogar da equipa da qual são membros constituintes, as tarefas individuais do jogador na transição defesa-ataque e a percepção de alguns conteúdos associados à tomada de decisão por parte do jogador em estudo e por outro lado verificar a existência de uma ideia ou filosofia de jogo clara do treinador à qual estarão subjacentes regras de acção ou princípios orientadores da acção dos jogadores, assim como se procurou verificar a congruência entre a ideia e modelo de jogo para a equipa do treinador e o percebido pelo jogador.

Segundo Pereira e Leitão (2007), a definição de categorias pode ser feita à *priori* ou à *posteriori* ou mesmo através da combinação destes dois

processos. Foi Definido à *priori* um sistema categorial, tendo como ponto de partida a revisão da literatura por nós anteriormente efectuada.

De seguida, procedemos à categorização. Tratou-se, no fundo, de efectuar uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, na sequência, por reagrupamento segundo o género, com os critérios previamente definidos. Segundo Bardin (1995), as categorias são rubricas ou classes que reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento, esse, efectuado em razão dos caracteres comuns desses mesmos elementos.

Para que se tornasse possível a construção destas categorias à *priori*, a revisão da literatura foi fundamental, nomeadamente Garganta (2005; 2006) e Castelo (1996), uma vez que permitiu delimitar o campo de estudo no que diz respeito aos aspectos das categorias sugeridas:

- a) Ideia / filosofia de jogo;
- b) Transição defesa-ataque;
- c) Organização ofensiva;
- d) Transição ataque-defesa;
- e) Organização defensiva;
- f) Bolas paradas / esquemas tácticos;
- g) Tarefas e aspectos relacionados com a tomada de decisão de Lucho González na transição defesa-ataque;

Destaca-se que estas categorias inicialmente lançadas foram em grande medida úteis ao permitirem uma filtragem, condensação e organização da informação, No decorrer da análise das entrevistas, elaborou-se uma tabela à onde se foram associando os excertos ilustrativos das categorias do quadro analítico pré-definido. No entanto o processo de tabelação dos dados sugeriu a flexibilização e adaptação do quadro categorial inicial.

Assim, procedeu-se a uma fusão das categorias iniciais baseadas na revisão da literatura com as ideias e concepções emergentes nas transcrições das entrevistas, permitindo dessa forma a sua evolução e expansão de encontro a um novo quadro de categorias – presentes na apresentação e

discussão dos resultados. Procurou-se enquadrar essas novas categorias nas linhas de pensamento e conceitos do treinador Jesualdo Ferreira em relação à sua interpretação do jogo e às suas concepções no que respeita ao seu modelo de jogo e também tendo em conta a percepção de Lucho González em relação a alguns conteúdos associados a tomada de decisão.

A análise qualitativa do conteúdo das transcrições das entrevistas foi marcada por uma forte intenção descritiva associada ao cariz deste estudo de caso. Com o intuito de enriquecer esta veia descritiva do trabalho, optou-se por recorrer de forma sistemática à utilização de excertos das entrevistas considerados ilustrativos das diferentes categorias. Esta estratégia permitiu desenvolver uma forma mais rica e fidedigna de ilustração dos pensamentos e concepções dos entrevistados facilitando, dessa forma, uma análise e discussão mais rica dos resultados.

4. Apresentação e discussão dos resultados

Depois de realizadas a revisão bibliográfica e as entrevistas, bem como a sua transcrição, passou-se à análise das respostas dos entrevistados, no sentido de discutir e comparar o conteúdo das mesmas, cruzando-o com a informação proveniente da revisão bibliográfica.

4.1. Interdependência dos diferentes momentos/fases do jogo

“...pode acontecer haver aqui ou ali, algum momento em que esses cinco pilares (organização ofensiva, a organização defensiva, a transição defensiva, a transição ofensiva e as bolas paradas/esquemas táticos) tenham alguma coincidência (...)”

(treinador Jesualdo Ferreira, na entrevista)

Parece desde já importante salientar como ponto de partida o facto de o treinador Jesualdo Ferreira ter um entendimento do jogo que, apesar de passar pela aceitação dos cinco grandes pilares sugeridos (organização ofensiva, a organização defensiva, a transição defensiva, a transição ofensiva e as bolas paradas/esquemas táticos), destaca a importância de poder *“...acontecer haver aqui ou ali, algum momento em que esses cinco pilares tenham alguma coincidência (...)”* Esta referência à coincidência dos diferentes momentos de jogo parece em consonância com as afirmações de Queiroz (2006) onde refere que com posse de bola se defende e se ataca e sem posse de bola igualmente se deverá defender e atacar, ou com Mourinho (2003) (cit. por Amieiro 2004) que refere que quando se está em posse também se deverá pensar defensivamente o jogo, tal como quando não se tem posse se deverá ponderar o jogo ofensivo preparando o momento em que se recupera a posse de bola.

Como pudemos perceber em vários pontos da entrevista, o TJJ salienta esta forte relação e uma espécie de sobreposição relativa a diferentes momentos, como por exemplo *“Entendendo que na ocupação racional dos espaços e simultaneamente no número de jogadores que eu tenho é a zona, até pelo equilíbrio que permite que define o método (defensivo) e que,*

simultaneamente, prepara todo o processo ofensivo.”; ou “(...) é obvio que neste processo colectivo defensivo, toda a equipa, ocupa espaços, espaços fundamentais para atacar bem (...)” e, de igual modo, quando se refere a um conceito de jogo que considera “importante, é que quando eu estou a atacar eu estou a começar a defender!”

4.2. “Defender bem para atacar bem”

*“A minha **ideia** enquanto treinador é simples (...) é **defender bem para atacar bem**”*

“(...) este é o princípio básico, a concepção, a filosofia do processo e do método, não defendo, sem que a minha equipa entenda que eu estou a defender para atacar melhor.”

(TJF, na entrevista)

A ideia de jogo do treinador como uma premissa para o desenvolvimento da construção do jogar da equipa é um aspecto que, como ficou esclarecido com a revisão bibliográfica, se assume como incontornável, como podemos perceber por exemplo nas palavras de Oliveira (2003) que afirma que caberá ao treinador enquanto líder no processo de preparação, avançar com uma ideia de jogo bem como com um projecto do como jogar para a sua equipa,

Esta necessidade de ter uma ideia, uma filosofia base bem definida, não só na cabeça do treinador, mas também na dos jogadores da equipa, aparece clara nas palavras do TJF *“A minha equipa tem que ter esta ideia clara: eu defendo bem para atacar melhor. E não defendo bem (...) para evitar que o adversário me cause perigo ou me marque golos. Não! Eu defendo bem porque entendo que defender bem é a forma de atacar bem (...) defender só com um objectivo: tirar a bola e dar cabo dos adversários!”* Das palavras do TJF podemos aqui depreender a incontornável necessidade de haver uma cognição de equipa, tal como destaca Klein (1998). A equipa deve perceber o que o treinador pretende, todos os jogadores deverão ter a mesma imagem do que é pretendido e uma ideia global de quais são os objectivos e as intenções.

Podemos entender, no decorrer da entrevista, uma concepção de jogo do treinador direccionada para o controlo do jogo, a partir do domínio do jogo defensivo, *“Defensivamente, não seria muito inteligente os adversários virem para a zona que eu quero (...) se eu não tivesse, no momento em que procuro recuperar a bola, tudo preparado para poder tirar vantagem disso...”*,

Esta ideia de jogo parece ser clara, pelas palavras de Lucho González (LG), não só para ele mas, aparentemente, para toda a equipa pelo facto dele se referir não só a ele, mas a um colectivo (“nós”) quando afirma: *“nós sabemos que a ideia do nosso treinador é, quando não temos a bola, juntar a equipa num sítio, no sítio onde o rival tem a bola, não juntar toda a equipa mas estar junto (...) e simultaneamente estar preparado para atacar. A nossa ideia é essa. Sabemos que recuperando a bola no lugar certo vamos, depois, poder atacar bem.”*

Destes dois pequenos excertos que confirmam a ideia/filosofia de jogo desenvolvida pelo treinador e percebida pelo jogador em estudo, podemos associar a concepção de Futebol dominante a que Van Gaal (2009) (cit. por Souza, 2009) se refere como o *“um Futebol em que a tua Equipa decide como o adversário joga o seu Futebol, e não o contrário.”*

Para além das palavras do TJJF podemos concretizar esta sua ideia recorrendo a um dos exemplos esquemáticos por ele efectuado no âmbito da entrevista.

Enquanto desenhava o esquema que se segue explicava-o da seguinte forma *“(...) a equipa a defender se privilegia esta zona do campo (zona A na fig. 4), (...) utilizando (...) cinco jogadores e se consigo que o adversário coloque as suas acções ofensivas aqui, sobram-me cinco jogadores para poder ter algum proveito ofensivo. Portanto (...) quando defendo tenho que ter única e exclusivamente um objectivo (...) que é defender bem para atacar bem.*

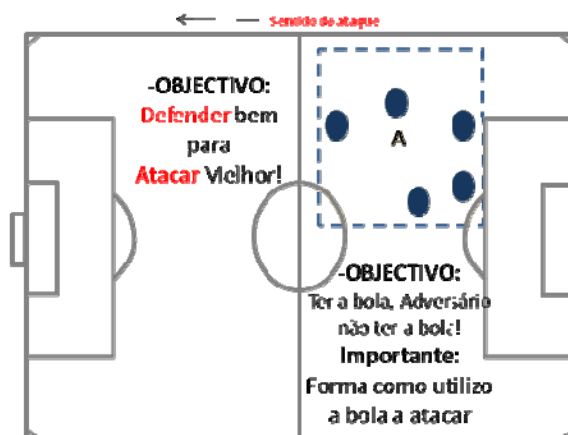


Figura 4. Defender bem para atacar melhor (TJF)

Para além da já citada necessidade de uma forte cognição de equipa subentende-se aqui a importância da identidade de equipa. Todos os jogadores se deverão identificar com o proposto, saber quem faz o quê e ser capazes de se entre-ajudarem, por isso o TJF sublinha que “*defender exige solidariedade*”, percebe-se que os jogadores deverão ter sempre presente o que se quer para a equipa, sem que haja jogadores preocupados unicamente em ter sucesso individual, sem que ninguém “fique de fora” ou esteja exclusivamente centrado apenas nas suas próprias tarefas individuais (“*micromanaging*”) (Klein, 1998). Van Gaal (cit. por Kormelink e Seeverens, 1997) corrobora esta importância do “sentimento de equipa” para um bom funcionamento colectivo ao afirmar que no Futebol, dependendo tudo do colectivo, os jogadores devem aprender a colocar os interesses da equipa como prioridade.

A necessidade de partilhar a fundo com os seus jogadores a sua ideia de jogo aparece explícita em alguns momentos da entrevista do TJF, percebendo-se, inclusive o papel chave do treino neste processo, “*É este “espírito” que, durante o treino é introduzido através de exercícios cujas condicionantes obrigam a que uma equipa defenda bem para atacar bem, vai criar as bases da transição defesa-ataque.*” A importância desta partilha e o papel central do treino para a mesma vem ao encontro do expresso na revisão, de onde se infere que será de esperar que o treinador controle e avalie todo o processo de treino e de competição à luz do modelo de jogo adoptado para a equipa. A própria observação do jogo deverá ser dirigida a esse modelo, no sentido de

aferir a consumação ou não dos princípios e dos comportamentos planeados por parte dos jogadores e da equipa no decorrer da competição (Silva, 1998).

4.3. “Princípios que suportam o método defensivo”

“(...) tenho que definir à partida, no meu modelo de jogo, princípios que suportam o método defensivo”

(TJF, na entrevista)

Estamos em crer que a frase que se segue é explícita em relação à estratégia que fomenta todo o desenvolvimento do processo e dos princípios defensivos e que se liga de forma intensa à filosofia de jogo do treinador, isto é, defender, tendo em vista a indução do jogo adversário para, mais do que uma zona, todo um contexto de jogo onde a equipa estará preparada para, recuperando a bola ser capaz de criar, consistentemente, situações de gol:

“Estrategicamente eu defini o meu processo defensivo de maneira a (...) defender sempre no sentido de levar os jogadores da equipa adversária para onde eu quero de maneira a tirar vantagem depois na transição. Para isso tenho que ter um processo, não só defensivo com todos os princípios (...) mas acima de tudo com uma coisa que se chamam posicionamentos e acções subsequentes desses posicionamentos.”

Perante esta “concepção, a filosofia do processo e do método” desenvolvida pelo treinador a capacidade para defender bem, cumprindo com os posicionamentos pré-estabelecidos, parece ser o ponto de partida, a base de sustentação para o jogo e o domínio do jogo de um ponto de vista colectivo. A importância de defender tendo em vista atacar, assim como a importância do equilíbrio posicional defensivo para atacar bem é explícito nas palavras de Queiroz em 2006 *“(...) sem bola se defende e ataca(...) O equilíbrio defensivo é o argumento fundamental de um bom ataque.”*

Esta intrincada relação entre ataque e defesa aparece explícita nas palavras do TJF quando se refere à organização estrutural da equipa, *“o Porto organiza-se ofensivamente assim (...) significa que defensivamente se*

organiza da mesma maneira (fig. 5), há duas unidades aqui que são os dois centrais (1 e 2 na fig. 5) que sob o lado da bola, se movimenta assim (3 na fig. 5) (estrutura de 5 jogadores para lá da zona verde na fig. 5) e, evidentemente, tudo faz isto (4 na fig. 5) ou assim (zona rosa na fig.5).

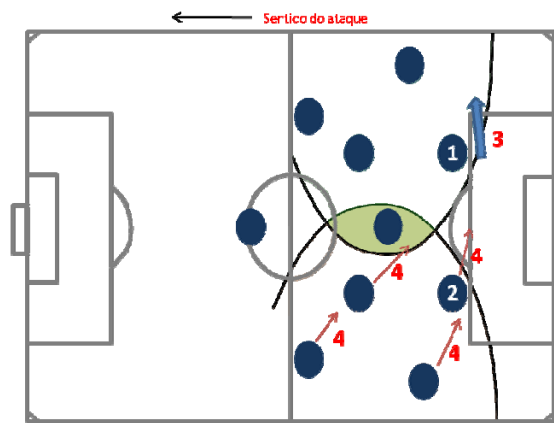


Figura 5. Movimentação colectiva defensiva em função do lado da bola (TJF)

Partindo deste esquema explicativo pode-se perceber que o TJF assume uma “divisão” funcional, **(1)** uma estrutura do lado da bola que deverá assumir um tipo de comportamento perante a bola ao qual a **(2)** estrutura do lado oposto deverá dar uma resposta imediata de ajuste posicional.

Mas quais os conteúdos que dão vida a esta estrutura defensiva, quais são as linhas de orientação que guiam os jogadores e que coordenam as suas acções, quais os princípios e as regras de acção que gerem a forma de jogar no momento defensivo dos jogadores do Futebol Clube do Porto?

Na busca da resposta a esta pergunta iremos procurar especificar e analisar alguns dos “*princípios que suportam o método defensivo*” que o TJF assume ter de “(...) *definir à partida, no meu modelo de jogo*”. Queiroz (1986) destaca esta importância do sistema de relações estabelecido entre os diferentes elementos de uma dada situação de jogo ser reproduzido de forma metódica e sistemática nos Modelos técnico-tácticos, definindo de forma precisa as tarefas e os comportamentos técnico-tácticos exigíveis aos jogadores, de acordo com os seus níveis de aptidão e capacidade.

De igual modo Tavares, Greco e Garganta (2006) salientam, inclusive, que os princípios do jogo ao serem respeitados, integrados e coordenados simultaneamente por todos os jogadores da mesma equipa funcionarão como

orientação da sua movimentação global indo ao encontro de um funcionamento mais efectivo da equipa. Algo que, tal como vimos inferindo das palavras do TJF, será indispensável para estruturar o jogo defensivo da sua equipa, sendo que o entrevistado afirma, inclusive que “*defender (...) significa cumprir regras individuais e colectivas*”, esta ideia de jogar cumprindo regras, quer individual, quer colectivamente é corroborada por Queiroz (1983) quando se refere aos princípios de jogo como “*as regras de base segundo as quais os jogadores dirigem e coordenam a sua actividade – consideradas individualmente e em colectivo durante as fases.*” (Queiroz, 1983).

O TJF destaca, por diversas vezes, a capacidade para defender à zona e o cumprir com os posicionamentos defensivos como um dos conceitos básicos da forma de jogar que preconiza: “*Quais são os conceitos básicos? São os princípios de jogo da equipa! Em todos os treinos está zona, em todos os treinos estão posicionamentos defensivos*”.

De seguida vamos procurar aprofundar alguns destes “*princípios de jogo da equipa*” que regem o seu funcionamento no momento defensivo, explorando o que é para o treinador do FC Porto e para a sua equipa a “zona”, o cumprir com os “*posicionamentos defensivos*” e quais algumas das regras de acção individuais e colectivas que os jogadores devem cumprir.

Tentaremos ir de encontro ao que Garganta (2005) valoriza no que respeita à análise e interpretação do funcionamento de uma equipa, de um ponto de vista essencialmente qualitativo, percebendo o seu funcionamento enquanto sistema, procurando tornar perceptíveis os princípios que orientam o seu comportamento e definem a organização dos sistemas implicados. Para tal procuraremos identificar e explorar as regras de gestão e de funcionamento dos jogadores e da equipa preconizados pelo treinador e a forma como o Jogador em estudo demonstra percepção-los no decorrer das entrevistas.

4.3.1. “O que é a zona?”

“Zona é ocupar um espaço e marcar os adversários que jogam nesse espaço, tendo em atenção duas coisas... a minha baliza e a bola. Adversário, bola e baliza(...)”

(TJF, na entrevista)

Em vários pontos da entrevista o TJF foi fazendo menção a aspectos que considera chave para a forma como quer defender à zona (...) *para defender é preciso bons posicionamentos defensivos, é preciso boas coberturas, bons equilíbrios... tudo aquilo que fazem os princípios da zona... fundamentais.*

A zona é assim: eu estou aqui (B na fig. 6), o adversário directo está aqui, eu (O na fig. 6) estou a marcá-lo. (...) e uma regra que há no Porto é a seguinte, se este jogador que está aqui na zona do Bruno (O na fig. 6) fizer este movimento em profundidade (2 na fig. 6), o Bruno vai com ele, se ele vier para esta zona (1 na fig. 6) o Bruno não vai com ele, o Bruno vai até aqui (3 na fig. 6) deixa-o (a R na fig. 6), fica na cobertura e fica a marcar a zona dele.

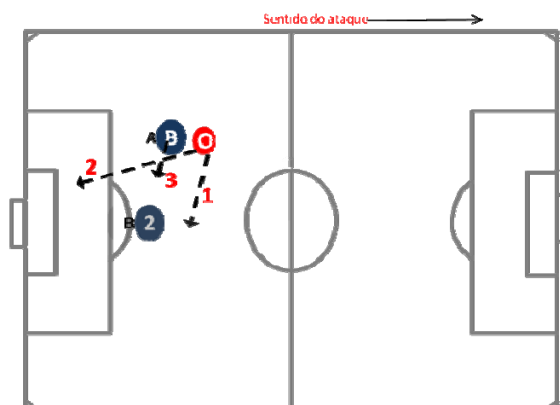


Figura 6. Regra de acção dos centrais perante movimentos de ruptura (TJF)

Outra regra é que se qualquer adversário que está aqui se desloca para esta linha dos médios (1 na fig. 7) este (B na fig. 7) não vem, apenas acompanha (2 na fig. 7), tem cobertura (3 na fig. 7) e volta outra vez para trás.

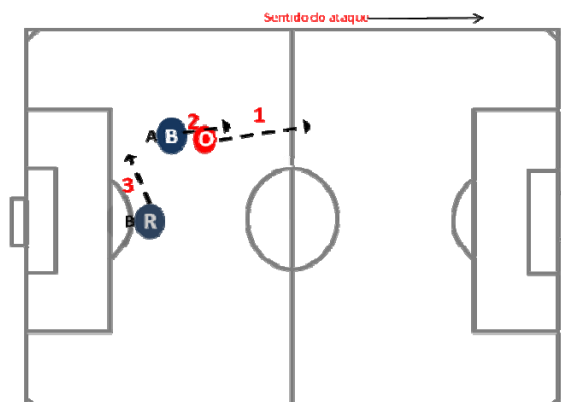


Figura 7. Regra de acção dos centrais perante movimentos entre linhas (TJF)

Ainda em relação à coordenação destes movimentos entre os dois centrais o TJF dá o exemplo do que seria um erro que poderia ser fatal perante um movimento típico entre os avançados do Atlético de Madrid, nomeadamente no que respeita à resposta do central que tenha na sua zona um avançado que recua em direcção à linha média: “(...) *Muito menos sair de lá, porquê? Se eu tiver aqui o Bruno (B na fig. 8) e Rolando (R na fig. 8) com um adversário aqui, ponta de lança que é o Agüero, (A na fig. 8) e vem aqui o Forlan (F na fig. 8) encosta-se e depois faz isto (1 na fig. 8), o Bruno vai com ele (2 na fig. 8) e o adversário com bola mete-a aqui (3 na fig. 8) (...)*, este tipo de resposta perante estes momento poderia efectivamente facilitar o despoletar de situações claras de finalização para o adversário.

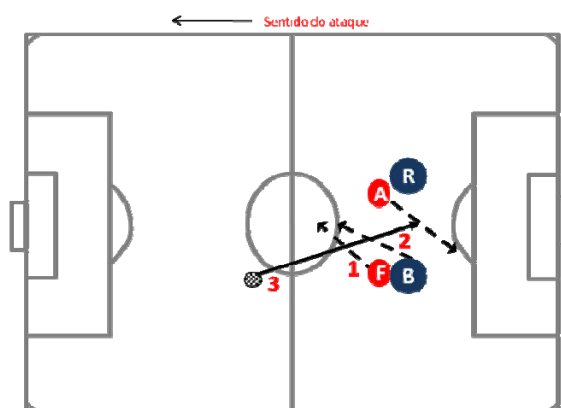


Figura 8. Movimento tipo dos avançados do Atlético de Madrid (TJF)

O TJF volta a citar o jogo contra o Atlético para expor aquilo que para ele foi um erro de leitura defensiva por parte de um dos defesas centrais “*que nos podia ter custado muito caro (fig. 9). A equipa está aqui, está aqui um*

adversário (P na fig. 9) e aqui outro (O na fig. 9) que faz isto (1 na fig. 9) e o Bruno (B na fig. 9) saiu (2 na fig. 9) e o gajo meteu a bola aqui (3 na fig. 9) neste (4 na fig. 9) nas costas do Cissoko, isto no início da 2ª Parte. Por acaso o Cissoko chegou lá criando dificuldades ao adversário e este não conseguiu aproveitar a situação.”

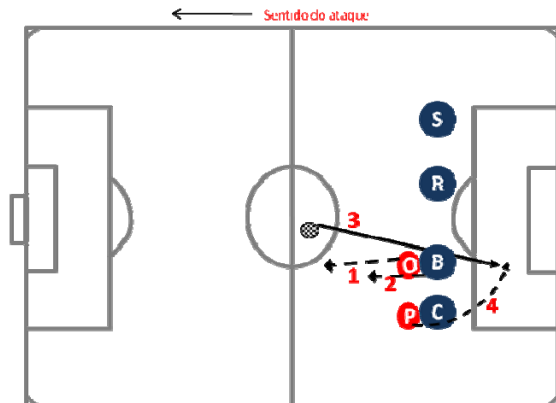


Figura 9. Erro de leitura dos centrais no jogo contra o Atlético de Madrid (TJF)

Continuando a explicar as regras que regulam o jogo defensivo dos seus centrais o TJF afirma o seguinte: *Este central (C na fig. 10) tem que estar quase proibido de passar para lá desta zona lateral (zona verde mais escura na fig. 10) (...) eles (...) só têm uma saída, que é para dentro e quando eles vierem para dentro eu tenho que ter jogadores bem colocados (...) Então eu vou fazer o quê, uma densidade maior no lado onde a bola está ou no lado onde a bola vai entrar?*

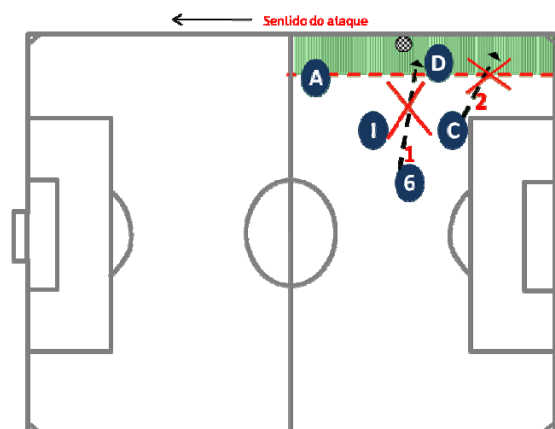


Figura 10. Referências de posicionamento defensivo dos centrais e médio defensivo (TJF)

O TJF continua o seu raciocínio respondendo da seguinte forma quando questionado sobre se pretende dobrar dos centrais nos corredores laterais: “*Não me interessa muito! Este adversário vem para aqui em 1x1 com o Cissoko (1 na fig. 11), (...) e o Bruno (B na fig. 11) vai sair daqui (...) (2 na fig. 11), quer dizer, desguarnea a zona fundamental! O adversário (indica a zona lateral) não faz golo enquanto que dali (indica a zona central)...*”

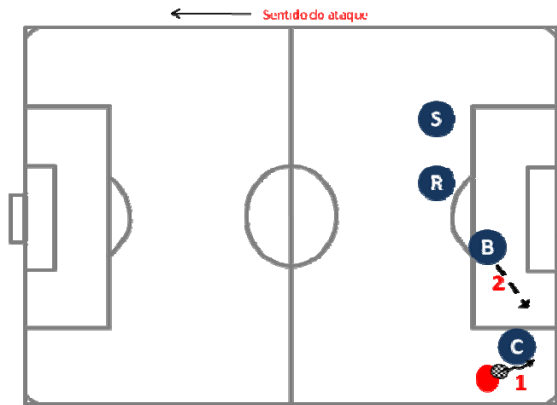


Figura 11. Perda de posicionamento defensivo por parte do defesa central (TJF)

Ainda em relação aos momentos em que o adversário entra com bola na zona ofensiva pelo corredor lateral o TJF afirma que: “*A primeira garantia que eu pretendo quando um adversário vem com a bola (3 na fig. 12) para cima do lateral (LE na fig. 12) é que este jogador (B na fig. 62) faça a cobertura (2 na fig. 12). Como este é obrigado a fazer a cobertura ao central (R passa para R1 na fig. 12) a equipa fica a jogar assim (LE+B1+R1+LD). Fica com uma linha quebrada (Linha vermelha na fig. 12).*”

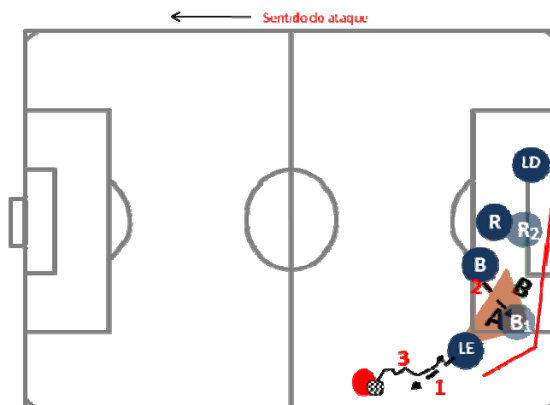


Figura 12. Coberturas defensivas da defesa em triângulos (TJF)

Em relação aos laterais fala-nos de um tipo de movimento do adversário que os leva a acompanhar e marcar o adversário para lá da sua zona normal de responsabilidade defensiva que será quando *“este (lateral esquerdo) está aqui na marcação (fig. 13). Eu sou o Cissoko (C na fig. 13) e este é o Forlan (F na fig. 13) e se a bola estiver deste lado e o adversário entrar aqui numa ruptura (1 na fig. 13), eu vou ter que ir atrás dele até onde for preciso. Agora se ele se movimentar pela frente (2 na fig. 13) já é diferente.”*

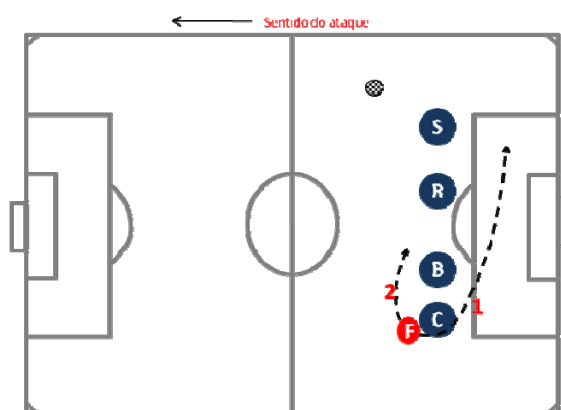


Figura 13. Acompanhamento dos movimentos de ruptura por parte do lateral (TJF)

Perante a necessidade de marcar um adversário que faça este tipo de desmarcação de ruptura o TJF assume que o lateral deverá ter em consideração a linha de fora de jogo defensivo mas, acima de tudo, o que destaca como sendo uma condição chave para *“neutralizar”* este género de passes de ruptura neste tipo de movimentos (1 na fig. 13), a boa posição defensiva com aquilo que designa de *“posição lateral”* ou *“apoios laterais”*, *“nunca frontais”*, com este tipo de orientação de apoios *“o passe se entra é mais fácil de dominar (intersectar pelo defensores) até porque estou em movimento, se estiver frontal ela entra direitinha...”*

O TJF volta a destacar uma vez mais, inclusive esta questão do posicionamento corporal, a colocação e orientação dos apoios em situação defensiva como parte integrante dos princípios defensivos que vão dando corpo ao que para ele é defender à zona: *“isto são princípios defensivos da zona. São princípios do jogo de equipa, individuais e colectivos, são os tais*

princípios... Isto, incluindo as questões das bolas paradas, não deixa de ser aquilo que é a zona.”

Em relação ao pivot/médio defensivo, assumido pelo TJF publicamente e por diversas vezes como o jogador/posto específico mais importante para os equilíbrios defensivos, o entrevistado afirma que “o *Jogador que se aproxima mais da linha defensiva é o Fernando (F na fig. 14)*”. Percebe-se nas palavras do TJF a importância que atribui à manutenção do seu posicionamento, em situação defensiva, no corredor central, “*(...) eu proíbo este médio centro (6 na fig. 10) de jogar para além desta zona (zona verde na fig. 10), está proibido de vir para aqui, não vem.*”

O treinador do F.C. Porto justifica esta sua regra de funcionamento à luz da sua *(...) concepção, a filosofia do processo e do método, não defendo, sem que a minha equipa entenda que eu estou a defender para atacar melhor. Por isso eu proíbo este médio centro de jogar para além desta zona (...)*, subentendendo-se desde já o papel importante que este jogador poderá ter para atacar, nomeadamente no desenrolar da transição defesa-ataque.

Em relação aos outros médios o TJF explica que, por norma, quer que eles defendam fora da área e, de preferência, respeitando as referências posicionais (o triângulo) entre os três jogadores do meio campo. Podemos percebê-lo pelas suas palavras no exemplo dado pelo TJF, nomeadamente quando “*(...) a bola entra aqui (zona A na fig. 14), tendo o Cissoko (C na fig. 14) e o Rodriguez (R na fig. 14). Estes 3 médios (M, F e L na fig. 14) não saem da posição central e jogam fora da área. “Estão proibidos de entrar na área”! (...) Mas a tendência destes médios é vir para dentro. É uma guerra terrível!!! Fora!! Fora!! Fora!!*”

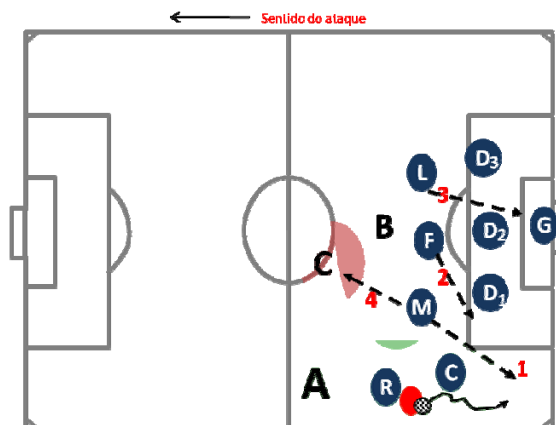


Figura 14. Posicionamentos defensivos dos médios (TJF)

LG parece estar bem identificado com esta noção de que a equipa deverá defender tendo por referência a zona e que os médios deverão por norma jogar fora da área: *“Sim defendemos zona. Nós sabemos que os médios têm que estar fora da área (...)”*

O TJF justifica a importância que tem o cumprimento destes posicionamento, que identifica como *“(...) regras determinadas!”* os médios *“Não saem das posições!”*, com a importância que estes jogadores deverão ter especificamente:

1º- no momento do ganho da bola: *“se este jogador (M na fig. 14) sair para aqui (1 na fig. 14) e este “maluco” (F na fig. 14) vier para aqui (2 na fig. 14) e este (L na fig. 14) vier para aqui (3 na fig. 14), é claro que isto (zona B na fig. 14) fica tudo comprometido! No momento do ganho não há médios para jogar! Não é assim?”*

2º - Na disputa e conquista da segunda bola: *Então e quando a bola cai aqui (Zona C na fig. 14)? Quem é que ganha a 2ª Bola?*

Continuando a destacar a utilidade de manter os posicionamentos de referência, LG prossegue com o seu raciocínio indo ao encontro da lógica do TJF afirmando que isso: *“coordena algumas coisas, pode ser que eu vindo aqui (L na fig. 15), este está com o lateral, eu vindo aqui (movimento de L na fig. 15), pode ser que recupere a bola ou não... se recupero a bola é um bom aproveitamento da superioridade mas se não recupero e este joga para aqui (1 na fig. 15), para o médio deles (X na fig. 15), este médio já fica sozinho e a*

pensar, com mais tempo para pensar, e depois desposiciona o Fernando e o Fernando já deixa outro médio livre que depois desloca o Raul e depois já vai tudo... tudo fora de tempo...” Percebe-se aqui uma clara identificação com o preconizado pelo treinador de que se um médio perder o seu posicionamento, poderá com ele “arrastar” e influenciar negativamente os outros dois.

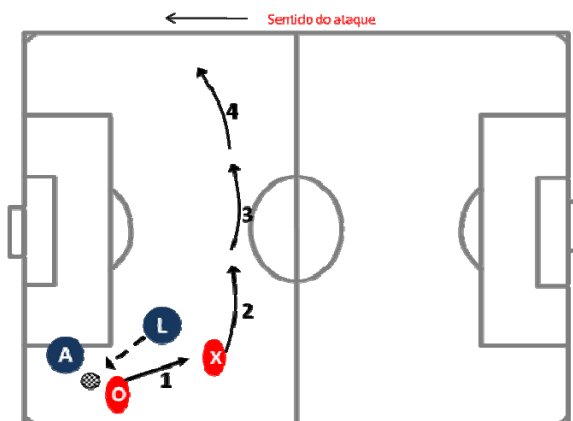


Figura 15. Ação defensiva desajustada de um médio interior (LG)

De igual modo LG parece identificar dois dos pontos que o TJF aponta como relevantes para o posicionamento dos médios fora da área: *“os médios em vez de estar dentro da área deverão estar fora. Estando, ao mesmo tempo (1) preparados para a segunda bola e (2) depois tentar fazer transição.”*

Tal como o TJF destaca que esta decisão de jogar com este tipo de posicionamentos e de acordo estes princípios de funcionamento dos médios da equipa tem repercussões no sector defensivo: *“Isso é uma decisão que implica ter o Cissoko aqui (C na fig. 54), os três defesas (D1, D2 e D3 na fig. 54) mais o guarda-redes. (...)”*, LG identifica de igual modo algumas das repercussões destes posicionamentos e na forma como os jogadores deste sector tem de assumir as situações de 1x1 do ponto de vista defensivo, exemplificando *“imagina, os nossos defesas estão com os avançados deles e está aqui (Zona A na fig. 15) um avançado deles a chegar com bola por aqui (O na fig. 15), jogamos sempre 1x1 (Desenha um defensor, A na fig. 15), e depois os nosso centrais bem posicionados, o lateral a fechar”*,

No entanto estas *“(...) regras determinadas!”* para os posicionamentos defensivos dos médios defendido pelo TJF para a sua equipa, *“Não saem das*

posições!”, apresentam um “se”, uma excepção que se relaciona com a necessidade de acompanhar os movimentos de ruptura dos adversários que ocupam as zonas de responsabilidade defensiva dos médios do F.C. Porto.

O TjF assume que *“Esta é a única altura em que há marcação individual, no caso das desmarcações de ruptura, quando o adversário “rasga” mesmo!”*

“Há marcações individuais no meio campo, por exemplo se a bola estiver aqui (fig. 16), (...) e de repente, este médio (A na fig. 16) que arranca neste espaço (1 na fig. 16), este meu jogador (L na fig. 16) tem que ir com ele.”

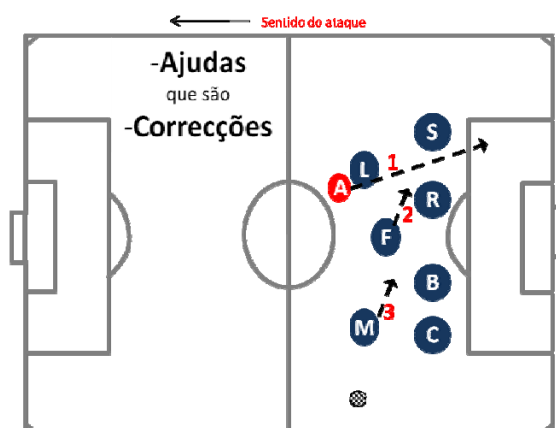


Figura 16. Ajudas defensivas que são correcções (TjF)

O TjF demonstra esquematicamente os ajustes posicionais que deverão ser efectuados pelos outros dois médios no momento em que o terceiro tenha que acompanhar algum adversário em movimento de ruptura.

“Tem que ir com ele. Se toda a gente (4 defesas) está ocupada nas suas funções. Imagine aqui o lateral, os centrais, tudo ocupado, está aqui o Médio Esquerdo (M na fig. 16), o Fernando (F na fig. 16) e está aqui o Lucho (L na fig. 16), a bola roda e este adversário (A na fig. 16) entra e o Lucho não vai, ele vai aparecer aqui isolado... o Lucho tem que ir com ele aqui. Mas quando ele vai, este (F na fig. 16) não vai (2 na fig. 16) e este (M na fig. 16) vem para dentro (3 na fig. 16) e a equipa fica fora (da área) e novamente equilibrada. por vezes isto não acontece, eles não vão...”

LG, uma vez mais, parece em sintonia afirmando: *“Se os nossos defesas estão homem a homem e vemos um médio a entrar aí é o Fernando, o Raul ou eu que terá a obrigação de ir com ele (...) Mas só quando entra um médio. Se*

estão, por exemplo, dois avançados aqui com os nossos dois dentro da área nós não temos que fazer nada dentro da área, temos que estar fora.

O TJJF apelida esta íntima relação do sector de meio campo com o sector defensivo no caso das desmarcações de ruptura em que os médios deverão acompanhar estes movimentos penetrando na zona de responsabilidade dos defesas e inclusive dentro da área como a solicitação de “(...) *um aspecto que em Futebol é importante: as ajudas... que são correcções...*”

Percebe-se, pelas explicações e exemplificações dadas pelo TJJF, que alguns dos princípios e regras de gestão e de coordenação das acções dos jogadores em situação defensiva, implicam comportamentos de uns em função de outros quer no que respeita ao funcionamento intersectoriais, quer entre os diferentes sectores, exigindo continuamente a capacidade de ter consciência do posicionamento dos colegas, adversários, do que as suas movimentações significam e de qual deverá ser a resposta/tarefa que cada jogador, em função desse contexto e do seu posto específico, deverá desenvolver.

Tavares, Grecco e Garganta (2006) corroboram a importância que esta coordenação das decisões efectuadas pelos jogadores tem para o êxito da equipa, enquanto entidade colectiva.

De igual modo Garganta e Gréhaigne (1999) sublinham este tipo de comunicação permanente e efectiva apontando como sendo essencial desenvolver nos futebolistas competências associadas à assimilação deste tipo de regras de acção e princípios de gestão do jogo, sendo que a geração e a corporificação dessas mesmas competências serão veiculadas pela estratégia e pela tática. Ao longo da entrevista é frequente o TJJF justificar as regras de acção e os princípios associados ao momento defensivo em função da sua ideia de jogo, nomeadamente ter os jogadores bem posicionados para o momento da recuperação da posse de bola e para poderem atacar. De igual modo se percebe a lógica de manter, em todos os momentos, quando a equipa está em situação defensiva, uma linha de força compacta e segura fechando a zona central do campo, a zona onde há maior perigo do adversário poder fazer golo.

O TJF sugere ainda a criação e manutenção de triângulos defensivos como uma referência que deve orientar os ajustes posicionais defensivos, assegurando constantemente as coberturas defensivas: *“basicamente, tudo isto a defender se traduz (...) em triângulos defensivos, eu tenho um jogador aqui (...) (A na fig. 17), (...) o lateral (direito) na linha (D na fig. 17) e o médio interior aqui (I na fig. 17), triângulo defensivo, aqui tenho um central (C na fig. 17), aqui tenho os tais quatro jogadores. A partir do momento em que a bola passa (1 na fig. 17) tenho este triângulo (lateral, médio interior e central), mas quando a bola anda para trás (no sentido do meio campo adversário), deixei de ter esta ponta (o central, C na fig. 17), passo a ter outro triângulo (A, I e D na fig. 17), tenho que manter sempre triângulos equilibrados (...) os outros 6 jogadores têm que estar em dupla posição, posição de cobertura defensiva e equilíbrio defensivo e posição para 1ª acção ofensiva.*

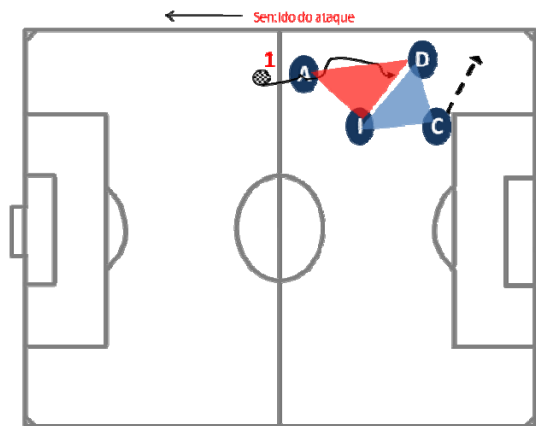


Figura 17. Defender respeitando triângulos defensivos (TJF)

Uma vez mais constatamos que, apesar de estar a explorar o conceito dos triângulos defensivos como uma forte referência defensiva, finaliza o seu raciocínio fazendo desde logo a ponte para a necessidade dos restantes jogadores, envolvidos nas coberturas e nos equilíbrios defensivos, estarem em posição para a 1ª acção ofensiva. Claramente sobressai a ideia de jogo do treinador de defender tendo em vista atacar.

O TJF continua a expressar a importância dos triângulos defensivos, também quando os adversários penetram com bola controlada na zona defensiva *“(...) os quatro defesas atrás, momentaneamente, têm triângulos de acção de trabalho. Por exemplo o lateral esquerdo está aqui (LE na fig. 12,*

p.77), quando ele sai aqui (1 na fig. 12), o Bruno (B na fig. 12) faz aqui este movimento (2 na fig. 12) e Rolando faz isto (R na fig. 12). Portanto isto é um triângulo de novo organizado (triângulo A, rosa, na fig. 12). Ou se quiser o Rolando até vem para aqui (R1 na fig. 12) e joga na linha (Linha defensiva), normalmente jogamos assim. Está aqui o triângulo na mesma (triângulo B, verde, na fig. 12)”

Pelos exemplos e explicações que foi dando ao longo da entrevista o TJJ demonstra ter esclarecido como pretende defender, tendo bem definidas as tarefas e os comportamentos técnico-táticos exigíveis aos jogadores no momento defensivo, tal como sugerido por Queiroz (1986).

O TJJ vai consubstanciando algumas das regras de funcionamento dos jogadores do sector defensivo no que respeita ao que deve ser defender à zona, expressando o que é marcar os adversários no espaço em função da bola e da baliza. Perante estes princípios e regras tão bem definidas - “defender (...) significa cumprir regras individuais e colectivas” - parece clara a necessidade dos jogadores dos sectores defensivo e médio terem uma resposta de marcação e acompanhamento efectivo aos jogadores adversários quando estes procuram desmarcações de ruptura, em profundidade ou movimentos nas costas dos jogadores do sector defensivo.

Já a resposta, quer colectiva, quer individual, perante outros movimentos dos adversários que não de ruptura, deverá ser de manutenção posicional, contemplando o acompanhamento dos adversários pelos jogadores responsáveis pela zona onde eles se encontram até entrarem na zona de responsabilidade de outro jogador, sendo que a equipa neste tipo de movimentos deve activar os sistemas de coberturas e equilíbrios defensivos tendo em conta algumas referências posicionais, nomeadamente aquilo que o TJJ apelida de “manutenção de triângulos”.

Nestes exemplos explicativos vão se concretizado alguns dos princípios do método defensivo preconizados pelo TJJ no modelo de jogo para a sua equipa que regem a coordenação entre diferentes jogadores, cumprindo com aquilo a que Queiroz (1986) se refere como sendo uma reprodução de forma

metódica e sistemática no Modelo técnico-tático do sistema de relações estabelecido entre os diferentes elementos de uma dada situação de jogo.

Depois de vermos e percebermos algumas das inúmeras regras que devem reger o funcionamento individual e colectivo da equipa no momento defensivo facilmente percebemos a importância dos jogadores estarem perfeitamente identificados com o que é pertencido, daí o TJF explicitar que defender implica fortes exigências do ponto de vista individual, bem para além das competências técnicas como por exemplo a já descrita importância da orientação dos apoios, mas essencialmente aquela que o TJF aponta como uma de duas questões chave para defender bem *“1ª: o jogador para defender bem tem que ser forte sob ponto de vista de tática individual defensiva tem que saber dominar isto! Tem que saber jogar muito bem, ele contra os adversários, não é só contra um adversário, mas também contra vários. Tem que ser muito forte sob o ponto de vista das competências individuais. Em relação à segunda questão afirma que “depois (2ª) é pegar nisto e juntar com os colegas dos diferentes sectores e a equipa em conjunto sabe que vai defender só com um objectivo: tirar a bola e dar cabo dos adversários.*

Esta lógica de raciocínio parece ir ao encontro de um dos aspectos apontados por Klein (1998) como sendo importante para o desenvolvimento da identidade de equipa, que se baseia na necessidade que os membros de uma equipa têm de, *à priori*, aprenderem os seus próprios trabalhos (tarefas) e só depois os elementos de uma equipa deverão perceber algo acerca do trabalho (tarefas) dos companheiros, prosseguindo posteriormente com o desenvolvimento de automatismos no sentido de se coordenarem e de trabalharem em conjunto e, finalmente, e apenas quando têm o básico assegurado podem de forma mais efectiva descentrar a sua atenção para perceber os desafios com que a equipa enquanto um todo se depara.

Apesar que de forma muito breve e fugaz o TJF faz algumas referências à pressão defensiva destacando que deve funcionar mediante o cumprimento de regras *“(…) a pressão, também ela, tem um conjunto de regras que é importante saber, (…) isso é se o adversário tem a posse e tem vantagem numérica. “Fogo!” eu nunca vou nem largar os espaços nem atacar a bola. Vou*

esperar que a minha equipa se reorganize, se junte, consiga ganhar vantagem (...), senão eu vou entrar em situação de inferioridade”

De igual modo em relação “à pressão” LG, quando questionado sobre o que por vezes acontece, quando em alguns momentos mais difíceis do jogo, se vê muita gente a tentar ajudar na zona da bola ser um sinal de desorganização, afirma positivamente: *“Sim porque estamos a pressionar individualmente e muitas vezes quando se pressiona individualmente... é pior, chega-se fora de tempo... em vez de pressionar em bloco e com lógica.”*

Concretizando com um exemplo LG afirma: *“O que acontece é que há zonas e zonas... por exemplo eu muitas vezes vejo que o Lisandro deixa sair um central (c na fig.18) que dá a bola para o lateral (l na fig.18) e não está o extremo e se o Mariano (M na fig.18) vai eu já sei que tenho que ir (L na fig.18). O lateral (J na fig.18) já sabe que tem de vir, o Rolando (R na fig.18) sabe que tem que vir, o Bruno vem mais ... e a equipa (...) a bascular toda em conjunto para um lado... Não é que o Raul (R na fig.18) vem aqui a pressionar o lateral ou o Fernando (F na fig.18) vem para aqui e eu vou estar aqui e vai estar toda a gente aqui, isso não...”*

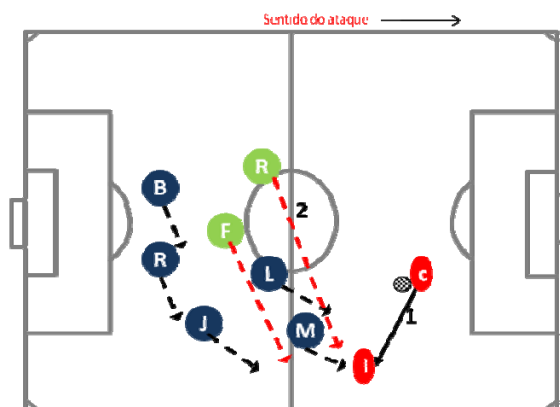


Figura 18. Movimentos para pressionar defensivamente (LG)

Percebem-se aqui dois conceitos em relação a como se pretende exercer pressão, nomeadamente quando não se pode pressionar o que acontece, tal como explica o TJF, caso o adversário tenha vantagem numérica não se deverá pressionar, nem atacar a bola, mas sim preservar os posicionamentos de encontro à reorganização e “reagrupamento da equipa”

Nas palavras de LG fica expressa a necessidade da pressão ser um acto, nunca individual, mas de grupo, que deverá ser claramente interpretado e lido do ponto de vista colectivo mediante orientações e regras que regem um conjunto de acções e ajustes posicionais de todos os jogadores mediante esta acção colectiva.

Apesar do TJF no decorrer da entrevista não fazer muitas referências em relação ao treino – a entrevista não foi direccionada nesse sentido - infere-se das suas palavras a necessidade de propiciar aos seus jogadores a possibilidade de desenvolver competências “*Quais são os conceitos básicos? São os princípios de jogo da equipa! Em todos os treinos está zona, em todos os treinos estão posicionamentos defensivos*”. No exemplo que se segue para além da identificação de um ponto específico que o TJF “ainda” não conseguiu que a sua equipa atinja, o seu desejo de contribuir para o desenvolvimento dessas competências: “*qual é a disposição que eu tenho com os jogadores e ainda não consegui mudar? É um metro! Jogamos muitas vezes a um metro dos adversários. Ainda não conseguimos ganhar esse metro (...) O que muitas vezes acontece e eu não gosto muito, mas tenho que reconhecer que os jogadores interiores que eu tenho não são muito fortes na recuperação de bola, a equipa baixa muito, o bloco baixa e andamos ali numa zona de perigo... mas eu sei seguramente que esta vantagem é minha.*”

Notamos aqui, uma vez mais, a interpretação da acção defensiva, por parte do TJF, desde logo direccionada para a exploração de uma possível vantagem para atacar no momento da recuperação da posse de bola. Apesar de, neste exemplo, partir de uma situação que à priori, não lhe agrada muito - *a equipa baixa muito, o bloco baixa e andamos ali numa zona de perigo* - o TJF acaba por interpretá-la como sendo “*seguramente*” vantajosa pela, fruto de um bom trabalho defensivo cumprindo com a preparação e os pressupostos que guiam a equipa tendo em conta defender bem para atacar bem.

4.4. “Transição defesa-ataque”

*“(...) entendo que defender bem é a forma de atacar bem. É este “espírito” que (...) vai criar as bases da **transição defesa-ataque.**”*

“(...) neste processo colectivo defensivo, toda a equipa, ocupa espaços, espaços fundamentais para atacar bem”

(TJF, na entrevista)

A confiança no jogo defensivo da sua equipa por parte do TJF parece ser inabalável. Para além dessa confiança o TJF expressa ao longo da entrevista que, inclusive, quando a sua equipa possa estar sob aparente domínio adversário, a vantagem, e o domínio efectivo do jogo, no que respeita a criação de situações de golo, será da sua equipa. Podemos constatar-lo nas suas palavras afirmando não ter grandes preocupações quando *“o bloco baixa e andamos ali numa zona de perigo (...) sei seguramente que esta vantagem é minha.”*; expressa esta noção de vantagem também quando defronta equipas que dominem a posse de bola. Apontando inclusive essa posse quando associada a trocas posicionais como propícia a perda de equilíbrios. Possibilitando uma maior possibilidade de criação e exploração de vantagens por parte da sua equipa no momento da transição defesa-ataque. Por isso afirma *“é ideal que uma equipa troque bem a bola contra mim, troca significa perda de posições, significa perda de equilíbrio, significa facilidade (para nós) na transição. (...) Ter posse obriga a uma ocupação de muitos jogadores, (...) e se a equipa (em posse) for pressionada, obriga a movimento da bola e de jogadores, logo se a equipa não estiver muito bem organizada vai-se desposicionando, ao desposicionar-se numa perca é uma equipa em desequilíbrio.”*

LG parece corroborar esta noção de que defender perante um adversário em posse também poderá induzir contextos vantajosos para a sua equipa, algo que se infere quando nos fala sobre o funcionamento da sua equipa numa hipotética situação de menor organização defensiva *“Se não estamos organizados vamos demorar muito mais tempo a recuperar a bola e andamos a*

correr (...) mas o rival também vai ter que fazer posse de bola... e há que ver como está posicionado no campo”

Vamos agora explorar a forma como com o posicionamento e a ocupação espacial da equipa a defender o TJF procura propiciar um melhor aproveitamento do momento da transição defesa-ataque.

Seguindo algumas das suas referências sobre a organização da equipa percebemos que parte dessa vantagem advém de uma distinção de responsabilidades no momento defensivo, entre os jogadores envolvidos directamente na zona da bola e os restantes, quando o adversário concentra o seu jogo num espaço específico: “se a minha equipa (...) em dado momento do ataque adversário povoa uma zona de quatro jogadores, (...) que é o que eu considero fundamental para poder defender bem (aponta a zona A na fig.19) e se a equipa adversária concentra o seu jogo aqui” (...) os outros 6 jogadores têm que estar em dupla posição, posição de cobertura defensiva e equilíbrio defensivo e posição para 1ª acção ofensiva.”



Figura 19. Exploração de espaços preparados ofensivamente (TJF)

Estes seis jogadores deverão, em grande medida, ser os principais responsáveis pela criação de vantagem ofensiva a partir de um bom momento defensivo em que a equipa, assegurando os posicionamentos dos seus jogadores, consume a recuperação da posse de bola na zona especificada pelo treinador.

O TJF explica que a organização da equipa passa por procurar “(...) ganhar a bola aqui (A na fig. 19), e portanto exercer pressão aqui (setas finas

na fig. 19). (...) Havendo aqui acções tácticas defensivas fundamentais dentro da zona.

Nas situações em que equipa não for capaz de recuperar a bola no meio campo adversário o TJF pretende, preferencialmente, que a sua equipa recupere a posse de bola nessa zona (zona A na fig. 20), convidando o adversário a desenvolver as suas acções ofensivas aí. Justifica esta predisposição do jogo defensivo da seguinte forma: “(...) *dividindo o campo em linhas verticais e simultaneamente em linhas horizontais (divisão do campo na fig. 20), percebesse que neste espaço todo (o campo), se torna mais fácil defender nesta zona (zona A na fig. 20), onde há uma limitação clara da linha lateral, do que por exemplo nesta zona (zona B na fig. 20) (...) se há princípios defensivos e o mais importante é a concentração de jogadores (...)eu tento encontrar formas de fazer uma concentração de jogadores sobre o lado da bola, fechando os espaços de jogo, tenho que me preparar, também, para que no momento em que a ganho (aponta zona A na fig.20) eu tenha o máximo de largura possível (...)”*

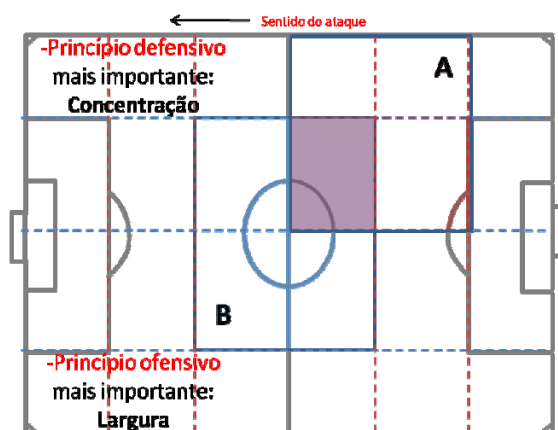


Figura 20. Princípio defensivo mais importante: concentração (TJF)

LG demonstra estar identificado com este princípio preconizado pelo treinador quando questionado sobre a existência de alguma zona para onde se pretenda encaminhar o jogo do adversário a quando da impossibilidade de recuperar a posse de bola no meio campo do adversário afirma: “*Sim, para fora. É sempre mais fácil encaminhá-los para fora até aos nossos médios interiores nas zonas laterais.* De igual modo, tal como o TJF, dá-nos uma

imagem da preferência por dar amplitude ao jogo no momento da recuperação
“Muitas vezes a ideia é recuperar a bola num lado e procurar sair pelo outro, sabendo que há menos gente...”

O TJF cita mais argumentos do porquê de querer induzir o jogo do adversário para a zona referida: *“(...)se o jogo (entenda-se adversário) for interior (zona B na fig. 21) é mais difícil (...)tenho de considerar concentrar todas as minhas unidades neste espaço respondendo a este objectivo de concentração (setas na fig. 21).*

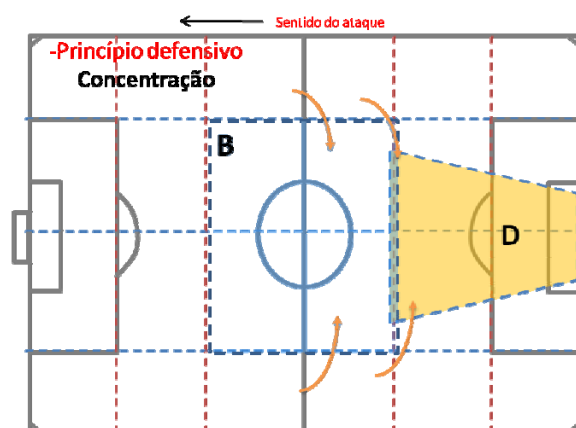


Figura 21. Protecção do eixo frontal (TJF)

(...) e o que mais me preocupa defensivamente é evitar que todas as acções se desenvolvam neste eixo central que é o mais directo para a baliza (Zona D, laranja na fig. 21).

No entanto, será impossível evitar em todos os momentos que o adversário jogue no corredor central e, tendo isso em conta, o TJF denota que mesmo quando o adversário ataca por essa zona, apesar de considerar “mais difícil” do ponto de vista defensivo, a equipa deverá manter em aberto a sua ideia de jogo defensivo de procura encaminhar o adversário para a já identificada zona privilegiada de recuperação de bola e quando ela lá entrar activar os mecanismos colectivos que possam levar à sua recuperação. Podemos inferi-lo das suas palavras: *“se eu concentro (na zona B na fig. 21) sei que liberto as zonas laterais, mas tenho que estar preparado para no momento em que a bola entre nas zonas laterais eu consiga fechar este espaço aqui (Zona A na fig. 20) que é privilegiado para mim do ponto de vista defensivo.*

Efectivamente aquilo que se depreende ao longo da entrevista do TJJ é o seu intuito de, perante uma recuperação nessa zona (A na fig. 20), ter a sua equipa bem preparada para uma forte transição defesa-ataque. Por isso a afirmação *“Defensivamente, não seria muito inteligente os adversários virem para a zona que eu quero (zona sombreada A fig. 19), se eu não tivesse, no momento em que procuro recuperar a bola, tudo preparado para poder tirar vantagem disso...”*

4.4.1. “Transição é apenas a definição de momentos”

“(...) transita para acção ofensiva (...) a partir daí desenvolve-a como quiser, é rápida, não é rápida, é com 2 jogadores, é com 3, é com a equipa toda (...) Eu tenho transição enquanto tiver a bola (...)”

(TJJ, na entrevista)

Quando questionado sobre quais considera serem os limites da transição defesa-ataque o TJJ afirma que *“Isso para mim não é relevante. É algo mais teórico.”*, mas acaba por explicar que - *“se a intenção for mesmo definir claramente a transição num problema espaço/tempo”* - no seu entendimento *“A transição começa no momento em que se ganha a bola e se passa a atacar (...) passa-se de uma situação para outra... (...) Transição é apenas a definição de momentos... Você está a defender, ganhou a bola, passou, transita para acção ofensiva. Depois, a partir daí, desenvolve-se como quiser, é rápida, não é rápida, é com 2 jogadores, é com 3, é com a equipa toda, define como quiser...”*

O TJJ parece, no entanto, em alguns momentos demonstrar um conceito de transição mais abrangente: *“Eu tenho transição enquanto tiver a bola”*, justificando este conceito tendo por base a intenção de construir o seu jogo ofensivo a partir de uma forte exploração, no sentido de tirar partido de forma efectiva das condicionantes ou restrições implícitas neste momento do jogo, nomeadamente no que respeita à utilização do espaço e à gestão do tempo *“(...)se não conseguir ganhar espaço e tempo no momento em que ganhei a*

posse de bola há uma coisa que eu não vou fazer! Não vou dar a bola ao adversário para ele atacar outra vez! (...) Quer dizer agora sou eu que a tenho e eles é que se têm de preocupar (...) Aquilo que define a transição, os diferentes processos de transição, são as acções que eu desenvolvo nesse tempo em que tenho a posse de bola. acaba (...) quando perdemos a bola”

Parece-nos legítimo inferir que o TJF preconiza o desenvolvimento das acções ofensivas da sua equipa, do seu jogo em organização ofensiva em função de como se desenvolve a transição defesa-ataque, isto é, se nesse momento houver a possibilidade de tirar partido de uma eventual desorganização adversária ou da conquista de uma vantagem espaço-temporal, concretizando uma transição onde a equipa materializa aquilo que o TJF apelida de “*diminuir o tempo de transição*” a equipa deverá procurar preferencialmente uma solução ofensiva que passe pelo ataque rápido. Em contrapartida se no momento em que a equipa recupera a bola não for capaz de “*diminuir o tempo de transição*” deverá optar por outro tipo de transição que passa por uma “*decisão de controlo*” associada a uma ideia de segurança na posse de bola e a um recurso a um jogo em ataque posicional. Esta lógica parece-nos presente nas suas palavras quando assume que o jogo ofensivo se desenvolve em função de “*duas coisas importantes na transição: (1) diminuir o tempo e (2) controlar o jogo. Embora ao diminuir o tempo eu tenha, ou deva ter sempre, o controlo do jogo. As duas coisas indiciam uma de duas coisas: (1) Ataque Rápido ou (2) Ataque Posicional. A tomada de decisão da equipa e dos jogadores define-se claramente aqui.*”

De igual modo LG, apesar de utilizar outra terminologia, aponta para dois tipos distintos de transição subentendendo-se a associação de cada um deles a um desenrolar do jogo ofensivo necessariamente diferente, nomeadamente ao afirmar que “*Quando recuperámos a bola procuramos realizar uma transição rápida, se nos apercebemos que o adversário está bem posicionado e não existe vantagem a ideia é não perder a posse de bola e preparar o nosso ataque, o nosso jogo básico.*” Ou de igual modo quando discorre sobre o que procura fazer no momento em que após a recuperação algum colega lhe passa a bola “*se a receber, tento jogar para a frente e tento tomar a melhor decisão*

no sentido em que a transição possa acontecer como transição e não para uma posse.” Fica expressa a associação, também por parte de LG de uma associação íntima entre a designada transição o se conseguiu diminuir o tempo e o desenvolver de um ataque rápido e uma transição onde isso não foi possível e um jogo em posse, controlo, mais correlacionado com o ataque posicional.

4.4.2. “Diminuir o tempo de transição”

“(...) o que eu procuro é que os meus jogadores diminuam o tempo de transição. (...)

“A ideia que eu tenho sobre isto é de não permitir reorganizações (ao adversário)”

(TJF, na entrevista)

Quando aprofunda a forma como quer que a sua equipa jogue no momento da transição defesa-ataque o TJF procura desde logo destacar-se de um termo, bastante mais utilizado em contexto jornalístico – as transições rápidas – *“vamos deixar de falar de transição rápida e vamos falar de tempo de transição, isto é estou a defender, passei a atacar, esse tempo deve ser diminuído, esse é o conceito, se efectivamente isto é uma realidade e é para mim.”*

Com este simples afastamento terminológico subentende-se que a sua ideia de jogo não passa por uma busca exacerbada pela rapidez de movimentos, não se mostrando tão pouco fã da vertigem pela velocidade neste momento do jogo, aproximando, isso sim, o seu conceito de uma busca pela eficácia da gestão da macro-estrutura tempo, corroborando Balash (1998) quando afirma que, no âmbito do jogo de Futebol, será importante valorizar a velocidade, à luz do necessário ajuste temporal e espacial das acções, bem como das características da tarefa a realizar.

O TJF explica, nesse âmbito, o que é para ele a diminuição do tempo *“o que eu procuro é que os meus jogadores diminuam o tempo de transição. (...) o tempo em que nós ganhamos as acções ofensivas e aquilo que é mais*

importante sob o ponto de vista dos posicionamentos, das acções que eu tenho que desenvolver seja, também, no menor tempo possível.”

Este apresenta-se como um ponto importante para a concepção do jogo que o TJF quer para a sua equipa, *“diminuir o tempo de transição”* com o intuito de conseguir ganhar as acções e os posicionamentos ofensivos rápida e eficazmente tendo em vista a concretização da ideia/filosofia de jogo para a sua equipa tal como ele a descreve: *“A ideia que eu tenho sobre isto é de não permitir reorganizações (ao adversário)”*

O TJF afirma que quer a sua equipa a jogar dessa forma porque *“é mais fácil jogar em recuperação, transição rápida do que ganhar (a bola)... controlo, transição. (...) mesmo em termos de qualidade de jogadores é mais fácil. Ganhou a bola pimba na frente. Perdeu a bola volta para trás, estamos cá à espera. E procuramos... 1, 2, 3... 10 consegue fazer o golo.”* Em contrapartida refere que *“Aumentar o tempo de transição faz-me passar para outro processo mas se a minha equipa puder ter só um durante o jogo, seguramente, que me dê vantagem, eu corro, efectivamente, menos riscos.”*

Esta assume-se, não apenas como uma das características da equipa do F.C. Porto treinada pelo TJF, mas sim, como uma marca da filosofia de jogo do TJF, daí ele afirmar que *“vêem as minhas equipas, o Porto ou o “meu” Braga, muitas vezes a ganhar e não eram capazes de segurar a bola. Eu ficava incomodado, mas não ia ser nada disso a chatear-me porque isso era aquilo que queríamos educar.”*

LG parece nitidamente identificado com o treinador quando questionado sobre se sempre que possível procura executar a *“tal transição rápida”* responde *“Sim! Porque é a ideia do nosso treinador. Pede-nos isso pois sabemos que quando recuperámos a bola a equipa adversária encontrava-se a atacar. Então deve estar mal posicionada defensivamente, ou talvez não...”*

No entanto, noutros momentos da entrevista LG pode, à primeira vista, não parecer tão esclarecido, nomeadamente ao afirmar que *“O princípio máximo é, uma vez conquistada a bola, não perdê-la, óbvio. Tentar segurá-la.”*, podendo aqui transmitir a sensação de que a equipa poderá querer privilegiar uma transição para controlo, mas de seguida completa a sua interpretação da

lógica pretendida pelo treinador para este momento do jogo da seguinte forma *“Se for possível fazer uma transição rápida, que é o que o treinador sempre nos pede, tanto melhor. Penso que isso é uma característica do nosso jogo que já está bem identificada. Sempre que se recupera a bola procurámos sair rápido, fazer uma transição rápida, o que nem sempre é possível.”* Finalizado da seguinte forma *“É preciso saber quando se pode fazê-la e quando não se pode e nesse caso devemos segurá-la. Penso que o princípio, depois de ganhar, será assegurar que não perdemos a posse da bola para não voltarmos a ter de correr atrás dela outra vez. (...) Sim – a transição rápida - é uma prioridade na nossa equipa. Bem, primeiro não perder a bola, depois sim.”*

A percepção de LG acerca do que a equipa deve procurar uma vez conquistada a bola ao afirmar que o princípio máximo será não perdê-la, parece relacionar-se com o facto de que arriscando-se ao ponto de perder, imediata e permanentemente, a bola, todo o jogo ofensivo fica, logicamente, mais do que comprometido, anulado, isto parece ser aquilo que o treinador assume declaradamente *“no momento em que ganhei a posse de bola há uma coisa que eu não vou fazer! Não vou dar a bola ao adversário para ele atacar outra vez!”*

Em relação à forma como os jogadores lidam com aquilo que para ele é um objectivo assumido de procurar explorar o momento de desorganização, ou menor organização do adversário, o TJF descreve algumas características interessantes que distinguem *“Todo o jogador médio e pouco seguro”* de *“Todo o jogador e toda a equipa evoluída e educada”* especificamente na forma como gerem a bola no momento em que a recebem *“Todo o jogador médio e pouco seguro a primeira acção que quer fazer é segurar. Segurar e segurar-se (não correr riscos). Todo o jogador e toda a equipa evoluída e educada pelo contrário, a 1ª coisa que faz, quando recupera a bola é criar problemas ao adversário.”*

Por isso o TJF refere-se de forma explícita à importância que atribui a *“(...) educar os meus jogadores”* afirmando que *“a treinar e a trabalhar aquilo que eu procuro incutir nos meus jogadores é aquilo que é mais difícil: que é decidir, ganhou, decide para a frente, ganhou decide por uma transição rápida,*

ganhou decide permanentemente para atacar. Nós estamos a defender aqui para dar cabo dos adversários...” concretiza com um exemplo onde declaradamente sobressai um aspecto muito “batido” por ele no treino - as recepções orientadas, recepções para a frente - “por exemplo, se eu tiver um médio a quem eu dou a bola e ele permanentemente joga para trás esse jogador não me interessa. Porque esse jogador não diminui o tempo de transição, esse jogador aumenta o tempo de transição”.

Concretiza esse exemplo de forma esquemática:

No momento da recuperação recebe daqui (A na fig. 22) e recebe com a cara para trás (desenha o boneco, 4 na fig. 22) (...) e joga para aqui (seta B na fig. 22) ou o mesmo jogador recebe com a cara para a frente (zona cinzenta na fig. 7 a simular o campo visual na fig. 22) e joga para aqui (seta C na fig. 22) (...) temos uma questão que se chama tempo e espaço. O espaço que a bola percorre a vir para trás e de seguida vir para frente é maior, o tempo que demora é maior. No Futebol aquilo que eu pretendo é diminuir o tempo de transição. (...) ao diminuir o tempo de transição evito os equilíbrios da outra equipa e aproveito os seus desequilíbrios. Portanto, esta acção aqui, que é uma acção individual, táctica individual, de bagagem táctico-técnica individual é educada para que isto aconteça, porque de contrário, a solução mais cómoda para um jogador debaixo de pressão quando lhe dão a bola é jogar para trás, é manter a sobrevivência, isto é, manter a posse, fugir do perigo, mas não é criar o perigo.”

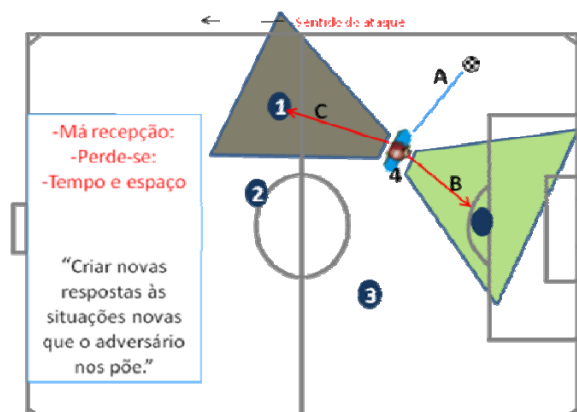


Figura 22. Recepção orientada (TJF)

LG demonstra ter isto claro nas suas intenções de jogo, a procura permanente da recepção que permite uma mais eficiente “diminuição do tempo de transição”, a “recepção orientada” afirmando que *“quando recuperámos a bola no nosso campo sabemos que os nossos três avançados estão bem posicionados para sairmos numa transição. Obviamente nesta circunstância o nosso objectivo é jogar para a frente, receber sempre orientado e procurar, com o menor número possível de toques, chegar à baliza adversária.”*

De destacar ainda a referência de LG à influência positiva do TJF na “educação” desta capacidade de procurar constantemente a receber a bola para frente *“Cada um com o tempo vai-se apercebendo que são estes pormenores que fazem a diferença... No início quando o Jesualdo me chateava a cabeça para receber bem a bola para a frente e eu já ficava furioso dava-me vontade de dizer-lhe: “tenho 27 anos, já jogo assim, o que quer que faça?” Mas vamos dando conta que é verdade. Faz sentido!”*

Também o TJF faz referência ao papel de no treino induzir o que pretende para o Jogar da sua equipa afirma que *“Eu defendo bem porque entendo que defender bem é a forma de atacar bem. É este “espírito” que durante o treino é introduzido através de exercícios cujas condicionantes obrigam a que uma equipa defenda bem para atacar bem, vai criar as bases da transição defesa-ataque. Isto é, vai educar os jogadores, individual e colectivamente, para acções individuais e colectivas que permitam as transições rápidas que, também elas se servem de elementos simples e, evidentemente, complexos (...)”*

De igual modo LG destaca a forma como o TJF insere no treino condicionantes – regras – de forma a direccionar os exercícios, isso sobressai especificamente quando depois de nos falar um pouco sobre a forma como a equipa deve defender *“nós sabemos que a ideia do nosso treinador é, quando não temos a bola, juntar a equipa num sítio, no sítio onde o rival tem a bola - não juntar toda a equipa mas estar junto - e simultaneamente estar preparado para atacar. A nossa ideia é essa. Sabemos que recuperando a bola no lugar certo vamos, depois, poder atacar bem. (...) No princípio tínhamos ... que não nos podiam fazer mais de seis passes no nosso meio campo que muitas vezes*

é impossível! Mas é uma ideia que ele nos pedia... e muitas vezes dava resultado.”, e questionado sobre a existência de um exercício no treino para isso afirma *“Um!! Havia mil, não um, é só regras no treino...”*

Garganta (2005) corrobora essa necessidade de desenvolver um conjunto de competências, não só no treino de jogadores, mas também na preparação e construção de equipas. Realçando dessas competências as que se encontram directamente relacionadas com: “a) as capacidades de leitura e interpretação do jogo, e com b) a produção e vivência de situações de exercitação que permitam um elevado efeito de transferência, associado a c) consideráveis níveis de autonomia e criatividade”.

“(...) há um conjunto de princípios (...) que devem estar devidamente regulamentados para que, no momento da transição as decisões sejam no sentido de tirar proveito do momento em que recuperamos a bola pela capacidade (...) de diminuir o tempo de transição”

(TJF, na entrevista)

Vamos agora explorar a entrevista do TJF procurando interpretar mais alguns desses princípios.

Já identificamos na entrevista do TJF uma das zonas preferenciais de recuperação da posse de bola com o intuito de “diminuir o tempo de transição” mas o treinador a partir daí aprofunda a sua intenção de jogo no momento da recuperação afirmando que *“se a minha equipa (...) povoa uma zona de quatro jogadores, (...) (Zona A na fig. 19 – p. 90) e se a equipa adversária concentra o seu jogo aqui, numa perda de bola, eu tenho que ter alguém que me permita ter jogo vertical, utilizando os espaços deixados livres...”*

“Ou, estratégia própria, ter a possibilidade de ocupar os outros espaços, faixa contrária do jogo, outros espaços que eu preparei ofensivamente” Assumindo a mesma lógica o TJF afirma, noutra ponto da entrevista, que *“os outros 6 jogadores têm que estar em dupla posição, posição de cobertura defensiva e equilíbrio defensivo e posição para 1ª acção ofensiva.”*

Complementa afirmando que *“tenho que me preparar para que no momento em que a ganho a bola (aponta zona A na fig.23) eu tenha o máximo*

de largura possível que me pode ser dada por este jogador (1 na fig.23), se a zona for aqui (zona A na fig. 5) ou por esta faixa (zona C na fig. 23).”

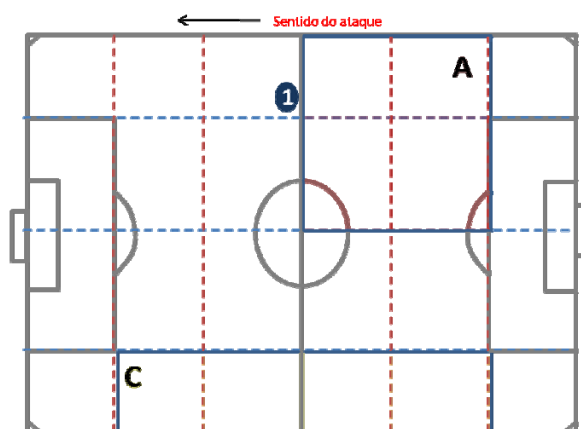


Figura 23. Espaços preparados ofensivamente (TJF)

O TJF destaca os três jogadores do sector atacante, aos quais aparenta atribuir diferentes tarefas, como as grandes referências que conferem à equipa diferentes faculdades no momento na recuperação no que respeita à conquista do espaço e do tempo para poder atacar a quando da recuperação da posse de bola: “*pelo posicionamento deste meu jogador (1 na fig. 24), ao ganhar a bola, vou ter (...) um jogador nas costas da bola, isto é, mais próximo do meio campo adversário (1 na fig. 24), vou ter, necessariamente, outro jogador aqui (2 na fig. 24) e vou, provavelmente, ter outro jogador aqui (3 na Fig.24), que são, basicamente, os jogadores melhor posicionados para poder atacar (...) ao ganhar a bola, este jogador (1 na fig. 24) é fundamental para o jogo vertical... este aqui (2 na fig. 24) é fundamental para o jogo final e este (3 na fig. 24) é fundamental para a aquisição do espaço exterior.*”

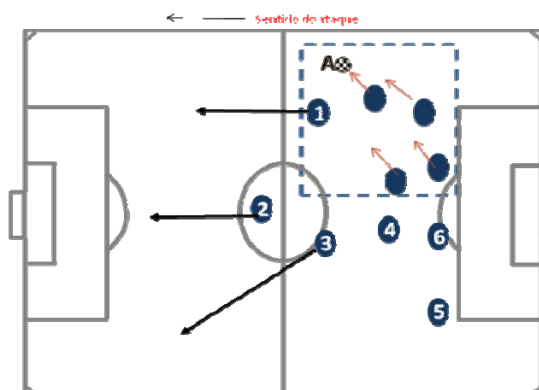


Figura 24. Jogadores melhor posicionados para atacar no momento da recuperação da posse de bola (TJF)

De igual modo LG mostra **(1)** ter consciência desta ideia de jogo do treinador afirmando, em relação à equipa, *“nós sabemos que a ideia do nosso treinador é, quando não temos a bola, juntar a equipa num sítio, (...) e simultaneamente estar preparado para atacar. (...) Sabemos que recuperando a bola no lugar certo vamos, depois, poder atacar bem”*. Inclusive em relação à procura de largura no corredor oposto LG evidencia consonância com o treinador **(2)** *“Muitas vezes a ideia é recuperar a bola num lado e procurar sair pelo outro, sabendo que há menos gente...”*, para além das suas palavras desenhou um esquema demonstrativo explicado da seguinte forma *“recuperamos a bola neste sítio (zona A na fig. 25), e sabemos que aqui temos um médio interior (1 na fig. 25), aqui o extremo (2 na fig.25) ... e, supostamente neste lado (zona B na fig. 25) vai haver menos gente e mais espaço, os adversários estarão todos a jogar por este lado (lado da zona A na fig. 25). A ideia é sair frontal e tentar finalizar do outro lado, ideia do treinador... (desenha sequência de setas demonstrativas do movimento da bola – setas na fig. 25)”*

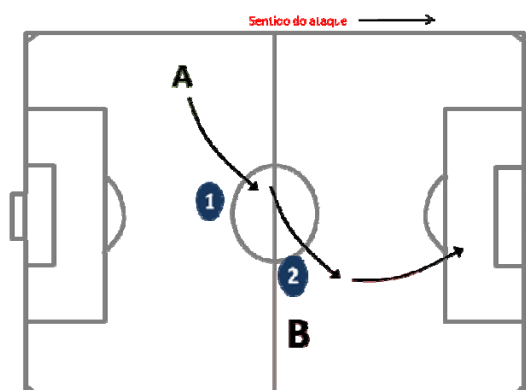


Figura 25. Ideia de recuperar a bola num lado e procurar sair pelo outro (LG)

Demonstra ainda **(3)** ter a clara percepção de que os três avançados no momento da recuperação deverão estar em boas condições para dar sequência a uma boa transição defesa-ataque *“Nós sabemos que quando recuperámos a bola temos sempre os avançados... ou o Lisandro está como ponta de lança e os dois extremos jogam muitas vezes na “meia” e tentamos jogar aí (...) quando recuperámos a bola no nosso campo sabemos que os nossos três avançados estão bem posicionados para sairmos numa transição. Obviamente nesta circunstância o nosso objectivo é jogar para a frente, receber sempre orientado e procurar, com o menor número possível de toques, chegar à baliza adversária.”*

No espaço esquematizado pela zona A da fig. 24 o TJF preconiza utilizar até cinco jogadores tendo em mente tirar partido do posicionamento e de uma eventual maior disponibilidade dos restantes jogadores para a criação de situações vantajosas no momento da transição defesa-ataque, daí a afirmação *“no máximo cinco jogadores (...) eu sei que a limitação de espaços e a utilização de cinco contra cinco... por exemplo, se eles meterem cinco jogadores com a não utilização de dois jogadores atrás (Ponta de Lança e Extremo do lado contrário) eu tenho vantagem numérica no momento da recuperação da bola (...)*. Tal como o TJF assume explicitamente que ter vantagem numérica no centro do jogo não é um objectivo, também LG não hesita em responder de forma afirmativa perante esta questão.

Associado ao princípio de defender com 5 jogadores na zona da bola surge, inevitavelmente, a noção de risco defensivo perante uma eventual

igualdade, ou até, inferioridade numérica, algo que o TJF assume como sendo um risco consciente e subordinado à sua máxima de atacar bem “ou a minha equipa corre o risco, mas é um risco para a equipa atacar bem, ou a minha equipa não corre.”

O TJF concretiza esta sua noção de risco para atacar bem com o seguinte exemplo “o adversário entra aqui (1 na fig. 26), tem aqui o lateral (2 na fig. 26), este médio baixa (3 na fig. 26), este oscila aqui (4 na fig. 26), este vem para dentro (5 na fig. 26), e este está aqui (A na fig. 26). Qual é o risco? Encontrar uma igualdade numérica aqui na ala (zona A na fig. 26), que é perigosa. Qual é a vantagem? Ganhar uma meia na transição.”

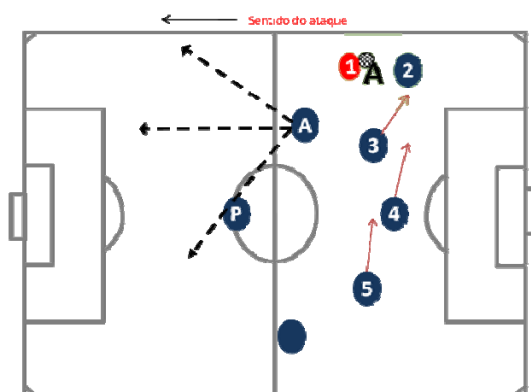


Figura 26. Posicionamento do ala no momento da recuperação da posse de bola (TJF)

4.4.3. “No momento da transição é fundamental ter os jogadores bem posicionados”

“(…) no momento do ganho da bola a transição é rápida (…) diminuir o tempo de transição é fundamental e é fundamental ter os jogadores bem posicionados

(TJF, na entrevista)

Partido do princípio associado ao processo defensivo que permite à equipa do TJF, *à priori*, uma maior disponibilidade de 5 ou 6 jogadores para atacar no momento em que a equipa recupera a posse de bola. Será importante reforçar que esses jogadores, nomeadamente os 3 avançados, deverão assumir tarefas, conquistar espaços, e fazer uma adequada gestão do

tempo no sentido de criar vantagem ofensiva. No entanto pelo o que nos explica o TJF no decorrer da entrevista, tudo isso implica à partida para este momento bons posicionamentos dos jogadores – “(...) *no momento do ganho da bola (...) é fundamental ter os jogadores bem posicionados* -.

O TJF esclareceu, particularmente, o posicionamento dos seus extremos “(...) *no momento em que a equipa ganha a bola, este jogador aqui (A na fig. 27) tem 3 zonas fundamentais para entrar (...)jogo exterior, jogo frontal e jogo exterior (...)se ele estiver aqui (B na fig. 27) (...) Só tem duas.*”

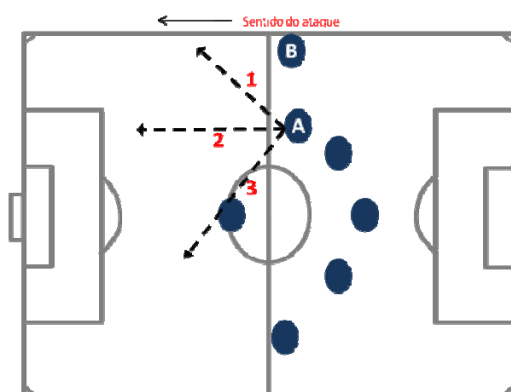


Figura 27. Implicações de diferentes posicionamentos do ala no momento da recuperação da posse de bola (TJF)

Inclusive, quando questionado sobre quais as prioridades da equipa para desenvolver o seu jogo ofensivo a partir da recuperação da posse de bola, o TJF responde de forma curiosa, mas altamente elucidativa da relevância deste posicionamento para o desenrolar da diminuição do tempo de transição e a entrada em ataque rápido “*A prioridade é esta (o extremo na posição A na fig. 27), esta prioridade é que me vai permitir as outras prioridades que eu quiser! (...) A partir daí vai ser a decisão e jogo que vai dizer*”

O TJF ilustra a vitalidade deste posicionamento, assumido por ele como mais vantajoso, nomeadamente pelos jogadores que tem à sua disposição, com o seguinte exemplo “*o ala recebe a bola aqui (A na fig. 28) nas costas deste médio (1 na fig. 28) que está em cima do Lucho (L na fig. 28), este (2 na fig. 28) está em cima do Raul (R na fig. 28), este central (3 na fig. 28) está nas costas deste ponta-de-lança (P na fig. 28), este lateral está envolvido aqui (4 na fig. 28). E ele (A na fig. 28) faz este movimento para aqui (5 fig. 28) como é*

evidente. A nossa equipa tem defesas aqui (zona C na fig. 28) e eles perdem a bola aqui (6 na fig. 28) (...) a zona mais fácil de poder conquistar (...) é esta (7 na fig. 28), é esta (8 na fig. 28), mas é fundamentalmente uma recepção na meia para ele poder progredir (A na fig. 28). (...) com bola em situação de progressão escolhe todas as hipóteses que quiser. Quando temos jogadores como o Hulk, o Rodriguez ou o Quaresma, como tínhamos o ano passado, isso são situações favoráveis! Portanto: saída para ali (7 na fig. 28) com bola ou sem bola, saída frontal (8 na fig. 28), com bola ou sem bola e saída lateral interior (9 na fig. 28). O jogo do outro lado é, basicamente igual.

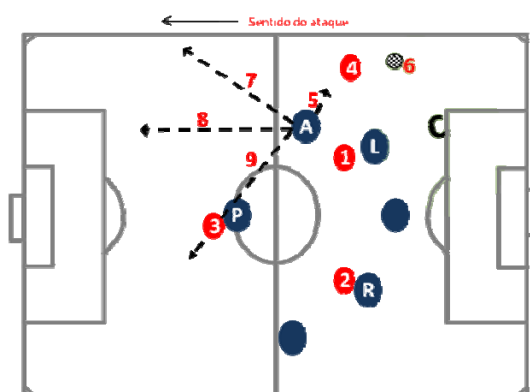


Figura 28. Movimentos do ala a partir do posicionamento pretendido no momento da recuperação da posse de bola (TJF)

Em oposição dá-nos um exemplo do desenrolar de uma situação partindo de um posicionamento considerado menos proveitoso, “Um avançado, dois extremos (abertos), três médios, o jogo ofensivo (adversário) entra por aqui (2 na fig. 29), este jogador baixa (3 na fig. 29), este oscila (4 na fig. 29), este oscila (4 na fig. 29), este baixa até aqui (3 na fig. 29) e a equipa ganha a bola aqui (zona A na fig. 29), as alternativas que a equipa tem de poder sair (...) apenas o Ponta”

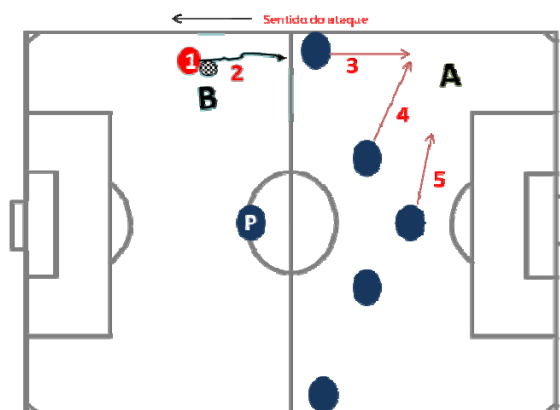


Figura 29. Limitação no desenvolvimento da transição defesa-ataque pelo incumprimento do posicionamento pretendido para o ala (TJF)

O TJF continua a argumentar este seu princípio/regra de posicionamento dos seus extremos no momento da transição defesa-ataque como uma consequência do seu posicionamento em situação defensiva afirmando que *“Esta questão (situações especificadas nas fig. 28 e 29) (...) só surte efeito (...) e vamos dar a isto o tal conceito de largura no ataque. Porque se este jogador (A na fig. 30) fizer este movimento (1 na fig. 30) e a bola entrar ali (2 na fig. 30) a defesa terá que tomar uma atitude e se a defesa dos adversários naturalmente compensar o lado da bola (zona B com os movimentos representados pelas setas na fig. 30), há uma faixa da equipa (zona C na fig. 30) que vai ficar livre para se poder tirar vantagem disso.”*

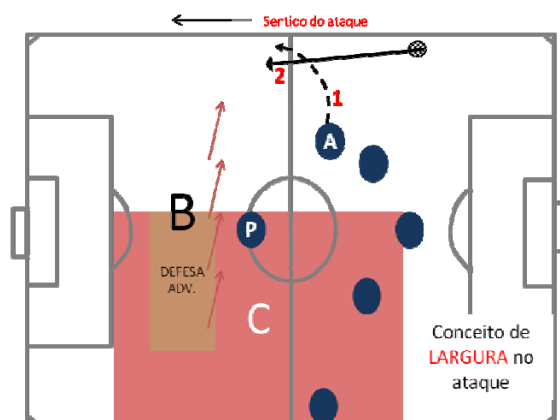


Figura 30. Conceito de largura no ataque (TJF)

Recuperando os posicionamentos defensivos pretendido para os médios (esquematizado e explicado nas figuras 14 a 17) o TJF revelou-se esclarecedor

afirmando que não quer que entrem na área e que mantenham os seus posicionamentos de forma a garantir a possibilidade de disputar e ganhar segundas bolas e, simultaneamente, poderem ser úteis no momento da transição defesa-ataque. Ainda em relação ao pivot/médio defensivo não o quer muito longe do corredor lateral justificando a importância do seu posicionamento defensivo desta forma “(...) *este é o princípio básico, a concepção, a filosofia do processo e do método, não defendo, sem que a minha equipa entenda que eu estou a defender para atacar melhor. Por isso eu proíbo este médio centro (6 na fig. 10 p.76) de jogar para além desta zona (zona verde na fig. 10 p.76), está proibido de vir para aqui!*”

De igual modo LG, quando questionado sobre a possibilidade de um mau posicionamento dos médios e avançados no momento da recuperação poder condicionar a equipa, destaca a importância dos posicionamentos dos jogadores acrescentando a importância das zonas de recuperação para o desenrolar da transição, afirmando “*Claro, depende muito da zona onde recuperámos a bola e como estiver posicionada a equipa. É obvio que nem sempre é viável sair a jogar com uma boa transição rápida.*”

Cumprindo com os posicionamentos de referência no momento da transição defesa-ataque a equipa, para além das vantagens apontadas pelo TJF, poderá, simultaneamente, propiciar uma mais eficaz comunicação entre os seus jogadores, o que seguramente, para além de contribuir para uma maior coordenação colectiva, poderá constituir-se como uma importante ajuda à capacidade de antecipação dos jogadores da equipa.

Mourinho em 2003 (cit. por Amieiro, apesar de se referir mais especificamente ao jogo posicional ofensivo, parece corroborar esta ideia ao valorizar no jogo posicional a possibilidade de antecipação das acções por parte dos jogadores e a “sensação de segurança” partilhada entre jogadores quando sabem as posições a ser ocupadas e têm consciência de que há algo construído *à priori*: “(...) Eu vou mais por um bom jogo posicional, pela segurança que todos os jogadores têm ao saber que em determinada posição há um jogador, que sob o ponto de vista geométrico há algo construído no terreno de jogo que lhes permite antecipar a acção.”

4.4.4. “Há espaços no jogo que só o jogo os vai definir”

(...) não me parece que seja muito fácil definir qual é a acção mais ajustada a cada situação. Para mim o que existe é isto: os jogadores educados para, no momento em que ganham a bola, identificarem o local do campo que é menos denso (...)

(TJF, na entrevista)

Apesar de referir de forma consistente e explícita que “defender (...) significa cumprir regras individuais e colectivas”, já no que respeita a atacar, especificamente na forma como concebe o desenrolar do jogo ofensivo a partir do momento da transição defesa-ataque, o TJF mostra um entendimento bem menos determinista, tal como podemos perceber a partir do excerto da entrevista acima transcrito ou, inclusive, quando afirma “Há espaços no jogo que só o jogo e a maneira como ele decorre os vai definir.”.

É no desenvolvimento desta necessidade dos seus jogadores “identificarem o local do campo que é menos denso” que o TJF parece desenvolver os princípios que devem sustentar a tomada de decisão no desenrolar das acções ofensivas no momento da transição defesa ataque, por isso explica que a zona A na fig. 31 “(...) é o espaço decisório mais utilizado. A maior percentagem de decisões no momento da “transição ofensiva” será aqui (...) se pretendo que a minha equipa diminua o tempo de transição (...) Eu tenho (...) de saber (...) que é, provavelmente, o momento (aponta a zona A na fig. 31) em que há maior densidade de jogadores.

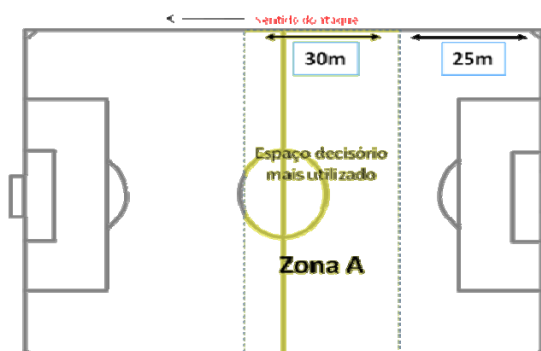


Figura 31. Espaço decisório mais utilizado (TJF)

Com densidade de jogadores eu tenho que ter muito claro e definido. E os jogadores têm que o sentir, sentir o que têm de utilizar, se a acção a adoptar é um passe e um jogo de controlo manifestamente importante naquele momento ou se é uma acção de progressão e um passe no sentido do campo do adversário, isto é de ganhar espaços ou posições conquistadas pelos jogadores mais adiantados no sentido de tirar vantagem do espaço que existe.”

De igual modo LG quando questionado sobre se perante a recuperação da posse de bola procura algum “buraco” ou zonas livres para explorar em passe ou em condução responde afirmativamente completando da seguinte forma *“Na transição procuro isso, procuro identificar o colega que está melhor posicionado e o caminho mais directo e rápido para chegar à baliza contrária em menos tempo.”*

Uma vez mais parece clara a intenção, tanto do treinador como do jogador, de procurar vantagem ganhando espaço, posições ou tirando partido do posicionamento dos jogadores mais adiantados/melhor posicionados.

Sempre que procuramos, no decorrer da entrevista, que o TJF concretizasse a forma como quer que a equipa desenvolva as acções ofensivas no momento da transição defesa-ataque em função de diferentes condicionantes, parece de certa forma contornar a identificação de padrões concretos ou de combinações tácticas pré-estabelecidas, recorrendo, isso sim a exemplos de possíveis desenvolvimentos de acções de jogo explicando quais poderão ser os entendimentos, as interpretações e as decisões mais acertadas dos seus jogadores em função da filosofia de jogo da equipa.

Com este tipo de resposta acaba por materializar o seu entendimento no que respeita ao facto de não ser apologista, para o jogo ofensivo da equipa, de uma modelação baseada em regras rígidas, mas sim em princípios que devem orientar os seus jogadores e o jogo da equipa, por isso se refere à dificuldade de *“definir qual é a acção mais ajustada a cada situação” afirmando, inclusive que “Há espaços no jogo que só o jogo e a maneira como ele decorre os vai definir.”*

Curiosamente LG reflecte nas suas palavras este conceito do TJF, quando questionado sobre se a equipa está mais treinada ou se dá melhor a

explorar a transição defesa-ataque a partir de outra zona específica - para além da já identificada na zona A da fig. 25, LG - responde *“Não. Nós temos a ideia de recuperar a bola num sítio e que a jogada deve acabar pelo outro lado pois é onde terá menos gente do rival. No entanto não quer dizer que tenha de ser sempre assim, ganhar aqui e sair por ali... ganhar ali e sair por aqui... Isso depende do que se for apresentando no jogo, isso não pode estar determinado.”*

Quando questionado sobre o que o leva a perceber se o adversário está mais ou menos organizado LG dá ênfase ao que o TJF aponta como a capacidade dos jogadores *“identificarem”* o que se está a suceder em campo, respondendo que *“cada um vai-se dando conta... quando vai receber a bola... apercebemo-nos, por exemplo, quando olhámos para a frente e vemos dois defesas e três avançados. É obvio que a probabilidade de sucesso é boa mas se por outro lado vemos os três avançados e seis defesas (...)”*

De igual modo, responde afirmativamente perante a possibilidade da forma como os adversários ocupam o espaço poder ser um indicador importante acrescentando que *“Em algumas circunstâncias sim, mas nesse caso já depende de cada jogador, se arrisca ou não. Muitas vezes é isso que faz a diferença. O adversário até pode ter os seis jogadores e bem posicionados mas tentarmos um passe no limite e sair bem criando uma ocasião de golo. Geralmente não sai, mas eu pessoalmente penso que quem não arrisca não vai fazer a diferença. E o que faz a diferença é quem tenta fazer algo de diferente... ou básico...”*

Vamos agora explorar alguns dos exemplos dados pelo TJF ao longo da entrevista onde se inferem mais algumas pistas sobre a forma como pretende *“diminuir o temo de transição”*; ganhando a possibilidade de conquistar espaços e acções ofensivas vantajosas com o intuito de criar oportunidades de golo.

“O Raul Meireles ganhou a bola aqui (1 na fig. 32), tem o Cristian Rodriguez aqui (2 na fig. 32). Não tem adversário aqui (1 sem adversário na zona A na fig. 32), tem a equipa (adversária) toda organizada aqui atrás (B na fig. 32) e tem o Rodriguez aqui sozinho (2 na fig. 32). Dar-lhe a bola (ao Rodriguez) ou a este médio aqui (3 na fig. 32) para ele jogar ali (4 na fig. 32).

Esta decisão (aponta a 1ª) é uma decisão errada, esta (aponta a 2ª) é uma decisão certa. Isto é, perdi 10" mas ganhei uma coisa que é o controlo e a possibilidade de acelerar o jogo e de ganhar maior profundidade deste lado (C na fig. 32) se fizer a rotação da bola.

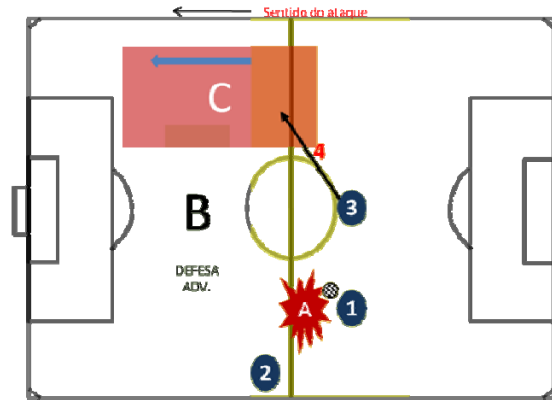


Figura 32. Exemplo 1 de leitura no espaço decisivo mais utilizado (TJF)

O TJF continua explicando que “*todavia a mesma acção se o Raul Meireles (1 na fig. 33) ganhou a bola, não tem oposição, deu dois toques (para a frente), tem o Cristian Rodriguez (2 na fig. 33) livre porque tem o adversário aqui (3 na fig. 33). Dar a bola aqui (4 na fig. 33) é uma boa decisão, porquê? Porque provoca movimentos da equipa adversária para cima (5 na fig. 33). Deu a bola, acompanhou (6 na fig. 33) e a utilização de outros jogadores neste espaço (setas 7 na fig. 33) pode ser uma decisão correcta.*

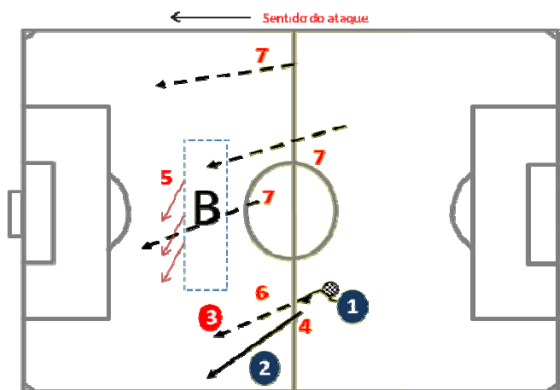


Figura 33. Exemplo 2 de leitura no espaço decisivo mais utilizado (TJF)

“*o mesmo jogador recupera uma bola (1 na fig. 34) e tem a equipa (adversária) organizada, o Cristian Rodriguez está aqui (2 na fig. 34) e o defesa lateral adversário está aqui (3 na fig. 34) e ele (1 na fig. 34) joga aqui (4 na fig.*

34) querendo ir para a frente (5 na fig. 34) é uma decisão errada, mas se o lateral eventualmente não estiver... mas ele (2) está na mesma, isto é mantém o princípio dos posicionamentos, pode ser certo, porque uma acção individual (5 na fig. 34) desequilibra a equipa adversária toda (6 na fig. 34) e portanto esta poderá ser correcta, mas com o adversário aqui (3 na fig. 34) já não será tanto, será esta (7 na fig. 34), seguida desta (8 na fig. 34), para ganhar este lado aqui (C na fig. 34).

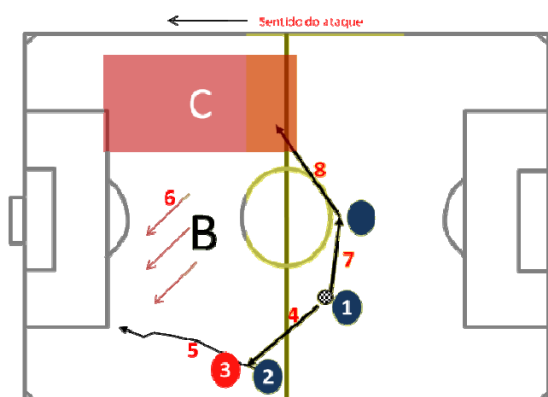


Figura 34. Exemplo 3 de leitura no espaço decisório mais utilizado (TJF)

No decorrer da entrevista LG dá um exemplo onde, no decorrer da sua explicação salienta, tal como o treinador, a importância, para a forma como se vai desenrolar cada jogada, de se perceber quem são os jogadores envolvidos e as suas características: “se recuperarmos a bola aqui, os nossos defesas estão aqui (Zona A na fig. 35), a nossa linha dos médios aqui (Zona B na fig. 35). O jogador mais adiantado que temos é o avançado que está aqui (1 na fig. 35).

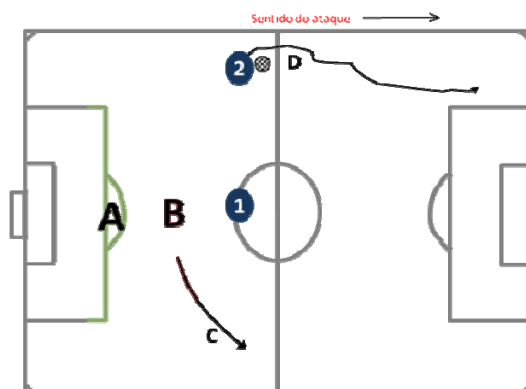


Figura 35. Importância das características dos jogadores envolvidos na transição defesa-ataque (LG)

Sabemos que quando recuperámos a bola a ideia é sair pela meia (seta C na fig. 35) com um extremo ou com um médio interior por fora. Depois, depende de cada jogador, se tem caminho livre para avançar ou não. Por exemplo o Cebola (2 na fig. 35) é capaz de agarrar a bola aqui e chega até aqui (Seta D na fig. 35), o que dá uma transição rápida, mas por vezes ele arrisca e perde a bola e já não conseguimos sair. São decisões que partem de cada um.”

Ainda em relação ao exemplo anterior, quando questionado se o jogador em questão fosse outro que não Rodriguez, mudaria e condicionaria de alguma forma o jogo da equipa e a sua decisão, LG responde *“Claro! Depende do jogador (...)”*

Noutro dos exemplos retirado da sua entrevista, o TJF, destaca a possibilidade de perante uma recuperação, enquadrada por algumas condicionantes por ele sugeridas, toda uma série de diferentes decisões, relacionadas com a opção de passe a seleccionar por parte de um dos seus jogadores, poderem ser boas. Subentendendo-se, no entanto, nas suas palavras que apenas o jogo e a capacidade dos jogadores o interpretarem à luz *“dos princípios que regem a equipa”* com o intuito de *“diminuir o tempo de transição”* poderá responder qual delas será a melhor. Passamos agora à apresentação desse exemplo:

“A equipa ganha a bola por intersecção numa zona onde (...) se está a disputar a bola entre 10 jogadores (zona rosa na fig. 36). O resto do campo é a zona privilegiada para jogar (no momento da recuperação), não é aqui! Portanto uma tomada de decisão para trás (1 na fig. 36), para o lado (2 na fig. 36), para diagonal (3 na fig. 36) ou para a frente (4 na fig. 36), é possível, qual delas é melhor?”

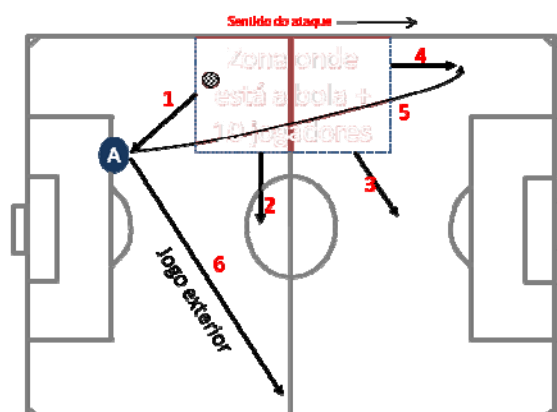


Figura 36. O resto do campo é a zona privilegiada para jogar (TJF)

(...) os jogadores percebem e têm que estar, neste momento, preparados para tomar essa decisão, em função dos princípios que regem a equipa a defender sabendo que estão a defender preparados para atacar. Por isso há um conjunto de princípios ofensivos, não defensivos, que devem estar devidamente regulamentados para que, no momento da transição as decisões sejam no sentido de tirar proveito do momento em que recuperamos a bola pela capacidade que teve de diminuir o tempo de transição (...) Fica com a bola, controla o jogo, a sua equipa sente-se em segurança, (...) se tiver que jogar para trás joga (...) sabendo que há 10 jogadores aqui, sobram outros 10 que, seguramente, estão posicionados de maneira diferente. Se este jogador (A na fig. 36) tomar uma decisão errada de meter a bola aqui outra vez (zona rosa na fig. 36)., volta todo o fado ao princípio, não é? Então há um princípio na minha equipa que diz: “quando a bola entra aqui (A na fig. 36) tem que sair na linha lateral (6 na fig. 36)”, a isto chama-se “jogo exterior”, isto é um princípio da equipa!”

Poderá aqui compreender-se a forma, como para o TJF, o modelo de jogo e os princípios que lhe dão forma, sendo aprendidos pelos jogadores os ajuda a perceber e a estar preparados para tomar decisões o mais ajustadas possível em função de como se pretende o jogo da equipa. Poderemos aqui inferir a necessidade um conhecimento partilhado por todos os jogadores da equipa para se caminhar na direcção do que Valdano (1998) refere como necessário para um jogo de qualidade, ter cinco ou seis jogadores a pensar a mesma coisa ao mesmo tempo.

Este tipo de comunicação implícita entre os jogadores de uma mesma equipa constituir-se-á, em certa medida, como um contributo para reduzir a incerteza inicial nas diferentes situações de jogo e, conseqüentemente, irá contribuir para que o jogador possa organizar as suas decisões de forma mais lógica (Tavares, Greco e Garganta, 2006) permitindo-lhe, inclusive, em circunstâncias ótimas poder antecipar mais vezes e de forma mais acertada acções concretas de jogo.

Para conseguir reduzir essa incerteza no âmbito de dinâmicas de jogo que implicam uma elevada complexidade da tomada de decisão por parte do jogador, os mesmos autores sublinham, esta importância de haver um projecto de jogo previamente estabelecido pelo treinador que deverá funcionar como a base para a autonomia de decisão por parte do jogador, uma vez que a responsabilidade de iniciar, desenvolver e finalizar de forma eficiente as acções, em jogo, serão em grande parte suas.

Ainda em relação ao exemplo anterior e a propósito do princípio identificado pelo TjF associado ao jogo exterior acrescenta *“No Futebol Clube do Porto, o Bruno Alves é, actualmente, o jogador mais importante das linhas mais recuadas pela saída de ataque rápido. (...) vendo o campo todo, tem, sem pressão, a capacidade para fazer duas coisas que nós queremos (...) que é o jogo exterior permanente. Jogo exterior ou passe frontal...”*

4.4.5. Condicionantes da transição

“as zonas (...) onde se recupera a posse de bola e a forma como se recupera a bola são decisivas no processo ofensivo.”

(TjF, na entrevista)

No decorrer das entrevistas procuramos ir ao encontro da identificação de possíveis causadores de constrangimentos em relação desenvolvimento da transição defesa-ataque para além da já apontada questão dos posicionamentos. Partindo da frase acima transcrita sobressai a necessidade de ter em conta a forma da recuperação, a zona onde ela se dá e as acções que lhe dão sequência.

No que respeita à influência que poderá ter a zona onde se dá a recuperação o TJJ quando afirma “(...) *depende sempre da capacidade que a equipa, os jogadores, tiverem de entender isto - refere-se à sua ideia/filosofia de jogo mais concretamente ao objectivo de diminuir o tempo de transição -. Só então é que posso dizer que as zonas (...) onde se recupera a posse de bola e a forma como se recupera a bola são decisivas no processo ofensivo, a transição ofensiva, depende, em muitos aspectos do que acabou de disser, zonas de recuperação e acções consequentes dessa recuperação e da zona onde isso aconteceu.*”

4.4.5.1. Ganhar a bola por pressão ou por intercepção implica comportamentos diferentes

“(Em função de ganho de bola por pressão ou por intercepção) (...) os comportamentos táticos dos meus jogadores não são exactamente iguais, logo, a cultura tática individual de cada jogador nestas duas acções defensivas diferentes, intercepção e pressão, resultará, depois, num ataque diferente”

(TJJ, na entrevista)

A forma diferenciada como TJJ exemplifica a interpretação e as decisões que espera dos seus jogadores para o desenvolvimento da acção ofensiva em função da transição defesa-ataque ter-se iniciado por uma recuperação fruto de uma intercepção e ou por pressão é, na nossa opinião, esclarecedora,

Ganho por pressão: “(...) *este gajo vem com a bola (1 na fig. 37), voltou-se e eu ganho-lhe a bola por pressão (2 na fig. 37). Pressão. Quando eu ganho a bola por pressão fica à minha frente uma linha de 4 defesas e os meus avançados*”



Figura 37. Ganho por pressão (TJF)

“o meu médio ganhou por pressão (2 na fig. 38) e ficou com a bola (controlada), este já cá não está (médio adversário a quem roubou a bola, 1 na fig. 38). Estes (os outros 2 médios adversários na fig. 38) estão numa determinada posição mas tenho aqui 3 avançados”

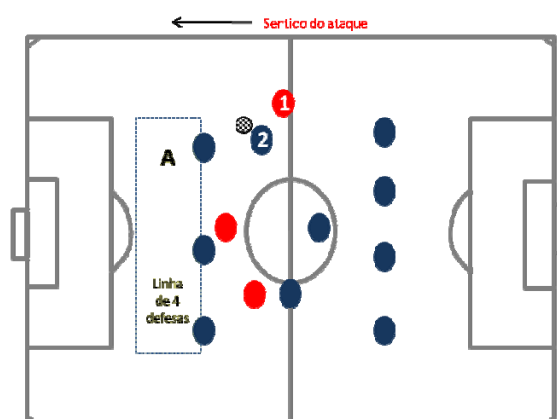


Figura 38. Ganho por pressão (i) (TJF)

Ganho por interceptação: *“A minha equipa está aqui (fig. 39). Os adversários têm aqui um avançado, metem a bola aqui (1 na fig. 39). e eu consegui interceptar (...) mas ele ficou aqui (1 na fig. 39).”*



Figura 39. Ganho por intercepção (TJF)

“Eles mantêm quatro defesas e três médios (fig. 40). (na recuperação por intercepção, fig. 40) também tenho os 3 avançados mas quando ele deu a bola (médio adversário, 1 na fig. 40, que erra o passe) e eu ganhei por intercepção eles ficaram aqui os 3 (médios adversários) o que é que eu faço?”

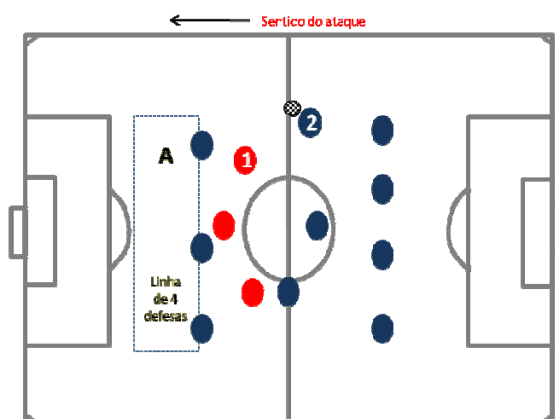


Figura 40. Ganho por intercepção (i) (TJF)

“ (...) um jogador que ganha a bola aqui por pressão e fica com a bola dominada (2 na fig. 40) só tem que fazer uma coisa que é progredir, progredir com ela!”

Prossegue o seu raciocínio explicando e demonstrando as repercussões de uma decisão em contradição com este princípio, que no entendimento do TJF é, básico e que implica uma perda de ofensividade e de capacidade de criação de perigo para o adversário.

“Imagina que quando ganho a bola por pressão e, como não percebo nada disto, jogo para trás. (...) Voltou tudo ao mesmo que é exactamente o que

aconteceu aqui quando eu ganhei a bola por interceptação (fig. 40) fica tudo igual (equipa em posse com a linha de 4 defesas e os três médios atrás do trio de meio campo adversário). Portanto (...) importante, todo e qualquer jogador quando ganha a bola aqui (1 na fig. 41) por pressão no adversário (...) a 1ª coisa que tem fazer é progredir. Este movimento obriga a duas coisas, à mobilidade da sua equipa e à resposta do adversário a essa mobilidade, com uma dificuldade, os adversários (zona A na fig. 41), passam a estar alerta. Alerta que é uma coisa que nos interessa e muito! (...) Não podem tomar decisões erradas.

(...) é o conceito mais elementar que existe: “ganhei a bola por pressão progressão”; ganhei a bola por uma interceptação – “pensar, decidir bem, não perder”

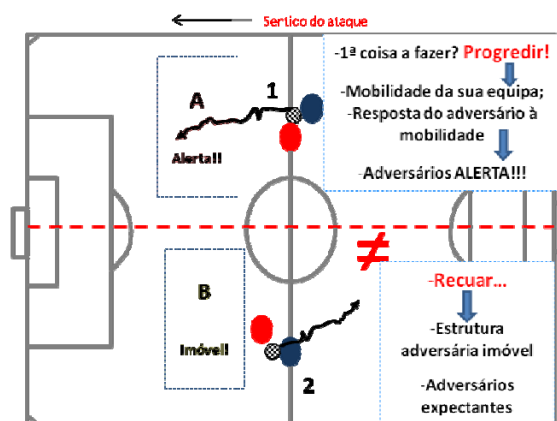


Figura 41. Ganho por pressão – progredir (TJF)

“Se (...) em vez de fazer isto (progredir), faço isto (conduzir para trás) ou jogo para trás (2 fig. 41), esta estrutura (esquematizada pela zona B na fig. 41) toda mantém-se imóvel (zona amarela na fig. 41), não alerta mas expectante.”

O TJF associa, claramente, um tipo de decisão diferente por parte do jogador no momento em que recupera a posse de bola em função desta ser fruto de uma interceptação ou pressão, associando estes conceitos a “(...) princípios gerais de acções tácticas, aquilo que eu chamei educação táctica. Isto é, saber exactamente ou o que eu faço ou devo fazer em determinado tipo de acções.”

Associa a este princípio geral e a este educação táctica, uma vez mais, uma fortíssima ligação ao treino continuando o seu discurso da seguinte forma

“(...) trata-se tudo de uma coisa elementar. Que é criar na equipa, criar nos jogadores, criar no treino, exercícios que obriguem a uma tomada de decisão boa. E aqui começam a surgir, de facto, e nos exemplos, que eu lhe dei, tomadas de decisão diferentes.

Se ganha numa pressão tem que “os matar”, isto é, provavelmente do lado da bola, (...) não vai aliviar a carga (...) eu tiro a bola e jogo para o outro lado é tirar a espada e nós não a vamos querer tirar! Se eu meto a bola do outro lado, quando devia meter aqui (no corredor da recuperação) é deixá-los a respirar, tenho que os “matar”!”

4.4.5.2. Recuperar a bola em diferentes zonas tem diferentes implicações

“Ganhando aqui, aqui ou aqui (aponta as diferentes zonas da fig. 15), a acção seguinte tem sempre a ver com a maneira como a equipa interpretou defensivamente o processo ofensivo seguinte”

(TJF, na entrevista)

A frase acima transcrita da entrevista do TJF reforça, uma vez mais, que a chave para o género e a qualidade da transição defesa-ataque será sempre um fruto da forma como a equipa for capaz de cumprir com a sua filosofia de jogo – “defender bem, para atacar bem”. Continua o raciocínio acima citado da seguinte forma *“Em última análise um jogador que defende aqui (1 na fig. 42) com a equipa adversária toda em cima e nós com os posicionamentos correctos só há uma maneira de resolver este problema, sabe qual é? Chutar para fora ou chutar para a frente! Aqui já não há muitas soluções!”*

De igual modo LG destaca a importância da zona de recuperação associada aos posicionamentos, afirmando: *“depende muito da zona onde recuperámos a bola e como estiver posicionada a equipa. É obvio que nem sempre é viável sair a jogar com uma boa transição rápida”*. Refere também que numa situação onde o colega que recupera ou recebe a bola se encontra

pressionado não será tão fácil de conseguir sair dessa situação com qualidade havendo a possibilidade da preocupação ser apenas atirar a bola para a frente o que poderá, por vezes impossibilitar o tirar partido da transição tal como podemos compreender das suas palavras, *“Sei que se o colega que recebe a bola está pressionado não vai sair tão fácil nem tão limpa vai sair mais numa situação de risco ou vai atirar a bola para a frente e nem sempre se pode fazer uma transição quando se recupera a bola...”*

Ainda em relação às possíveis repercussões de uma recuperação em diferentes zonas o TJF afirma *“Mas ganhar uma bola aqui (2 na fig. 42) com jogadores seus atrás, jogadores seus à frente, tem que tomar decisões que tenham a ver com o posicionamento da sua equipa.”*

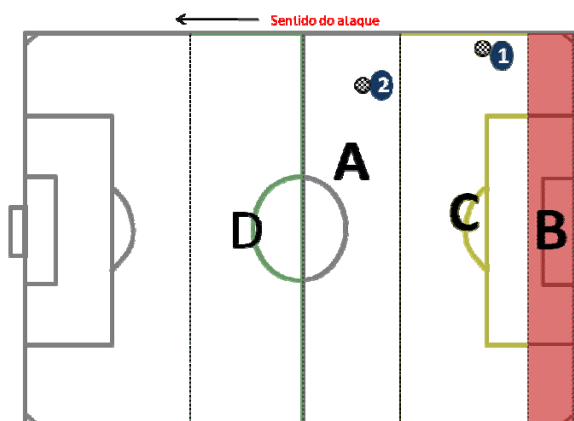


Figura 42. Implicações de recuperar a posse de bola em diferentes zonas (TJF)

Uma vez mais percebemos a importância que o TJF atribui à capacidade dos jogadores tomarem decisões que deverão ser guiadas ou, talvez mais propriamente, esclarecidas e facilitadas pelas referências posicionais que pretendem para a equipa.

O TJF continua a explorar a relação entre as recuperações da posse de bola e as zonas do campo da seguinte forma, *“provavelmente numa maior percentagem do jogo as recuperações passam por aqui (zona A na fig. 42), uma menor por aqui (zona B na fig. 42), aqui já está difícil, (...) Portanto digamos que esta é a zona de maior percentagem de recuperação (zona A na fig. 42); esta será uma zona média alta de recuperação (zona C na fig. 42), dependendo da estrutura da equipa a esta, chamar-lhe-ei, a zona óptima de recuperação (zona D na fig. 42)*

De igual modo LG afirma, sublinhando também a estrutura da equipa, que “(...) *geralmente tentamos recuperar a posse de bola no campo adversário, pressionamos, pressionamos... quando pressiona a equipa em bloco. Muitas vezes não é possível...*”

Ainda em relação à exploração de diferentes zonas com o intuito de criar perigo para o adversário o TJF dá-nos dois exemplos concretos de quais poderão ser essas zonas em função da zona da recuperação quando esta acontece no meio campo adversário:

“ (...) *Se eu ganhar a bola aqui (zona A na fig.43) o espaço menos perigoso mas mais aflitivo para o adversário é a bola nas laterais (1 na fig. 43). Mas se a bola estiver aqui (zona B na fig. 43) e eles mais concentrados aqui (nessa zona), o espaço que mais os preocupa é precisamente o contrário (2 na fig. 43), porquê? Porque para este lado (zona amarela na fig. 43) existem quase mais 50 metros...*”

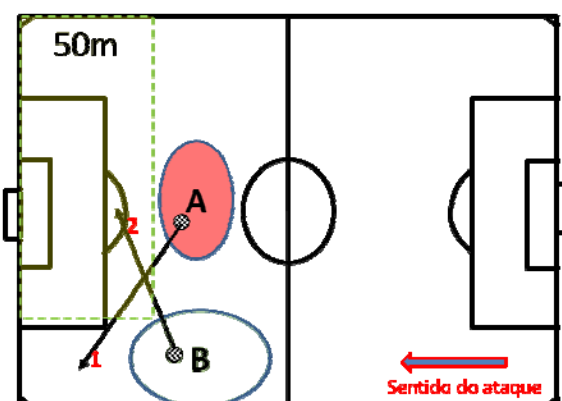


Figura 43. Leitura dos espaços após recuperação no meio campo ofensivo (TJF)

Num dos exemplos avançados pelo TJF quando explicita os movimentos que deverão ser adoptados por LG no momento de uma recuperação numa zona específica afirma “*Se a bola for recuperada aqui (zona A na fig. 44) há 3 jogadores fundamentais para sair 1, 2 e 3 (1,2 e 3 na fig. 44), não é o Lucho, ele não é o mais importante. (...) Face ao seu posicionamento normal (L na fig. 44), já lhe disse, tem este (1 na fig. 44), este (2 na fig. 44), este e este movimento (3 na fig. 44), são as orientações que tem.*”

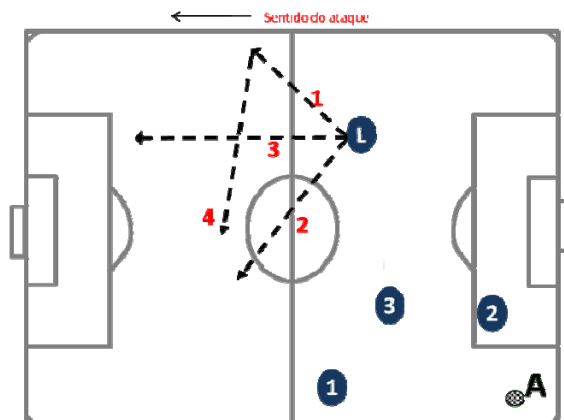


Figura 44. Jogadores fundamentais para sair após recuperação no corredor lateral da zona defensiva (TJF)

4.5. “Se na intercepção o adversário está fechado (...) terei de fazer qualquer coisa de diferente (...) jogar no controlo”

“Esta nova acção é, sob o ponto vista táctico, um novo processo. Claramente! Porque se perderam duas coisas fundamentais numa transição, perdeu-se tempo e, inevitavelmente, espaço... e portanto, a seguir é criar novas respostas às situações novas que o adversário nos põem, isto é, não conseguimos uma transição, não ganhamos espaço, não ganhamos tempo, eles fecharam, nós ficamos com a bola, o que fazemos agora?”

(TJF, na entrevista)

Esta concepção explícita neste título já vem sendo referida, procuraremos, contudo, entender um pouco melhor o que é e o que pretende o TJF com esta alternativa à transição para diminuir o tempo e, conseqüentemente, ao jogo em ataque rápido como a solução a dar perante alguns casos que vai especificando ao longo da entrevista, nomeadamente

1- perante a impossibilidade de aproveitar o momento da recuperação pelo facto do adversário estar fechado,

- 2- quando o jogador que recebe o 1º joga *“permanentemente para trás”* aumentando o tempo de transição (ver fig. 22 p.98)
- 3- ou quando o jogador que recebe o primeiro passe que estado educado no sentido de orientar a recepção de forma a ganhar espaço e tempo o efectua, mas depois a equipa não funciona em relação ao que o TJF Designa de *“projecto de defender bem para atacar bem”* nesse caso ele terá que ir de encontro a uma segunda via, que é a via do controlo.

Essa alternativa que se infere das suas palavras, apesar de não ser, *“tão rápida”* poderá ser de grande qualidade ou até *“espectacular”* por isso afirma *“Eu queria acabar com a ideia de que as “transições espectaculares”... são todas aquelas que são a correr. Isso não é verdade!”*

De acordo com o TJF esta deverá ser a uma resposta em consequência de *“uma recuperação que apenas permite segurança, isto é, a diminuição do tempo de transição perdeu-se aí completamente e sobrevém uma coisa mais importante que é a segurança (...) Manter a equipa unida e manter a bola.”*

Esta alternativa de jogar, no momento da transição defesa-ataque, no controlo está, tal como já referimos, intimamente associada a um desenvolvimento do jogo ofensivo de encontro ao ataque posicional onde a manutenção da posse de bola e da equipa unida até ser capaz de criar desequilíbrios no adversário parecem ser alguns dos objectivos a cumprir, por isso o TJF afirma que a *“Decisão de controlo significa que a equipa entrou num processo de posse de bola, posse controlo como eu lhe chamo, posse, posse... até poder tirar vantagem disso...”*

O TJF não deixa, no entanto, de reforçar que a sua ideia e a sua filosofia de jogo passa por uma busca bem mais efectiva e consistente pela intenção de *“diminuir o tempo de transição”*, tal como demonstra nas suas palavras *“agora é mais fácil jogar em recuperação, transição rápida do que ganhar (a bola)... controlo”*.

Outro aspecto que sobressai da entrevista do TJF é a sua consciência de que a equipa muitas vezes erra na interpretação e na subsequente decisão que toma neste momento do jogo, optando frequentemente e de forma menos

ajustada pela tentativa de diminuição do tempo de transição podemos constatá-lo quando afirma *“Muitas vezes o Porto faz errado e numa intercepção joga numa transição quando não tem que jogar, tem que jogar no controlo. Essa é a fase mais elaborada do processo”*, demonstra ter a clara noção de que a conjugação destas duas alternativas e a “educação” da equipa no sentido de ter uma interpretação e decisão idêntica por parte dos jogadores não sendo inviável será, usando as suas palavras *“é mais complicado.”* ou *“Agora as duas é difícil...”* acrescentando que para o alcançar *“é preciso ter jogadores tecnicamente fortes, com boa capacidade mental, fundamentalmente com boa capacidade táctica e acima de tudo jogadores com classe. Sem jogadores com classe não se faz nada.”*

No mesmo sentido parece apontar LG destacando-se a sua consciência da dificuldade que a equipa tem em “fazer posse de bola” por estar tão direccionada, ou se preferirmos educada, para jogar para a frente afirmando *“somos, uma equipa que por norma sempre nos custou fazer posse de bola e digamos que no momento certo uma equipa precisa de fazer posse de bola e custa-nos porque somos tão... jogamos sempre tão para a frente! Queremos sempre marcar golo...”*

A forma como os jogadores deverão integrar esta via alternativa pode ser identificada a título de exemplo na situação esquematizada pelo TJF quando descobre sobre quais os indicadores que LG deverá ser capaz de identificar para perceber se o adversário está ou não organizado *“Ele ganha a bola aqui (1 na fig. 45) e tem um colega aqui bem posicionado (2 na fig. 45), tem este aqui bem posicionado (3 na fig. 45) e este também (4 na fig. 45), mas nenhum deles tem espaço para jogar, o que faz? Joga para aqui (2 na fig. 45) porque o treinador mandou? Não. Tem que decidir algo diferente.*

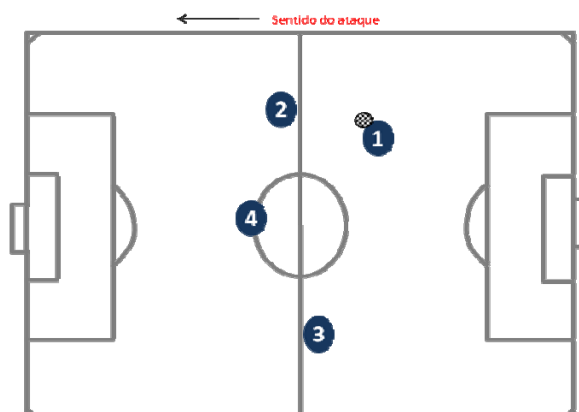


Figura 45. Jogadores bem posicionados mas sem espaço para jogar no momento da transição defesa-ataque (TJF)

Então aqui o tempo terminou, a diminuição do tempo passa a ser um factor abandonado para passar a haver uma questão de segurança.”

LG parece apontar no mesmo sentido de optar por uma via alternativa perante a impossibilidade de explorar uma hipotética vantagem no momento da transição. Respondendo da seguinte forma quanto questionado sobre o que o leva a perceber se o adversário está mais ou menos organizado, *“cada um vai-se dando conta... quando vai receber a bola... apercebemo-nos por exemplo quando olhámos para a frente e vemos dois defesas e três avançados. É obvio que a probabilidade de sucesso é boa mas se por outro lado vemos os três avançados e seis defesas é evidente que a transição não vai ser boa e procurámos manter a posse de bola e começar a jogar de acordo com os nossos princípios.”*

4.6. “A forma de atacar bem”

“Difícilmente lhe posso dizer (...) o que vai acontecer em cada desenho destes, porquê? Porque eles nunca são iguais, o que existe de igualdade são os princípios pelos quais a equipa se rege.”

(TJF, na entrevista)

Tal como na frase acima transcrita se alcança a partir das palavras do TJF a importância de jogar ofensivamente mediante princípios que devem comportar alguma maleabilidade, dada a incerteza do jogo, também Tavares

em 1993 nos dá uma imagem muito rica do que é jogar tendo por base o respeito dos princípios em vez de adoptar sistemas estereotipados, apontando que este será um tipo de jogo que permitirá aos jogadores maior liberdade e autonomia para tomarem decisões de acordo com o que lhes pareça mais ajustado a cada situação de jogo, sem fugirem e respeitando os princípios básicos que deverão nortear cada decisão

Esta sua filosofia de jogar segundo princípios pode-se encontrar no decorrer da sua entrevista, nomeadamente quando questionado sobre o que deverá LG fazer aquando de uma recuperação da posse de bola efectuada no corredor de jogo correspondente à sua zona de acção afirma que *“Depende! (...) Se ele estiver aqui (L na fig. 46) e o Sapunaru (S na fig. 46) aqui. Ele pode fazer este movimento (1 na fig. 46) e receber ali (zona A na fig. 46). Como este jogador (E na fig. 46) pode fazer este movimento (2 na fig. 46) e ele receber ali (zona B na fig. 46). Como ele pode, simplesmente, ser o médio interior de suporte (mantém posição L), 1 (S na fig. 46), 2 (E na fig. 46), 3 (L na fig. 46).”*

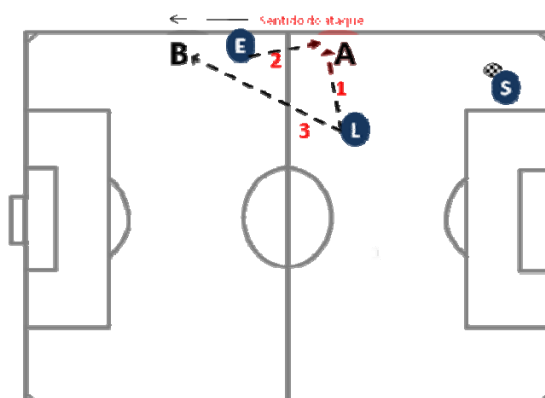


Figura 46. Possíveis movimentos de LG após recuperação de Sapunaru no corredor lateral em zona defensiva (TJF)

Seguindo o seu raciocínio destaca-se uma referência geométrica para o funcionamento dos três médios da equipa que poderá ser entendido como um princípio ofensivo *“Se você for ver ao “Amisco” e fizer as ligações dos médios eles andam sempre a jogar em triângulo, parece que andam a dançar... Têm que andar!”*

Continuando com um exemplo do que é este jogo em triângulos:

“(...) se este jogador (8 na fig. 47) se deslocar para ali (1 na fig. 47), este (6 na fig. 47) não vai jogar ali (2 na fig. 47), mas sim, deslocar-se para aqui (3 na fig. 47) e este (10 na fig. 47) desloca-se ou para lá (4 na fig. 47), mantendo um triângulo mais aberto (A na fig. 49), ou para aqui (5 na fig. 47), para manter, não o mesmo, mas igualmente outro triângulo (B na fig. 47), ficamos com este ou mantemos este triângulo mais aberto (A na fig. 47).”

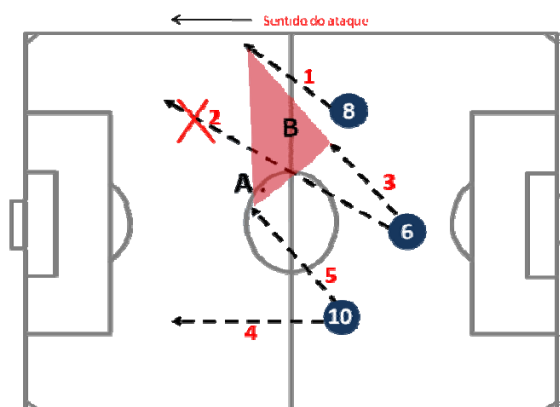


Figura 47. Triângulo como referência para os posicionamentos ofensivos dos médios (TJF)

O TJF reforça a importância da manutenção deste triângulo ofensivo, de onde se poderá especular que quer manter sempre os mesmos jogadores a ocupar os mesmos vértices relativos do triângulo, isto é o “6” corresponderá ao vértice mais recuado, o “8” ao do lado direito e o “10” ao do esquerdo, respondendo de forma afirmativa quando questionado se esta poderá ser considerada uma regra visual de posicionamento. Fala-nos, também de algo que aponta como sendo “(...) outra regra intermédia (...) a capacidade que os jogadores têm de quebrar linhas (...) sair das suas linhas normais de funcionamento e o quebrar linhas para o adversário é muito complicado”

Explica-nos o seu conceito de romper linhas afirmando que isto “é romper direcções.”

Dando os seguintes exemplos: “Significa eu vou aqui (1 na fig. 48) com um colega com bola por aqui (2 na fig. 48). Eu (1 na fig. 48) vou por aqui (A na fig. 48) o adversário vai comigo (acompanha o movimento A de 1 na fig. 48) e eu de repente quebro uma linha (B na fig. 48)! E posso ganhar esta aqui (C na fig. 48). Isto chama-se quebrar linhas (...) trajectórias de deslocação.”

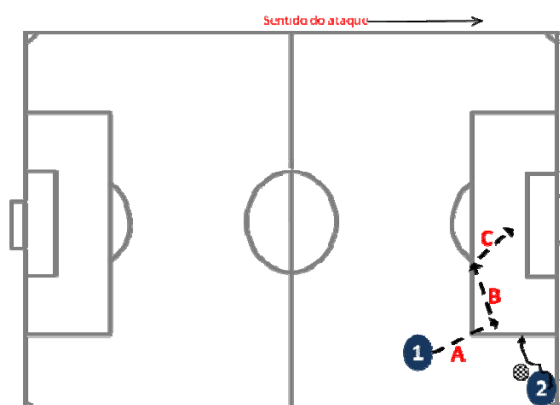


Figura 48. Quebrar linhas (TJF)

“Com o médio é igual. Este jogador (M na fig. 49) deu a bola aqui ao extremo (E na fig. 49), está a vir para aqui neste movimento (B na fig. 49), este (E na fig. 49) fez o movimento para dentro (C na fig. 49), este (M na fig. 49) fez o movimento para fora (D na fig. 49), quebrou a linha normal de funcionamento (trajectória inicial);”

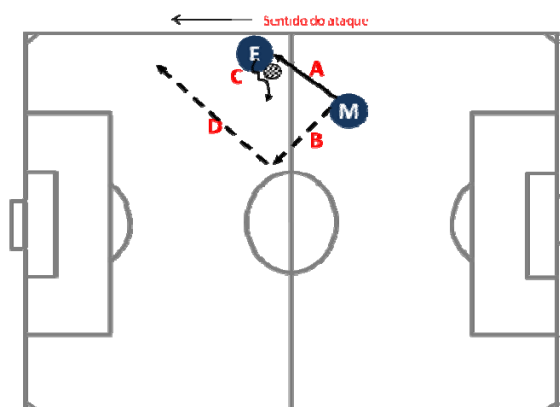


Figura 49. Quebrar linhas (i) (TJF)

De igual modo nas palavras de LG se revela a ideia de uma movimentação típica do Lisandro onde ele faz esta “quebra de linhas” para conquistar uma zona de finalização “sei que se chego ao fundo (L na fig. 50) ele em vem e vez de me pedir a bola aqui (1 na fig.50), no 1º poste, faz um movimento para trás (seta 2 na fig. 50). Ele gosta de receber a bola para trás.”

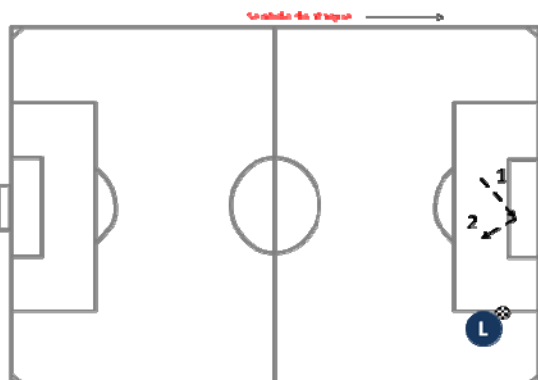


Figura 50. Movimento tipo do Lisandro em zona de finalização (LG)

Este princípio de quebrar linhas surge associado à criação de espaços, de linhas de passe tendo por base quebras de movimentos ou contra-movimentos e movimentos de finta, aproximando-se do que Garganta e Gréhaigne (1999) apelidam de contra-comunicação para os jogadores da equipa contrária. Isto é, uma comunicação que tal como percebemos nas palavras de LG se revela produtiva e eficaz para a equipa pela eficácia do seu duplo sentido, (1) informativa para os jogadores do mesmo colectivo e (2) pela sua capacidade de funcionar simultaneamente como contra-informação materializando-se dissuasora para os adversários.

Outro princípio que se subentende é o da ocupação das zonas de finalização, em que apesar não estar pré-determinado quem ocupa cada uma das posições, elas parecem ser claras para o TJF *“com os avançados... Os espaços definidos (de finalização) (...) são com bola aqui: espaço 1, espaço 2 e espaço 3 (1,2 e 3 na fig. 51). Eles não estão, necessariamente, ocupados pelos mesmos jogadores.”*

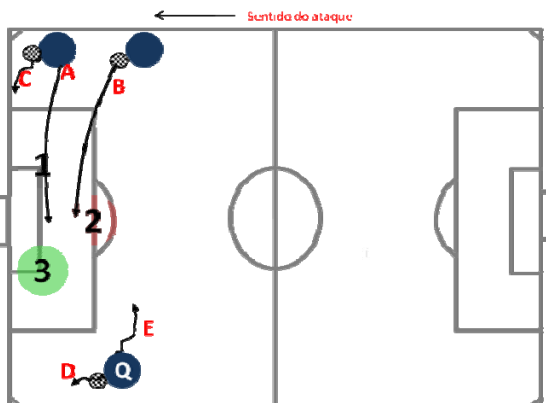


Figura 51. Ocupação das zonas de finalização (TJF)

Continua a explorar esta situação explicando que os seus jogadores devem ter a capacidade de identificar e interpretar as repercussões que poderá ter a forma e a zona de onde é efectuado o cruzamento, nomeadamente na forma como se posicionam e atacam a bola, “quando este jogador cruza daqui (A na fig. 51) é uma coisa, quando cruza daqui (B na fig. 51) é outra e outra ocupação, mas quando ele vai, por exemplo, para a linha de fundo é outra (C na fig. 51). (...) provoca, nos defesas e nos atacantes, movimentos diferentes.”

Acrescenta ainda individualizando o que se passa especificamente com alguns jogadores:

“O Hulk vai por aqui, para a linha de fundo, e dá cabo disto tudo (C na fig. 51) ... É uma grande confusão, raramente dá golo (...) O Quaresma tinha a bola aqui, recebia a bola, ia por aí (D na fig. 51) com a bola no pé esquerdo, os jogadores (defensores na área) posicionavam-se, depois ele vinha para dentro (E na fig. 51) e dava cabo disto tudo... Porque o ângulo de ataque à bola (por parte dos defesas) é diferente. Aqui com a bola no pé esquerdo (D na fig. 51) ou aqui (E na fig. 51) ...

Por exemplo o Cissoko ganha a bola (C na fig. 52) e vai até à linha de fundo (A na fig. 52) e eu já lhe disse: “Não! É daqui (zona B na fig. 52) que vais começar a pensar o que vais fazer à bola” - Começou hoje a treinar isso (...) meter a bola daqui (zona B na fig. 52).

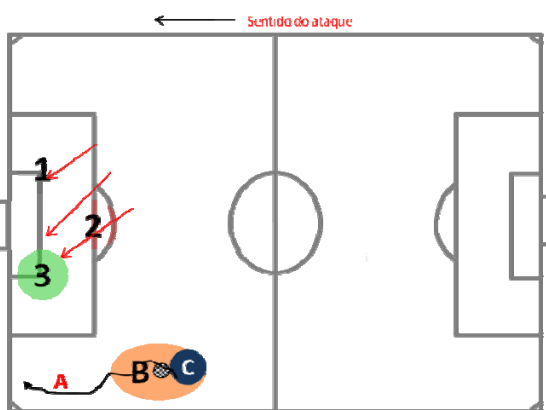


Figura 52. Ocupação das zonas de finalização (i) (TJF)

(...) é muito mais fácil, em corrida, com os adversários posicionados assim nesta posição (posição lateral) qualquer jogador entrar nos espaços (setas vermelhas na fig. 52) se ele cruzar a bola assim (...) É mais fácil do que

ir para a linha de fundo... Mas em Madrid cruzou daqui (da linha de fundo) e foi golo... Qualquer uma delas é importante, mas qualquer uma destas têm que ser variáveis, em função do próprio jogo, não é sempre isto (A na fig. 52)!”

Percebe-se, nestes exemplos do treinador, a importância que atribui ao cumprimento dos princípios por parte dos seus jogadores, como uma forma de ter mais produtividade no seu jogo ofensivo, valorizando o facto dos terem esclarecidos, dos aprenderem e dos treinarem, mas simultaneamente presenteia-nos o seu entendimento de uma necessidade dos jogadores terem espírito crítico, capacidade e de análise e iniciativa de decisão que passará muitas vezes por uma acção com um final distinto do subjacente ao princípio que lhe está associado.

Tavares (1993) corrobora esta ideia de ter princípios definidos mas de, simultaneamente, ser importante permitir alguma flexibilidade por parte dos jogadores na sua interpretação; sugere que apesar de estar implicado o desenvolvimento de uma relação de dependência com o treinador durante o processo de aprendizagem e treino, existirá a necessidade de ser criada uma autonomia do jogador em termos de decisão para a realização das acções de jogo. Em última instância será, sempre ele, o jogador a consumir todo o processo, assumindo-se como o agente activo de cada decisão.

Quando confrontado com uma equipa que defenda HxH ou com marcações individuais a destaca a importância de outro aspecto que poderemos considerar um princípio de jogo perante equipas que defendam desta forma, a mobilidade dos seus jogadores afirmando que *“Se a equipa (adversária) defender homem contra homem ou marcações individuais a mobilidade dos jogadores que lhes permite sair dos espaços para ganhar outros espaços é decisiva (...)se a bola entrar aqui deste lado (1 na fig. 53) e este jogador vier aqui (2 na fig. 53) (...) e eles forem com ele (3 na fig. 53), (...) não mantiveram aqui um jogador a fechar este espaço (zona B na fig. 53), quando ele entrar (2 na fig. 53) neste espaço e o defesa for com ele (3 na fig. 53) (...) Esta entrada aqui (4 na fig. 53) é fácil.”*

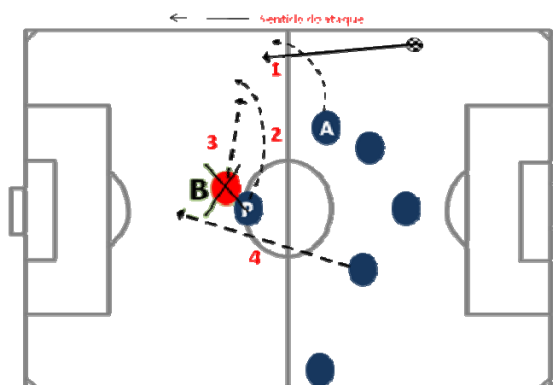


Figura 53. Atacar contra defesa individual (TJF)

Independentemente da forma como as equipas adversárias defendem, o TJF destaca a importância dos seus avançados serem capazes de identificarem aquilo que ele percebe como erros defensivos, quer pela exploração da forma acima transcrita de como tirar partido de um adversário que defenda HxH ou com marcações individuais, mas também pela identificação de outro tipo de situações possivelmente vantajosas fruto de alguns dos possíveis erros que foi apontando no que poderão ser erros de interpretação na defesa à zona como é o caso do exemplo já descrito ao qual associa as inúmeras e até “famosas” diagonais do Lisandro afirmando “o Lisandro faz diagonais constantes sob os centrais adversários e fica isolado (...) Porque eles não sabem jogar... tão simples quanto isso.”

Recuperando um princípio já citado: “princípio na minha equipa que diz: “quando a bola entra aqui (A na fig. 54) tem que sair na linha lateral, a isto chama-se “jogo exterior” o TJF acrescenta, “A equipa, tem que ter a noção clara que depois de sair deste espaço (Zona rosa na fig. 54) o jogo exterior do lado contrário é o mais favorável à manutenção da bola e, não só à manutenção da bola, mas, fundamentalmente, à utilização do espaço que lhe permite ser mais rápido na acção ofensiva. (...) Porque as acções ofensivas têm uma cadência e um ritmo próprio. Têm, é inevitável.”

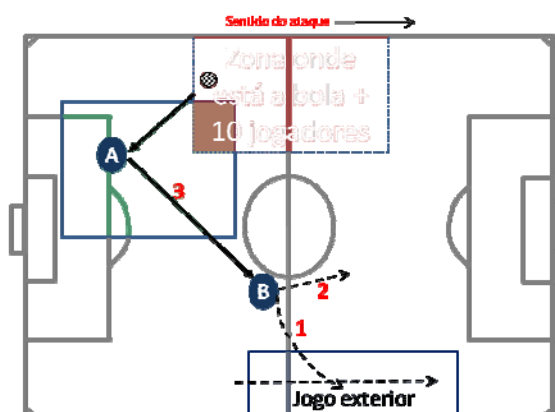


Figura 54. Exploração do jogo exterior (TJF)

Subentende-se aqui outro princípio do jogo ofensivo que se relaciona com a capacidade da equipa identificar e imprimir ao jogo um ritmo e uma cadência ajustada ao que os contextos de jogo vão solicitando, por isso treinador afirma que *acções ofensivas têm uma cadência e um ritmo próprio* esclarecendo *“cadência, que é o número de coisas, de acções, e têm um ritmo. Em Futebol a questão espaço/tempo que as pessoas falam muito tem a ver com um a coisa que se chama ritmo, ritmo e cadência das acções”*.

Culmina a sua referência ao esquema anterior dando um exemplo do que um ritmo desajustado numa acção que seria óptima a transforma numa jogada bem menos perigosa para o adversário *“Por exemplo nesta situação (ilustrada na fig. 56) quando a bola entra no Bruno se ele se vira com muita calma quando fizer o jogo exterior já a equipa adversária está toda aqui (no corredor onde se pretendia o jogo exterior). Tudo estragado! Volta outra vez para dentro”*

4.7. No momento em que se perde a bola é vital diminuir o tempo em que a equipa reagrupa

“Outro conceito que está paralelo a este que eu penso que ainda não falei e é importante, é que quando eu estou a atacar eu estou a começar a defender!”

(TJF, na entrevista)

Desta frase acima transcrita poderemos inferir que, no entendimento do TJF, os posicionamentos ofensivos dos seus jogadores serão, desde logo, vitais para todo o processo defensivo, concretizando-o nas palavras que se seguem:

“O meu processo ofensivo passa sempre por uma clara posição de organização para o momento da perda da bola. Quem são os jogadores que intervêm neste processo defensivo? Todos os que não estão envolvidos no processo ofensivo e que é garantido por um conjunto de espaços que se vão ganhando, isto é, a bola está aqui atrás, o Bruno (2 na fig. 55) ganhou a bola, a equipa entrou em processo ofensivo. No momento em que ele tomou a decisão de meter a bola aqui entrou em jogo esta equipa (zona cinzenta na fig. 55), estes aqui atrás (zona verde na fig. 55) entram completamente em posição defensiva. Tem que entrar em posição defensiva. Porquê? Porque se a transição é a diminuição do tempo eu posso perder a bola aqui, estes três jogadores que estão atrás, ou quatro (na zona verde na fig. 55), têm que estar em posição defensiva imediata. Portanto a transição defensiva ficou garantida durante o tempo em que eu tenho a posse de bola. Defender em posse é fundamental.”

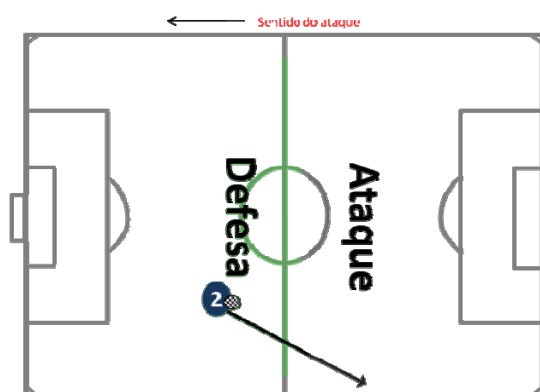


Figura 55. Garantir a transição defensiva enquanto em posse de bola (TJF)

Recuperando a definição avançada pelo TJF para este momento do jogo *“Se eu definir transição, estou a falar defensiva e ofensiva, como o momento do jogo em que eu ganho ou perco a bola (...) o que eu procuro é que os meus jogadores diminuam o tempo de transição”* subentendemos, uma vez mais a importância, também neste momento do jogo, de diminuir o tempo de transição, reforçando-o ao afirmar *“quando perco a bola estou em desequilíbrio (...) vou*

entrar em alerta” tornando-se ainda mais claro este objectivo de estar alerta e reorganizar a equipa, recuperando os posicionamentos defensivos quando prossegue “de repente o adversário não arrisca, dá-me a mim o quê, dá-me a sensação de alívio e de voltar outra vez a uma posição de estabilidade, isto é vou-me reorganizar.”

O TjF concretiza o porquê da importância do seu jogo posicional aceitando-a e acrescentando *“se isto é verdade para o momento da transição (defesa-ataque) em que ganhei a bola e entrei no ataque e tento ganhar tempo e espaço, etc, pela maneira como utilizo a bola. Da mesma maneira, eu em posse tenho que me preparar para no momento em que a perca esse tempo de diminuição da transição defensiva seja eficaz.*

Completa esclarecendo o que entende pelos já apontados como importantes princípios quer do jogo ofensivo, quer do jogo defensivo, os equilíbrios *“a equipa tem que ter equilíbrios! O que são os equilíbrios? São exactamente a capacidade que a equipa tem para estar racionalmente disposta no campo, quer em posse de bola, quer sem bola, que lhe permita garantir as duas transições, a defensiva se tiver em posse, a ofensiva se estiver a defender. Está equilibrada”*

4.8. Bolas Paradas/ Esquemas tácticos

As referências a este tópico no decorrer das entrevistas foram breves, algo que se justifica por não ter sido um dos aspectos onde focamos maior incidência nas entrevistas, mas também pelo facto de ter ficado para o final, altura em que os entrevistados já denotavam alguns sinais de cansaço. Percebe-se assim o porquê de tão breve referência a um momento do jogo cada vez mais apontado como importante e decisivo. Gostaríamos, no entanto, de destacar alguns dos conceitos do TjF.

4.8.1. Bolas Paradas/ Esquemas táticos Defensivos

Perante o perigo associado ao elevado número de golos obtidos a partir das bolas paradas o TJF define claramente que neste momento o seu objectivo será nitidamente contrariar, o mais eficazmente possível, a criação e concretização de oportunidades de golo por parte do adversário. *“Defender significa evitar golos dentro da minha baliza. Defender não significa estar-me a preparar para meter golos na baliza deles (...). Por isso é que actualmente grande parte das equipas defende zona. E mais, a tendência que está neste momento é para defender com 10 (...) significa que não há muitos jogadores para poderem fazer uma saída rápida.”*

Sendo que, jogando estas situações mediante esta máxima, poderá inviabilizar o desenrolar de acções ofensivas mais agressivas e acutilantes a partir de uma recuperação, ou pelo menos, a definição estratégica dessas intenções não é uma prioridade, até pelo que o TJF aponta como um factor que o condiciona *“Por outro lado as bolas paradas (defensivas) colocam os jogadores em posições que não são aquelas normais do seu jogo ofensivo.”*

Especificamente em relação aos livres laterais o TJF esclarece-nos como os pretende defender com o seguinte exemplo:

Um livre lateral daqui. A trajectória percentual da bola é esta (zona A na fig. 56). Numa percentagem máxima, ela pode entrar aqui, aqui, aqui (setas vermelhas na fig. 56)... mas é esta a zona (zona A na fig. 56). Portanto se eu fecho as duas diagonais, esta é a minha equipa (círculos azuis na fig. 56), se a zona que eu quero defender é esta (zona B na fig. 56), nunca os adversários podem entrar e eu ficar em linha!

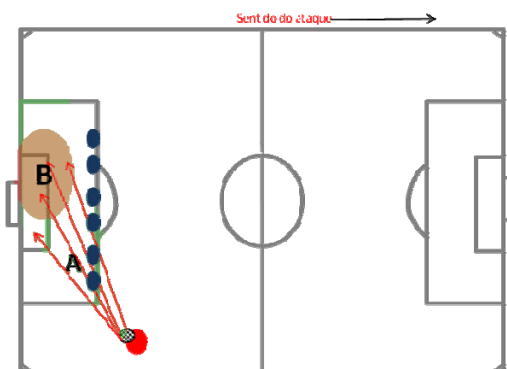


Figura 56. Livres laterais em situação defensiva (TJF)

Complementa explicando de que forma o não cumprimento com esta regra pode levar a equipa a sofrer golos, “Se não vou levar um golo como levou o Braga (vs. P.S.G.). (...) nesta situação eles falharam porque defenderam assim (alinhados). Quando a bola partiu, o Eduardo falhou e estes adversários entraram nas costas... Eles deviam ter fechado aqui, aqui, aqui e aqui (setas negras na fig. 57).

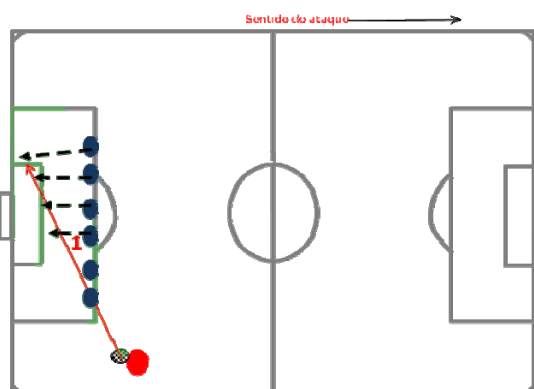


Figura 57. Livres laterais em situação defensiva (TJF)

Termina estas suas referências incluindo esta forma de abordar as bolas paradas/esquemas táticos defensivos como um conteúdo subsequente do que é o conceito de defender à zona “(...) isto é zona! Se a zona de entrada dos adversários é aqui (seta vermelha na fig. 57) a minha deixou de ser está (alinhamento inicial na fig. 57).”

4.8.2. Bolas Paradas/ Esquemas táticos Ofensivos

Em relação às bolas paradas ofensivas podemos citar os posicionamentos básicos pré-estabelecidos em que o TJF afirma que “normalmente fazemos isto, jogamos assim: 3 aqui, 1 à entrada da área, 1 a bater e 5 na área (fig.58). Não temos assim jogadores excepcionais a bater os cantos...”

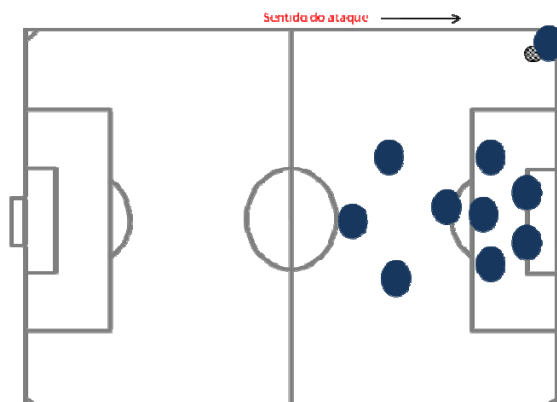


Figura 58. Cantos em situação ofensiva (TJF)

Quando questionado sobre as movimentações que pretende para os cinco jogadores na área tem uma resposta onde destaca uma vez mais como factor preponderante para o aproveitamento destas situações a qualidade da forma como o canto é marcado, por isso afirma “*Temos. Mas o mais importante não são as movimentações, é o que marca...*”

4.9. Pressupostos para as tarefas de Lucho González e possíveis indicadores para decidir no momento da transição defesa-ataque?

(...) o Lucho teoricamente, teoricamente e na prática, é o jogador que melhor cumpre as funções que treina e que lhe oferecem como compromisso no jogo.”(...)

“ (...) um médio a quem eu dou a bola e ele permanentemente joga para trás, não me interessa. Porque esse jogador não diminui o tempo de transição(...)”

(TJF, na entrevista)

Com a primeira frase da entrevista do TJF acima transcrita gostaríamos, por um lado, de destacar as competências que o treinador reconhece em LG no que respeita ao entendimento e capacidade de cumprir com as funções que lhe são atribuídas e de, simultaneamente, veicular a nossa percepção de que ao longo desta análise das entrevistas se vai confirmando este entendimento de LG em relação a muitos dos pontos explicados pelo TJF, dadas as suas referências sobre o modelo de jogo percebido. Vamos de seguida centrar-nos

na exploração das suas funções/tarefas, tentando perceber o que os entrevistados percebem como sendo importante para a tomada de decisão em situações de jogo e se esta coerência de pressupostos se manifesta.

Recuperamos, uma vez mais, a segunda frase acima transcrita, porque efectivamente parece ser uma das grandes máximas que deve reger sistematicamente a forma como LG, no momento da transição defesa-ataque, recepciona a bola, sendo que no caso de não o conseguir fazer, tal como expressão, quer o treinador, quer o jogador, terá repercussões marcadas no desenrolar da transição e do Jogo Ofensivo.

Tal como o TJF na segunda frase acima transcrita afirma, um médio que recebe a bola sistematicamente para trás não lhe interessa porque diminui o tempo de transição e compromete o desenrolar do jogo em função da sua filosofia de jogo (ver exemplo associado à figura 22, p.98). De igual modo e destacando a relevância da capacidade de dominar e aplicar este género de recepção, LG afirma que, neste momento do jogo, deve jogar e decidir em certa medida em função do tipo de recepção dos seus colegas *“se receberem para a frente já se torna uma transição”* em contrapartida deverá ter outro tipo de leitura e abordagem ao jogo se o colega que recepcionar a bola não o fizer para a frente, isto é e seguindo as suas palavras *“ao jogar para trás já deixa de ser uma transição e aí já tento... a minha função começa a ser outra e tento pegar na bola para fazer posse de bola e começar a jogar de outra forma”*

LG demonstra, em vários momentos da sua entrevista, ter isto claro nas suas intenções de jogo, a procura permanente da recepção que permite uma mais eficiente *“diminuição do tempo de transição”*, a *“recepção orientada”* afirmando que *“quando recuperamos a bola no nosso campo sabemos que os nossos três avançados estão bem posicionados para sairmos numa transição. Obviamente nesta circunstância o nosso objectivo é jogar para a frente, receber sempre orientado e procurar com o menor número possível de toques chegar à baliza adversária.”*

Neste excerto, para além de explícita a importância da recepção orientada denotam-se já outros factores importantes que poderão ser apontados como objectivos para o desenrolar das decisões e das acções de LG no decorrer da

transição defesa-ataque, nomeadamente o objectivo de jogar para a frente e a prioridade de procurar, em primeira instância, um dos três avançados, que tal como já nos podemos aperceber quando exploramos a importância dos posicionamentos defensivos (ver ponto 4.4.3 da análise das entrevistas), serão, pelo seu posicionamento os jogadores em melhor posição para atacar, tal como esclarece o TJF no exemplo representado esquematicamente pela figura 24 (p.102).

Percebe-se aqui a percepção de uma pressuposta e efectiva influência no desenrolar das decisões e das acções por parte de LG neste momento do jogo determinadas pelo Modelo de Jogo, algo que confirma noutra ponto da entrevista, *“Nós temos a ideia de recuperar a bola num sítio e que a jogada deve acabar pelo outro lado pois é onde terá menos gente do rival.”*, no entanto complementa o seu raciocínio, dando a entender que estas orientações são princípios que nunca poderão ser rígidos, estando o sucesso individual e colectivo dependente das competências individuais de os interpretar à luz do que o jogo vai apresentado (indicadores), tal como podemos perceber em alguns momentos da sua entrevista:

“não quer dizer que tenha de ser sempre assim, ganhar aqui e sair por ali... ganhar ali e sair por aqui... Isso depende do que se for apresentando no jogo, não pode estar determinado.”

A forma como responde quando lhe é pedido que nos explique quais os indicadores que poderão ser importantes e a forma como condicionam as suas decisões apontam no mesmo sentido, afirmando *“(...) a ideia de cada um passa por uma ideia colectiva, mas é também pela ideia individual de cada um(...)”* completando *“O treinador dá uma ideia, depois quem decide, no campo, é cada um.”*

De igual modo o TJF, tal como vimos percebendo, tem uma concepção de jogo que passa por uma definição clara de objectivos e orientação para a forma como quer que a sua equipa desenvolva o seu jogo no momento da recuperação, mas simultaneamente valoriza em grande medida esta capacidade de análise e de decisão em função do jogo, tal como ficou

expresso no exemplo por ele apresentado, transcrito na p.129, associado à figura 47.

4.9.1. A importância do posicionamento defensivo

“Nenhuma destas zonas onde ele pode entrar na transição ofensiva tem valor se não soubermos onde ele está a defender, qual é a sua posição defensiva.”

(TJF, na entrevista)

(Não perder posições defensivas, é uma regra) “Sim, porque isso facilita... coordena alguma coisas”

(LG, em anexo)

Tal como percebemos no ponto 4.4.3. a importância dos posicionamentos colectivos como um pressuposto incontornável para o desenvolvimento da transição defesa-ataque, também no que diz respeito especificamente a LG se verifica esta importância, tanto nas palavras do TJF como nas do próprio LG, tal como podemos constatar nas frases acima transcritas, particularmente no determinismo apontado pelo TJF, dando a clara noção de que caso a questão prévia do seu posicionamento não seja cumprida, tudo o resto estará comprometido. Subentende-se aqui, uma vez mais, que a defender e particularmente no que respeita ao cumprimento dos posicionamentos defensivos, a imposição de cumprir com regras mais rígidas onde a flexibilidade dos princípios implícitos será seguramente menor que noutros momentos do jogo.

Confirmando-o TJF destina posicionamento defensivo de LG, *“O Lucho a defender joga aqui (zona A na fig. 59). Ele a defender faz isto, isto, isto e pode fazer isto (setas azuis na fig. 59). E isto (aponta a zona rosa na fig. 61), movimenta-se para baixo e para cima (...).”*

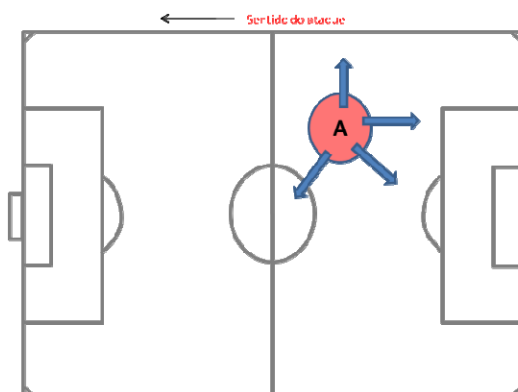


Figura 59. Posicionamento defensivo de LG (TJF)

De igual modo LG aponta um posicionamento defensivo em aproximação a este, quando questionado sobre qual a sua posição defensiva de referência *“A minha posição é a dos médios, mais pelo lado direito, o Raul na esquerda e o Fernando no meio.”* Destacando, também que tem tarefas específicas neste momento de jogo que passam pela cooperação para a recuperação da posse de bola, *“quando não temos a bola tento colaborar para a recuperar”*

Questionado sobre o que deverá procurar ver LG no momento em que a equipa ganha a bola o TJF é esclarecedor, salvaguardando, a condicionante máxima e a prioridade que determina tudo o que se irá passar em seguida, respondendo da seguinte forma *“Primeiro a posição dele, se ele estiver na posição base dele que é esta (A na fig. 59).”* Esclarece as repercussões negativas que um mau posicionamento defensivo poderá ter recorrendo a exemplos, *“Muitas vezes ele está a defender e a equipa ganha a bola com ele aqui (B na fig. 62), no meio, logo aqui o seu raio de acção e a sua visão para escolher é diferente do que se estiver aqui (A na fig. 60). Aqui, no meio (B na fig. 60), tem uma visão diferente de escolha do que se estivesse na meia (A na fig. 60).”*

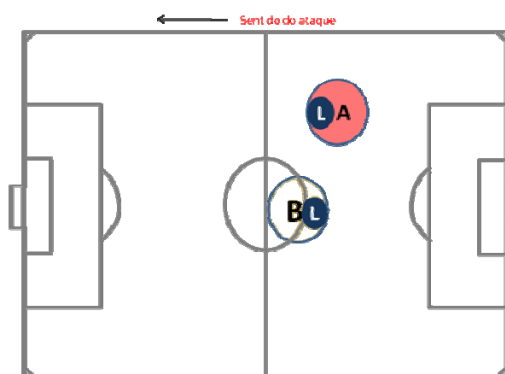


Figura 60. Posicionamento defensivo de LG (i) (TJF)

(...) se ele estiver mal colocado a defender, ele às vezes vai para cima da bola. A equipa está aqui a defender (zona rosa na fig. 61), a bola está aqui e ele em vez de ocupar a posição dele vem para aqui (L1 na fig. 61). Se a bola entrar aqui (1 na fig. 61) e o Fernando (F na fig. 61) ganhar, o Lucho está com vida difícil porque está fora de posição. A questão do posicionamento a defender é fundamental para poder atacar.”

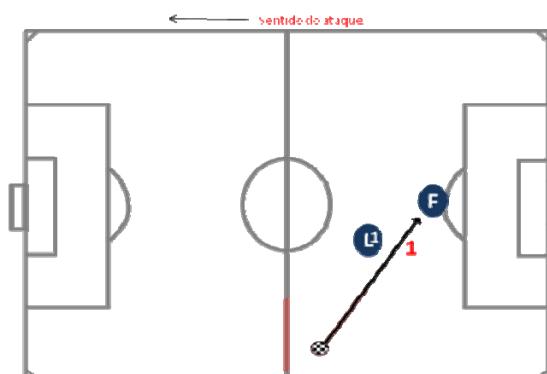


Figura 61. Posicionamento defensivo de LG (ii) (TJF)

De igual modo LG demonstra uma percepção, não só de qual deverá ser o seu posicionamento defensivo de referência, assim como alguns dos ajustes que deve fazer em função da posição da bola ou de referências estratégicas em função do adversário ou do desenrolar de diferentes contextos de jogo, salvaguardando, no entanto a importância de se manter no seu lado do campo, referindo que *“Quando a bola está do lado contrário devo estar mais fechado. Defender mais por dentro mas sem ir para o outro lado... Muitas vezes também, de acordo com a estratégia do treinador, pode ser ir em cima de*

algum dos trincos deles se jogam com dois. Ou vai o Raul ou vou eu. Senão o médio que estiver pelo meu lado ou o lateral...”

O que se subentende aqui, tal como iremos explorar no ponto quando nos referirmos à leitura e exploração do espaço no momento da transição, é a necessidade de LG estar, a quando da recuperação, numa posição que garanta à equipa a possibilidade de explorar o jogo exterior, sendo para tal indispensável a sua integração, com uma das suas seguintes movimentações tipo.

4.9.2. “Os movimentos de Lucho González no momento em que a equipa ganha a bola”

“(...) tenho consciência que sou uma das referências para sair, tento estar posicionado, sempre, para receber para a frente.”

(LG, em anexo)

“(...) os movimentos do Lucho no momento em que a equipa ganha a bola, estando ele na sua posição defensiva base, ele tem a possibilidade de 1-abrir; 2-diagonal; 3-frontal; ou 4- fora e dentro (1 a 4 na fig. 78)”

(TJF, na entrevista)

LG, não sendo um dos elementos em melhor posição para atacar no momento da recuperação da posse de bola, mas sim os três avançados tal como já terá ficado esclarecido, poderá, em muitos momentos, ser a primeira solução para quem recupera a bola procurando no instante seguinte “alimentar” estes jogadores. Por essa razão a sua consciência de ser uma referência para sair preparado para receber para a frente. Posteriormente será sua função integrar o desenvolvimento do jogo ofensivo, culminando as acções colectivas assumindo quer um papel, tal como nomeia o TJF, de “Play maker”, ou sendo um dos jogadores que chega à área para finalizar.

De seguida exploramos os movimentos-tipo preconizados para LG, esclarecendo o porquê do tão indispensável posicionamento em situação

defensiva, uma vez mais destacada na frase acima transcrita da entrevista do TJF.

O TJF esclarece esses movimentos com o seguinte esquema “o Lucho organiza-se defensivamente basicamente por um triângulo (fig. 62). 1, 2 3 que é uma entrada normal na meia, esta é a mais fácil de todas, porque é sua posição natural ou 4 que são os gestos que ele utiliza. Saindo da posição defensiva aqui.”

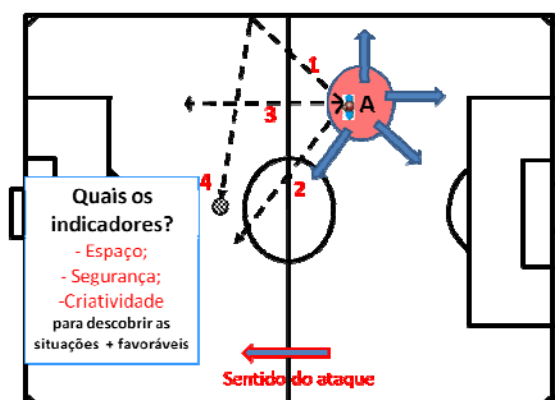


Figura 62. Indicadores para descobrir as situações mais favoráveis (TJF)

De igual modo LG aponta a meia como a zona onde procura, preferencialmente, receber a bola, acrescentando, no entanto, que o primeiro passe não passa necessariamente por ele, “Mas muitas vezes, num primeiro momento a transição nem sempre passa por mim.”

Sobre o que procurar e o que fazer no momento em que recebe um passe neste momento do jogo o TJF remete para a importância da capacidade de decisão de LG afirmado que deve procurar aquilo que ele designa de “A melhor situação”.

De igual modo LG aponta referências qualitativas, dando-nos a entender quais poderão ser alguns indicadores que ajudam a identificar uma possível boa situação. Se por um lado se percebe, pelas suas palavras, que aceita haver momentos em que poderá estar à procura de zonas livres para as poder explorar, por outro acrescenta a noção de procurar os companheiros melhor posicionados e a forma mais directa para criar perigo para o adversário, tal como podemos constatar nestes dois excertos da sua entrevista,

“(…) procuro identificar o colega que está melhor posicionado e o caminho mais directo e rápido para chegar à baliza contrária em menos tempo.”

“Cada um vai vendo a facilidade que tem... Se eu tenho tempo para decidir procuro decidir pela melhor solução”

Na busca de esclarecimentos mais concisos por parte do TJF insistimos num possível esclarecimento sobre quais os indicadores que deverão levar LG a perceber em que momento será melhor dada uma das diferentes movimentações tipo por ele avançadas (fig.64). O TJF destaca três tópicos distintos, “**(1)Espaços livres**, espaços que estão livres. Outra questão é a **(2) segurança** e, outro aspecto importante no fundo é a **(3) criatividade** que o jogador pode ter para descobrir as situações mais favoráveis.”

4.9.2.1. Indicadores para decidir - Espaços livres

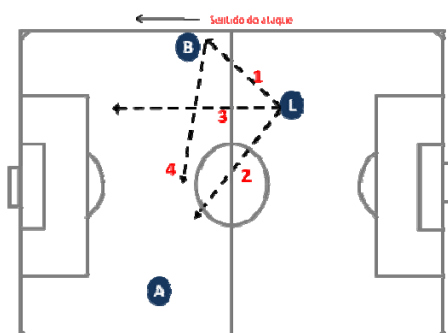


Figura 63. Espaços a explorar por LG no momento da transição defesa-ataque (TJF)

“Tem este espaço para entrar (1 na fig. 63), este espaço para entrar (2 na fig. 63) e este espaço para entrar (3 na fig. 63) e ainda tem um 4º espaço que é ir ali (1 na fig. 63) e se a bola entrar daquele lado (A na fig. 63) vir para dentro (4 na fig. 63), se a bola vai ali (B na fig. 63) e ele está aqui (L na fig. 63) tem que entrar frontal (3 na fig. 63).”

O TJF, na frase acima transcrita, aponta estes quatro movimentos sugerindo cada um deles como uma resposta-tipo em função de um contexto-tipo que lhe deverá estar associado em função de determinadas condicionantes. Essas possíveis leituras em função de diferentes contextos serão de seguida ilustradas a partir de alguns dos muitos exemplos esquematizados pelo TJF no decorrer da entrevista.

Vejamos esta série de exemplos sucessivamente apontada pelo TJF:

“(…) desta posição defensiva (A na fig. 64) ele pode fazer um movimento de ruptura de entrada (1 na fig. 64) a partir de uma bola que é ganha aqui (B na fig. 66), diagonal (...) Num ganho de bola aqui (B na fig. 64) **com espaço aqui**

(D na fig. 64). Está criado o triângulo (E na fig. 64) para ele fazer o último passe.

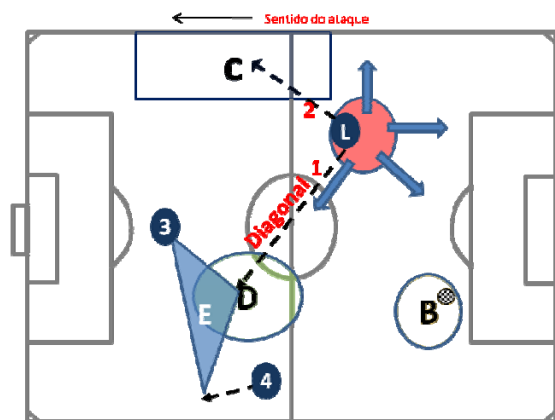


Figura 64. Espaços a explorar por LG no momento da transição defesa-ataque (i) (TJF)

“Segunda hipótese: A bola entrando aqui (1 na fig. 65), ele pode fazer um movimento de largura (2 na fig. 65).

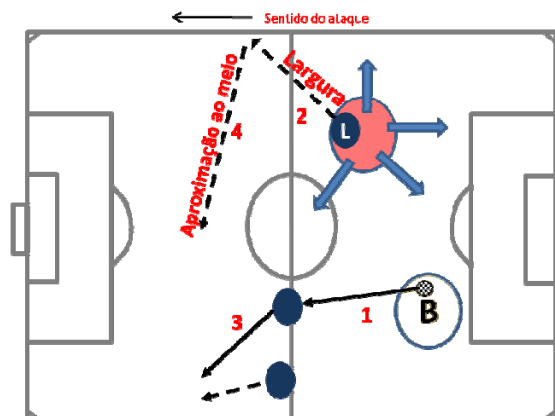


Figura 65. Espaços a explorar por LG no momento da transição defesa-ataque (ii) (TJF)

“Se num passo seguinte a bola entra aqui (3 na fig. 65), ele pode vir fazer o 3º movimento de aproximação ao meio (4 na fig. 65), ele faz muitas vezes isto.

Quando a bola entra aqui (E na fig. 66) ele tem 1,2,3 (na fig. 66) e eventualmente 4 (na fig. 66), que é normalmente é o Raul Meireles, e ele aqui é o “Play Maker”. É o homem que joga o último passe.”

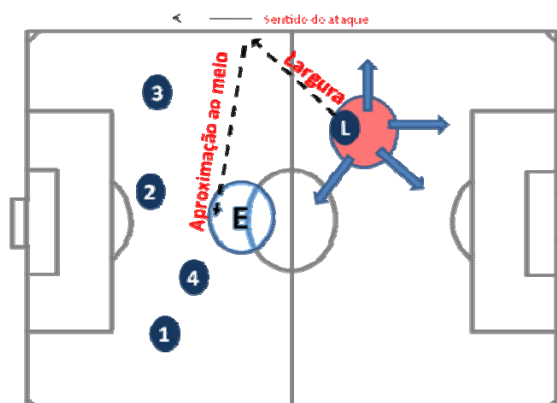


Figura 66. Espaços a explorar por LG no momento da transição defesa-ataque (iii) (TJF)

De igual modo LG destaca que com bola no Raul a sua preocupação já será, tal como designa o TJF, procurar posições mais avançadas, por isso afirma *“Se for o Raul já tento estar numa posição mais à frente do que ele, tipo como para definir ou ser eu a acabar a jogada, chegar na área e ser mais uma opção.”* Acrescentando um dos exemplos demonstrativos de LG que confirmam esta sua preocupação podemos visualizar a forma como percebe algumas destas movimentações frequentes

“O Raul sabe sempre que pode jogar frontal (seta 1 na fig. 67), ou jogar para fora (seta 2 na fig. 67) e já aqui estes dois (quem receber frontal/fora) arriscam de uma maneira, se receberem para a frente já se torna uma transição. Então na minha cabeça já sei que tenho de chegar por aqui (seta 3 na fig. 67) ou que tenho de chegar por aqui (seta 4 na fig. 67)”

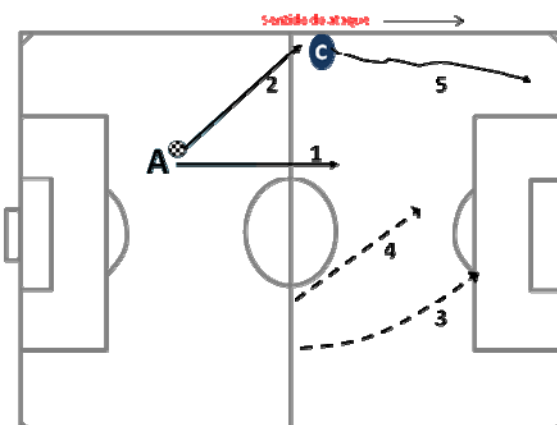


Figura 67. Espaços a explorar por LG no momento da transição defesa-ataque (LG)

Continuando com outros exemplos em que o TJF nos dá imagens de qual deverá ser a leitura dos jogadores, inclusive em relação ao jogar respeitando triângulos funcionais, nomeadamente a quando de uma construção de jogo pelo corredor direito após uma recuperação nessa zona, efectuada pelo lateral podemos perceber a permanência do raciocínio “se X então Y”; “se A então B”...

“bola é ganha aqui pelo Sapunaru (S na fig. 68) (...) Normalmente o Lucho (L na fig. 68) faz o movimento para fora (1 na fig. 68) (...) Outro movimento é quando o ala (E na fig. 68) baixa (2 na fig. 68) ele entra lá (1 na fig. 68).

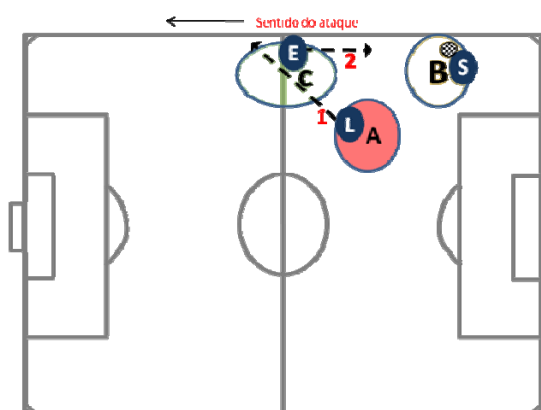


Figura 68. Princípios de acção entre o extremo e LG após recuperação de Sapunaru no corredor lateral no meio campo defensivo (TJF)

A propósito da coordenação deste género de movimentos com o ala o TJF afirma *“Normalmente a bola ou entra na frente (1 na fig. 69) ou entra no pé (1 na fig. 70). Se entra na frente (no ala) (1 na fig. 69) significa que este vai (2 na fig. 69) e ele deve entrar aqui (3 na fig. 69).”*

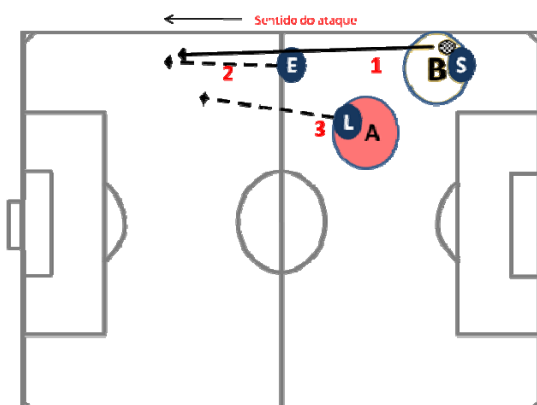


Figura 69. Princípios de acção entre o extremo e LG após recuperação de Sapunaru no corredor lateral no meio campo defensivo (i) (TJF)

“Se a bola entra no pé (1 na fig. 70) e ele (ala) faz o movimento para dentro (2 na fig. 70) o Lucho normalmente entra aqui (3 na fig. 70).”

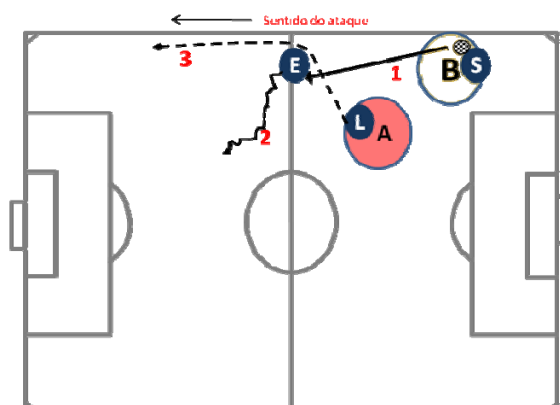


Figura 70. Princípios de acção entre o extremo e LG após recuperação de Sapunaru no corredor lateral no meio campo defensivo (ii) (TJF)

“Mas muitas vezes o ala faz este movimento (1na fig. 71) para dentro, o Mariano faz muitas vezes isto, e quem sobe é o lateral (2 na fig. 71) e aparecem aqui dois jogadores na fase de definição.”

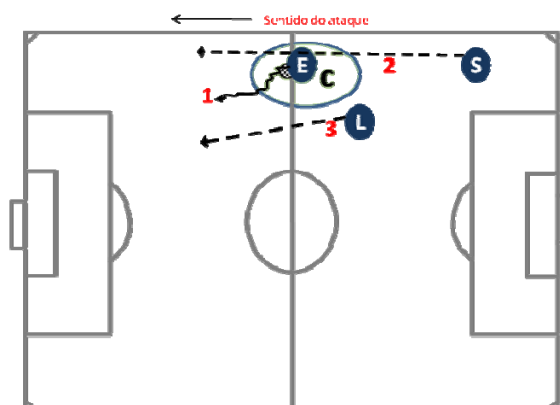


Figura 71. Princípios de acção entre o extremo e LG após recuperação de Sapunaru no corredor lateral no meio campo defensivo (iii) (TJF)

“Se ele estiver a defender aqui (zona A na fig. 72). Naturalmente o ala estará mais próximo daquela zona (zona A na fig. 72). Quando a equipa ganha a posse de bola aqui (Zona B na fig. 72) ele pode (...) é dar largura aqui (1 na fig. 72), dá largura e permite a entrada de outro jogador aqui dentro (zona C na fig. 72). Quando era com o Lisandro há 2 anos era frequente. Quando o Lisandro jogava aberto ele fazia isso muitas vezes, jogava por fora. A tendência do Lucho é muito de cair nas linhas”

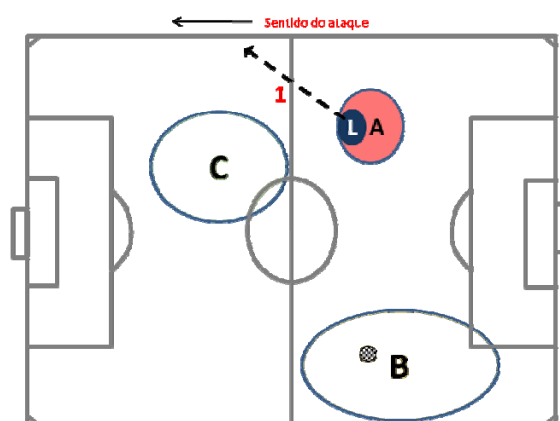


Figura 72. Movimento de LG na procura de largura. (TJF)

Sobressai aqui, muito especificamente do último esquema do TJF e da sua explicação, a riqueza acrescida pelo desenrolar das decisões e das acções de jogo ser ajustada as características individuais dos jogadores envolvidos. Isto é por diversas vezes salientado por LG como um forte indicador que o leva em diferentes momentos a optar por diferentes acções. Apontando, inclusive

um exemplo muito semelhante a este último do TJF fazendo uma descrição muito semelhante do desenrolar de algumas situações típicas Lisandro, afirmando que se tratavam de combinações mais frequentes e em certa medida pré-estabelecidas pelo treinador, tal como podemos constatar nas suas palavras “*Sim, é diferente ter o Mariano como extremo ou ter o Lisandro aí ou o Hulk no meio. Eu sei que se for o Lisandro que estiver aí tem mais liberdade e muitas vezes aparece no meio e sou eu que tenho que abrir a equipa por fora, que é o que o Técnico me pede.*”

Apesar das suas esquematizações das movimentações não serem tão claras LG aponta, num dos seus exemplos, três possíveis respostas, ou movimentos típicos em que associa cada uma delas a um contexto específico, muito compatíveis com o preconizado pelo treinador. Descrevendo as seguintes leituras a partir de uma bola recuperada na zona A da figura 73 “*bola recuperada nesta zona ela pode sair por aqui (seta 1 na fig. 73) – à qual associa o movimento de abertura (3 na fig. 73) - como sair pelo outro lado (seta 2 na fig. 73), e ser eu a acabar a jogada (aponta os movimento representados pelas setas 4 e 5 na fig.73). Se estiver do lado da bola procuro ser uma opção para quem recuperou, o lateral, o médio mais defensivo...*”

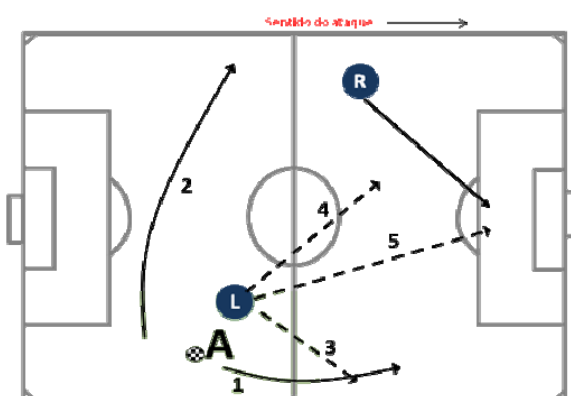


Figura 73. Espaços a explorar por LG no momento da transição defesa-ataque (i) (LG)

Curiosamente, o TJF faz referência a algumas das possíveis interpretações de LG, salientando alguns indicadores que poderão ser importantes para este jogar e decidir. A partir de um exemplo semelhante ao acima apontado por LG, mas com uma ordem inversa, recuperação no corredor esquerdo, com saída a jogar no direito, aponta duas alternativas para LG, jogo

frontal ou jogo exterior. Esta decisão deverá ser em função da leitura da disponibilidade ou não do espaço frontal e do mecanismo de resposta colectivo despoletado na preparação do jogo exterior, como podemos constatar no exemplo associado à figura 54 p. 135:

“Se o Lucho estiver aqui (B na fig. 54), (...) se a bola entrar no Bruno (A na fig. 54) o Lucho tem duas alternativas: Ou ganha esta zona aqui (1 na fig. 54), ou ganha esta zona em vertical (2 na fig. 54), portanto ou tem o jogo de espaço frontal (2 na fig. 54) que diminui o espaço de chegada à baliza, mas o jogo exterior está sempre montado... Porquê? Porque se a bola entra aqui (3 na fig. 54) alguém tem que ocupar este espaço aqui (zona azul na fig. 54)”.

Continua a explicação da seguinte forma, “Mas se a bola entrar neste espaço exterior (1 na fig. 74) este jogador (B na fig. 74) tem duas alternativas ou joga aqui (3 na fig. 74) ou joga aqui (2 na fig. 74)”.

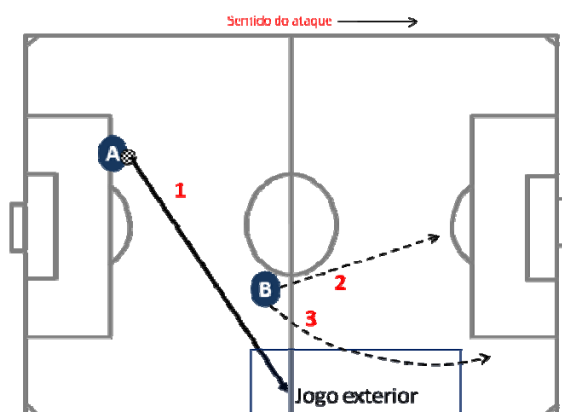


Figura 74. Exploração do jogo exterior (i) (TJF)

O Lucho, muitas vezes, no 1º processo de saída na transição rápida é um dos jogadores que abre, no Porto, sobre uma das alas. Se vocês forem ver os jogos percebem que isto acontece.”

De igual modo, LG percepção-se como uma das possíveis alternativas de 1º passe, descrevendo de forma muito semelhante a possibilidade de, em passe, procurar o jogo frontal ou o jogo exterior, “Procuro ser opção para sair, sempre na minha zona ... Eu sei que sou uma opção aqui (Zona A na fig. 75) e o Raul será outra aqui (Zona B na fig. 75). Nós podemos sair no lateral (seta 1 na fig. 75) e depois aí sim eu tento ser uma opção para o lateral ou pode sair

logo por mim a bola (seta 2 na fig. 75) para depois procurar o extremo (seta 3 na fig. 75), ou o Lisandro (seta 4 na fig. 75) ou o Raul (seta 5 na fig. 75)...

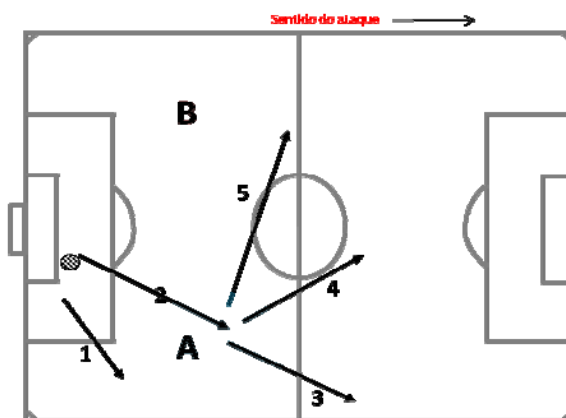


Figura 75. Espaços a explorar por LG no momento da transição defesa-ataque (ii) (LG)

Percebe-se nesta sequência de exemplos a necessidade de os jogadores envolvidos directamente nestas situações as interpretarem de forma conjunta e simultânea, jogando uns em funções dos outros e de cada um explorar o espaço e as vulnerabilidades do adversário de forma automática e instantânea mediante a ocupação espacial e as acções adoptadas pelos colegas. Assim sendo esta coordenação de equipa vai de encontro a um dos aspectos apontados por Klein (1998) como chave para o treino de equipas, a necessidade de propiciar o desenvolvimento de um processo, que deve passar, inevitavelmente, por definir as funções e os processos que as equipas devem dominar num determinado contexto, nomeadamente, e como exemplo, a capacidade de como comunicar intenções, ou de compensar os colegas de forma a se ajudarem uns aos outros.

Neste sentido e destacando esta necessidade de haver conhecimento partilhado manifestamente activado em jogo, Faria (cit. por Resende, 2002: 81), salienta o seguinte: *“se tu num determinado momento de jogo tens a bola em teu poder, e eu à partida nesse momento estou a adivinhar o que tu vais fazer, eu conheço automaticamente o atalho para o desenrolar do processo de jogo, automaticamente isso vai facilitar o entendimento colectivo que permita chegar ao objectivo da equipa e, particularmente, ao objectivo do nosso jogo. Esta linguagem comum é a que, no final de contas, traduz um modelo e uma identidade da nossa equipa”*.

De igual modo Garganta (2005) ao destacar a necessidade de um entendimento do jogo de Futebol como uma sequência de situações-problema de cooperação e oposição, salienta a necessidade dos colectivos em confronto se organizarem “em torno de lógicas particulares, em função de regras, princípios e prescrições, operando em contextos de elevada imprevisibilidade e aleatoriedade”.

Tanto TJJF como LG exemplificaram, ao longo das entrevistas, uma série de “ses” que originam diferentes “entãos”, indo em grande medida de encontro ao apresentado pelo modelo de correspondência que se baseia na ideia de “Fazer **A** porque é apropriado para a situação **S**” (Lipshitz, 1994), um dos princípios de aplicação do modelo RPD de acordo com Klein (1998), onde aponta não só, a necessidade de ter consciência da situação (*situation awareness*) o que será indispensável para identificar a situação como típica e para a aplicação deste conceito de **Regras de correspondência Situação-Ação para a tomada de decisões** (*Situation-action matching decision rules*), que será a base da primeira variação do modelo que sugere que quando os “peritos” têm de tomar decisões e se deparam com uma situação que reconhecem como típica e familiar procedem ao curso de acção que lhe corresponde, um curso de acção capaz de ser bem sucedido (ver modelo expresso na p. 31, figura 2).

Parece-nos ter ficado expresso, não só o espaço como um forte indicador, mas também a vitalidade, para o desenrolar de toda a transição ofensiva e o ataque rápido, da capacidade de análise dos espaços por parte de LG. A competência para identificar espaços livres e aquilo que o TJJF designa de utilidade dos espaços, ter a percepção de se estando os seus colegas bem posicionados poderá tornar vantajosa ou não a sua exploração. De igual modo sobressai a necessidade do próprio LG ter em consideração uma efectiva exploração e ocupação espacial no momento de optar pelos diferentes movimentos. Tudo isto decorre de uma necessidade de análise de acordo com as condicionantes do jogo e de alguns dos pressupostos, princípios de jogo lançados pelo treinador, sem descurar aquela que será em certa medida a “arte” e o cunho pessoal do jogador neste momento do jogo aquilo que o

treinador identifica como a criatividade para respeitando os pressupostos descobrir as situações mais favoráveis e consumando as acções mais ajustadas, de acordo com as suas características e as suas competências.

4.9.2.2. Indicadores para decidir – A segurança

“O princípio máximo é, uma vez conquistada a bola, não perde-la, obvio. Tentar segurá-la. Se for possível fazer uma transição rápida” (LG, em anexo)

“Ou uma recuperação que apenas permite segurança, isto é, a diminuição do tempo de transição perdeu-se aí completamente e sobrevém uma coisa mais importante que é a segurança (...)”

(TJF, na entrevista)

Podemos aqui facilmente discriminar a noção da segurança associada a dois conceitos com alta correlação com o momento transição defesa-ataque; um primeiro que se associa à ideia expressa pelos entrevistados de que recuperada a bola a questão da sua manutenção é indispensável, daí a necessidade de haver alguma segurança com o intuito de garantir a posse de bola para o desenrolar das acções subsequentes; um segundo que se relaciona com a impossibilidade de acelerar o jogo na transição, de diminuir o tempo de transição e aí entrar noutro processo onde sobressai a importância da segurança e o controlo do jogo (já analisados no ponto 4.5. da Apresentação e Análise das Entrevistas).

Esta questão da segurança subentende-se em vários pontos da entrevista de LG, nomeadamente quando confrontado com a possibilidade de no momento da recuperação os médios e os avançados não estarem bem posicionados ao referir que *“É óbvio que nem sempre é viável sair a jogar com uma boa transição rápida.”*

Ou pela forma como esclarece que numa situação onde a desvantagem no sector ofensivo seja clara deverá procurar outro tipo de alternativas a procura da diminuição do tempo de transição e ao ataque rápido, *“mas se por outro lado vemos os três avançados e seis defesas é evidente que a transição*

não vai ser boa e procurámos manter a posse de bola e começar a jogar de acordo com os nossos princípios.”

De igual modo o TJF refere, inclusive, um exemplo em que estando os avançados bem posicionados, se não tiverem condições de criar vantagem poderão não ser jogadores úteis e aí LG dever optar por uma alternativa diferente onde se subentende a segurança de, por um lado não perder a posse de bola e, por outro, entrar no designado processo de controlo/segurança associado ao ataque posicional e à manutenção da posse de bola, tal como podemos confirmar nas suas palavras:

“Ele pode ter o colega no espaço correcto que foi criado e não ser um jogador útil. Já não é uma decisão útil. Ele ganha a bola aqui (1 na fig. 45, ver p.127) e tem um colega aqui bem posicionado (2 na fig. 45), tem este aqui bem posicionado (3 na fig. 45) e este também (4 na fig. 45), mas nenhum deles tem espaço para jogar, o que faz? Joga para aqui (2 na fig. 45) porque o treinador mandou? Não. Tem que decidir algo diferente.”

4.9.2.3. Indicadores para decidir – A Criatividade

“O adversário até pode ter os seis jogadores e bem posicionados mas tentamos um passe no limite e sair bem criando uma ocasião de gol. Geralmente não sai mas eu pessoalmente penso que quem não arrisca não vai fazer a diferença. E o que faz a diferença é quem tenta fazer algo de diferente... ou básico...”

(LG, em anexo)

“(...) outro aspecto importante no fundo é a criatividade que o jogador pode ter para descobrir as situações mais favoráveis.”

(TJF, na entrevista)

Este parâmetro da criatividade poderá ser associado a uma certa dose de protagonismo individual implícito em cada análise das situações de jogo, cada decisão e cada acção. LG aponta a impossibilidade de jogar de acordo com pressupostos rígidos e pré-estabelecidos, afirmando que apesar de haver

algumas ideias que guiam o jogo colectivo, como sendo a ideia de recuperar a bola por um lado e sair a jogar pelo outro, ou a noção de que no momento da recuperação os três avançados serão os jogadores melhor posicionados para atacar (...) ideias essas que devem orientar, sem condicionar de forma determinista o jogo da equipa e as decisões individuais de LG, ao ponto de saber que têm, obrigatoriamente de jogar com este ou aquele jogador ou por esta ou aquela zona por isso LG afirma que *“não quer dizer que tenha de ser sempre assim, ganhar aqui e sair por ali... ganhar ali e sair por aqui... Isso depende do que se for apresentando no jogo, não pode estar determinado”*

LG acrescenta uma afirmação onde fica expressa esta noção dos jogadores desenvolverem o jogo ofensivo como uma espécie de construção a partir de uma interpretação “artística” do esboço que o treinador faz *“A ideia de cada um passa por uma ideia colectiva, mas é também pela ideia individual de cada um, por exemplo uns arriscam muito mais do que outros...”*

Esta ideia de arriscar e a associação que LG lhe dá a um jogo de qualidade característica que poderá fazer a diferença é explícita, *“eu pessoalmente penso que quem não arrisca não vai fazer a diferença. E o que faz a diferença é quem tenta fazer algo de diferente... ou básico...”*

Outro aspecto que nos parece relevante é o facto de LG se sentir super à vontade para decidir e para arriscar sublinhando o facto de ter a liberdade para o fazer e a confiança do treinador para que o faça.

4.9.2.3.1. A Criatividade – As características individuais de Lucho González

“(...) eu pelas minhas características não gosto de estar muito tempo com a bola no pé. Se recebo do mesmo lado onde a bola é recuperada tento ver sempre primeiro frontal, se tenho tempo para jogar...”

(LG, em anexo)

Podemos inferir no decorrer da entrevista, que LG justifica muitas das suas decisões em função daquilo que ele aponta como sendo as suas características individuais, nomeadamente a sua preocupação de receber para a frente, algo que ele demonstra ter incorporado e que lhe permite de imediato jogar na procura das prioridades estabelecidas pelo treinador de procurar o jogo frontal.

Outra das suas características, por ele apontada, é o facto de não gostar de ter muito tempo a bola no pé, o que o induzirá numa procura mais consistente pela consciência do que se passa no campo a cada momento, nomeadamente as situações de vantagem/desvantagem numérica em zonas ofensivas, mas também os posicionamentos dos colegas e dos adversários no terreno, subentendendo-se a, já identificada como importante pelo treinador, valorização leitura dos espaços, dos movimentos, assim como a leitura de indicadores associados à postura e à orientação dos apoios que podemos inferir da sua referência “à posição das pernas dos adversários”, tal como explica no seguinte excerto quando se refere à possibilidade de encarar um defensor com os pés paralelos *“É uma boa presa para meter a bola, até mesmo em “cueca” aí pelo meio das pernas.... Eu sei que ele vai tentar cortar o passe, por um lado ou pelo outro e eu, nesse caso, meto-lhe a bola aí, pelo meio das pernas...”*

Neste excerto demonstra, para além da consciência do que o TJF aponta como uma boa e uma má orientação dos apoios em situação defensiva, ter a percepção do que poderá ser uma resposta acertada perante esta possível situação vantajosa.

Questionado sobre o que procura fazer depois de dar um passe no desenvolvimento de uma transição para rápida/ onde se conseguiu diminuir o tempo, responde que para além de procurar estar disponível para receber a bola procura ocupar zonas de finalização, aponta mais algumas das suas características:

(estar disponível para receber) *“Ou tentar ser eu a finalizar, é uma das minhas características. Gosto sempre de chegar à área. Sempre tenho em mente (...)”*

Outra característica surge não só à sua qualidade, mas também ao seu gosto pelo passe, algo que lhe é frequentemente apontado como uma das suas maiores qualidades, nomeadamente aos passes de ruptura. O que se percebe quando afirma *“Desfruto mais de um golo do Lisandro com um passe meu do que um golo meu de penalti...”*

Deste conjunto de características sobressai o seu gosto e aptidão para o passe, assim como a sensação da sua busca permanente por uma forte e elaborada consciência do que se está a passar em campo (*situation awareness*), altamente associada ao conceito de TDN tal como aponta Zsombok (1997).

Esta consciência da situação surge associada à capacidade de atender as pistas externas (do meio) e internas (organismo) sendo determinante para que se consigam desempenhos de nível superior. Janelle e Hatfield (2008) afirmam, inclusive, que o factor mais importante para se conseguir desempenhos de nível superior é estar atento às coisas certas no momento certo. Os mesmos autores acrescentam que independentemente de tudo o resto, o atleta não consegue desempenhar bem as suas tarefas se não conseguir manter-se continuamente atento às pistas certas. No âmbito desportivo esta é uma ideia consistente, havendo uma crescente consciência de que uma percepção de qualidade precede e determina acções adequadas no desporto.

LG parece apontar no mesmo sentido ao associar esta sensação de estar sempre a pensar e a recolher informação à sua concepção de estar muito concertado durante o jogo quando perante a questão do que será para ele estar concentrado afirma *“A pensar sempre... a ver, pensar que o colega vai falhar ou o adversário vai falhar... e estar sempre aí pronto no momento certo. Eu penso que são esses os jogadores que fazem a diferença. Sempre se diz: “que sorte que tem este, a bola caiu-lhe mesmo aí!”, Caiu aí mas o jogador estava aí!”*

Um aspecto muito particular patente na entrevista de LG é a sua recorrência à expressão *“isso depende”*. Com esta expressão induz-nos que a sua percepção da forma como joga implica uma capacidade extraordinária, não só de jogar em função das características individuais dos seus colegas, mas

denota também, pelos seus exemplos um conhecimento aprofundado que demonstra ter das peculiaridades que distinguem e caracterizam os seus colegas, sobressaindo a magnitude do valor que lhes atribui como facto chave para a tomada de diferentes decisões.

4.9.2.3.2. O jogar de Lucho González em função das características dos colegas

Este conhecimento profundo que demonstra em relação à forma de jogar dos seus colegas, a importância que lhe atribui e como percepciona jogar em função disso, fica explícito nos inúmeros exemplos que dá ao longo da entrevista. Conhecimento este que se manifesta em comunicações implícitas tal como LG assume, assumindo igualmente que este conhecimento e esta comunicação está implicada em muitas das suas decisões, de forma implícita no decorrer do jogo, como podemos perceber, nomeadamente no exemplo associado à fig. 35 na p. 113. Questionado sobre se mudaria ou ficaria condicionado perante uma situação semelhante mas onde o jogador em questão fosse outro responde *“Claro, depende do jogador, se fosse o Cebola dava para fazer, se fosse o Farias seria diferente, depende das características dos jogadores que nós temos.”*

Interrogado sobre a possibilidade de nesta situação tendo o “Hulk” com um defensor próximo passar-lhe a bola seria um risco contesta *“Nesse caso não teria problemas, nem em colocar-lhe a bola na frente, pois sei que ele vai lá buscá-la.”*

Infere-se a sua percepção de que todas as situações de jogo dependem dos actores envolvidos e das suas características, afirmando inclusive *“obviamente tudo depende. Cada um de nós vai conhecendo as características do companheiro. Se for o Lisandro, por exemplo, eu sei que lhe posso jogar a bola no pé ou um passe longo que sei que ele vai correr, já o Farias jogo no pé para tentar segurar, o Hulk é o mesmo, posso dar no pé para segurar ou até melhor no espaço para correr.”*

Sobre a possibilidade de quando em posse pensar sobre isto tudo dá-nos uma resposta muito rica, não afirmando que pensa, mas que simplesmente **sabe**, assumindo este conhecimento como um catalisador para o jogo de qualidade “Claro, é muito importante. E também quando já jogámos juntos há muito tempo facilita... também já conheço bem os movimentos de cada um. Já sei por exemplo que quando o Raul (R na fig. 76) pega na bola nesta zona e eu estou (L na fig. 76) nesta zona, ele vê sempre a minha diagonal aqui (1 na fig. 76). Daí que, muitas vezes, ainda antes dele pegar na bola eu já iniciei o movimento porque sei que a bola me vai chegar.”

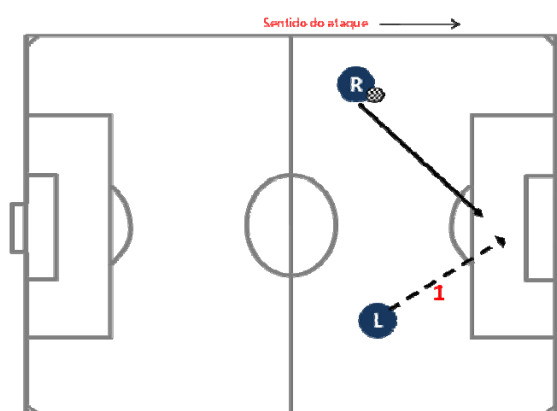


Figura 76. Coordenação da diagonal de LG e o passe de Raul Meireles (LG)

Prossegue com várias descrições sobre o conhecimento que parece propiciar o desenvolvimento de decisões rápidas fluidas ou até aparentemente instantâneas e, porque não, intuitivas, no decorrer do jogo. De seguida dá-nos mais um exemplo da sua muito falada e aceite publicamente cumplicidade de jogo com o Lisandro em relação à qual é frequente ler ou ouvir alguns comentários do género “parece que sempre jogaram juntos” ou “entendem-se de olhos fechados”:

Acontece o mesmo comigo e com o Lisandro. Há uma certa comunicação, que não precisamos... basta um gesto só...

Para além de sugerir, aceita esta capacidade como sendo fruto de uma comunicação implícita “Sim. Eu sei que recebo a bola e ele faz um movimento para aqui, em aproximação, mas o que ele quer é a bola na frente em vez de querer no pé. São coisas que cada um vai aprendendo segundo os

companheiros.” (...) eu sei que, por exemplo, com o Lisandro é uma coisa distinta. Eu sei que posso tocar e ir buscar que ele vai devolver-me.”

Ainda explorando este conhecimento mútuo com o Lisandro podemos perceber a forma como em situações de cruzamento sabe o que o ele quer e como quer receber a bola para finalizar recuperando o exemplo da p.131 *“Eu, por exemplo, sei que se chego ao fundo (L na fig. 50) ele (Lisandro) vem e em vez de me pedir a bola aqui (1 na fig.50), no 1º poste, faz um movimento para trás (seta 2 na fig. 50), ele gosta de receber a bola para trás.*

Apesar desta relação com o Lisandro ser mais explícita pelo facto de terem conseguido, entre eles, inúmeras assistências e golos até pelo facto de serem ambos titulares na maioria dos jogos prossegue com outros exemplos do que se passa com diferentes companheiros de equipa, *“Cada vez que jogo com o Mariano (M na fig.77), tento apanhar uma bola aqui (L na fig. 77) e eu sei que ele faz uma diagonal nas costas da defesa (1 na fig. 77) e sai muitas vezes um passe (2 na fig. 77). O Cebola sei que quando tem a bola aqui (C na fig. 77) vai até ao fundo e pode cruzar (3 na fig. 77), cruzar para trás... ou não. O Raul como já referi faz muitas vezes aqueles movimentos em diagonal.”*

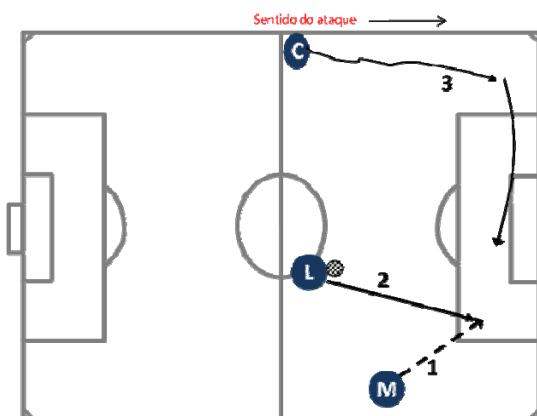


Figura 77. A forma de LG jogar em função das características dos colegas (LG)

Já no que diz respeito à sua ligação com “Hulk” percebe-se um comportamento distinto em função das características muito peculiares deste jogadores *“(...) com o Hulk é diferente quando lhe passo a bola não vou ficar desesperado por passar-lhe por trás, sei que ele próprio vai no 1x1 e seria estúpido passar-lhe por trás levando o meu homem até ele. Pode ser que o faça uma vez, sei que ele não vai passar a bola, vai para dentro e chutar*

(Risos...). São características diferentes.” Continua aceitando a possibilidade de procurar assegurar uma linha de passe de recurso no caso de este não conseguir tirar partido das situações de 1x1 acrescentando “Sim, ou ver o que ele faz. Se ele vai no 1x1 procuro chegar à área, se vejo que ele está prestes a perder a bola não vou, fico atrás. (...) Temos jogadores, os nossos avançados, que gostam de jogar no 1x1 e eu confio neles, confio que vão passar no 1x1 e por isso é que continuo a ir e chego à área. Por jogo chego muitas vezes à área!”

Parece-nos que, com estes exemplos e explicações da forma como sabe, dentro do que é o funcionamento geral da equipa à luz do modelo de jogo do treinador e da integração deste conhecimento mútuo e implícito que preenche e enriquece a matriz de jogo, podemos de certa forma perceber como LG se torna capaz de proceder às suas famosas decisões rápidas, fluidas e até intuitivas sem necessitar de as atrasar esperando sempre o aparecimento de uma melhor opção ou sem ter de comparar opções, ele simplesmente, pela forma como conhece o jogo, o “Jogo” e o “Jogar” da equipa e as características dos seus colegas permite-lhe simplesmente **saber**.

Este seu aparentemente simples saber o que é o melhor parece ir ao encontro da variação 3 do modelo RPD (Klein 1998) que explica como quem toma decisões avalia opções únicas, isto é, sem as comparar com outras. Imaginam, em antecipação e por simulação mental como a situação se vai desenrolar. Um decisor capaz de o fazer previne-se em relação a possíveis dificuldades, o que lhe permitirá ajustar o curso de acção ou, inclusive, rejeitar a sua opção inicial e procurar outra.

O TJJ parece corroborar algumas destas características individuais e a importância que têm para o desenrolar do jogo e das acções de jogo apontando as tendências de jogo de cada um deles, mediante uma hipotética situação de jogo contra o Manchester a jogar com 10 e a vencer por 1 a 0 ao afirmar que *“O Lucho vai para a frente! Então se der a bola no Hulk ele não pára mais... se der a bola no “Cris” (Rodriguez) ele não pára mais!”*

LG destaca e aponta-nos a forma como a falta de conhecimento mútuo pode ter, no seu entendimento, repercussões negativas no jogo da equipa

apontando um início de época difícil como consequência desta falta de conhecimento referindo *“Foi o que nos aconteceu no início, custou-nos. A equipa não andava em conjunto pois conhecíamos-nos apenas quatro ou cinco jogadores e é difícil... Agora quando todos têm processos encaminhados na cabeça e jogamos seis, sete vezes com a mesma equipa é muito mais fácil!”*

De igual modo o TJF apesar de não apontar especificamente a falta de conhecimento mutuo, mas mais a falta de maturidade dos jogadores, a fase precoce da época e do processo reporta o exemplo do que se passou no primeiro jogo da época com o Benfica e o facto de por essas razões não ter arriscado jogar com três defesas:

“Foi em Agosto, dia 25. Hoje perdia o Benfica... era capaz de perder (...) A equipa lá podia jogar com 3 defesas, mas lá não arrisquei isso. Porque eles com 3 jogadores na frente, qualquer um deles, Di Maria, Reyes e Cardoso eram jogadores para numa jogada qualquer definirem o jogo. Hoje se calhar defendia 1x1, defendia a 3, naquela altura não. Quero-vos recordar que naquela altura jogava eu com o Fernando e Rolando a 1ª vez.”

Subentende-se aqui a importância de um estado avançado de **identidade de equipa**, tal como propõe Klein (1998) implica que os membros de uma equipa tenham, *a priori*, de aprender os seus próprios trabalhos (tarefas) e que só depois os elementos de uma equipa deverão ser capazes de se dedicar a perceber algo acerca do trabalho (tarefas) dos companheiros, prosseguindo posteriormente com o desenvolvimento de automatismos no sentido de se coordenarem e de trabalharem em conjunto. Finalmente, e apenas quando têm o básico assegurado podem descentrar a sua atenção para perceber os desafios com que a equipa enquanto um todo se depara. O que nos casos acima explicitados não seria possível, isto porque, provavelmente, os tais jogadores novos, estariam, como seria normal, estariam ainda na fase de desenvolvimento e aperfeiçoamento das suas tarefas.

LG aponta este conhecimento entre os jogadores como algo que faz a diferença, tendo inclusive uma imagem elucidativa da importância que lhe atribui, quando confrontado com a possibilidade de este conhecimento estar claramente definido entre todos os jogadores da equipa quando afirmando-o

com uma imagem muito peculiar “*se fosse entre todos seríamos os Globe Trotters! (...) Óbvio que a ideia seria funcionar assim entre todos, quanto melhor souberes os movimentos de cada um... e de como gosta de receber a bola... o movimento que vai fazer quando eu tenho a bola... o movimento que eu tenho que fazer quando outro tem a bola... (...)*”

Questionado sobre se este funcionamento entre os jogadores poderá ser fruto de conhecimento mútuo aceita-o acrescentando de forma clara que “*o conhecimento é o que nos faz jogar melhor.*”

Esta percepção da riqueza que pode aportar ao jogo conhecer perfeitamente os colegas e que no caso de todos saberem tudo sobre todos ser algo de “supremo” vem ao encontro do apontado por Tavares, Greco e Garganta (2006) que salientam a urgência, para uma qualidade de jogo superior, dos jogadores da mesma equipa comunicarem na mesma linguagem de uma forma íntima e eficaz, sendo capazes de reconhecer e dar o mesmo significado às acções de jogo.

Outro aspecto que LG aceita ter em consideração no momento de decidir é a procura de quem está a jogar melhor afirmando “*Sim, é óbvio, Se vejo que ao Hulk lhe dou duas vezes e ele os atropelou duas vezes eu vou continuar a dar e dizer-lhe: encara-os!! Encara-os!!*”

4.9.2.3.3. A Criatividade - Decidir pela 1ª boa ou pela melhor opção ou...

Esta será uma questão interessante, assumindo esta capacidade de LG de muitas vezes decidir bem e na maioria delas de forma rápida e precisa, procurar a sua percepção de como opta por um curso de acção.

LG destaca um factor importante que se apresenta como condicionante para o tipo de estratégia a aplicar, o factor tempo “*Se eu tenho tempo para decidir procuro decidir pela melhor solução, mas normalmente... (...) tento ver sempre primeiro frontal, se tenho tempo para jogar...*”. A forma reticente como diz o normalmente dá a entender que isto não acontecerá em muitos casos, ter tempo para procurar a melhor solução, dada a pressão e a falta de tempo para

jogar associada ao momento da transição defesa-ataque em específico, mas também às características do Futebol moderno. Castelo (1996) aponta, inclusive, esta busca do limitar do tempo e do espaço para jogar aos adversários em posse de bola como um dos grandes objectivos das equipas quando defendem

Parece-nos que por ter esta clara noção da imposição causada pela falta de tempo LG destaca a importância de antes de receber a bola já ter uma ideia sobre que decisão tomar, o que nos encaminha uma vez mais para a sua consciência da situação e do contexto de jogo e para a impossibilidade de gerar uma grande quantidade de cursos de acção, tal a falta de tempo para o fazer, incontornável tendo em conta que já antes de receber a bola LG procura muitas das vezes já ter o curso de acção a aplicar em mente.

Esta percepção pode, em certa medida, remeter-nos para o conceito de *take the first heuristic* (agarra a primeira boa opção) apresentado por Johnson e Raab (2003), onde apontam que em situações onde não há tempo para avaliar uma grande quantidade de opções o melhor passa por escolher a primeira boa que for encontrada.

Afirma inclusive não ter uma ideia sobre o que fazer antes de receber a bola poderá ser *“perder tempo. Cada um deve ir vendo: se pode jogar de primeira, se pode ter tempo de receber a bola para a frente e fazer dois toques”* e complementa da seguinte forma *“Eu penso que os jogadores que fazem a diferença são esses, são os que antes de receber a bola já sabem o que vão fazer. Têm isso, duas ou três opções.”*

Em situações onde essa pressão do tempo não seja tão manifesta e sente ter tempo LG tem a percepção de efectiva e ocasionalmente comparar opções e de procurar a melhor. Afirmando que no momento dá para comparar opções mas que isso implica por vezes a necessidade de ter mais tempo:

“Sim no momento dá. Por isso se diz que quem tem a bola tem que ter mais tempo, mais um segundo para tentar tomar a melhor decisão.”

No entanto tem uma frase muito particular e que apontado para o que sucede muitas vezes no jogo que é a seguinte *“Muitas vezes a primeira também é a melhor... ou até a única.”* Apontando com esta simples mas

concisa ideia para uma das concepções do modelo RPD (Klein, 1998) que assume que nas decisões mais constrangidas pela pressão efectiva exercida pelo tempo o perito não compara sequer opções, simplesmente perante um contexto específico percebendo a situação como familiar automaticamente activam a resposta, também ela conhecida e familiar, que corresponde aquela situação.

De igual modo a forma como admite adiar, alterar respostas, procurar mais informação em função de alterações no contexto que afastam o seu primeiro curso de acção de um curso de acção positivo parecem apontar a segunda e a terceira versão do modelo de RPD (1998).

A variação 2 do modelo ocorre quando os peritos necessitam de mais tempo para fazer o diagnóstico da situação, isto porque a informação pode não se enquadrar num caso típico, ou pode incluir-se em mais do que um caso típico. Quem decide pode ter que reunir mais informação para poder diagnosticar a situação. Outra complicação advém do facto do indivíduo poder interpretar mal a situação e só se aperceber disso quando algumas expectativas não são correspondidas. Nestas alturas, quem tem que decidir terá de responder à anomalia ou ambiguidade, verificando qual a interpretação que melhor se encaixa nas características da situação. Para colmatar as inconsistências eles podem tentar construir uma história (recorrendo a processos de simulação mental) (Klein, 1998).

4.9.2.3.4. A Criatividade - Restrições induzidas pela “pressão”

Um aspecto interessante reporta-se com uma espécie de limitação do campo visual que LG percebe a acontecer-lhe nos jogos de forma diferente de nos treinos, derivada da pressão exercida pelos adversários em contexto competitivo. Dando a entender que nessas circunstâncias é mais difícil ter a percepção do que passa nas zonas mais afastadas do campo.

Questionado sobre a possibilidade de sob grande pressão adversária em posse de bola na zona A na fig. 78, a zona B na fig. 78 ser quase que é

esquecida? LG afirma que não sendo esquecida será mais fácil jogar no corredor onde tem bola

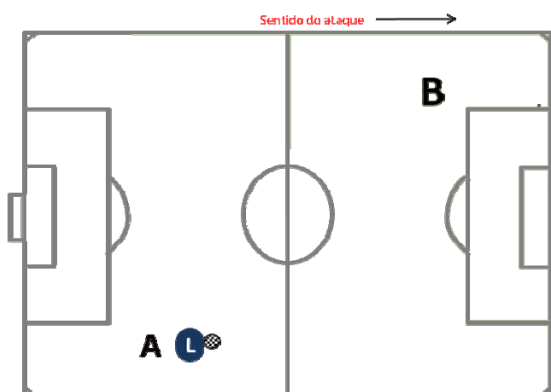


Figura 78. Restrições induzidas pela “pressão do jogo” (LG)

Aceitando que poderá ser como se o seu campo visual ficasse reduzido comenta *“Sim. Isso é o que nos damos conta quando estamos fora. Quando se está fora vê-se tudo... e quando pego na bola as pessoas começam “Hei!! Hei!!!” é capaz de não se conseguir ver, um pode estar com a bola e não ver que o colega está sozinho! Por isso começam os gritos e tudo isso. Mas fora vê-se, posso assegurar que é cinquenta vezes mais fácil vindo de fora!*

No entanto acrescenta que no treino isto não será exactamente igual afirmando *“no treino não é a mesma coisa do que no jogo. Num treino não tens pressão se perderes a bola sabes que não vai acontecer nada. Podes sofrer um golo ou levas dois ou três berros do treinador...”* (...) é difícil. Não é impossível mas é difícil.

Esta percepção de LG em relação a uma subentendida sensação de incerteza e percepção de ameaça associada aos contextos de competição, pelo facto de um erro em jogo ter uma série de inúmeras repercussões (quer imediatas como a reacção do público ou retardadas como a implicação de críticas negativas...) ter repercussões na forma como interpreta as pistas atencionais parece ir de encontro ao proposto por Janelle e Hatfield (2008) que associam a esta, considerada comum **incerteza** e **percepção de ameaça** a reacção normal de alarme e preocupação com o desconhecido, que naturalmente provoca alterações de atenção, desviando a tenção das pistas externas e internas apropriadas, o que inevitavelmente influencia o

desempenho. Janelle (2002) corrobora esta noção afirmando que à medida que a ansiedade aumenta, ocorrem alterações nos índices de atenção visual.

Janelle e Hatfield (2008) acrescentam que a ansiedade reduz claramente a amplitude de pistas visuais a utilizar (estreitamento do foco atencional), o que faz com que haja um aumento na quantidade de movimentos dos olhos em direcção a áreas e zonas relevantes mas também para irrelevantes. A eficiência com que o ambiente é monitorizado é posto em causa porque há um atraso na velocidade e na precisão de resposta.

4.10. Exemplos de abordagens estratégicas perante diferentes adversários

“(...) o risco que se corre quando se organiza o processo ou método defensivo em relação a determinada equipa passa por saber que esses riscos são... riscos assumidos para poder tirar vantagem no momento em que a equipa ganha a posse de bola, quer dizer, estrategicamente isto é determinante.”

Esta noção da importância de enquadramento estratégico da preparação do jogo parece ser para o TJJ um factor importante para a estruturação do jogar da sua equipa, nomeadamente no que respeita à contemplação de alguns riscos associados à organização do processo ou método defensivo, riscos esses que deverão ser assumidos em função da procura de vantagem no momento da transição defesa-ataque.

De seguida vamos apresentar alguns exemplos de diferentes abordagens, ou particularidades estratégicas definidas ou identificadas *a priori* pelo treinador como importantes para o desfecho de algumas partidas.

Benfica:

“(...) só mete dois jogadores nesta zona, não tem nenhuma entrada de mais ninguém. Joga assim lateral (L na fig. 79) e extremo (E na fig. 79)(...) tudo o resto joga aqui dentro (Zona C na fig. 79) (...) dois pivôs aqui (P1 e P2 na fig.

79) que se deslocam para o lado da bola a **ideia era roubar e meter dentro** (1 na fig. 79), **ganhar este espaço aqui** (2 na fig. 79) **ou ganhar o espaço exterior** (3 na fig. 79). Jogando aqui! (4 na fig. 79) ou aqui! (5 na fig. 79)

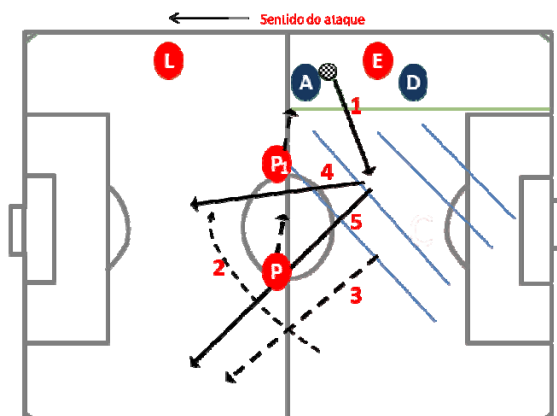


Figura 79. Exemplos de abordagens estratégicas – Benfica (TJF)

Atlético de Madrid:

“(...) exactamente igual, uma diferença, este jogador aqui (E na fig. 83) fazia estes movimentos aqui para dentro (1 na fig. 80) e quando fazia os movimentos para dentro este (D na fig. 80) não saía daqui, porquê? Porque se saísse daqui para acompanhar ia-lhe entrar um ponta-de-lança (P1 na fig. 80) aqui (2 na fig. 80) que obrigava o central (C na fig. 80) a vir para esta posição (3 na fig. 80) que eu não quero!”

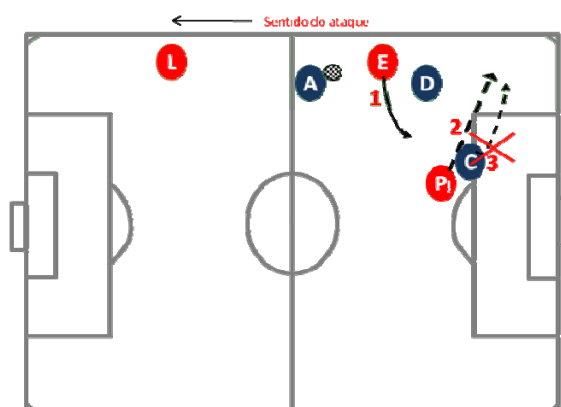


Figura 80. Exemplos de abordagens estratégicas – Atlético de Madrid (TJF)

Manchester United

“(...) já não é igual, porque a cadência e a intensidade com que eles jogam é muito alta. Logo (...) as nossas acções ofensivas a jogar com o Manchester

que tem uma cadência e uma intensidade ofensiva alta terá que ser, se calhar, diferente. Isto é, ou jogar com a mesma moeda, ou jogar com uma acção completamente contrária, é esta a decisão que nós vamos ter que tomar (...)

“(...) quem der espaço aqui nesta zona (zona A na fig. 81) está morto. Não é uma equipa de grande profundidade ofensiva (setas nas zonas verdes) sob o ponto de vista da sua envolvência e da sua qualidade. Mas é uma equipa que tem um jogador que quando recebe aqui (R na fig. 81) vem (1 na fig. 81), e vem (2 na fig. 81) e quando vem para aqui (2 na fig. 81), pode, se esta equipa não está atenta, desarticular a zona central toda o que permite depois as entradas nas zonas centrais dos jogadores que tem, só que este jogador aqui, quer dum lado quer do outro, é muito forte nos duelos individuais.

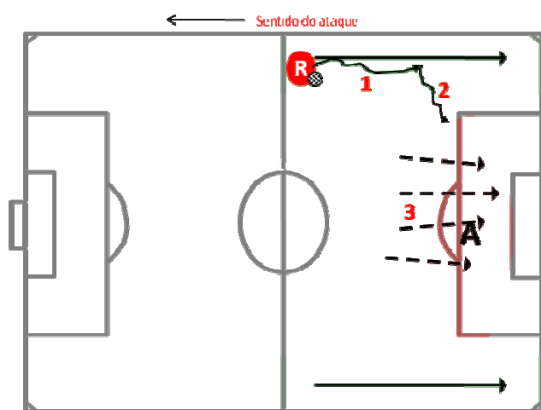


Figura 81. Exemplos de abordagens estratégicas – Manchester United (TJF)

Vamos tentar encontrar uma solução que passa pelo aproveitamento de uma zona frágil do Manchester que é a zona central (P1 e P2 na fig. 82) porque é uma equipa que parte claramente o jogo. Parte com 5 jogadores (zona A na fig. 82) e uma 2ª linha (zona B na fig. 82) que não tem uma numeragem (...)

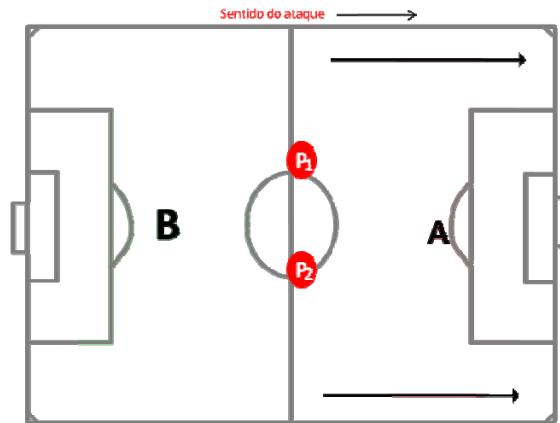


Figura 82. Exemplos de abordagens estratégicas – Manchester United (i) (TJF)

Significa duas coisas: 1º No processo defensivo não podemos sair do meio. Logo das duas uma, ou limitamos as acções do lateral (D mantém-se na zona verde na fig. 83) às entradas deste jogador (R na fig. 83) e mantemos aqui (zona A da fig. 83) os centrais e o lateral deste lado (esquerdo) e um jogador no meio (6 na fig. 83) e fechamos aqui esta zona no meio. Ou temos que arranjar um suplemento de um outro jogador que sempre que ele esteja deste lado (R), ou deste (R1), ele esteja aqui (I quando a bola está em R1 na fig. 83) para evitar as entradas frontais. O lateral esquerdo evita as entradas na linha (quando a bola está em R1 na fig. 83), este (I quando a bola está em R1 na fig. 83) evita as entradas frontais centrais, sem nunca esta estrutura (A da fig. 83) sair do meio.(...)



Figura 83. Exemplos de abordagens estratégicas – Manchester United (ii) (TJF)

Por outro lado como estes dois jogadores (P1 e P2 na fig. 84) vêm assim (1 na fig. 84) é óbvio e evidente que estas zonas (B e C na fig. 84) são zonas

nevrálgicas para meter dois jogadores (3 e 4 na fig. 84) para a equipa sair rápido. Se eles se esquecerem um bocadinho e nos derem a bola. Isto é importante porque podem não nos dar a bola e nós andamos aqui com grandes estratégias mas se não tivermos a bola estamos tramados... Se eles nos derem a bola nós temos grandes hipóteses de conseguir ter acções ofensivas perigosas e preocupantes para eles.”

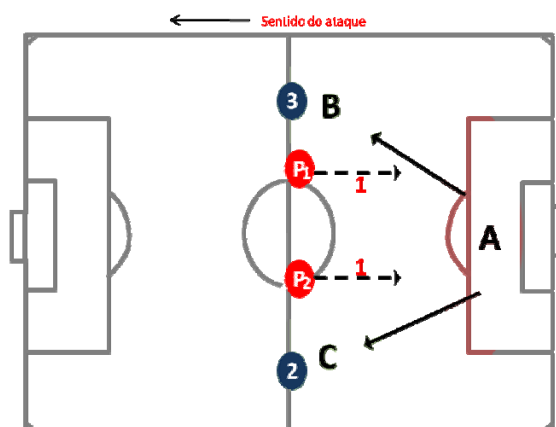


Figura 84. Exemplos de abordagens estratégicas – Manchester United (iii) (TJF)

Esta clara noção de leitura e preparação dos jogos de um ponto de vista estratégico de contraposição das marcadas linhas de força dos adversários e exploração do jogo com criação de uma forte e consistente exploração de zonas de maior permeabilidade vai de encontro ao explicito nas palavras de Oliveira (2003) onde denota que caberá ao treinador enquanto líder no processo de preparação avançar com uma ideia de jogo, e um projecto do como jogar para a sua equipa, delineando “O Jogo” e o “Jogar” que irá apontar como alvo em cada partida, idealizando e traçando o destino(s) e o(s) caminho(s) dos “seus jogadores” e da “sua equipa” para avançar na direcção, pretendida pelo TJF.

5. Conclusões

Terminada esta dissertação, poderemos enunciar algumas considerações relativas ao entendimento do jogo expresso pelo treinador Jesualdo Ferreira e por Lucho González.

Constata-se a importância atribuída pelo treinador ao modelo de jogo e também à necessidade da sua clara percepção por parte dos jogadores.

Verifica-se a presença de uma forte consonância conceptual na maioria dos tópicos desenvolvidos por ambos os entrevistados. Nomeadamente no que respeita à presença de uma ideia ou filosofia na base do desenvolvimento do Modelo de Jogo. Esta filosofia de jogo, assim como os princípios constituintes do modelo de jogo do treinador são percebidos por Lucho González como influentes para a sua tomada de decisão em jogo.

Esta filosofia de jogo baseia-se numa consciente busca do domínio do jogo a partir do momento defensivo. Um forte e bem definido processo defensivo que pressupõe um condicionamento estratégico do jogo adversário que quando alcançado irá permitir, no momento da recuperação da posse de bola, a exploração de uma transição defesa-ataque propícia à criação de situações de perigo para o adversário.

Em relação à forma como o treinador Jesualdo Ferreira pensa o jogo defensivo da equipa concluímos que a base do método defensivo é a defesa à zona por ser considerar a mais propícia à sustentação da sua ideia de jogo. Verificamos a existência de regras e princípios de acção/interacção explícitos e aparentemente vinculativos onde a importância da solidariedade e das ajudas colectivas sobressaem.

Defensivamente, existe a intenção de pressionar o adversário no seu meio campo. É manifesta a intenção de condicionar o jogo ofensivo do adversário para zonas específicas do terreno de jogo, onde mantendo os posicionamentos defensivos e recorrendo à utilização de apenas quatro ou cinco jogadores se pretende a recuperação da posse de bola e o desenrolar do já estrategicamente preparado acutilante jogo ofensivo/transição tendo em vista a diminuição do tempo de transição.

O cumprimento dos posicionamentos defensivos é um ponto-chave, não só por dar ordem à equipa quando defende, mas essencialmente por assegurar os posicionamentos chave das referências ofensivas no momento da recuperação da posse de bola - os três avançados e também os médios interiores por serem apontados como os “*playmakers*”-.

Na concepção do treinador Jesualdo Ferreira foi identificado um conceito de transição mais abrangente, que se funde no desenvolvimento do jogo ofensivo. Por um lado a transição para diminuir o tempo, associada ao ataque rápido e por outro, a transição para controlo, segurança e posse que associa ao ataque posicional. Tais conceitos, apesar de associados a uma diferente terminologia são patentes no discurso de Lucho González. Destes conceitos associados à transição para diminuir o tempo ou transição para controlo, segurança conclui-se a importância de uma eficaz gestão do espaço e do tempo.

Conclui-se que o desenvolvimento desta transição para diminuição do tempo implica, por um lado, o cumprimento de alguns princípios mais deterministas, mas por outro lado sugere, outros aparentemente mais flexíveis, contemplando a criatividade e a capacidade de análise, interpretação do jogo e de decisão dos jogadores.

De igual modo em relação à transição ataque-defesa, verifica-se a importância atribuída pelo treinador Jesualdo Ferreira à diminuição do tempo de transição e ao facto de em posse de bola a equipa ser capaz de garantir a eficácia desta transição.

No que respeita às situações de bolas paradas defensivas, identifica-se a intenção e a forma como o treinador Jesualdo Ferreira pretende defender a zona fechando as mais prováveis trajectórias de bola e as zonas de maior risco. A procura de vantagem a partir destas acções defensivas não é claramente uma prioridade.

Em relação às tarefas específicas de Lucho González no momento da transição defesa ataque verifica-se a congruência entre a concepção do treinador Jesualdo Ferreira e a percepção de Lucho González. Destaca-se a importância do cumprimento do seu posicionamento defensivo como condição

sine qua non para o desenvolvimento eficaz das suas tarefas, que passam por estar disponível para receber a bola, fazendo-o de forma orientada; assegurar dentro dos processos colectivos a possibilidade de jogo exterior no seu corredor; procurar quando em posse de bola, a possibilidade de acelerar o jogo, solicitando de preferência os avançados; e, em contrapartida, a capacidade de identificar situações onde seja inviável a diminuição do tempo de transição, optando, nesses casos, pela alternativa de controlo e posse de bola. Sem bola são identificados pelo treinador Jesualdo Ferreira quatro movimentos tipo que Lucho González percebe de forma aproximada. Destaque ainda para a noção evidenciada por ambos de que, no que respeita à transição defesa-ataque as leituras e as decisões não deverão ser estereotipadas, mas sim orientadas por princípios baseados numa ajustada interpretação dos indicadores presentes no jogo. O treinador Jesualdo Ferreira aponta especificamente os espaços livres, a segurança e a criatividade.

Criatividade que no caso de Lucho González, e de acordo com a sua percepção da forma como joga e decide, associamos às suas características individuais, mas também à forma como afirma jogar e decidir em função das características individuais dos seus companheiros.

No que respeita à tomada de decisão concluímos que a percepção de Lucho González aceita o recurso a diferentes estratégias. Por um lado admite a procura da melhor opção, apesar de pouco frequente pela falta de tempo para o fazer na maioria das situações de jogo; por outro a possibilidade de utilização de uma estratégia de aproveitamento da primeira boa opção associada à qual sugere a possibilidade desta em muitos casos ser até a única ponderada. Aceita a possibilidade de por vezes adiar ou alterar opções em função de desenrolar do contexto de jogo.

Juntando estas percepções ao tipo de raciocínio implícito em muitos dos exemplos transcritos, onde se percebe a lógica de optar por uma resposta típica associada a um contexto típico (se X, então Y), parece plausível afirmar a respectiva compatibilidade com o modelo *Recognition Primed Decision Making*, no âmbito da tomada de decisão em contextos de jogo onde a pressão do tempo é manifesta.

Verifica-se a presença de uma preparação estratégica diferenciada em função de alguns adversários. Mais especificamente, no que respeita à organização do processo defensivo com o intuito de induzir o adversário a jogar de forma a ficar mais vulnerável no momento da perda da posse de bola, propiciando, dessa forma a exploração e criação de perigo a partir de uma transição defesa-ataque e desenvolvimento do jogo ofensivo consumando a diminuição do tempo de transição.

Em síntese verificou-se uma forte congruência do perspectivado pelo treinador da equipa do FC Porto para a transição defesa-ataque e o percebido pelo jogador em estudo.

Nesta etapa do trabalho, sentimo-nos acometidos pela sensação de que esta investigação começava agora a ser ainda mais estimulante, não só pela nossa aprendizagem mas também pela riqueza dos dados empíricos que recolhemos e analisámos e nos incitavam constantemente a querer “saber mais”.

Contudo, estamos conscientes do carácter finito que um trabalho académico desta natureza se reveste, implicando até o risco de se tornar um pouco mais longo em relação às nossas expectativas iniciais e face ao estipulado. No entanto, a riqueza e a pertinência dos dados empíricos obtidos e a referente análise de conteúdo consolidavam progressivamente o próprio quadro teórico-conceptual adoptado, aliciando-nos na procura de uma melhor clarificação e explicitação dos conceitos através do recurso aos exemplos e às imagens explicativas que nos potenciaram um maior crescimento e amadurecimento intelectual. Assim, elegemos como uma das dificuldades deste trabalho a capacidade de sintetizar uma panóplia bastante grande de dados, oriundos, entre outros, das entrevistas realizadas que revelaram um grau de complexidade e de minúcia elevado, reorientando o rumo da investigação. Todavia, não podemos deixar de realçar que a análise das entrevistas constituíram um desafio impar e aliciente para um investigador “propedêutico”.

6. Sugestões para futuros estudos

Findo este trabalho, gostaríamos ainda de elencar um conjunto de pistas teóricas de investigação que, embora não as tenhamos contemplado neste trabalho, devido à natureza académica desta tese de licenciatura, também não podemos ignorar certas dimensões de estudo de carácter prospectivo que ambicionamos, *quicá* no âmbito de um mestrado académico, e que procurarão aprofundar diversas dimensões de análise presentes na investigação.

A este estudo, seria possível acrescentar uma maior riqueza, completando-o com a posterior confrontação, do jogador com vídeos das suas acções em contexto de jogo formal com o intuito de nos explicar a sua percepção de como, atendendo a uma série de pressupostos assentes no Modelo de Jogo, decide a acção a executar, passando pelo estudo das estratégias de buscas visuais, indicadores procurados e valorizados, questões associadas às estratégias de geração e escolha de cursos de acção.

Outra vertente interessante seria explorar as repercussões nos princípios orientadores da tomada de decisão, que poderão estar associadas a diferentes contextos e ao desenvolvimento do jogo. Nomeadamente, em função do resultado, do momento do jogo, das características da competição, situações de superioridade ou inferioridade numérica entre outros.

Poderia ser interessante estudar a percepção que os jogadores de excelência, de diferentes posições, têm sobre a forma como desenvolvem as acções de jogo em que mais sobressaem. O que fazem, porque o fazem, o que procuram, como decidem para fazer melhor mais vezes destacando-se dos restantes. Poderia, nesse sentido, estudar-se o caso de um avançado que prima pela excelência na capacidade de antecipar e finalizar as jogadas de golo procurando identificar as estratégias que o encaminham para o sucesso.

Acreditamos também, que seria pertinente uma investigação homóloga numa escala mais abrangente estudando os jogadores do mesmo plantel da mesma equipa/sector observando a congruência e concordância com o modelo de jogo do treinador. Inclusive, analisar se existe alguma correlação entre o tempo de envolvimento que o jogador tem com o grupo de trabalho/treinador com a sua aprendizagem e consolidação do modelo de jogo.

7. Referências Bibliográficas

- Almeida, F.** (2006). *A importância dos momentos de transição (Ataque-Defesa e Defesa-Ataque) num determinado entendimento de jogo.* (Monografia não publicada). Porto: FADE-UP.
- Amieiro, N.** (2004). «Defesa à Zona» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar. (Dissertação de Licenciatura). Porto: FCDEF-UP.
- Barreira, D.** (2006). *Transição Defesa-Ataque em Futebol: Análise Sequencial de padrões de jogo relativos ao Campeonato Português 2004/05.* (Monografia não publicada). Porto: FADE-UP.
- Bardin, L.** (1995). *Análise de Conteúdo.* Lisboa: Edições 70.
- Balash, J.R.** (1998). "El ajuste temporal: criterio de ejecución distintivo de la inteligencia deportiva". *Apunts - Educación Física y Deportes*, 53, Pp.10-17.
- Castellano, P. J.** (2000). "Observación y análisis de la acción de juego en fútbol". Tesis Doctoral. Departamento de Historia y Teoría de la Educación de la Universidad del País Vasco. *Lecturas Educación Física y Deportes. Revista Digital*, Año 5, 22 [em linha <http://www.efdeportes.com/>].
- Castelo, J.** (1994). *Futebol – modelo técnico-tático do jogo.* Lisboa: FMH-UTL.
- Castelo, J.** (1996). *Futebol – a organização do jogo.* Lisboa: Edição do autor.
- Cárdenas, D.** (2000). *El entrenamiento integrado de las habilidades visuales en la iniciación deportiva.* Málaga: Ed. Aljibe.
- Contreras, O. R., De la Torre, E., & Velázquez, R.** (2001). *Iniciación Deportiva.* Madrid: Síntesis.
- Costa, J.; Garganta, J.; Fonseca, A. & Botelho, M.** (2002). "Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos". *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2(4), Pp. 7-20.
- Denzin, N.** (2000). *Handbook of qualitative research.* London: Norman Denzin & Yvonna Lincoln Editors.
- Ericsson K. A. & Lehmann, A. C.** (1996). "Expert and Exceptional Performance: Evidence of Maximal Adaptation to Task Constraints". *Annual Review of Psychology*, 47, Pp. 273-305.
- Garganta, J.** (1997). *Modelação tática do jogo de Futebol. Estudo da fase ofensiva em equipas de alto rendimento.* (Dissertação de Doutoramento). Porto: FCDEF-UP.
- Garganta, J., & Pinto, J.** (1995). "O ensino do futebol". A. Graça & J. Oliveira (Eds.), *O ensino dos jogos desportivos colectivos.* Porto: CEJD/FCDEF-UP, Pp. 95-135.
- Garganta, J. & Pinto, J.** (1998). "O Ensino do Futebol". A. Graça & J. Oliveira (Eds), *O Ensino dos Jogos Desportivo.* Porto: CEJD/FCDEF-UP, Pp. 95-136.(3ª Edição).
- Garganta, J. & Gréhaigne, J. F.** (1999). "Abordagem sistémica do jogo de Futebol: moda ou necessidade?". *Revista Movimento*, 5 (10), Pp. 40-50.

- Garganta, J., & Cunha e Silva, P.** (2000). "O jogo de futebol: entre o caos e a regra". *Horizonte*, 91, Pp.5-8.
- Garganta, J.** (2001). "O desenvolvimento da velocidade nos jogos desportivos colectivos". *Lecturas Educación Física y Deportes. Revista Digital*, Ano 6, 30. [em linha <http://www.efdeportes.com>].
- Garganta, J.** (2005). "Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter) acção, para um Futebol com pés... e cabeça". D. Araújo (Ed.), *O contexto da decisão – a acção táctica no desporto*. Lisboa: Visão e Contextos, Pp. 179-190.
- Garganta, J.** (2006). "Ideias e competências para 'pilotar' o jogo de Futebol". Go Tani, J. Bento & R. Peterson (Eds.), *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, Pp.313-326.
- Ghiglione, R. & Matalon, B.** (2001). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta.
- Graça, A.** (1994). "Os comos e os quando no ensino dos jogos". A. Graça & J. Oliveira (Eds.). *O ensino dos jogos desportivos*. Porto: CEJD, FCDEF-UP. Pp.27-34.
- Greene, M.** (1999). "Um filósofo olha para a investigação Qualitativa". *Revista de Educação*, VII (1). Lisboa: FC-UL. Pp. 35-52.
- Gréhaigne, J. F., Godbout, P. & Bouthier, D.** (2001). "The teaching and learning of decision making in team sports". *Quest*, 53, Pp. 59-76.
- Janelle, C. M.** (2002). "Anxiety, arousal and visual attention: A mechanistic account of performance variability". *Journal of Sports Sciences*, 20, Pp. 237–251.
- Janelle, C. M. & Hatfield, B. D.** (2008). "Visual Attention and Brain Processes That Underlie Expert Performance: Implications for Sport and Military Psychology". *Military Psychology*, 20:1, Pp. 39-69.
- Janis, I.L. & Mann, L.** (1977). *Decision Making: A Psychological Analysis of Conflict, Choice and Commitment*. New York: Free Press.
- Johnson, J. , & Raab, M.** (2003). "Take The First: Option generation and resulting choices". *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 91, Pp. 215–229.
- Johnson, J. & Raab, M.** (2007). "Expertise-Based Differences in Search and Option-Generation Strategies". *Journal of Experimental Psychology: Applied*. Vol. 13, No. 3, Pp.158 –170.
- Klein, G. A. , Calderwood, R. & Macgregor, D.** (1989), "Critical Decision Method for Eliciting Knowledge". *IEEE Transactions on Systems, Man, and Cybernetics*, 19, Pp. 462-472.
- Klein, G.** (1993) "A Recognition-Primed Decision (RPD) Model of Rapid Decision Making". Klein, G. Orasanu, J. Calderwood, R. & Zsombok, C. (Eds.), *Decision Making in action: Models and Methods*. Norwood, CT: Ablex.Pp. 98-115.
- Klein, G.** (1998). *Sources of Power: How People Make Decisions*. Cambridge: The MIT Press, Massachusetts.
- Klein, G.** (2008). "Naturalistic Decision Making". *Human Factors*, Vol. 50, nº 3, Pp. 456-460.

- Kormelink, H. & Seeverens, T.** (1997). *The Coaching Philosophies of Louis van Gaal and the Ajax Coaches*. Leeuwarden: Reedswain Books.
- Lipshitz, R.** (1994). "Decision Making in Three Modes". *Journal for the Theory of Social Behavior*, 24, Pp.47-66.
- Lipshitz, R., Klein, G., Orasanu, J., & Salas, E.** (2001). "Taking stock of naturalistic decision making". *Journal of Behavioral Decision Making*, 14(5), Pp. 331-352.
- Lucas, J.** (2001). *Comparação entre a concepção do treinador e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica, individual e colectiva. Um estudo de caso numa equipa de Futebol de Juniores A.* (Dissertação de Mestrado não publicada) Porto: FCDEF-UP.
- Macquet, A. C.** (2007). *Recognition Within the Decision-Making Process: A Case Study of Expert Volleyball Players*. Paris: Institut National du Sport et de l'Education Physique.
- Macquet, A. C. & Fleurance, P.** (2007). *Naturalistic decision-making in expert badminton players*. Paris: Institut National du Sport et de l'Education Physique.
- Oliveira, J. G.** (2003). "Organização de Jogo de uma equipa de futebol. Aspectos metodológicos na abordagem da sua organização funcional e estrutural". Seminário UTAD (trabalho não publicado).
- Oliveira, J. G.** (2004). *Conhecimento Específico em Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino-aprendizagem/treino do jogo.* (Dissertação de Mestrado). Porto: FCDEF-UP.
- Orasanu, J. & Connolly, T.** (1993). "The Reinvention of Decision Making". Klein, G.A., Orasanu, J., Calderwood, R. and Zsombok, C. (Eds.), *Decision Making in Action: Models and Methods*, Norwood, CT: Ablex, Pp. 3-20.
- Pino Ortega, J.** (1997). "Variables del elemento espacio en fútbol: aplicación práctica". *Fútbol – Cuadernos Técnicos*, 7, Pp. 3-4.
- Pino Ortega, J.** (2001). "Análisis de la dimensión organización en fútbol". *Lecturas Educación Física y Deportes. Revista Digital*, Año 6,[em linha <http://www.efdeportes.com>].
- Pinto, J. & Garganta, J.** (1996). "Contributo da Modelação da Competição e do Treino para a Evolução do Nível de Jogo no Futebol". J. Oliveira & F. Tavares (Eds.) *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos*. Porto: CEJD, FCDEF-UP, Pp. 83-94.
- Poirier, J., Clapier-Valladon, S. & Raybaut, P.** (1999). *Histórias de Vida – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta.
- Pruitt, J.S., Cannon-Bowers, J. A., & Salas, E.** (1997). "Search of naturalistic decisions". R. Flin, E. Salas, M. Strub, & L. Martin (Eds.), *Decision making under stress: Emerging themes and applications*, Aldershot, UK: Ashgate. Pp.29-42.
- Queiroz, C.** (1983). "Para uma teoria do Ensino/Treino do Futebol. Análise Sistemática do Jogo". *Futebol em Revista*, 4ª série, Nº2, Pp. 15-31.
- Queiroz, C.** (1986). *Estrutura e organização dos exercícios de treino em Futebol*. Lisboa: FPF.
- Readinger, W. O., Hutton, R. J. B., Klinger, D. W., Klein (s/d).** "Recognition-Primed Decision Making in Sport". *Improving Individual, Team, and Coaching Decision Making*, Ohio: Fairborn.Pp.78-92.

- Resende, N.** (2002). *Periodização Tática. Uma concepção metodológica que é uma consequência trivial do jogo de futebol. Um estudo de caso ao microciclo padrão do escalão sénior do Futebol Clube do Porto.* (Dissertação de Licenciatura não publicada). Porto: Faculdade de Desporto - UP.
- Romero Cerezo, C.** (2000). "Hacia una concepción más integral del entrenamiento en el fútbol." *Lecturas Educación Física y Deportes. Revista Digital*, Ano 5, 19. [em linha <http://www.efdeportes.com>].
- Shanteau, J.** (1992) "Competence in Experts: The Role of Task Characteristics". *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 53, Pp. 252-266.
- Silva, A. M. S.** (1998). *Congruência entre o Modelo de Jogo do Treinador e a Prestação Tática de uma Equipa de Futebol.* (Dissertação de Mestrado). Porto: FCDEF - UP.
- Sisto F. & Greco J. P.** (1995). "Comportamento tático nos esportes colectivos". *Revista Paulista de Educação Física*, Vol. 9, Pp. 63-68.
- Sousa, P.** (2005). *Organização do Jogo de Futebol. Proposta de mapeamento de situações táticas a partir da revisão da literatura e do entendimento de peritos.* (Dissertação de Mestrado não publicada). Porto: FCDEF-UP.
- Sousa, P.** (2009). *Um Algoritmo do FUTEBOL (mais do que) TOTAL: algo que lhe dá o Ritmo! Uma reflexão sobre o "Jogar" de qualidade.* (Monografia não publicada) Porto: FADE-UP.
- Schellenberger, H.** (1990). *Psychology of team sports.* Toronto: Sports Book Publisher.
- Williams, A. M. e Ward, P.** (2003). "Pereveloping perceptual expertise in sport". K.A. Ericsson and J. Starkes (Eds). *Recent developments in expert performance in sport.* Champaign, IL: Human Kinetics, Pp. 220-249.
- Strachan G.** (2008). Entrevista de Hoek, F. & Van Veen, P. in *SoccerCoaching International* nº29.
- Tavares, F.** (1993). *A capacidade de decisão tática no jogador de basquetebol: estudo comparativo dos processos perceptivo-cognitivos em atletas seniores e cadetes.* (Dissertação de Doutoramento). Porto: FCDEF-UP.
- Tavares, F.** (1996). "Bases Teóricas da Componente Tática nos Jogos Desportivos Colectivos". J. Oliveira & F. Tavares (Eds). *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos*. CEJD, Porto: FCDEF-UP, Pp. 25-32.
- Tavares, F. & Faria, R.** (1996). "A capacidade de jogo como pré-requisito do rendimento para o jogo". José Oliveira & Fernando Tavares (eds). *Estratégia e tática nos jogos desportivos.* Porto: FCDEF-UP. Porto Pp. 39-50.
- Tavares, F., Greco, P. & Garganta J.** (2006). "Perceber, conhecer e agir nos jogos desportivos colectivos". Tani G, Bento JO, Petersen RS (eds) *Pedagogia do desporto.* Guanabara, Rio de Janeiro, Koogan, Pp. 284-298.
- Temprado, J. J.** (1989). "Prise de décision en sport: Modalités d'études et données actuelles". In *STAPS*, 10 (19): Pp.53-67.
- Temprado, J. J.** (1991). "Les apprentissages décisionnels en EPS". J.P. Famose; P. H. Fleurance & Y. Touchard (Eds.). *L'Apprentissage Moteur.* Revue EPS, Pp.131-155.

- Teodorescu, L.** (1984). *Problemas de teoria e metodologia dos jogos desportivos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Thomas, K. T. & Thomas, J. R.** (1994). "Developing expertise in sport: The relation of knowledge and performance". *International Journal of Sport Psychology*, 25, Pp. 295-315.
- Vélasquez, R.** (2005). "El fútbol, factores de rendimiento para planificar su enseñanza y Entrenamiento. *Lecturas Educación Física y Deportes*". *Revista Digital*, Año 10, 89. [em linha <http://www.efdeportes.com>].
- Vingada, N.** (2000). "Processo de Treino/Modelo de Jogo". Comunicação Apresentada no Segundo Colóquio "O Treinador de Futebol". Santarém: Escola Superior de Desporto de Rio Maior. Instituto Politécnico de Santarém.
- Wagenaar, W.A., Keren, G. & Lichtenstein, S.** (1988). "Islanders and Hostages: Deep and Surface Structures of Decision Problems". *Acta Psychologica*, 67, Pp.175-188.
- Wenger, A.** (2008). Entrevista de Van Veen, P. *SoccerCoaching International* nº24.
- Williams, A.M. e Ward, P.** (2003). "Perceptual and Cognitive Skill Development in Soccer: The Multidimensional Nature of Expert Performance", In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 25, Pp. 93-111.
- Zsombok, C.E.** (1997) "Naturalistic Decision Making: Where Are We Now?" Zsombok, C.E. & Klein, G. (Eds.), *Naturalistic Decision Making*. Mahwah, NJ: Erlbaum, Pp. 3-16.

Jornais

- Assunção, P.** (2006). "Jogo simples porque não posso errar". Entrevista Jornal O JOGO, 23 de Março de 2006, p. 4.
- Ferreira, J.** (2009). Entrevista Jornal O JOGO, 2 de Agosto de 2009, p. 3.
- Valdano, J.** (1997). *Los Cuadernos de Valdano* Madrid: El Pais Aguilar.
- Valdano, J.** (1998). "Notas finais sobre o Mundial". Jornal *Público*, 14 de Julho de 1998, p. 27.

8. Anexos

Anexo I

Guião da Entrevista ao treinador Jesualdo Ferreira

Actualmente, no Futebol, constata-se uma tendência para o entendimento (leitura) do jogo com base em cinco grandes pilares, nomeadamente, a organização ofensiva, a organização defensiva, a transição defensiva, a transição ofensiva e as bolas paradas, a favor e contra.

Concorda com este “mapeamento do jogo”?

Seguramente que defende alguns “princípios de jogo” que considera serem os mais importantes para que a sua equipa possa ter sucesso em cada um daqueles cinco grandes pilares (ou outros sugeridos).

Propomos-lhe uma pequena viagem pelo jogo. Vamos-lhe pedir que nos diga relativamente a cada um deles quais são esses princípios para que possamos posteriormente passar à sua observação em jogo.

Se lhe parecer que consegue ser mais claro desenhando esquemas/diagramas explicativos por favor faça-o pois isso facilitará, de certo, a nossa compreensão.

Transição Ofensiva

Quais os limites? Quando começa e quando acaba?

Começamos pelo momento em que a sua equipa conquista a bola

O que quer que a equipa faça depois de entrar em posse de bola?

Há um padrão claro daquilo que quer que façam (quando alguém observa o jogo o que poderá ver como característica da sua equipa?)

Quais são as rotinas?

A zona do campo onde ocorre a recuperação condiciona as rotinas? Como? Porquê?

Em alguns momentos ou situações quer que a bola chegue a algum jogador ou a uma posição/zona específica? Em que momentos e em que situações? Pode ilustrar com alguns exemplos?

Pede à sua equipa para fazer coisas diferentes em função do comportamento do adversário?

Pretende que a bola entre em alguma zona específica? (por exemplo que entre pelo corredor oposto)? E isso depende das características do jogador que está em cada posição?

A forma de eliminar a pressão depende da zona do campo onde se dá a recuperação? Por exemplo: quais são as diferenças de comportamento perante a pressão do adversário se a bola for recuperada no terço ofensivo ou no terço defensivo? Há regras de acção diferenciadas?

O nível de organização da equipa adversária é tido em conta neste momento do jogo?

Tirar proveito da desorganização adversária é um objectivo?

Como percebem os seus jogadores que a equipa adversária está desorganizada? Quais são os indicadores de desorganização (“variáveis especificadoras”) que eles devem estar preparados para identificar?

É importante que os seus jogadores percebam onde está a desorganização? Quais os adversários ou sectores mal posicionados? Onde está ou onde estão os “buracos” (vantagem posicional)?

Como deve a equipa tirar partido desses maus posicionamentos?

Quando é que tirar proveito da desorganização adversária deixa de ser uma prioridade?

O nível de organização da sua equipa é tido em conta neste momento do jogo?

Se a sua equipa estiver desequilibrada e o adversário se encontrar desorganizado o que será de privilegiar? Tentar tirar partido da desorganização adversária ou garantir o equilíbrio da sua equipa? Procurar um contra-ataque ou um ataque rápido ou assegurar a manutenção da posse de bola enquanto a equipa se reorganiza?

Como percebem os seus jogadores que a sua equipa está desorganizada? Quais são os indicadores (variáveis especificadoras) que eles devem estar preparados para identificar? (O que devem ser capazes de “reconhecer”?) É importante que os seus jogadores percebam onde está a desorganização? Quais os postos específicos ou sectores desequilibrados?

Como deve a equipa recuperar a organização colectiva?

Prefere uma equipa com amplitude ou com profundidade? Em que momentos do jogo lhe parece mais importante saber compatibilizar estas duas dimensões (largura e profundidade)?

Em função do jogador que pretendemos estudar com este trabalho (Lucho González) pode dizer-nos de forma pormenorizada quais as respectivas tarefas para a transição defesa-ataque:

Transformando o terreno de jogo no “seu tabuleiro do jogo de xadrez” (definir as zonas do campograma funcional do treinador), o que pedimos é, de acordo com a sua concepção, tente criar e descrever arranjos e combinações possíveis, sublinhando os mais prováveis com um grau de detalhe que nos permita perceber o que era desejável que este jogador executasse no momento da recuperação da posse de bola.

Identificar Comportamentos típicos;

Movimentações típicas específicas para o jogador no momento do ganho da bola e durante a transição:

Em função da:

Zona de recuperação de Bola;

Quem a recupera;

Em que situação se encontra o colega em posse de bola (pressionado, de costas para o jogo, sem linhas de passe de apoio...)

Perante a pressão ou não pressão da equipa adversária;

Nível de organização da própria equipa;

Nível de organização do adversário;

...

Deve procurar receber a bola? Onde?

Quando tem a bola a que deve estar atento, o que deve fazer?

Depois de a passar?

Em relação aos restantes momentos/fases do jogo pretendemos ficar apenas com uma ideia sobre o que considera mais importante (Princípios) e que possa ter influência directa na Transição ofensiva.

Organização Ofensiva

Assegurada a posse de bola e com a equipa adversária organizada defensivamente

Relativamente aos métodos de jogo: Contra-ataque, Ataque Rápido e Ataque Posicional (Organizado); tem alguma preferência?

Com bola no sector defensivo como é que preconiza a passagem da 1ª fase de construção para a 2ª, quer que os jogadores deste mesmo sector procurem de imediato linhas de passe em zonas mais avançadas?

Na 2ª fase que tipo de movimentações propõe à sua equipa para que consiga penetrar no terço ofensivo?

Pretende a entrada no terço ofensivo se dê preferencialmente pelos corredores laterais?

Tem alguma preferência relativamente ao corredor de jogo para condução dos ataques?

Uma vez no terço ofensivo como quer que a sua equipa crie as situações de finalização?

Quer que a sua equipa faça muitos cruzamentos?

Prefere movimentações de desmarcação com diagonais por parte dos avançados?

Os movimentos de desmarcação por parte dos Médios interiores como são coordenados?

Onde é que eles devem entrar?

Qual é o timing, como coordená-lo?

Em relação aos cruzamentos: Algum jogador de alguma posição específica? De que zona (que corredor e onde no corredor, junto à linha)? Que tipo de cruzamentos por cima ou rasteiros? Quer Penetrações pelo corredor central por intermédio de combinações ofensivas (1,2)?

Quantos jogadores quer que a sua equipa faça chegar ao terço ofensivo nas situações de finalização?

Quais são as rotinas)

Como quer a equipa organizada nesse momento?

Transição Defensiva

Passemos agora ao momento em que a sua equipa perde a posse de bola
O que pede aos seus jogadores?

Pede que pressionem no meio campo adversário?

Se a sua equipa se encontrar desequilibrada o que devem fazer?

Organização Defensiva

Quando a equipa já está organizada defensivamente

Como pretende que a equipa jogue? Onde prefere que recuperem a bola?

Quer a sua equipa compacta entre linhas? Quer em amplitude e em profundidade?

Pretende que haja basculação do bloco? Como?

Quer que a Defesa jogue em linha?

Quer que a equipa crie situações de superioridade numérica junto à bola ou quer que esteja mais equilibradamente distribuída no terreno de jogo?

Pretende que a sua equipa “convide o adversário” a jogar por alguma zona específica para recuperar a bola?

Em situação de finalização da equipa adversária quantos jogadores pretende ter no terço defensivo ou na Grande área.

Bolas Paradas

A favor:

Quantos jogadores preconiza na área?

Definem movimentações específicas?

Quais são as rotinas de movimentação dos jogadores e com que objectivos?

Contra:

Como quer defender; Os jogadores dentro da área fazem marcações individuais?

Anexo II

Transcrição da Entrevista realizada a Lucho González

António Dias (AD) - Actualmente, no Futebol, constata-se uma tendência para o entendimento (leitura) do jogo com base em cinco grandes pilares, nomeadamente, a organização ofensiva, a organização defensiva, a transição defensiva, a transição ofensiva e as bolas parada, a favor e contra.

Tendo em conta a qualidade superior das transições ofensivas do Porto, propusemo-nos estudá-las:

Queremos saber a percepção que tem, como decide e o que o ajuda a chegar a cada decisão.

Se quiser desenhar alguns esquemas ou diagramas para nos explicar algumas situações por favor faça-o que irá, certamente, ser-nos útil.

O que deve a Equipa do Porto fazer quando conquista a bola:

AD - Qual a ideia de jogo da equipa para este momento; quais os princípios que regem o seu funcionamento? O que procura a equipa no momento em que recuperam a bola?

LG - O princípio máximo é, uma vez conquistada a bola, não perde-la, obvio. Tentar segurá-la. Se for possível fazer uma transição rápida, que é o que o treinador sempre nos pede, tanto melhor. Penso que isso é uma característica do nosso jogo que já está bem identificada. Sempre que se recupera a bola procurámos sair rápido, fazer uma transição rápida, o que nem sempre é possível.

É preciso saber quando se pode fazê-la, e quando não se pode, nesse caso devemos segurá-la. Penso que o princípio depois de ganhar será assegurar que não perdemos a posse da bola para não voltarmos a ter de correr atrás dela outra vez.

A.D - Mas, sempre que possível procurar executar essa tal transição rápida?

LG - Sim! Porque é a ideia do nosso treinador. Pede-nos isso pois sabemos que quando recuperamos a bola a equipa adversária encontrava-se a atacar. Então deve estar mal posicionada defensivamente, ou talvez não...

AD - Podemos então considerar isso como uma prioridade?

LG - Sim, é uma prioridade na nossa equipa. Bem, primeiro não perder a bola, depois sim.

AD - E em termos de rotinas colectivas? Há zonas onde procuram sair a jogar ou jogadores preferenciais para receber a bola esse momento, há algo definido a priori?

LG - Não... Sabemos que geralmente tentamos recuperar a posse de bola no campo adversário, pressionamos, pressionamos... quando pressiona a equipa em bloco. Muitas vezes não é possível... e quando recuperámos a bola no nosso campo sabemos que os nossos três avançados estão bem posicionados para sairmos numa transição. Obviamente nesta circunstância o nosso objectivo é jogar para a frente, receber sempre orientado e procurar com o menor número possíveis de toques chegar à baliza adversária.

AD - Os avançados, durante a fase defensiva procuram posicionar-se para dar referências durante a transição?

LG - Nós sabemos que quando recuperámos a bola temos sempre os avançados... ou o Lisandro está como ponta de lança e os dois extremos jogam muitas vezes na “meia” e tentamos jogar aí.

AD - Anteriormente falou-nos que o objectivo principal é recuperar a bola no meio campo adversário, não sendo exequível procuram encaminhar o adversário para alguma zona em especial com o intuito de aí recuperar a bola?

LG - Sim, para fora. É sempre mais fácil encaminha-los para fora, até aos nossos médios interiores nas zonas laterais.

AD - Ainda em relação à zona onde a posse de bola é recuperada, a zona onde a recuperam condiciona a zona onde vão procurar sair a jogar?

LG - Não. Muitas vezes a ideia é recuperar a bola num lado e procurar sair pelo outro, sabendo que há menos gente...

AD - Se quiser fazer algum desenho para nos tentar explicar melhor esteja à vontade.

LG - Por exemplo: recuperamos a bola neste sítio (zona A na fig. 1), e sabemos que aqui temos um médio interior (1 na fig. 1), aqui o extremo (2 na fig.1) ... e, supostamente neste lado (zona B na fig. 1) vai haver menos gente e mais espaço, os adversários estarão todos a jogar por este lado (lado da zona A na fig. 1). A ideia é sair frontal e tentar finalizar do outro lado, ideia do treinador... (desenha sequência de setas demonstrativas do movimento da bola – setas na fig. 1)

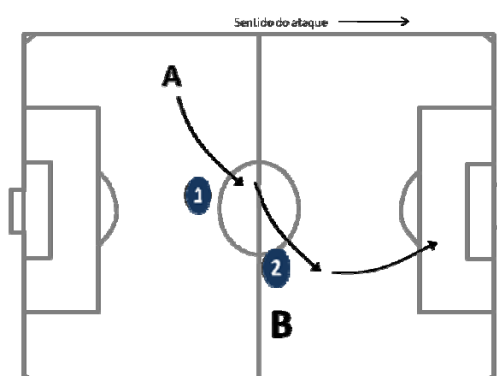


Figura 1

AD - Se, no momento em que recuperámos a bola, o adversário pressionar altera de alguma forma o que a equipa deve fazer?

LG - Não, geralmente não. Nós temos uma ideia de jogo que não vai em função do adversário. Obviamente que é mais fácil recuperar a bola num sítio e tentar jogá-la para outro mas nem sempre se pode.

AD – Disse-nos há pouco que quando recuperámos a bola o adversário estava numa situação ofensiva, portanto menos bem posicionado em termos defensivos, o que vão procurar explorar.

Relativamente a essa provável desorganização defensiva há algum aspecto em especial que identifiquem como indicador da desorganização adversária e da probabilidade de sucesso de um ataque, ou uma transição rápida.

LG - Depende. Em primeiro da possibilidade ou não de fazermos uma transição rápida. Quando recuperámos a bola procuramos realizar uma transição rápida, se nos apercebemos que o adversário está bem posicionado e não existe vantagem a ideia é não perder a posse de bola e preparar o nosso ataque, o nosso jogo básico.

AD - E o que te leva a perceber se o adversário está mais ou menos organizado?

LG - Sim, cada um vai-se dando conta... quando vai receber a bola... apercebemo-nos por exemplo quando olhámos para a frente e vemos dois defesas e três avançados. É obvio que a probabilidade de sucesso é boa mas se por outro lado vemos os três avançados e seis defesas é evidente que a transição não vai ser boa e procurámos manter a posse de bola e começar a jogar de acordo com os nossos princípios.

AD – O número de jogadores será um indicador claro, mas, a forma como estes ocupam o espaço com o seu posicionamento poderá ser esta ocupação espaço um indicador importante?

LG - Sim, também pode ser. Em algumas circunstâncias sim, mas nesse caso já depende de cada jogador, se arrisca ou não. Muitas vezes é isso que faz a diferença. O adversário até pode ter os seis jogadores e bem posicionados mas tentarmos um passe no limite e sai bem criando uma ocasião de golo. Geralmente não sai, mas eu pessoalmente penso que quem não arrisca não vai fazer a diferença. E o que faz a diferença é quem tenta fazer algo de diferente... ou básico...

AD - Quando recebe a bola procura algum “buraco”, zonas livres para explorar em passe ou explorar em condução?

LG – Sim. Na transição procuro isso, procuro identificar o colega que está melhor posicionado e o caminho mais directo e rápido para chegar a baliza contrária em menos tempo.

AD - Imagine que no momento em que a equipa recupera a bola se encontra mal posicionada. Esse factor poderá, também ele, ser relevante para decidir se será de arriscar ou não?

LG - Por exemplo, se recuperarmos a bola aqui, os nossos defesas estão aqui (Zona A na fig. 2), a nossa linha dos médios aqui (Zona B na fig. 2). O jogador mais adiantado que temos é o avançado que está aqui (1 na fig. 2).

Sabemos que quando recuperámos a bola a ideia é sair pela meia (seta C na fig.2) com um extremo ou com um médio interior por fora. Depois, depende de cada jogador, se tem caminho livre para avançar ou não.

Por exemplo o Cebola (2 na fig. 2) é capaz de agarrar a bola aqui e chega até aqui (Seta D na fig. 2), o que dá uma transição rápida, mas por vezes ele arrisca e perde a bola e já não conseguimos sair. São decisões que partem de cada um.

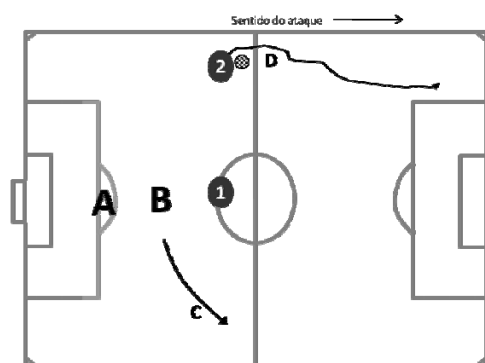


Figura 2

AD - Mas, se quando recuperam a bola os médios e os avançados não estiverem bem posicionados ficam muito condicionados?

LG - Claro, depende muito da zona onde recuperámos a bola e como estiver posicionada a equipa. É obvio que nem sempre é viável sair a jogar com uma boa transição rápida.

AD - Já nos falou de uma zona de recuperação de bola que a equipa privilegia para fazer as tais transições rápidas. Há mais alguma zona onde tenham mais capacidade para fazer transições rápidas, ou onde elas saiam melhor ou estejam mais treinadas?

LG - Não. Nós temos a ideia de recuperar a bola num sítio e que a jogada deve acabar pelo outro lado pois é onde terá menos gente do rival. No entanto não quer dizer que tenha de ser sempre assim, ganhar aqui e sair por ali... ganhar ali e sair por aqui... Isso depende do que se for apresentando no jogo, não pode estar determinado.

AD - Gostaríamos que nos tentasse explicar, na sua perspectiva, no cenário, com aquilo que se apresenta perante si o que condiciona as suas decisões. O que passa pela cabeça de um jogador para em certas circunstâncias decidir de uma forma ou alterar o que vai fazer.

LG - A ideia de cada um passa por uma ideia colectiva, mas é também pela ideia individual de cada um, por exemplo uns arriscam muito mais do que outros...

AD - No exemplo dado anteriormente, se não fosse o Rodriguez, mudaria e condicionaria de alguma forma?

LG - Claro, depende do jogador, se fosse o Cebola dava para fazer, se fosse o Farias seria diferente, depende das características dos jogadores que nós temos.

AD - E se fosse o Hulk aqui com um defesa, haveria risco de passar-lhe a bola dessa forma?

LG - Nesse caso não teria problemas, nem em colocar-lhe a bola na frente pois sei que ele vai lá buscá-la.

AD - Estas diferenças condicionam as decisões?

LG – Claro, obviamente tudo depende. Cada um de nós vai conhecendo as características do companheiro. Se for o Lisandro, por exemplo, eu sei que lhe posso jogar a bola no pé ou um passe longo que sei que ele vai correr, já o Farias joga no pé para tentar segurar, o Hulk é o mesmo posso dar no pé para segurar ou até melhor no espaço para correr.

AD - Quando recupera a bola, tem a bola no pé, olha e consegue pensar nisso tudo? “É o Farias que está ali, não é o Lisandro; é o Farias que está ali, não é o Hulk”...

LG - Sim isso sabe-se.

AD - Isso passa-lhe tudo pela cabeça?

LG - Claro, é muito importante. E também quando já jogámos juntos há muito tempo facilita... também já conheço bem os movimentos de cada um.

Já sei por exemplo que quando o Raul (R na fig. 3) pega na bola nesta zona e eu estou (L na fig. 3) nesta zona, ele vê sempre a minha diagonal aqui (1 na fig. 3). Dai que, muitas vezes, ainda antes dele pegar na bola eu já iniciei o movimento porque sei que a bola me vai chegar.

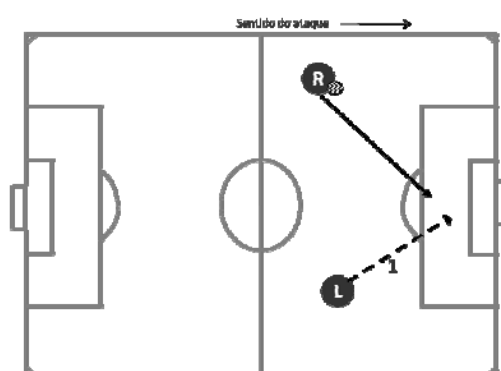


Figura 3

Acontece o mesmo comigo e com o Lisandro. Há uma certa comunicação, que não precisamos... basta um gesto só...

AD - É comunicação implícita?

LG - Sim. eu sei que recebo na bola e ele faz um movimento para aqui, em aproximação, mas o que ele quer é a bola na frente em vez de querer no pé. São coisas que cada um vai aprendendo segundo os companheiros.

AD - Vamos agora procurar analisar as suas tarefas mais específicas e as decisões que estarão implícitas nas situações do jogo. Que tarefas o treinador lhe pede quando a equipa recupera a bola?

LG - É obvio que depende de como e de quem recupera a bola. Normalmente não costumo ser eu a recuperar a bola. Regra geral, é um defesa ou o Fernando, nesse caso procuro dar uma primeira linha de passe.

Depois tentar receber para a frente e procurar jogar com um dos avançados ou no Raul que costuma aparecer, para jogar, no que está em melhor posição para jogar 1x1, ou deixá-lo sozinho.

Nesse momento, nesse instante, eu sei que tenho liberdade para tentar um passe, e se falhar não há problema nem me sinto culpado pois tenho essa liberdade e a confiança do treinador.

A.D - Em que zona procura preferencialmente receber a bola?

LG - Na meia normalmente.

AD - Em função da zona onde for recuperada a bola, a decisão será diferente? Por exemplo se for recuperada do seu lado no meio campo defensivo, onde está a jogar, vai procurar receber a bola nessa meia ou procura dar uma linha de apoio para rotação do lado da bola? E quando for do outro lado?

LG - Eu tenho consciência que sou uma das referências para sair, tento estar posicionado, sempre, para receber para a frente.

AD - Procura uma recepção orientada...

LG - Sim para a frente. Isso procuro fazer sempre.

Mas neste caso, da bola recuperada nesta zona (Zona A na fig. 4), ela pode sair por aqui (seta 1 na fig. 4) – à qual associa o movimento de abertura (3 na fig.4) como sair pelo outro lado (seta 2 na fig. 4), e ser eu a acabar a jogada

(aponta os movimento representados pelas setas 4 e 5 na fig.4). Se estiver do lado da bola procuro ser uma opção para quem recuperou, o lateral, o médio mais defensivo...

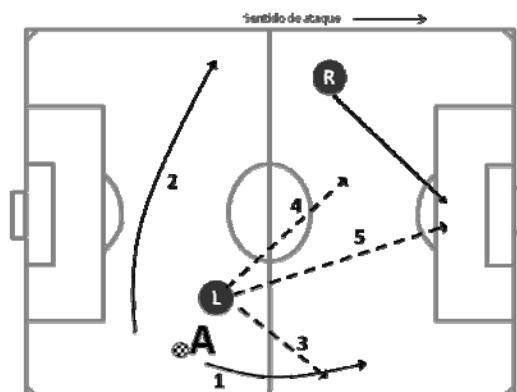


Figura 4

AD - Numa situação deste género com a bola recuperada do seu lado, o que nos poderá apontar como sendo os principais indicadores para decidir se é melhor sair pelo lado onde a bola foi recuperada ou procurar o lado contrário?

LG - Cada um vai vendo a facilidade que tem... Se eu tenho tempo para decidir procuro decidir pela melhor solução, mas normalmente... eu pelas minhas características não gosto de estar muito tempo com a bola no pé. Se recebo do mesmo lado onde a bola é recuperada tento ver sempre primeiro frontal, se tenho tempo para jogar... Isso vai determinar se saímos a jogar numa transição ou não. Uma transição também não significa fazer três ou quatro passes sempre para a frente...

AD - A sua primeira é sempre jogar para a frente?

LG - Sim, eu tento... sim.

AD - Quando a bola lhe chega ao pé como procura os seus companheiros no campo? Primeiro olha para a frente e só depois para os lados?

LG - Sim, eu olho sempre primeiro para a frente. A ideia é essa, antes de receber a bola já ter na cabeça a decisão que vais tomar...

AD - Já?

LG - Sim, senão é perder tempo. Cada um deve ir vendo: se pode jogar de primeira, se pode ter tempo de receber a bola para a frente e fazer dois toques, se tem que apoiar e depois fazer um movimento para ir de novo para fora...

Eu penso que os jogadores que fazem a diferença são esses, são os que antes de receber a bola já sabem o que vão fazer. Têm isso, duas ou três opções. Não é que a equipa lhe dê duas ou três opções a quem tem a bola, mas sim ele saber o que tem que fazer à bola, se pode jogar a um toque, se a equipa pode ou não perdê-la... se a equipa tem que fazer um transição rápida ou não...

AD - Antes da bola lhe chegar ao pé consegue ter a noção de que tem “esta opção e mais alguma”, sabe que está ali alguém... e que está um defensor pelo meio... e vai pensando no que fazer?

LG - Sim...

AD - Mas há momentos em que vai adiando decisões? Tem uma ideia do que vai fazer, mas se entretanto as circunstâncias se alterarem fruto da movimentação de algum jogador, anula e volta a repensar?

LG - Sim.

AD - Se o adversário se mexer adia?

LG - Sim, adia ou anula. Dai a importância de ter duas ou três opções e nem sempre se toma a correcta...

AD - E no último momento pode adiar, “estava a pensar pôr a bola ali mas de repente...”

LG - Sim, “e de repente jogo para trás e faço com que a equipa jogue em posse para o lado contrário”.

AD - Isto é tipo um filme contínuo, está continuamente a pensar assim...

LG - Se bem que não sou bem um jogador que gosta de ter muito tempo a bola no pé. Gosto mais de estar em contacto permanentemente, então por isso

tenho tanta liberdade para ir para esquerda, pela direita... e às vezes apareço em sítios onde não estou a fazer nada...

AD - Sente que estar muito concentrado durante o jogo é estar a fazer isto?

LG - A pensar sempre... a ver, pensar que o colega vai falhar ou o adversário vai falhar... e estar sempre ai pronto no momento certo. Eu penso que são esses os jogadores que fazem a diferença. Sempre se diz: “que sorte que tem este, a bola caiu-lhe mesmo ai!”, Caiu ai mas o jogador estava ai!

AD - Assim, numa situação defensiva uma preocupação sua é procurar, permanentemente saber e entender o posicionamento dos jogadores adversários?

LG - Sim, mas não de todos...

Mas eu na minha zona também tenho de colaborar com a defesa e saber que também tenho de fechar nesse momento, se estão a atacar por aqui (corredor oposto) tenho que fechar (esboça um movimento de aproximação à zona central). Muitas vezes é preciso confiar mas também desconfiar...

AD - Será que mais desconfiança implica menos preocupação com tarefas ofensivas, menos riscos? Por exemplo, no início da época havia três defesas novos na equipa bem como o trinco, isso implicava mais cuidados defensivos e menos decisões em termos de ataque?

LG - Não diria menos decisões em termos ofensivos, mas sim mais cansaço e desgaste.

AD - Mais noção de risco?

Sim porque nós já vínhamos com um processo... e quando entram quatro ou cinco jogadores é difícil. Também não é fácil a quem já está por dentro... ter de tentar explicar isso aos novos companheiros.

AD - Em situação defensiva, para além das suas tarefas defensivas disse-nos que procura também ter consciência do que poderá fazer numa recuperação de

bola. O procura nesse momento? Procura permanentemente ter uma ideia de onde poder sair a jogar quando recuperarem a bola?

LG - Sim procuro sempre estar disponível para ser sempre a primeira opção a receber a bola, e poder decidir de seguida.

Mas muitas vezes, num primeiro momento a transição nem sempre passa por mim. Nós recuperamos muitas vezes aqui pelo Raul (Zona A na fig. 5). O Raul sabe sempre que pode jogar frontal (seta 1 na fig. 5), ou jogar para fora (seta 2 na fig. 5) e já aqui estes dois (quem receber frontal/fora) arriscam de uma maneira, se receberem para a frente já se torna uma transição. Então na minha cabeça já sei que tenho de chegar por aqui (seta 3 na fig. 5) ou que tenho de chegar por aqui (seta 4 na fig. 5) e sei que o Cebola (C na fig. 5) também vai ir até ao fundo (seta 5 na fig. 5) e cruzar ou que o Lisandro pode jogar para trás e ao jogar para trás já deixa de ser uma transição e ai já tento... a minha função começa a ser outra e tento pegar na bola para fazer posse de bola e começar a jogar de outra forma... mas tudo isto depende de como se apresente a jogada.

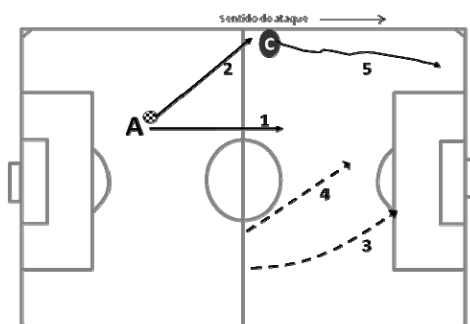


Figura 5

AD - A sua movimentação depende de quem recupera a bola?

LG - Sim, às vezes sim, às vezes não...

Depende, normalmente quem recupera a bola é um defesa ou um médio, e depois sim depende... Se for um avançado já é diferente. Se for um avançado a recuperar a bola já nem considero como transição. Nessa altura procuramos uma situação de golo.

AD - Se a bola for recuperada no zona central defensiva que tipo de solução procura dar aos seus colegas?

LG - Procuero ser opção para sair, sempre na minha zona ... Eu sei que sou uma opção aqui (Zona A na fig. 6) e o Raul será outra aqui (Zona B na fig. 6). Nós podemos sair no lateral (seta 1 na fig. 6) e depois ai sim eu tento ser uma opção para o lateral ou pode sair logo por mim a bola (seta 2 na fig. 6) para depois procurar o extremo (seta 3 na fig. 6), ou o Lisandro (seta 4 na fig. 6) ou o Raul (seta 5 na fig. 6)...

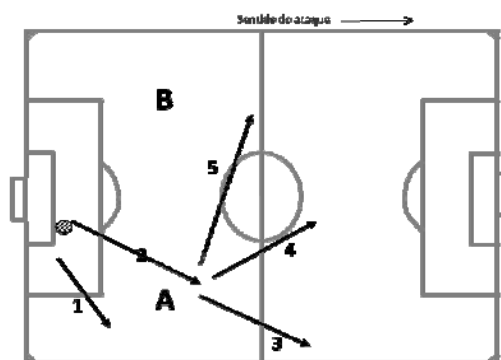


Figura 6

AD - A situação em que se encontra o colega quando recupera a bola estando muito pressionado, se for numa zona defensiva vai alterar a forma como recebe a bola?

LG - É evidente que sim... Sei que se o colega que recebe a bola está pressionado não vai sair tão fácil nem tão limpa vai sair mais numa situação de risco ou vai atirar a bola para a frente e nem sempre se pode fazer uma transição quando se recupera a bola...

AD - Quando sente que a equipa está pouco organizada. O seu comportamento, quando recebe a bola, vai ser diferente ou procura sempre ver se tens vantagem?

LG - Normalmente se tenho vantagem tento jogar sempre para a frente...

AD - Mesmo que sinta que a sua equipa está pouco organizada?

LG - Sim, mas funcionamos mais em função do rival do que da nossa própria equipa. Se não estamos organizados vamos demorar muito mais tempo a recuperar a bola e andamos a correr e é lógico que vamos estar

desorganizados mas o rival também vai ter que fazer posse de bola... e há que ver como está posicionado no campo

AD - Se sentir o adversário mal posicionado ou pouco organizado procura sempre

LG - Se posso receber para a frente tento continuar para a frente e jogar para a frente sabendo que a minha defesa está na nossa área e não subiu.

Sei que é um risco porque se perco a bola vão voltar a atacar e a equipa vai estar partida...

AD - Procuramos agora alguns pormenores. Por exemplo: em função do resultado adapta os seus comportamentos? Imagine que a equipa está a ganhar perto do final do jogo

LG - Tentar não perder a bola, recuperar, fazer posse, arriscar bem...

AD - Toda a gente tem consciência disto?

LG - Sim mas muitas vezes... durante esta época isso custou-nos muito. Nós somos, geralmente somos, uma equipa que por norma sempre nos custou fazer posse de bola e digamos, que no momento certo em uma equipa precisa de fazer posse de bola custa-nos porque somos tão... jogamos sempre tão para a frente! Queremos sempre marcar golo... se temos jogadores que pelas suas características vão sempre para a frente, também é difícil fazer posse de bola. Geralmente fazemos posse de bola quando levamos dois ou três golos de diferença. Agora se estamos por um em vez de fazer posse de bola queremos é marcar o segundo e o terceiro e não fazer posse de bola

AD - Em termos de comportamento o que é que muda, menos risco?

LG - Pode ser... Procurar opções mais seguras, tentar assegurar em vez de querer arriscar.

AD - Recordando o final do jogo com o Atlético de Madrid, aí alteraram o comportamento?

LG - Sim podíamos ir tranquilamente à procura do golo mas sabíamos que o empate era bom e que assim passávamos. Em Madrid tentamos procurar o 3-2 agora aqui quando faltava pouco tempo organizamo-nos bem. Sabendo que bastava.

AD - Mas passam-lhe na mesma pela cabeça soluções com algum risco mas que podem ser muito boas, no entanto prefere optar por soluções mais seguras e menos arriscadas?

LG - Depende do jogo e do que está em jogo

AD - Se for um jogo da Liga dos Campeões em que os golos valem?

LG - Sim aí é diferente.

AD - E num jogo do campeonato?

LG - São coisas diferentes.

AD - Mas isto são instruções dadas pelo treinador?

LG - Não isto são ideias minhas, ideias de cada um...

AD - Insistindo um pouco neste tema que é o mais relevante para o trabalho, no momento em que recebe a bola procura estar atento a quê? Se a consegue receber em boas condições orientado para a frente. Procura ver o quê? Os movimentos dos três avançados, eventualmente do Raul também? Mais propriamente o quê, o que procura, alguma movimentação tipo?

LG - Não tanto movimentações tipo mas... eu sei que, por exemplo, com o Lisandro é uma coisa distinta. Eu sei que posso tocar e ir buscar que ele vai devolver-me. Cada vez que jogo com o Mariano (M na fig.7), tento apanhar uma bola aqui (L na fig. 7) e eu sei que ele faz uma diagonal nas costas da defesa (1 na fig.7) e sai muitas vezes um passe (2 na fig.7). O Cebola sei que quando tem a bola aqui (C na fig. 7) vai até ao fundo e pode cruzar (3 na fig. 7), cruzar para trás... ou não. O Raul como já referi faz muitas vezes aqueles movimentos em diagonal.

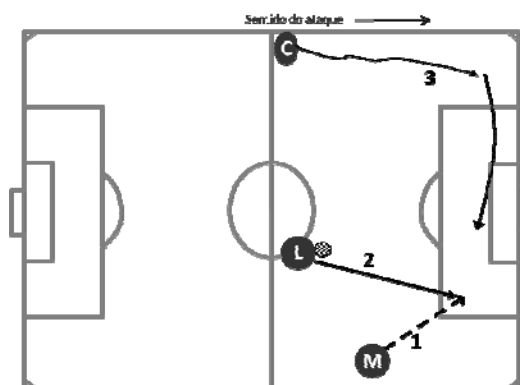


Figura 7

AD - Gostávamos de ter a sua percepção sobre isto: Já sentiu que em alguma situação que estava a comparar opções? Tentar eleger a melhor opção? Tipo: *“Uma opção boa, outra, outra”* e muito rapidamente escolher uma, acontece-lhe isto?

LG - Sim...

AD - O que o faz decidir assim? Tem o Cebola, o Mariano, O Lisandro, três linhas de passe, estão os três em movimento. Porquê que decidiu por uma? Por ser a mais provável?

LG - Não a mais provável no sentido de eu ter menos compromissos (responsabilidade) mas sim no sentido de deixá-lo sozinho ou criar uma situação de golo.

AD - Isso tem a ver com os movimentos deles, as características dos defesas e as posições dos defesas?

LG - Sim, e com as minhas característica de jogo e a forma como eu tento decidir.

AD - Isto são pistas atencionais, aquilo a que se tenta estar atentos para decidir. Por exemplo, perceber que o Lisandro faz um movimento para trás para ir para a frente é será uma pista atencional, é perceber que ele está a

fazer uma coisa para fazer outra a seguir, conseguindo que o defesa fique parado...

LG - Eu, por exemplo, sei que se eu chego ao fundo (L na fig. 8) ele em vez de me pedir a bola aqui (1 na fig.8), no 1º poste, faz um movimento para trás (seta 2 na fig. 8), ele gosta de receber a bola para trás.

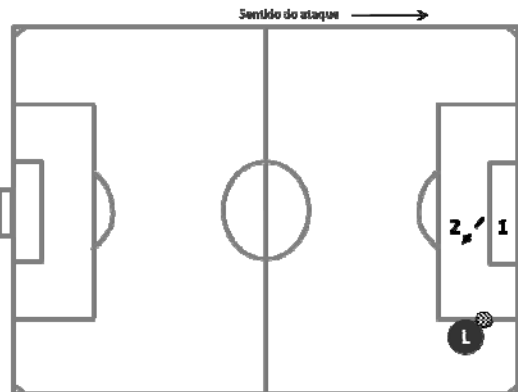


Figura 8

AD - É importante isto estar definido?

LG - Sim, creio que isto faz a diferença.

AD - Mas entre todos? Devia ser entre todos?

LG - Sim, se fosse entre todos seríamos os Globe Trotters!!!

AD - A ideia é?

LG - Obvio que a ideia seria funcionar assim entre todos, quanto melhor souberes os movimentos de cada um... e de como gosta de receber a bola... o movimento que vai fazer quando eu tenho a bola... o movimento que eu tenho que fazer quando outro tem a bola...

AD - Conhecimento mútuo?

LG - Sim, o conhecimento é o que nos faz jogar melhor.

Foi o que nos aconteceu no início custou-nos. A equipa não andava em conjunto pois conhecíamos-nos apenas quatro ou cinco jogadores e é difícil. Agora quando todos têm processos encaminhados na cabeça e jogamos seis, sete vezes com a mesma equipa é muito mais fácil!

AD - O tempo de jogo é importante? Arrisca-se mais no início, no meio, quando faltam dois minutos?

LG - Quando faltam dois minutos tem que saber que se pode arriscar ou não depende do resultado. Sim, é óbvio que isso é importante, é fundamental!

AD - O número de jogadores no campo, se temos alguma expulsão, se algum jogador adversário foi expulso, isso altera o tipo de decisões, no sentido de arriscar mais, arriscar menos?

LG - Arriscar, arriscamos igual só que passa mais por tentar o mais seguro, sabendo que temos um jogador a menos que temos de correr menos, que temos de correr mais, isto é, quando temos a bola correr menos para não cansar.

É difícil analisar isso porque podemos ter um jogador a menos e muito poucas equipas nos atacam, não perdem o respeito. Muito poucas vezes jogamos com um jogador a menos.

Lembro-me de um jogo da época passada da Liga dos Campeões com o Schalke, que tínhamos um jogador a menos e fizemos um jogo... O Fucile foi expulso antes do prolongamento e fizemos 30 minutos em que criamos quatro situações de golo ou três situações de golo claras! E estava o Mariano a jogar a lateral direito, nesses momentos pensa-se em arriscar mas também se pensa mais com o coração, com... mais emocionalmente... Em qualquer jogo quando uma equipa fica com um homem a menos é diferente, o avançado já tem outro compromisso e sabe que tem que correr porque há um jogador a menos e os defesas estão mais atentos e o meio campo também. Já se sabe...por exemplo, se tento um passe comprido para Lisandro e ele sabe que não vai chegar a essa bola não vai, não vai à luta, nem a disputa porque temos um jogador a menos e sabe que precisa de poupar energia.

AD - Isto não é falado nem treinado é implícito?

LG - Penso que é de cada um. Claro, eu tento falar sobre isto, estar organizado, estar fechado. Mas não passamos por isto, este campeonato não tivemos nenhum jogador expulso.

Mas a ideia é essa, quando uma equipa tem um jogador a menos aumenta a concentração de todos...

Em cada equipa há um jogador que tem mais responsabilidade que outro e, nesse momento, quem tem mais responsabilidade tem que assumir, tem que aparecer.

AD - Ainda em relação à transição, depois de receber uma bola numa situação em que conseguiu receber orientado para a frente e passou para um dos seus colegas depois o que é que procura?

LG - Continuar a ser opção ou tentar continuar a jogada.

AD - Continuar a ser opção, continuar a dar linha de passe?

LG - Ou tentar ser eu a finalizar, é uma das minhas características. Gosto sempre de chegar à área. Sempre tenho em mente, quando dou um passe - é óbvio que se dou um passe para a área é impossível que lá chegue! - mas se dou um passe para o Cebola e sei que ele vai jogar 1x1 tento estar sempre na área, tento chegar à área.

AD - Referiu por exemplo com o Lisandro quando dá procura, logo de seguida estar disponível porque ele gosta de fazer combinações. Com o Hulk como funciona?

LG - Também, com o Hulk sei que ainda lhe custa mas se ele fizer isso... vai fazer muita mais diferença do que a que já faz. Mas com o Hulk é diferente quando lhe passo a bola não vou ficar desesperado por passar-lhe por trás, sei que ele próprio vai no 1x1 e seria estúpido passar-lhe por trás levando o meu homem até ele. Pode ser que o faça uma vez, sei que ele não vai passar a bola, vai para dentro e chutar (Risos...). São características diferentes.

AD - Neste caso procuraria dar uma linha de passe de recurso?

LG - Sim, ou ver o que ele faz. Se ele vai no 1x1 procuro chegar à área, se vejo que ele está prestes a perder a bola não vou, fico atrás.

AD - Pode-nos dar mais exemplos dessas dinâmicas, como funciona com o Mariano?

LG - Temos jogadores, os nossos avançados, que gostam de jogar no 1x1 e eu confio neles, confio que vão passar no 1x1 e por isso é que continuo a ir e chego à área. Por jogo chego muitas vezes à área!

AD - Este movimento de envolvimento, passando por fora do extremo, faz mais vezes com o Mariano, não é?

LG - Sim, é diferente ter o Mariano como extremo ou ter o Lisandro aí ou o Hulk no meio. Eu sei que se for o Lisandro que estiver aí tem mais liberdade e muitas vezes aparece no meio e sou eu que tenho que abrir a equipa por fora, que é o que o Técnico me pede.

Também depende de Fucile ou Sapuranu, se joga o Fucile já tenho mais conhecimento. Com o Sapuranu é diferente, apenas nos últimos jogos tive mais... mais dados digamos.

AD - Nos momentos de decidir onde é que aquilo que o treinador definiu entra?

LG - O treinador dá uma ideia, depois quem decide, no campo, é cada um.

AD - Mas jogam em função da ideia?

LG - Sim, tentamos fazer isso, em princípio quando começa sim. Agora muitas vezes não sai assim...

AD - Cumprindo a estratégia bem definida: “metendo a bola ali em vez de meter acolá”. Acontece isso?

Olha para aqui e consegue perceber que tem uma linha de passe mas lembra-se que o treinador queria que a bola entrasse naquele lado. Acontece isto?

LG - Não...

AD - Não o condiciona desta forma?

LG - No meu caso não. Quando recebo uma bola sei que ele gosta que eu a receba sempre de forma orientada é uma coisa que ele já me incutiu. Depois

gosta que a equipa faça transição rápida para isso procuro fazer um passe que o permita e senão tento não perder a bola

AD - E não há muitas mais regras? Não usam muitas mais regras do que estas?

LG - Depende do adversário!

AD - E se vir que o Mariano está bem e que o Cebola está cansado é claro que vai meter a bola aqui. Esta é outra das condições, se aquele está “morto” é preferível jogar por este, não é?

LG - Sim, é óbvio!

AD - Ou se este falhou cinco vezes, por exemplo, O Quaresma por vezes falhava cinco vezes a tentativa de 1x1, não ia meter lá sempre a bola. Isso condiciona a opção sabendo que ele estava sozinho mas mete a bola aqui, isto acontece em função destas variáveis, estar cansado, estar lesionado(...)?

LG - Mas isso decide cada um, não decide o treinador.

AD - De acordo. Mas quando recebe a bola pensa nisto?

LG - Sim.

AD - Pensa desta forma: “se o Cebola está cansado ou o Quaresma tinha falhado cinco tentativas não lhe vou passar a bola senão ele vai falhar outra vez”

LG - Não, pelo contrário! Eu tento sempre a melhor opção e se a melhor opção é o Quaresma e já falhou cinco passes eu vou passar igual a bola ao Quaresma. Sim!

AD - E será boa ideia?

LG - Sim, temos de confiar no companheiro.

AD - Não me refiro tanto a uma questão de confiança, mas sim mais de contexto, no sentido de dar mais produtividade à equipa. Se ele falhou cinco vezes seguidas pode ser complicado optar por passar-lhe a bola.

LG - Sim... mas quem está dentro de campo não se dá conta, penso que isso só quem está de fora. Vê o jogo de uma forma diferente.

Eu, por exemplo, se perco três bolas seguidas querendo meter um passe no limite... e ao quarto se calhar em vez de meter o passe, jogo seguro para ganhar confiança eu próprio. No caso anterior se não lhe dou a bola sei que lhe estou a tirar confiança.

AD - Mas tem a percepção de quem está a jogar melhor e pior?

LG - Sim.

AD - E aproveita quem está a jogar melhor?

LG - Sim, é obvio, Se vejo que ao Hulk lhe dou duas vezes e ele os atropelou duas vezes eu vou continuar a dar e dizer-lhe: “encara-os!! Encara-os!!”

AD - E isso também condiciona?

LG - Sim.

AD - Um dos pormenores que é um dos mais difíceis de perceber. Quando olha para a frente tenta encontrar um buraco onde possa meter a bola. Como? Como é que consegue ver se o adversário está desorganizado e se há ali um buraco? Conta os jogadores? Vê a posição onde eles estão?

LG - Não sei se conto...

Sim, pode ser

AD - Se faltar um central e um lateral nota logo?

LG - Sim.

AD - O que é que procura, o que tenta encontrar?

LG - Desfruto mais de um golo do Lisandro com um passe meu do que um golo meu de penalti...

AD - A posição do corpo de um defesa pode ser importante?

LG - Sim, obvio e o posicionamento das pernas também

AD - É isto que procura? Este tipo de detalhes?

LG - Sim.

AD - Um jogador com os pés paralelos sem possibilidade de se mover. É uma boa presa?

LG - É uma boa presa para meter a bola, até mesmo em “cueca” ai pelo meio das pernas.... Eu sei que ele vai tentar cortar o passe, por um lado ou pelo outro e eu, nesse caso, meto-lhe a bola ai, pelo meio das pernas...

AD - Isto é o que tenta procurar encontrar? Isto passa-lhe pela cabeça?

LG - Sim, sempre.

AD - Estamos a falar em instantes de tempo muito reduzidos...

LG - É por isso que penso também que antes de receber a bola já tenho que tentar ter uma ideia de que decisão tomar.

AD - Ter uma ideia mais ou menos e depois confirmar?

LG - E depois arriscar e ver se sai bem ou não.

AD - Tem aqui a bola (L na fig. 9) e sabe que tem aqui alguém (1 na fig. 9), aqui (2 na fig. 9), aqui (3 na fig. 9) e aqui (4 na fig. 9), tenta progredir alguns metros com a bola o que faz com os olhos? Não está a olhar para a bola?

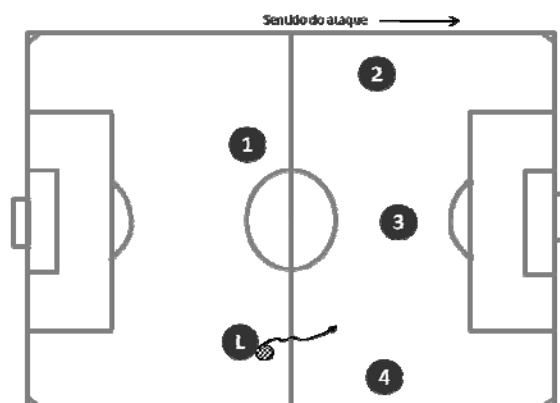


Figura 9

LG - Sim... estou a ver os movimentos...

AD - Está a confirmar o que está a acontecer?

LG - Sim, a ver os movimentos dos meus colegas e a ver também os movimentos dos adversários.

AD - Se há algum que ficou para trás?

LG - Sim... mas muitas vezes eu (L na fig. 10) vejo o movimento do Lisandro (9 na fig. 10) e tento dar-lhe a bola (1 na fig. 10) mas se esperar mais um segundo aparecia o Raul por aqui sozinho (R na fig. 10)...

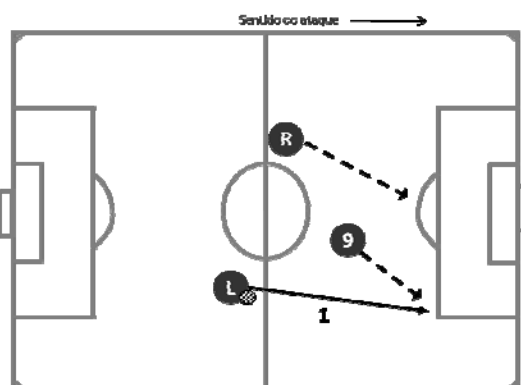


Figura 10

AD - Acha preferível, mais fácil, mais rápido e mais eficaz optar pela primeira ou pela melhor?

LG - Pela melhor...

AD - Mas no caso que nos explicou agora foi pela primeira...

LG - Sim, nesse caso sim...

AD - E tem tempo para fazer isto?

LG - Às vezes tenho e outras não

AD - Quando é para si ter tempo? É quando não tem pressão por parte de um adversário?

LG - Por um lado sim e por outro quando estou a ver o panorama do jogo e os movimentos...

AD - Seguindo o seu exemplo, se não desse a bola aqui no Lisandro podia não aparecer o Raul e perdia uma primeira boa...

O que pensa que faz mais vezes optar pela primeira opção ou pela melhor?

LG - Muitas vezes a primeira também é a melhor... ou até a única.

AD - Mas também há quem fique à espera, pára e perde tempo....

LG - É óbvio que sempre se tenta pela melhor... mas só se sabe se realmente é a melhor quando a jogada acaba....

AD - E às vezes em casa...

LG - Se eu passo a bola ao Lisandro e ele passa o defesa e marca um golo foi uma boa opção. E se calhar se esperasse mais um segundo e passasse a bola ao Raul e ele falhava ou não e fazia golo também era uma boa opção...

É a mesma situação que acontece, por exemplo, quando um chega aqui (A na fig. 11) no fundo e tem um movimento do Lisandro como primeira opção (1 na fig. 11) e se esperar mais um segundo pode aparecer o Cebola sozinho (2 na fig. 11) para puxar ao Raul e quer dizer...

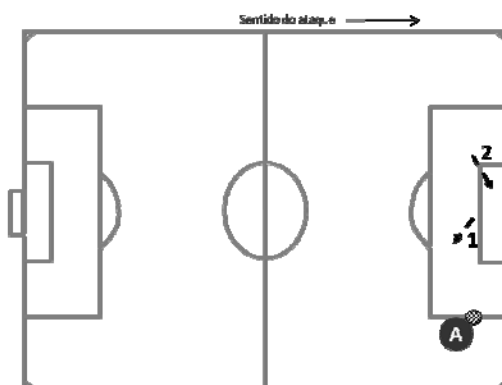


Figura 11

AD - Interessa que seja rápido?

LG - Às vezes...

LG - Houve outro dia uma jogada do Mariano... em que o Lisandro deu a bola para fora, na primeira parte, e o Mariano tocou... e o Cebola não fez o seu movimento, não continuou.... Vinham os 3 por aqui, o Lisandro recuperou a bola (9 na fig. 12), o Cebola vinha por aqui (C na fig. 12) e o Mariano por aqui (M na fig. 12). O Lisandro tocou a bola para Mariano (1 na fig. 12) mas não tocou para a frente, abriu-se um pouco (2 na fig. 12), e o Mariano deu um toque e viu o movimento do Lisandro para trás (3 na fig. 12), que foi a primeira opção e deu a bola para ele. Se calhar, se espera mais um pouco, o Cebola podia ter entrado (5 na fig. 12), mas o Cebola também ficou quieto aqui... não fez o seu movimento(...) e o Lisandro chutou e bateu no defesa e acabou por ser canto, era uma jogada de golo...

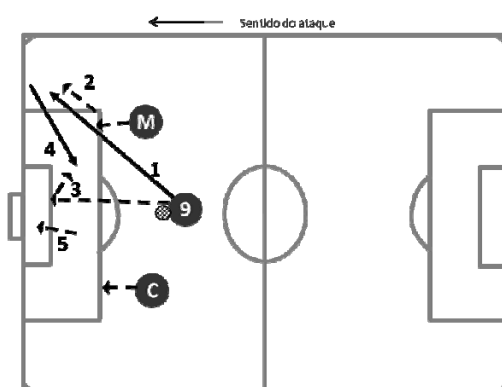


Figura 12

AD - Sente que dá para comparar as opções no momento?

LG - Sim no momento dá. Por isso se diz que quem tem a bola tem que ter mais tempo, mais um segundo para tentar tomar a melhor decisão. O Mariano podia fechar os olhos aqui e cruzar... que é o que muitas vezes acontece. Chega aqui cansado e cruza, meter a bola na área e já está...

AD - Quando se está cansado opta-se por decisões mais fáceis?

LG - Muitas vezes sim,

AD - Pela mais fácil, pela mais simples?

LG - Pela mais segura, supostamente mais segura...

AD - Gostava agora de perceber algumas coisas sob como trabalha sob grande pressão. Por exemplo estando aqui (zona A na fig. 13) com bola e sob grande pressão. Esta zona aqui (zona B na fig. 13), quase que é esquecida?

LG - Não, não é esquecida, mas é mais...

AD - Não é mais difícil meter lá bola mas é mais difícil ter mais certezas? Será isso?

LG - Sim, é mais fácil jogar aqui (No corredor onde tem a bola).

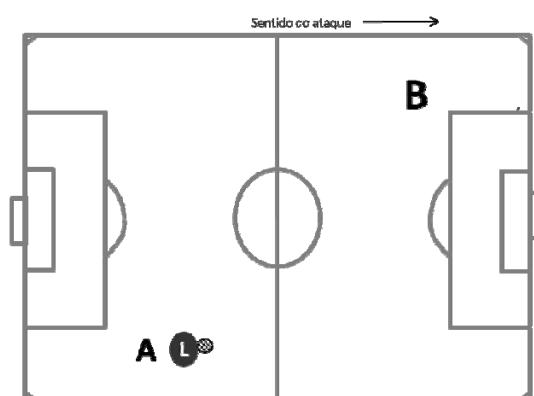


Figura 13

AD - Será como se o campo de visão estivesse mais reduzido?

LG - Sim. Isso é o que nos damos conta quando estamos fora. Quando se está fora vê-se tudo... e quando pego na bola as pessoas começam "Hei!! Hei!!!" é

capaz de não se conseguir ver, um pode estar com a bola e não ver que o colega está sozinho! Por isso começam os gritos e tudo isso. Mas fora vê-se, posso assegurar que fora é cinquenta vezes mais fácil vindo de fora!

AD - No treino consegue-se?

LG - Sim, porque no treino não é a mesma coisa do que no jogo. Num treino não tens pressão se perderes a bola sabes que não vai acontecer nada. Podes sofrer um golo ou levar dois ou três berros do treinador...

AD - Num treino, na mesma situação, tendo a bola aqui e consegue ver aqui alguém a mexer-se, enquanto que num jogo de grande pressão será mais difícil?

LG - Sim é difícil. Não é impossível mas é difícil.

AD - Isto acaba por condicionar as opções?

LG – Acho que mesmo neste tipo de situação estando aqui (Zona A na fig. 13) e não conseguindo sair, se calhar o mais fácil seria ter um ou dois jogadores aqui (corredor lateral oposto) para sair... e se calhar até por essa pressão e tudo os jogadores estão aqui a tentar ajudar. É complicado, o compromisso é outro e este tipo de situações pode levar a sair das rotinas... vão acontecendo outras coisas, vai-se dando mais entrega...

AD - Mas isto é desorganização?

LG - Sim, ou não... teoricamente é! Há sempre mais percentagem de ganhar uma equipa bem organizada do que mal organizada... ou não...

Por exemplo, quando você vê o Barcelona como joga na frente? Jogam todos livres! O único que joga mais por aqui (Aponta para o corredor direito do campo) é o Messi. O Xavi começa o jogo aqui (Aponta a zona central do meio campo do lado defensivo) e termina dentro de área. Isso o que é?

AD - Não estará isso planeado?

LG - Para mim não, para mim é liberdade de jogo, não sei... Há equipas e equipas... Mas quando se vê o Barcelona e eu vejo qualquer jogador, qualquer defesa, já dá a bola para frente ao colega, o colega recebe sempre para a frente e vão ganhando um ou dois tempos sempre... que parece que jogam fácil! Mas é verdade, é simples, simples e fácil... mas às vezes é o mais difícil de fazer...

Cada um com o tempo vai-se apercebendo que são estes pormenores que fazem a diferença... No início quando o Jesualdo me chateava a cabeça para receber bem a bola para a frente e eu já ficava furioso dava-me vontade de dizer-lhe: “tenho 27 anos, já jogo assim, o que quer que faça?” Mas vamos dando conta que é verdade. Faz sentido!

AD - Em relação à transição, ao ver um jogo queremos analisar uma transição para saber se os seus comportamentos foram bons. Haverá alguns aspectos que podemos analisar para perceber se terá feito bem ou mal: se a bola foi recuperada, se deu linha de passe, se recebeu para a frente... Há alguma coisa que procure fazer sistematicamente na transição?

LG - Sim... eu tento ser 1ª opção quando recuperamos a bola se sou eu a receber procuro jogar para a frente.

AD - E durante a recuperação é importante procurar dar linha de passe?

LG - Primeiro quando não temos a bola tento colaborar para a recuperar, por que não sou... e se não sou eu a recupera-la tento que ser a 1ª opção para quem recuperou a bola e depois, se a receber, tento jogar para a frente e tento tomar a melhor decisão no sentido em que a transição possa acontecer como transição e não para uma posse.

AD - Recapitulando: Recuperada a bola procura ser 1ª opção; procura receber para a frente; procura 1º passe frontal...

LG - Sim, o passe frontal é a melhor opção, nem sempre poderá ser. Por exemplo se eu recupero a bola aqui (L na fig. 13) e o Cebola (C na fig. 13) está sozinho aqui com um defesa (D a fig.13) eu tento dar aqui a bola (1 na fig. 13).

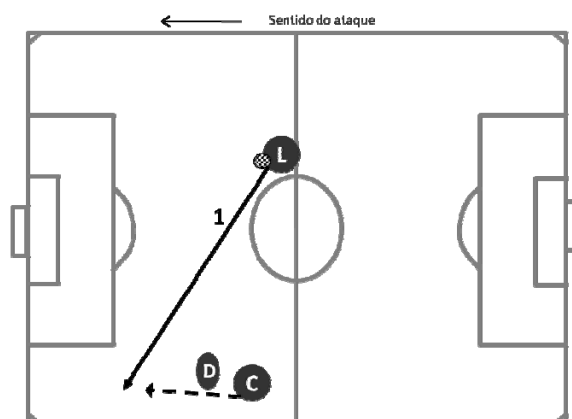


Figura 13

AD - Mas por norma olha primeiro para o passe frontal?

LG - Sim.

AD - E se não for o primeiro a receber se for, por exemplo, o Raul?

LG - Se for o Raul já tento estar numa posição mais à frente do que ele, tipo como para definir ou ser eu a acabar a jogada, chegar na área e ser mais uma opção.

AD - E se o Raul estiver muito pressionado procura ser uma 1ª opção mais atrás?

LG - Não, nesse caso será mais o Fernando a dar apoio... nesse caso será mais complicado.

AD - Fale-nos agora, por favor, um pouco sobre a sua posição defensiva e organização defensiva da equipa que funcionará como base para se desenrolar a transição... Como é que a equipa se deve comportar do ponto de vista defensivo?

Já nos disse que procuram recuperar a bola no meio campo ofensivo mas não sendo isso possível procuram criar espaço para a seguir atacar? Como funcionam?

LG - Sim, nós sabemos que a ideia do nosso treinador é, quando não temos a bola, juntar a equipa num sítio, no sítio onde o rival tem a bola não juntar toda a equipa mas estar junto.

AD - Compacto?

LG - Sim, e simultaneamente estar preparado para atacar. A nossa ideia é essa. Sabemos que recuperando a bola no lugar certo vamos, depois, poder atacar bem.

No princípio tínhamos ... que não nos podiam fazer mais de seis passes no nosso meio campo que muitas vezes é impossível! Mas é uma ideia que ele nos pedida... e muitas vezes dava resultado.

AD - Recordo-me de um exercício para isso no treino...

LG – Um!! Havia mil, não um, é só regras no treino...

AD - Quais os princípios orientadores da equipa defensivamente?

LG - Quais são os princípios?

AD - Sim, defendem à zona por exemplo?

LG - Sim defendemos zona. Nós sabemos que os médios têm que estar fora da área... o Fernando que é o médio mais defensivo também tem que estar fora da área, mas muitas vezes se um vê um médio deles chegar... imagina, os nossos defesas estão com os avançados deles e está aqui (Zona A na fig. 15) um avançado deles a chegar com bola por aqui (O na fig. 15), jogamos sempre 1x1 (Desenha um defensor, A na fig. 15), e depois os nosso centrais bem posicionados, o lateral a fechar e os médios em vez de estar dentro da área deverão estar fora. Estando, ao mesmo tempo preparados para a segunda bola e depois tentar fazer transição.

Se os nossos defesas estão homem a homem e vemos um médio a entrar aí é o Fernando, o Raul ou eu que terá a obrigação de ir com ele

AD - Um dos três? É indiferente?

LG - Não, é óbvio que se a jogada vem por aqui e o médio que está a entrar é o médio direito é obrigação do Raul, isso está bem definido...

AD - E o Fernando deve manter sempre esta posição?

LG - O Fernando não, se for necessário deve entrar, depende como ele lê o jogo...

AD - Por norma quem entra a acompanhar os médios é o Lucho ou o Raul?

LG - Ou o Fernando. Mas só quando entra um médio. Se estão, por exemplo, dois avançados aqui com os nossos dois dentro da área nós não temos que fazer nada dentro da área, temos que estar fora.

AD - Isso está bem definido?

LG - Sim, muito bem definido!

É o mesmo que confiar aqui no 1x1, (O vs. A na fig.15) por exemplo porque muitas vezes no início quando vinham por aqui em direcção ao lateral (O na fig. 15) eu tinha a ideia de ir sempre ajudá-lo, fazer um 2x1 (L na fig. 15). E este fazia assim, jogava a bola para trás (1 na fig. 15) e este jogador (X a fig. 15) que recebe a bola tem tempo livre até eu chegar ai e podem rodar (2 na fig. 15) rodar (3 na fig. 15), rodar (4 na fig.15)... E isso é uma maneira de pressionar mal que até nos pode criar mais problemas...

Então temos que confiar no 1x1 dos nossos colegas, confiar que vai ganhar! Se bem que às vezes perde...

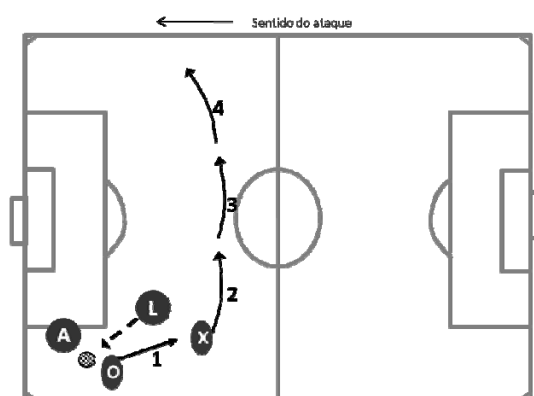


Figura 15

AD - Deprendemos do que nos falou há pouco, uma das prioridades da equipa é estar compacta, estar junta entre linhas.

LG - Sim a defesa procura estar junta, normalmente usamos esta zona como referência para a equipa...

AD - Qual o tipo de posicionamento do Bloco?

LG - Bloco médio...

AD - E a sua posição no bloco qual deve ser?

LG - A minha posição é a dos médios, mais pelo lado direito, o Raul na esquerda e o Fernando no meio.

AD - Em termos da linha defensiva os quatro defesas procuram jogar em linha no fora de jogo?

LG - Não... procuram estar sempre bem posicionado. Somos uma equipa que tentamos sempre pressionar no meio campo rival e para isso a defesa tem que subir mas não subir com o intuito de fazer um fora de jogo mas sim sempre sobrando um.

AD - Quando o jogo decorre numa das zonas laterais do campo não é, claramente, um objectivo da equipa criar superioridade numérica no centro de jogo, mas sim manter o equilíbrio posicional.

LG - Sim.

AD - Não perder posições, é uma regra?

LG - Sim, porque isso facilita... coordena alguma coisas, pode ser que eu vindo aqui (L na fig. 15), este está com o lateral, eu vindo aqui (movimento de L na fig. 15), pode ser que recupere a bola ou não... se recupero a bola é um bom aproveitamento da superioridade mas se não recupero e este joga para aqui (1 na fig. 15), para o médio deles (X na fig. 15), este médio já fica sozinho e a pensar, com mais tempo para pensar, e depois desposiciona o Fernando e o Fernando já deixa outro médio livre que depois desloca o Raul e depois já vai tudo... tudo fora de tempo...

AD - Ou seja, em alguns momentos difíceis do jogo quando se vê muita gente a tentar ajudar está tudo desorganizado, está tudo estragado...

LG - Sim porque estamos a pressionar individualmente e muitas vezes quando se pressiona individualmente... é pior, chega-se fora de tempo... em vez de pressionar em bloco e com lógica.

O que acontece é que há zonas e zonas... por exemplo eu muitas vezes vejo que o Lisandro deixa sair um central (c na fig.16) que dá a bola para o lateral (I na fig.16) e não está o extremo e se o Mariano (M na fig.16) vai eu já sei que tenho que ir (L na fig.16), e o lateral (J na fig.16) sabe que tem de vir e o Rolando (R na fig.16) sabe que tem que vir e o Bruno vem mais ... e a equipa fazer se mais... a bascular toda em conjunto para um lado...

Não é que o Raul (R na fig. 16) vem aqui a pressionar o lateral ou o Fernando (F na fig) vem para aqui e eu vou estar aqui e vai estar toda a gente aqui, isso não...

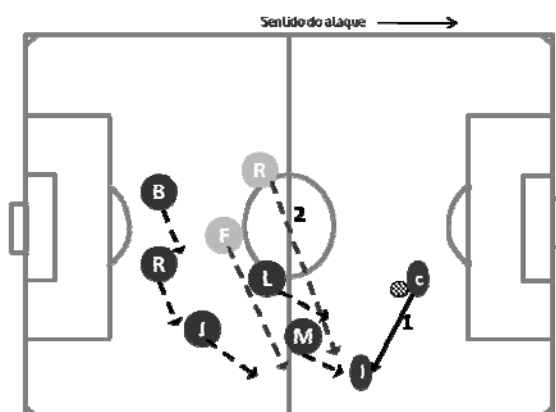


Figura 16

AD - Que mais tarefas tem defensivamente? Quando a bola está do lado contrário?

LG - Quando a bola está do lado contrário devo estar mais fechado. Defender mais por dentro mas sem ir para o outro lado... Muitas vezes também, de acordo com a estratégia do treinador, pode ser ir em cima de algum dos trincos deles se jogam com dois. Ou vai o Raul ou vou eu. Senão o médio que estiver pelo meu lado ou o lateral...